



DESIGN GRÁFICO SITUADO:  
O CASO DA FAVELA SANTA MARTA

Beatriz Yumi Watanabe

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Engenharia de Produção.

Orientadores: Roberto dos Santos Bartholo Junior  
Ricardo Manfredi Naveiro

Rio de Janeiro  
Agosto de 2015

DESIGN GRÁFICO SITUADO:  
O CASO DA FAVELA SANTA MARTA

Beatriz Yumi Watanabe

TESE SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO LUIZ COIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA (COPPE) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA EM CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.

Examinada por:

---

Prof. Roberto dos Santos Bartholo Junior, D. Sc.

---

Prof. Ricardo Manfredi Naveiro, D.Sc.

---

Prof. Fabio Luiz Zamberlan, D.Sc.

---

Prof. Jorge Luis Barbosa, D. Sc.

---

Prof. Marcel Bursztyn, D. Sc.

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL

AGOSTO DE 2015

Watanabe, Beatriz Yumi

Design Gráfico Situado: O Caso Da Favela Santa Marta /  
Beatriz Yumi Watanabe. – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE,  
2015.

XII, 192 p.: il.; 29,7 cm.

Orientadores: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ricardo Manfredi Naveiro

Tese (doutorado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de  
Engenharia de Produção, 2015.

Referências Bibliográficas: p. 180-192.

1. Design. 2. Imagens 3. Diálogo. 4. Pensamento  
crítico. I. Bartholo Junior, Roberto dos Santos *et al.* II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE,  
Programa de Engenharia de Produção. III. Título.

Para aquele que soube inspirar através da agricultura,  
um pesquisador autodidata,  
meu querido avô.

## **Agradecimentos**

Este trabalho é o resultado de muitas indagações feitas nos últimos anos, sendo um retrato que une diferentes questionamentos sobre o papel do design, cultura e responsabilidades. Essa trajetória só se tornou possível de ser cumprida, devido ao apoio de pessoas e instituições que colaboraram de alguma forma para o trabalho.

Agradeço aos meus orientadores, professor Roberto Bartholo e professor Ricardo Naveiro, que abraçaram a ideia e me deram a oportunidade de realizar essa pesquisa.

Também agradeço aos laboratórios onde estive presente, Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS) e o laboratório de Gestão Integrada do Desenvolvimento de Projetos e Produtos Industriais (GePRO) durante esses anos.

Aos amigos queridos que me animaram com suas risadas nesses anos, principalmente, no GePRO – Julie e Fernanda. À Isa que chegou já no finzinho do doutorado e fez contribuições muito importantes. À minha querida amiga Taline, que sempre me incentivou nas artes. Agradeço aos meus amigos da engenharia a oportunidade de conhecer mais esse mundo.

Aos meus familiares que me acompanham no dia a dia desse aprendizado.

Sou muito agradecida às pessoas da favela Santa Marta que me deram a oportunidade de conhecê-las e de conhecer também uma história tão interessante e importante.

Ao pessoal da História que me deu a oportunidade de aprender mais sobre questões relativas à favela carioca e também o modo como entendem a ciência.

Aos profissionais e alunos do projeto de Letramento da COPPE-UFRJ, que sempre me inspiraram e fizeram acreditar em um trabalho social e educacional misturado à arte.

Agradeço também as agências de fomento, CNPq e FAPERJ, das quais fui bolsista nesse período.

Enfim, agradeço a Deus e a todos que de alguma contribuíram para esse projeto com suas palavras e ações.

*“O homem não é uma ilha. É comunicação.  
Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca.”*  
*Paulo Freire*  
*(Educação e Mudança, 2013)*

Resumo da Tese apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutora em Ciências (D.Sc.)

DESIGN GRÁFICO SITUADO:  
O CASO DA FAVELA SANTA MARTA

Beatriz Yumi Watanabe

Agosto/2015

Orientadores: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ricardo Manfredi Naveiro

Programa: Engenharia de Produção

O objetivo geral desse trabalho é propor uma abordagem do design como prática da liberdade, isto é, refletir sobre o design e suas possibilidades, sobretudo como meio para a promoção do pensamento crítico com o uso de imagens. O design é considerado como um mediador de relações (diálogos, discursos) no processo de comunicação entre pessoas, usando como estudo de caso o contato com um conjunto de moradores da favela Santa Marta, na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo específico deste trabalho foi criar uma metodologia de caráter qualitativo que visa explorar a linguagem visual, em um contexto no qual as imagens influenciam a cultura. Esta tese traz para a discussão acadêmica uma visão acerca das imagens sob um olhar de responsabilidade e intenção, que complementa o conhecimento científico para além do uso apenas da escrita. A pesquisa qualitativa feita na favela Santa Marta teve como base entrevistas semiestruturadas com moradores do local, assim como uma busca exaustiva em reportagens no acervo do jornal O Globo, entre os anos de 2004 a 2012. Como resultado, obtivemos um conhecimento local aprofundado de um imaginário urbano conflituoso e, a partir desse ponto, pudemos criar imagens visando o fomento ao debate e ao diálogo. Esse trabalho pretende servir como contribuição para reflexões sobre a prática do design e seu potencial como ferramenta dialógica, situada, e capaz de empoderar as pessoas.

Abstract of Thesis presented to COPPE/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Science (D.Sc.)

SITUATED GRAPHIC DESIGN:  
THE CASE OF SANTA MARTA SLUM

Beatriz Yumi Watanabe

August/2015

Advisors: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Ricardo Manfredi Naveiro

Department: Industrial Engineering

The aim of this study is to propose a design approach as a practice of freedom, in other words, to reflect about design and its possibilities, especially as a means to promote critical thinking by the use of images. Design is considered a mediator of relations (dialogues, speeches) in the communication process between people, using as a case study the contact with a group of residents of Santa Marta favela in Rio de Janeiro city. The specific objective was to create a qualitative based methodology that aims to explore the visual language in a context in which images influence culture. This thesis brings to the academic discussion a perception of images through the lens of responsibility and intention, which complements scientific knowledge beyond just the writing use. The qualitative survey in Santa Marta favela was based on semi-structured interviews with local residents, as well as an exhaustive search of reports in O Globo newspaper collection between the years 2004 to 2012. As a result, we obtained an in-depth local knowledge of a conflicting urban imaginary and from this we could create images aiming to foster debate and dialogue. This work is intended to serve as a contribution to reflections on the practice of design and its potential as a dialogue tool, situated and able to empower people.



## Sumário

Introdução .....	1
------------------	---

### **PARTE I**

Capítulo 1: Apresentação de conceitos.....	9
1.1 O que entendemos por design?.....	10
1.2 Intencionalidades: conexões entre design e arte.....	15
1.3 Imagens .....	25
1.4 Conceito de desenvolvimento .....	32
Capítulo 2: Design e Desenvolvimento: uma prática da liberdade .....	43
2.1 Sobre responsabilidade e ética .....	44
2.2 Reflexões sobre diversidade e instituições .....	50
2.3 A formulação de um projeto.....	53
2.4 Diálogo e pensamento crítico .....	56

### **PARTE II**

Capítulo 3: O processo metodológico .....	59
Capítulo 4: Análise e realização: visualizando.....	73
4.1 A Santa Marta: primeiras impressões.....	73
4.2 Análise dos dados qualitativos .....	83
4.3 Códigos interpretativos das entrevistas .....	88
4.4 Produto 1 .....	90
4.4.1 Conflitos: moradores e o crescimento da favela .....	90
4.4.2 Morro x Asfalto: a cidade continua partida.....	103
4.4.3 Favela, esporte e cultura.....	118

4.4.4 Segurança e Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) .....	121
4.4.5 Série especial sobre favelas .....	129
4.4.6 A primeira, a favela modelo, o exemplo .....	134
4.4.7 Educação .....	140
4.4.8 Deus e filhos.....	141
4.4.9 Energia e o plano inclinado:.....	143
4.5 As imagens nessa tese .....	146
4.6 Produto 2 .....	147
4.7 Resumo e discussão.....	169
5.0 Considerações Finais.....	172
Anexo I: .....	176
Anexo II:.....	177
Referências Bibliográficas.....	180

## Índice de figuras:

Figura 1. Visualização da estrutura da tese. ....	4
Figura 2. Resumo dos principais tópicos da introdução. ....	8
Figura 3. Resumo dos principais tópicos e conceitos discutidos no primeiro capítulo. ....	9
Figura 4. Resumo do capítulo 2. ....	43
Figura 5. Resumo do capítulo 3. ....	60
Figura 6. Mapa da Santa Marta. ....	63
Figura 7. Guia de perguntas para a entrevista qualitativa com quatro divisões. ....	69
Figura 8. Resumo do quarto capítulo. ....	73
Figura 9. Foto do esgoto correndo à céu aberto e cheio de lixo no meio das casas. ....	76
Figura 10. Parte do prédio onde fica a base da Unidade de Polícia Pacificadora na Santa Marta. ....	78
Figura 11. Estação do plano inclinado. ....	79
Figura 12. Vista do bairro de Botafogo através do plano inclinado na favela Santa Marta. Na quinta estação, aproximadamente 200 metros acima do nível do mar. ....	79
Figura 13. O “bondinho” (plano inclinado) antes de subir. Compartimento de carga aberto para a saída do lixo coletado. ....	80
Figura 14. Placas turísticas na Santa Marta disponibilizadas pelo governo do estado, fomentando o turismo local através do projeto Rio Top Tour. ....	81
Figura 15. Estátua do astro internacional Michael Jackson, um dos pontos turísticos da favela Santa Marta. ....	81
Figura 16. Casas na parte mais alta do morro, denominada de Pico. Podemos ver um dos cartazes afixados para expressar a contrariedade da população local quanto à política de remoção do governo para essa localidade. ....	82
Figura 17. Mapa da Santa Marta com distribuição geográfica e por gênero dos entrevistados. ....	84
Figura 18. Gênero, média de idade e nível de escolaridade dos entrevistados. ....	85
Figura 19. Vista aérea do morro Dona Marta, no local onde a creche estava sendo construída. Reforço na ideia do dano ambiental. ....	95
Figura 20. Troca de tiros na Santa Marta entre policiais e bandidos durante operação policial. ....	104
Figura 21. Chegada de material de construção no topo do morro Dona Marta. ....	109

Figura 22. Reunião de líderes comunitários a respeito da construção de muros na favela Santa Marta.....	111
Figura 23. Vista de um bar na Santa Marta em direção à Botafogo.....	121
Figura 24. Retratando entrega de brinquedos por parte da polícia para crianças da favela Santa Marta.....	123
Figura 25. Crianças vestidas de anjos na época do Natal, observando a zona sul a partir da Santa Marta. ....	128
Figura 26. Geladeira nova no programa de eficiência energética da Light, contrastando com fogão a lenha.....	144
Figura 27. Praça Cantão.....	148
Figura 28. Restaurante local.....	149
Figura 29. Ficha-cartão “Praça Cantão”.....	150
Figura 30. Ficha-cartão “Restaurante local”.....	152
Figura 31. Anta no meio dos leões. ....	153
Figura 32. Ficha-cartão “Anta no meio dos leões”.....	154
Figura 33. Cérebro-de-obra.....	156
Figura 34. Ficha-cartão “Cérebro-de-obra”.....	157
Figura 35. Pico da favela Santa Marta.....	158
Figura 36. Ficha-cartão “Pico da favela Santa Marta”.....	159
Figura 37. Vista do Pico da Santa Marta.....	160
Figura 38. Ficha-cartão “Vista do Pico da Santa Marta”.....	162
Figura 39. Mil pintos em um ovo.....	163
Figura 40. Ficha-cartão “Mil pintos em um ovo”.....	164
Figura 41. Roupas no varal.....	165
Figura 42. Ficha-cartão “Roupas no varal”.....	166
Figura 43. Duas visões da Santa Marta. ....	167
Figura 44. Ficha-cartão de “Duas visões da Santa Marta”.....	168
Figura 45. Resumo das considerações finais e das aplicações futuras dessa tese. ....	175
Figura 46. Busca por palavra-chave “Santa Marta” e “Dona Marta” na plataforma do jornal O Globo.....	176
Figura 47. Imagem baseada em foto de policial cuidando de uma criança, em 1983. .	178

## Introdução

Antes de tudo, esclarece-se que esta tese parte de um ponto de vista interdisciplinar ao conjugar diferentes áreas do conhecimento, como Design, Engenharia de Produção e História. Ou seja, é interdisciplinar pela tentativa de unir autores de diferentes áreas na mesma pesquisa, tendo este trabalho uma visão ampla e não especializada. Além disso, também pode ser visto como interdisciplinar pelo *background* da pesquisadora, que tem formação em Desenho Industrial / Programação Visual feito na Escola de Belas Artes da UFRJ e a pós-graduação sendo cumprida na Engenharia de Produção da COPPE-UFRJ. Curso e participação em eventos na área da História também fizeram parte do caminho percorrido nos últimos anos. A integração de diferentes pontos de vista pode parecer difícil ou, até mesmo, uma fraqueza desta tese, mas, por outro lado, também pode ser seu diferencial positivo ao refletir de modo complexo e amplo questões sociais, de projeto e de desenvolvimento.

Optamos por um caminho criativo e que busca integrar diferentes percepções, mesmo diante das dificuldades surgidas – como uma estrutura acadêmica que muitas vezes não privilegia essa mistura. A universidade oscila entre o inovador e o conservador: “Local de inteligência e inovação, por definição, é também uma espécie de *bunker*, onde paradigmas e práticas encasteladas em departamentos se protegem contra possíveis ameaças ao território de verdades que se legitimam entre pares.” (BURSZTYN, 2012, p. 95). Bursztyn afirma ainda que a tendência continua a ser o andar pelos caminhos academicamente conhecidos, pois os da interdisciplinaridade ainda não estão bem estabelecidos. Como veremos nesse trabalho, a escolha pela novidade, mesmo caindo em riscos, mas apostando que essa é uma tentativa importante no atual contexto dos problemas em que vivemos, determina a postura e crenças que nos guiam.

É ressaltado que aquilo que está sendo defendido – seja em termos de conceitos e métodos - neste trabalho não é a verdade única ou central. Como já dizia Richard Rorty (2007), a verdade está dentro dos discursos e problemas podem ocorrer quando um discurso tenta se sobrepor aos outros. Isso seria uma forma de encobrir outras possibilidades de ver o mundo, nos fazendo ser menos diversificados. A especialização em demasia, principalmente, em termos de ideias, pode trazer uma carência de pensamento crítico (ao se focar demais em um tema sem levar em consideração outros

fatores relevantes) e, talvez, até percepções preconceituosas sobre outras visões. Este trabalho se soma aos outros que já existem, seja em qual perspectiva for, compondo uma opção de interpretação das possibilidades do design, visto como ferramenta interdisciplinar. É importante dar oportunidade das pessoas verem que existem meios diferentes de se enxergar uma mesma questão.

Vivemos em um mundo globalizado onde diferentes mídias (digitais/tradicionais) com suas imagens têm papel relevante para a (des)construção de costumes e ideias. Essa influência pode ser vista na cultura, como no resultado da criação de objetos de desejo e consumo através de propagandas de televisão, para darmos um exemplo simples. Existe um papel de responsabilidade por detrás de cada projeto, pois estes podem fomentar hábitos, influenciar comportamentos, mas também abrir espaço para o questionamento. Vivemos também sob um desenvolvimento insustentável – vide o uso excessivo de recursos naturais, influência de uma cultura de alto consumo.

O tema desta tese discorre sobre o design em suas possibilidades como ferramenta no momento atual. O foco é trabalhá-lo como meio para atingir outros objetivos, não sendo um delineador de padrões pré-estabelecidos. Em outras palavras, trabalhar com uma abordagem de design sem que este diga quais as soluções devemos seguir, mas capaz de fomentar a discussão de um dado contexto e suas possibilidades. Por exemplo, ao invés de propor o uso de um serviço de caronas como solução de transporte em determinado lugar, primeiramente, servir como ferramenta para a discussão da questão do transporte. E em um segundo momento, a partir da troca de ideias, alcançar proposições e soluções adequadas àquele contexto. Para tanto, diante dessa complexidade, é preciso compreender a sinergia entre tecnologia e o lado humano (interdisciplinaridade), assim como teoria e prática, para promover mudanças.

Serão discutidos alguns pontos quanto às intencionalidades dos projetos e como o design pode ter um papel relevante para a promoção do pensamento crítico. Entendemos que o design não é somente um fim em si mesmo, mas também um *meio* para que as pessoas possam dialogar/debater e, a partir daí, buscar (novas) soluções. Serão apresentados autores - como Vilém Flusser, Paulo Freire, Hassan Zaoual e Martin Buber - para a fundamentação desta visão. Resumidamente, Flusser traz a reflexão sobre questões relativas à imagem e à escrita em um contexto atual; Freire inspira com seu modelo metodológico pedagógico crítico, Zaoual traz a ideia da importância da

localidade, do sentido de pertencimento a um determinado contexto e Buber oferece a base dialógica unificadora das perspectivas deste trabalho.

O caso apresentado na tese se baseia em pesquisa qualitativa feita na favela Santa Marta, em Botafogo, Rio de Janeiro, durante o fim de 2011 e o verão de 2012, e também na consulta ao acervo do jornal O Globo, entre os anos de 2004 e 2012.

O trabalho está dividido em duas partes:

- **Parte 1: capítulos 1 e 2.** Apresentação e descrição dos principais conceitos utilizados na tese.
- **Parte 2: capítulos 3 e 4.** Metodologia desenvolvida - a partir das exposições feitas na Parte 1 - sobre o caso da Santa Marta e apresentação de resultados.

Os dois produtos dessa metodologia são:

Produto 1: produção de texto com base na análise da pesquisa qualitativa, e

Produto 2: produção de imagens com base na produção de texto.

As ideias e resultados dessa tese também serão expostos em meio digital através de um site. O endereço para acesso é: <http://www.myphdstudio.wordpress.com>. Lá se apresentam de forma sintetizada as principais etapas do estudo e dos processos envolvidos. Espera-se que seja um passo para que a publicação se torne mais acessível ao público não acadêmico. As imagens serão colocadas *online* e passíveis de serem “baixadas”. O site e todo o seu conteúdo estão sob um dos selos da *Creative Commons*, que estipula o tipo de uso que se deve ter por parte de outros usuários da internet. A licença escolhida prevê que o conteúdo pode ser compartilhado, desde que concedido o devido crédito de autoria e, em caso de alguma adaptação, indicar o que foi mudado. Além disso, o trabalho não pode ser usado para fins comerciais<sup>1</sup>.

Abaixo, na Figura 1, observamos um resumo visual sobre as abordagens dessa tese e as partes que a compõem.

---

<sup>1</sup> Mais detalhes podem ser vistos no seguinte link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> (acesso em 11/05/2015).

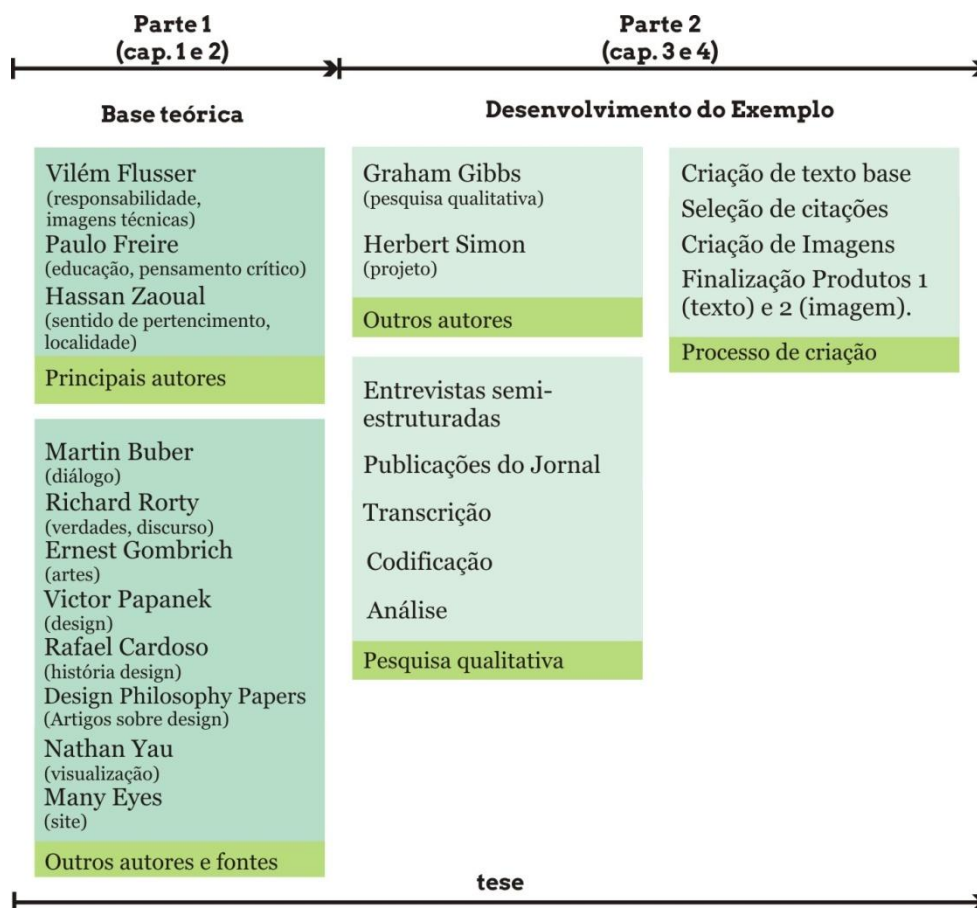


Figura 1. Visualização da estrutura da tese.

O objetivo geral desse trabalho é propor uma abordagem do design como prática da liberdade, em uma alusão ao trabalho de Paulo Freire, “Educação como Prática da Liberdade” (2011a). Em outras palavras, refletimos sobre o design e suas possibilidades, especialmente, como meio para a promoção do pensamento crítico com o uso de imagens. O design é visto como um **mediador de relações** (diálogos, discursos) entre as pessoas, sendo **interdisciplinar** e **crítico**. Para tanto, temos o objetivo específico de criar uma metodologia baseada em método qualitativo que visa à elaboração de um material imagético para fins pedagógicos. Tal material é fruto da análise de variados temas que perpassam a favela Santa Marta, onde focamos, principalmente, em um imaginário urbano e no conflito.

A relevância do tema recai, principalmente, sobre a ênfase no uso das imagens e suas possibilidades diante de um contexto cada vez mais visual. Um contexto onde imagens influenciam a cultura, seja pelo seu emprego em propagandas, cartazes, fotografias, filmes. Trazemos para o meio acadêmico uma visão acerca das imagens –



sob um olhar de responsabilidade e intenção -, que complementa o conhecimento para além do uso apenas da escrita.

Além disso, buscamos repensar o design e sua forma de atuação focando na ampliação de pontos de vistas e na pró-atividade das pessoas. É um repensar crítico sobre o próprio ofício e uma proposta sobre o que pode ser feito.

Apresentamos dois pontos principais para justificar este trabalho:

- Reforçar o potencial do debate e do diálogo por meio do design e, mais especificamente, pelas imagens, e
- Evidenciar a importância do design como meio interdisciplinar.

Vemos o design como ferramenta interdisciplinar do diálogo, capaz de influenciar na cultura, por meio da promoção do pensamento crítico e de uma educação que estimule a participação das pessoas. Concordando com a visão de Ivan Illich:

Ferramentas são intrínsecas para relações sociais. Um indivíduo se relaciona em ação com sua sociedade através do uso de ferramentas que ele ativamente domina, ou pelo qual é passivamente dominado. Na medida em que ele domina suas ferramentas, ele pode informar o mundo com o seu significado; na medida em que ele é dominado por suas ferramentas, a sua forma determina sua própria autoimagem. Ferramentas de convívio são aquelas que dão a cada pessoa que as usam a maior oportunidade para enriquecer o ambiente com os frutos de sua visão.<sup>2</sup> (ILLICH, 1973, p. 22, tradução nossa<sup>3\*</sup>)

O design pode ser visto como uma possível ferramenta de convívio que busca uma diversidade e amplitude de percepções. Em casos de questões complexas com o envolvimento de diversos atores – como no exemplificado nesta tese através da Santa Marta – a busca por uma abrangência de olhares é importante para a análise do contexto e suas problemáticas. A percepção é a de que um ambiente que tenha mais

---

<sup>2</sup> “Tools are intrinsic to social relationships. An individual relates himself in action to his society through the use of tools that he actively masters, or by which he is passively acted upon. To the degree that he masters his tools, he can invest the world with his meaning; to the degree that he is mastered by his tools, the shape of the tool determines his own self-image. Convivial tools are those which give each person who uses them the greatest opportunity to enrich the environment with the fruits of his or her vision.” (ILLICH, 1973, p. 22).

<sup>3</sup> \*Com o intuito de facilitar a leitura e o entendimento, as citações em inglês foram traduzidas para o português pela pesquisadora, mantendo as versões originais como notas de rodapé. Tais citações são “tradução nossa” no texto do presente trabalho.

disponibilidade de pontos de vista e com exercício do pensamento crítico pode nos levar a um espaço mais participativo e a possíveis novas soluções.

A partir da interdisciplinaridade pode-se buscar uma integração entre diferentes áreas do conhecimento. A especialização é bem vinda, mas um olhar amplo traz *insights* sobre o mundo e seus diversos atores envolvidos. Uma escola de engenharia que não conversa com uma de humanas (e vice-versa) pode se tornar míope diante dos desafios que existem - desenvolvimento sustentável, transporte, energia, por exemplo - com cada área buscando soluções compartimentalizadas para questões complexas. São formas distintas de abordar o conhecimento, que se complementam, mas, neste trabalho focamos no ponto de vista mais amplo e menos especialista.

A contribuição original desta tese é o uso da imagem de modo protagonista. As imagens são o resultado principal do percorrido da pesquisa, indo além da produção textual. Trata-se da incorporação de representações visuais em uma pedagogia crítica, sendo estas o resultado de uma metodologia criada na segunda parte da tese. Evidenciamos que as imagens apresentadas nesse trabalho são criações/produções da autora dessa tese.

Quanto à revisão bibliográfica, foram estudados alguns livros e artigos de autores da área do design, como Tony Fry, Ezio Manzini, Victor Papanek, Jorge Frascara, John Thackara, Philip Meggs, Rafael Cardoso, Vilém Flusser, entre outros. Na base *ISI Web of Knowledge*, foi feita uma varredura entre julho a agosto de 2012, procurando pelo termo “design visualization”. Desse período, foi percebido que muitas das publicações encontradas não tinham ligação exatamente com aquilo que queríamos trabalhar nesta pesquisa. Muitas se utilizavam de computadores para gerar as imagens, tendo um foco maior em métodos quantitativos.

Então, foram pesquisadas cinco listagens (artes, arquitetura, interdisciplinar, planejamento e urbanismo, e engenharias 3<sup>4</sup>) do relatório CAPES (dos anos 2012 e 2014) observando as principais revistas nacionais e internacionais que envolviam design. Desse ponto, pesquisamos por 19 publicações em design, analisando seus principais temas abordados, qualidade e foco dos artigos publicados. Restaram 12 publicações que pesquisamos mais profundamente, como a *Design Philosophy Papers* e *Visual Communication*. Entre as revistas nacionais, pesquisamos a Estudos em Design (PUC-Rio), Agitrop, Arcos (UERJ), principalmente.

---

<sup>4</sup> Uma das divisões, entre as áreas de conhecimento feita pela CAPES, onde podemos encontrar a Engenharia de Produção.

Alguns estudos que encontramos merecem destaque, como a análise de um projeto educativo que levava em consideração o uso da hipermídia (PORTUGAL; MOURA, 2014), que traz a experiência em sala de aula para o ensino do design usando da interatividade (relação dialógica). E também a tese “EdaDe: educação de crianças e jovens através do Design” (FONTOURA, 2002), que discute o uso do design (projeto) dentro de escolas brasileiras e as suas possibilidades/importância para a questão de aprendizagem. Bem como o artigo “*Intergenerational digital storytelling: a sustainable community initiative with inner-city residents*” (DAVIS, 2011), que conta a experiência de um grupo de estudantes que desenharam histórias baseadas na vida de idosos, onde o diálogo entre os atores era elemento importante para a efetivação desse objetivo. Não encontramos um projeto de pesquisa que discutisse o design e, em particular, o gráfico, exatamente como pretendíamos fazer nessa tese. Seja pela forma como o observam, seja pelo modo como abordam seu uso para um viés educativo, ressaltaram diferenças que nos ajudam a apostar na originalidade desse trabalho.

Somado a isso, foram feitas pesquisas em livrarias nacionais e internacionais<sup>5</sup>, contatos com pessoas/instituições (como Light e COMLURB) que poderiam fornecer informações extras quanto a questões ligadas a favela Santa Marta, pesquisa em fontes de dados quantitativos (IBGE, principalmente), busca por documentários relacionados aos conceitos abordados e publicações sobre metodologia qualitativa. Quanto ao tema da favela carioca, boa parte da nossa bibliografia veio de referências do curso “Favelas Cariocas: Ontem e Hoje” - promovido pela PUC-Rio, ministrado por professores da História e do Direito -, da participação em simpósio e palestras nessa área.

Abaixo segue a Figura 2 onde podemos ver um resumo da parte introdutória da tese.

---

<sup>5</sup> Quero dizer que após a leitura de muitos artigos e livros, fazia uma pesquisa também nas bibliografias encontradas. Muitas delas se referiam a publicações internacionais ou livros esgotados, então, fiz buscas por esses trabalhos em diferentes livrarias. A intenção era ter acesso a esses conhecimentos e começar a formar uma biblioteca para consulta e análise aprofundada.

## Resumo da Introdução

**Objetivo geral:** trabalhar com um design como prática da liberdade.

**Objetivos específicos:** refletir o design como mediador de relações entre as pessoas, sendo um instrumento interdisciplinar e crítico. Desenvolver uma metodologia que resulte em um material com texto e imagens.

**Relevância do tema:** ênfase na utilização de imagens, com seu potencial uso para promover diálogo e debate, em um contexto cada vez mais visual.

**Justificativa:** refletir sobre a atuação do design como meio para empoderar pessoas (pró-atividade, diversidade de opiniões) e sua capacidade de integrar diferentes áreas do conhecimento.

**Contribuição original:** utilizar a imagem como protagonista e propor uma metodologia que resulte na criação de imagens com a intenção de promover o exercício do pensamento crítico.

Figura 2. Resumo dos principais tópicos da introdução.

## Capítulo 1: Apresentação de conceitos

Neste primeiro capítulo, subdividido em quatro tópicos, será exposto nosso entendimento sobre: (1.1) design; (1.2) arte, cultura e intenção, (1.3) imagens e informações, e (1.4) desenvolvimento. Nesses esses tópicos, aproveitaremos para falar sobre a conexão entre artes e design, bem como sobre possibilidades de visualização de informações, por exemplo. As abordagens não serão exaustivas, tendo em vista que são tópicos, que buscam ajudar no entendimento de alguns dos principais conceitos que usaremos no decorrer do trabalho. Espera-se deixar claras as bases desta pesquisa, que apoiam a metodologia desenvolvida em sua segunda parte. Todos esses pontos se conectam com a ideia central sobre design e reflexão, pensando sobre o que o design significa e sua influência na cultura e na vida de terceiros. Esta seção é baseada em autores como Vilém Flusser, Ernst Gombrich e Paulo Freire.

Abaixo (Figura 3) um breve resumo sobre os tópicos abordados nesse primeiro capítulo.

### Capítulo 1. Apresentação de Conceitos

---

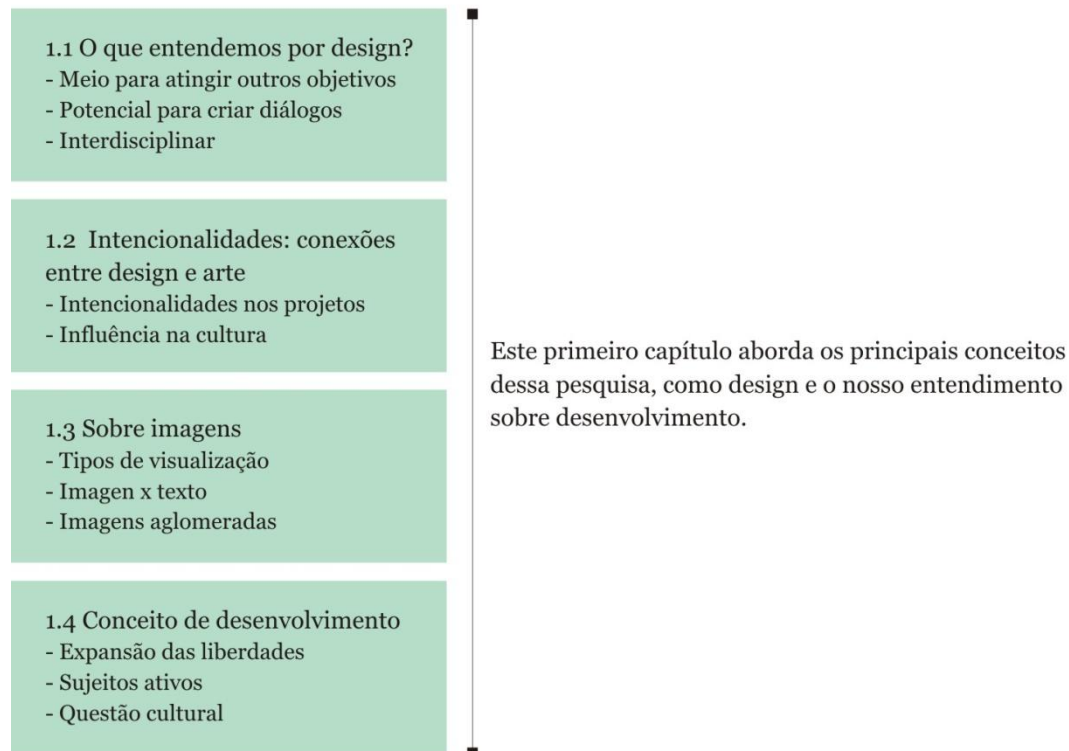


Figura 3 Resumo dos principais tópicos e conceitos discutidos no primeiro capítulo.

## 1.1 O que entendemos por design?

O que importa aqui é definir nosso entendimento sobre o design. Será utilizado o termo em inglês ao invés de “desenho industrial”. Consideramos que este último pode causar maiores mal entendidos na interpretação. Afinal, design não quer dizer desenho, mas sim, projeto. E a discussão nesta tese se dá sobre o questionamento de projetos, incluindo reflexões sobre suas responsabilidades. Interessante lembrar que Flusser (2009) deixa claro que a palavra design tem muitas correlações, sendo possível seguir cada uma dessas conexões para explicar suas origens e entendimentos, ou seja, tudo depende de qual ponto de vista do design se deseja abordar para definir sua percepção dentro desse conceito.

Nos apoiamos nas considerações de Herbert Simon (2001) para pensarmos a diferença entre ciências naturais e projeto – sendo que design, arquitetura e engenharia se enquadram neste último. A ciência se preocupa em estudar **como as coisas são**, ela desvenda o que existe por trás dos eventos que parecem não ter uma explicação clara, procurando por um padrão escondido. Logo, o trabalho das ciências naturais é “mostrar que a maravilha não é incompreensível, mostrar como ela pode ser compreendida – mas sem destruir a maravilha”<sup>6</sup> (SIMON, 2001, p. 1-2). Já o projeto se ocupa em ver **como as coisas podem vir a ser** com a ajuda de artefatos criados para atingir os objetivos (SIMON, 2001) ou, em outras palavras, projetar algo. Flusser (2007), baseado em Platão, propõe que vivemos em um mundo que é uma geleia amorfa, onde encontram-se ocultas as formas eternas: “A geleia amorfa dos fenômenos (o ‘mundo material’) é uma ilusão e as formas que se encontram encobertas além dessa ilusão (o ‘mundo formal’) são a realidade, que pode ser descoberta com o auxílio da teoria”. Com o conhecimento adquirido sobre a natureza, o homem consegue criar e propor soluções para seus problemas ao projetar. Simon (2001) pontua que os artefatos criados pelo homem não são isolados da natureza. Pelo contrário, eles trabalham de acordo com o conhecimento adquirido na área. Artefatos correspondem ao mundo artificial que criamos.

O artefato pode ser visto como a intersecção entre o que Simon nomeia de meio interior (a substância e organização do artefato) e externo (o contexto onde está inserido). Quando bem adaptado às restrições (entre elas, as leis naturais) de ambos, este funciona e seu objetivo pode ser alcançado. O autor deixa claro que esse tipo de

---

<sup>6</sup> “to show that the wonderful is not incomprehensible, to show how it can be comprehended – but not to destroy wonder.” (p. 1,2).

percepção sobre a interação entre um meio externo e outro interno pode ser aplicado a soluções não projetadas pelo homem, como outros sistemas vivos (SIMON, 2001). Desse ponto de vista, é notável perceber quantas soluções diferentes para propósitos parecidos podem ser observadas: “encontramos frequentemente vários diferentes sistemas internos realizando objetivos em ambientes externos idênticos ou similares – aviões e pássaros, golfinhos e atuns, relógios de peso e relógios a bateria, relés elétricos e transistores.”<sup>7</sup> (p. 8). Sob esse olhar, vemos que o homem é o único animal a poder viver em diferentes lugares com demandas específicas: “Contrária a formas de vida altamente especializadas onde temos peixe, pássaro ou inseto, o homem tem a habilidade única de viver em qualquer ambiente.”<sup>8</sup> (PAPANEK, 1984, p. 290). Ou seja, por meio de seus projetos consegue se adaptar das mais diversas formas.

Com o termo design seguimos nosso raciocínio e podemos considerar que qualquer pessoa pode projetar algo ao antever um objetivo e traçar um modo de tentar realizá-lo. Simon (2001, p.111) escreve “Engenheiros não são os únicos profissionais de projeto. Todos que elaboram meios de ação para mudar situações existentes em outras mais preferíveis projetam.”<sup>9</sup>. Temos também Papanek (1985, p. 322): “Novamente: projetar é básico para todas as atividades humanas. O planejamento e modelamento de qualquer ação em direção desejável, com previsível fim constitui um processo de projeto”<sup>10</sup>. Concordando com a afirmação de que o projetar é algo inerente ao ser humano, ainda temos Fry, (2009, p. 2): “nossa habilidade de prever o que criamos antes da ação de criar, e como tal, define uma das características fundamentais que nos faz humanos. Como foi dito por muitas outras pessoas de várias formas – ‘todos projetamos’”<sup>11</sup>. Logo, a capacidade que temos de interferir e influenciar na cultura é uma capacidade comum a todas as pessoas. Em outras palavras, todos podemos, independente da instrução, influenciar de alguma forma na cultura, através de projetos.

---

<sup>7</sup> we often find quite different inner environments accomplishing identical or similar goals in identical or similar outer environments – airplanes and birds, dolphins and tuna fish, weight-driven clocks and battery-driven clocks, electrical relays and transistors.” (p. 8)

<sup>8</sup> “Contrary to the highly specialized forms of life we find among fish, bird or insect, man has the unique ability to live in any environment.” (p. 290).

<sup>9</sup> Engineers are not the only professional designers. Everyone design who devises courses of actions aimed at changing existing situations into preferred ones.” (p.111).

<sup>10</sup> “Again: design is basic to all human activities. The planning and patterning of any act toward a desired, foreseeable end constitutes the design process.” (p. 322)

<sup>11</sup> “our ability to prefigure what we create before the act of creation, and as such, it defines one of the fundamental characteristics that make us human. As has been said by many people in many ways – ‘we all design’”. (p. 2)

Apesar do projetar ser algo que constitui uma característica do ser humano, este trabalho discutirá, essencialmente, o design e, mais especificamente, o gráfico. Por design gráfico apontamos uma área de projeto onde a **representação/comunicação visual** é muito importante. Tem como ação, por exemplo, a criação de uma página na internet, a ilustração de livros, a direção de arte, a fotografia e a animação. Em poucas palavras, lida com um projetar que tem como foco a criação imagética: composição, formas, cores, mensagens. Não se trata de dizer que há um tipo melhor ou pior de design, mas sim de restringir a área de abrangência desse estudo. Apesar disso, esperamos que este trabalho seja interessante e acessível a qualquer pessoa que queira ler e fazer reflexões a respeito<sup>12</sup>, independente de sua formação.

Ao observar o termo em si, começaremos por separar algumas fontes que conceituam de forma abrangente o design. No *International Council of Societies of Industrial Design (ICSID)*<sup>13</sup>, temos:

Design é uma atividade criativa que tem como objetivo estabelecer qualidades múltiplas a objetos, processos, serviços e seus sistemas em ciclos de vida inteiros. Assim, design é o fator central da humanização inovadora de tecnologias e fator crucial para trocas culturais e econômicas (ICSID, 2013)<sup>14</sup>

Já no *International Council of Communication Design (ICOGRADA)*, atualmente, ico-D (International Council of Design) temos a seguinte definição para design:

O design é uma disciplina em constante evolução e dinâmica. O designer com formação profissional aplica intenção para criar o visual, material, ambientes

---

<sup>12</sup> Ressaltamos que não cremos que a alta especialização e inúmeras facetas do design seja algo muitas vezes positivo para o campo (além de design gráfico e de produto, temos design de interiores, design estratégico, design de serviços, eco design, codesign, design de interação, design emocional). São formas de repaginar e pulverizar as diversas atuações de um designer. Existem questões importantíssimas e anteriores a essa pulverização a serem debatidas – que competem a qualquer designer e projetistas das mais diferentes carreiras – que parecem pouco permear nossas trajetórias. O debate teórico parece não andar em compasso com a prática, sendo assim temos ações nem sempre refletidas com os problemas que desejamos atacar.

<sup>13</sup> Esta citação já não se encontra mais disponível no web site de onde foi retirada (<http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm>, acesso em 13/12/13). No entanto, optamos por deixar o conceito aqui para ampliar o leque de visões que encontramos durante o processo da pesquisa. Contudo, a página atual se encontra sem essa definição, mas com as percepções sobre a própria ICSID (<http://www.icsid.org/> (ICSID), acesso em 20/02/2015).

<sup>14</sup> “Design is a creative activity whose aim is to establish the multi-faceted qualities of objects, processes, services and their systems in whole life cycles. Therefore, design is the central factor of innovative humanization of technologies and the crucial factor of cultural and economic exchange.”(<http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm>, (ICSID), acesso em 13/12/13).



espacial e digitais, cientes do experiencial, empregando abordagens interdisciplinares e híbridas para a teoria e prática do design. Eles entendem o impacto cultural, ético, social, econômico e ecológico de seus esforços e sua responsabilidade final para as pessoas e para o planeta através de ambas esferas comerciais e não-comerciais. Um designer respeita a ética da profissão de design. *Ratificado pela Assembléia Geral Icograda 25, Montreal, Canadá, 18 de outubro de 2013*<sup>15</sup>, (ICOGRADA, 2013)

De acordo com o manual ABC da ADG - onde ADG significa Associação dos Designers Gráficos - o Design Gráfico é entendido como:

Termo utilizado para definir, genericamente a atividade de planejamento e projeto relativos a linguagem visual. Atividade que lida com a articulação de texto e imagem, podendo ser desenvolvida sobre os mais variados suportes e situações. Compreende noções de projeto gráfico, identidade visual, projetos de sinalização, design editorial, embalagem, entre outras. Também pode ser empregado como substantivo, definindo assim um projeto em si. (VOLLMER, 2012, p. 70).

Essas conceituações não são capazes de expor as dimensões ética, cultural e de responsabilidade do design. Concordamos com Fry (2009, p. 2) quando critica em seu livro as definições de design: “Tais definições sobre design, geralmente, são territoriais, instrumentalmente estreitas, extremamente redutoras ou livremente flutuantes abstratas”<sup>16</sup>. Ao analisar essas passagens, enfatizamos que desejamos ir além do questionamento técnico e que não nos baseamos em um suposto protagonismo do design - como visto na antiga conceituação do ICSID -, pois o entendemos como uma força que atua em conjunto com outras, como humanas e engenharias, para poder gerar resultados. Não há uma carreira que possa se intitular de “a mais importante”, mas uma complementariedade que pode se traduzir em uma força maior na atuação.

---

<sup>15</sup> “Design is a constantly evolving and dynamic discipline. The professionally trained designer applies intent to create the visual, material, spatial and digital environment, cognizant of the experiential, employing interdisciplinary and hybrid approaches to the theory and practice of design. They understand the cultural, ethical, social, economic and ecological impact of their endeavors and their ultimate responsibility towards people and the planet across both commercial and non-commercial spheres. A designer respects the ethics of the design profession. Ratified by the 25 Icograda General Assembly, Montreal, Canada, 18 October 2013” (site ICO-D: <http://www.ico-d.org/about/index>, acessado em 20/02/2015)

<sup>16</sup> “Such definitions of design are usually territorial, instrumentally narrow, extremely reductive, or free-floatingly abstract” (p. 2).

Flusser (2007) enfatiza que a palavra design vem de um contexto de astúcia e fraudes ao enganar a natureza através da técnica, como é o caso da alavanca que engana a gravidade. “O designer é, portanto, um conspirador malicioso que se dedica a engendrar armadilhas.” (FLUSSER, 2007, p. 182). Ainda segundo este autor, o design serve como ponte para integrar a arte e a técnica, fazendo-as “caminhar juntas, com pesos equivalentes, tornando possível uma nova cultura.” (FLUSSER, 2007, p.183-184). Essa e outras soluções propostas “enchem” nossas vidas de artificialidades que ao mesmo tempo que podem nos ajudar em nosso dia a dia, podem também se tornar obstáculos. A importância de sermos críticos nesta área reside, principalmente, neste ponto. Uma das reflexões mais importantes acerca do design nesta diz respeito às teorias e intenções que sustentam as criações. Pois, *como* “se enche” as vidas das pessoas, é um campo de atividades carregado de muita responsabilidade e ética.

Por fim, apresentamos uma síntese do conceito design:

- Projetar é criar soluções, sejam de curto, médio ou longo prazo. *Criar soluções é também um ato de se responsabilizar por terceiros*, pois, há influência na cultura. Ao mesmo tempo em que oportunidades podem ser ampliadas, pode-se colocar também mais obstáculos para outras pessoas (FLUSSER, 2009). Diante dessa perspectiva, desejamos trabalhar com o design e sua *potencialidade em criar diálogos* entre as pessoas, um primeiro passo para a expansão das liberdades. Com essa percepção, podemos ver o design como ferramenta capaz de olhar para os dois olhos da alma: teoria e prática. Teoria sem prática é ideia sem ação, prática sem teoria embasada é ação transformada em rotina.
- Concordamos sobre o design ter um papel bastante relevante para promover mudanças, mas isso não configura um protagonismo do mesmo. O design não é o único capaz de pensar soluções e atua de forma complementar a outras áreas, inclusive aquelas que também usam da projeção.
- É essencialmente interdisciplinar – congregando pontos de vistas variados, como questões ambientais e sociais, por exemplo. É necessário um esforço para perceber e buscar diferentes fontes de informação dentro dessa complexidade para podermos pensar “fora da caixa”. Esse ponto é o diferencial do design e

onde ele pode ser explorado. Sua força<sup>17</sup> em interligar diferentes conhecimentos, ao invés de se focar em ser um especialista dentro de uma área restrita lhe confere características que podem ser úteis para repensar problemas que envolvam o lado técnico e social. A busca por informações de um ponto de vista interdisciplinar se dá dentro do limite de tempo e de sua disponibilidade. Não é querer abarcar tudo, mesmo porque isso seria inviável, mas ampliar o leque de possibilidades pelo qual se observa um problema.

- O design não é somente um fim em si mesmo e nem é o protagonista de uma história. Ele também é um *meio* para se atingir outras pessoas e torná-las sujeitos ativos. Visa à mediação entre indivíduos através de algum ponto provocativo de nossa realidade para fomentar o diálogo e pensamento crítico.

## **1.2 Intencionalidades: conexões entre design e arte**

Como parte de nossos esforços por definir o conceito de design, necessitamos também nos perguntar sobre o posicionamento do design em relação à arte e à cultura, e, por conseguinte, à intencionalidade das criações.

Uma perspectiva demasiada restritiva confina a arte aos museus e o design à Revolução Industrial. É um modo de pensar que cria “caixinhas” para nomear modelos de ação. E certamente não é aquela que partilhamos nesse trabalho. Nem tampouco livros como “História do Design Gráfico” (MEGGS; PURVIS, 2009) e “A História da Arte” (GOMBRICH, 1999), que iniciam suas narrativas com referências às pinturas rupestres.

Discutiremos um pouco sobre arte, dentro desse ponto de vista, pois esta é uma área que deixou muitas influências e questões para serem pensadas no campo do design: como as mensagens embutidas nos projetos, as diferentes técnicas artísticas e tecnológicas, bem como a comunicação com a sociedade. Quando Gombrich fala sobre arte, uma das coisas mais interessantes é o seu argumento pelo entendimento que a expressão artística não se dá apenas por aquilo que julgamos como certo, mais bonito, mais expressivo. É preciso compreender o artista e suas técnicas, o seu contexto e suas

---

<sup>17</sup> Ainda mais quando lembramos que questões envolvendo sustentabilidade e desenvolvimento, por exemplo, são essencialmente interdisciplinares. Logo, trabalhar de modo compartimentalizado não nos parece a estratégia mais interessante nesses casos.

intenções. Ter uma visão aberta, que busca não ser preconceituosa. Esse modo de compreender um trabalho e respeitá-lo dentro de uma perspectiva é um dos ensinamentos importantes dessa área: entender os variados discursos que temos. Não existe “A Arte”, existem muitas expressões artísticas, criações visuais: “Nada existe realmente a que se possa dar o nome de Arte. (...) Arte com A maiúsculo não existe” (GOMBRICH, 1999, p. 15).

Uma criação considerada como estranha ou feia e que, por isso, pode-se julgar como algo menor, pode ter um propósito dentro de um contexto específico. Essa é a força daquilo que chamamos arte, muito além de apelos estéticos ou da decoração de uma casa (que não deixam de ser expressões de intenções em um determinado momento). Ainda citando Gombrich (1999, p. 32), “a maioria das pinturas e esculturas que hoje se alinham ao longo das paredes dos nossos museus e galerias não se destinava a ser exibida como Arte. Foram feitas para uma ocasião definida e um propósito determinado que habitava a mente do artista quando pôs mãos à obra.” Isso se parece e muito com o papel do designer atualmente, quando se detém a criar algo - como uma comunicação visual - e isso tem um propósito determinado em um dado contexto.

Nossa relação com as imagens se dá desde a Pré-história quando o homem já fazia seus desenhos nas cavernas. As pinturas nas cavernas sugerem que não eram apenas desenhos, tinham uma função mágica visando sua caça (GOMBRICH, 1999). “Muitas obras de artistas destinam-se a desempenhar um papel nesses estranhos rituais, e nesse caso o que importa não é a beleza da pintura ou escultura, segundo nossos padrões, mas se ela ‘funciona’, ou seja, se a pintura ou escultura pode desincumbir-se da mágica requerida.” (GOMBRICH, 1999, p. 43). No Egito, os desenhos feitos tinham relação com a questão da passagem de uma pessoa, com sua morte. As pirâmides tinham função prática para o faraó e seus súditos, muito provavelmente, ajudariam o monarca a ascender aos céus (GOMBRICH, 1999). Desse ponto de vista, podemos compreender como tal estrutura pôde ser feita, apesar de todo o grande esforço e dificuldades enfrentadas. Muitas de nossas imagens atuais servem para vender produtos e serviços, para reforçar uma cultura de alto consumo. Analisando e vendo a arte e a visualidade dessa forma, acreditamos que esta ganhe novo significado, longe da necessidade de decorar estilos artísticos sem saber seu impacto histórico-social.

As representações e seus diferentes usos permeiam nossa história. Esse é o ponto que nos chama a atenção: compreender e perceber que tais criações humanas são frutos de um contexto intencional, de uma conjuntura de ferramentas e tecnologias de cada

época e de complexas relações. A arte visual não deveria ser lembrada apenas por seus diferentes estilos, muitas vezes decorados por regras estéticas e não compreendidas à luz do momento histórico. É importante saber quem financiava as obras, quais as intenções por trás de expressões artísticas, quais instituições apoiavam certos movimentos. A responsabilidade dos designers acompanha uma longa linha do tempo de outros artistas e projetistas que também criavam para cumprir alguma função social. Da mesma forma, é importante saber quem financia um design, quais as intenções em suas criações, que instituições apoiam certos movimentos. Tudo isso ajuda na reflexão, a compreensão e possibilidades sobre aquilo que é criado.

Os propósitos artísticos estão ligados a um contexto, podendo ter um viés religioso, burguês, tribal, científico, entre outros. Ela serve a uma sociedade. As instituições mudam, mas aquilo que a arte é capaz de fazer continua sob um mesmo mecanismo. A arte, assim como o design, possui um uso. Se hoje, muitas vezes achamos que a arte se encontra restrita em museus, esta também é uma visão específica de nosso tempo. Isso nos traz um significado, mas não significa que estes lugares sejam os únicos para entendermos e buscarmos as suas maiores contribuições. Parece que tais espaços servem muito para mitificar o que seriam a arte e artistas, além de criar um certo distanciamento da sociedade com as criações confinadas.

De um modo geral, a arte está em todos os cantos, mesmo que pouco perceptível, aparentemente. Como Gombrich (1999) assinala atos como arrumar a árvore de Natal, representam algo que vai além. Assim, um anel de noivado, as alianças de casamento, o modo como decoramos nossas festas, o modo como nos vestimos, as formas e cores das casas, todas expressam algo que está conectado com o papel da arte. Mas não uma arte que se faz presente em puro isolamento, mas sim mesclada e embutida em outros conhecimentos e manifestações. Assim a arte está presente junto com a Engenharia, a Arquitetura e tantas outras áreas em nosso dia a dia. E o design faz parte dessa História. Ele nasce com as inovações e mudanças tecnológicas e sociais, inserido em complexo contexto interdisciplinar, comprometido com empenhos por informar, comunicar e agir, principalmente, sobre a cultura.

Se pensarmos que a arte expressa códigos podemos entendê-la com Flusser:

Onde quer que se descubram códigos, pode-se deduzir algo sobre a humanidade. Os círculos construídos com pedras e ossos de ursos, que rodeavam os esqueletos de antropóides africanos mortos há 2 milhões de

anos, permitem que consideremos esses antropóides como homens. Pois esses círculos são códigos, os ossos e as pedras são símbolos, e o antropóide era um homem porque estava ‘alienado’, louco para poder dar um sentido ao mundo. Embora tenhamos perdido a chave desses códigos (não sabemos porque esses círculos significam), sabemos que se trata de códigos: reconhecemos neles o propósito de dar sentido (o ‘artifício’). (FLUSSER, 2007, p. 130)

A arte e o design comunicam e se integram à cultura de forma ajudar a dar forma aos símbolos e códigos que nos rodeiam:

Para Sahlins o homem vive num mundo material, mas de acordo com um esquema significativo criado por ele próprio. Assim, a cultura define a vida não através das pressões de ordem material, mas já conta com sistema simbólico definido, que nunca é o único possível. A cultura, portanto, é que constitui a utilidade. (LARAIA, 2009, p. 116)

Podemos observar a relevante conexão entre o que se cria e o que isso acarreta na cultura. Por isso, as responsabilidades quanto às produções artísticas e/ou de design vão muito além apenas da observação do emprego e uma técnica ou de um padrão estético. De acordo com a Declaração Universal da Diversidade Cultural:

a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças, (UNESCO, 2002, p. 2)

A cultura é uma construção humana que independe de questões biológicas e geográficas, sendo repassada através de aprendizado e convivência. Para complementar o nosso entendimento, selecionamos duas citações de Paulo Freire, um autor sobre o qual nos apoiamos de modo decisivo nessa tese:

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode

fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo, (FREIRE, 2013b, posição 378)

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade (FREIRE, 2011a, p. 60)

Em síntese, todos produzimos cultura e estamos inseridos em uma. A cultura analisada nessa tese será a de um determinado contexto da cidade do Rio de Janeiro, em uma determinada época. O importante nesse momento é salientar a capacidade de ação que tanto as artes como o design – seu “parente direto”, se visto do ponto de vista de comunicação, expressão – trazem (ou não) para uma sociedade. As mensagens embutidas nas criações são de profunda relevância para a compreensão do papel que se pode desempenhar e os objetivos que se podem almejar.

A arte traz intenções e pode ser inspiradora. É capaz de nos contar como somos, o que valorizamos, o que desejamos. Ela pode ser, portanto, uma forma de inspirar pessoas, afirmar ou negar opiniões, mas, principalmente, pode nos trazer pluralidade. Esse instrumento poderoso é capaz de contar múltiplas histórias e abrir espaço para o diálogo.

O design é um importante meio para influenciar a vida das pessoas. Por isso, o conhecimento sobre suas responsabilidades e sob aquilo que dissemina, além do projetar em si, é muito relevante, pois carrega, implícita ou explicitamente, intencionalidades. Essa tese trabalha com a ideia de que o design tem papel significativo na formação cultural e na dispersão de práticas, sendo esta atuação o seu viés intencional (político). Quando projetamos algo, não nos parece haver uma neutralidade, pois existe sempre uma afirmação/negação de algum ponto de vista, mesmo que não seja de todo percebido em um primeiro momento. De acordo com Lopes:

Não acho que o problema seja a falta de novos espaços para um design político consciente ou mesmo novos modelos de prática do design. Design já

é político. Em suas disciplinas, processos e formas, ele facilita modos particulares de fazer as coisas que se tornam hábitos de mente e corpo e estruturam vidas e relacionamentos. É esse poder do design e, conseqüentemente, a responsabilidade que projetar carrega que é mais invisível. Atualmente, a maioria dos produtos do design são agentes da perpetuação do mercado mais do que de mudanças socioculturais. O problema da prática do design é se a ação do design é entendida e seus efeitos compreendidos.<sup>18</sup>, (LOPES, 2003/04, p. 1)

A possível falta de percepção dessa força do design como agente de afirmação ou negação de alguma ideia é um ponto fraco. A prática sem uma base teórica forte capaz de questionar o que está sendo feito e seu porquê, pode fazer com que este se torne um instrumento apenas de repetição de ideias, e pouco pensamento crítico. Isso se reflete em uma falta de noção da responsabilidade neste quesito e, por vezes, da ética no design, como quando se projeta sem muito compromisso com relação às questões sociais e ambientais, por exemplo.

Um design visto a partir de um ponto de vista político e mais engajado com questões sociais, não é um tema novo. William Morris (Inglaterra) – que acabou por influenciar o mundo do design e da arquitetura com suas ideias – e Elbert Hubbard (EUA) promoveram movimentos reformistas na área (como discutiremos mais a seguir). Mas, do ponto de vista de Papanek (1985, p. 30) estes “foram enraizados em um tipo de filosofia ludita anti máquina”<sup>19</sup>. O próprio Papanek em seu livro *Design for the Real World* (1985) trouxe várias ideias para o campo do design relativas ao seu papel social, discutindo às verdadeiras necessidades (*needs*) das pessoas em oposição aos desejos (*wants*) engendrados pelo mercado. Ou seja, ele questionava as intencionalidades dos projetos. Seguem duas declarações de Papanek: “projetar para as necessidades das pessoas mais do que para seus desejos”<sup>20</sup> (1985, p. 219) e “Muitos projetos recentes tem satisfeito somente desejos efêmeros, enquanto necessidades genuínas do homem têm sido frequentemente negligenciadas” (1958, p. 15). Estes são dois apontamentos fortes

---

<sup>18</sup> “I don’t think the problem is the lack of new spaces for consciously political design, or even new models of design practice. Design is already political. In its disciplines, processes and forms it facilitates particular ways of doing things that become habits of mind and body and structure lives and relationships. It is this power of design, and consequently the responsibility that designing entails that is mostly invisible. Currently, most products of design are agents of market perpetuation rather than of socio-cultural change. The problem for design practice is whether design’s agency is understood and its effects grasped.” (p. 1).

<sup>19</sup> “were rooted in a sort of Luddite antimachine philosophy” (p. 30).

<sup>20</sup> “to design for people’s needs rather than their wants” (p. 219) e “Much recent design has satisfied only evanescent wants and desires, while the genuine needs of man have often been neglected.” (p. 15).



deste autor que criticava nossas prioridades dentro do projeto. Parece-nos ainda que há uma desconexão entre o que deveria ser prioridade e as coisas vistas como tais.

Outro exemplo de questionamento sobre a atuação do designer é o do manifesto escrito por Ken Garland, em 1964, “First Things First”, que questionava as prioridades dentro da área, onde havia saturação de mensagens para o consumo de produtos com propósito triviais. O que é importante lembrar é que este manifesto não era contrário à propaganda, nem voltado primeiramente para debater a ética, como poderia parecer, apesar de suscitar o debate. Nas palavras do próprio autor em entrevista: “foi um alerta ao fato de que verbas, que estavam despejando em todos os tipos de comunicação visual, pareciam estar indo para os canais errados”<sup>21</sup> (ODLING-SMEE, 2007). Portanto, suas críticas eram maiores do ponto de vista econômico. Em 1999, tivemos a reedição em diversas revistas de design desse manifesto, com algumas alterações em seu texto original, com uma nova geração de designers, que também se questionaram quanto à atuação do design.

Segundo Rafael Cardoso (2008), uma das coisas que marcam a entrada do design na história – que é uma construção, uma interpretação do passado – é a separação entre o indivíduo que concebe o objeto como um todo e aquele outro que concebe para que outros ou máquinas o façam. “Historicamente, porém, a passagem de um tipo de fabricação, em que o mesmo indivíduo concebe e executa o artefato, em que existe uma nítida separação entre projetar e fabricar, constitui um dos marcos fundamentais para a caracterização do design.” (CARDOSO, 2008, p. 21). O design surge de um contexto de mudança na sociedade, em termos de produção, através da industrialização. O modo como as coisas podiam ser produzidas e comercializadas, a globalização e urbanização deram um novo contexto para a sociedade onde o design florescia, como ferramentas para a indústria, principalmente.

Em meio às muitas transformações, o design começou a ser visto de um ponto de vista mais crítico em relação às questões sociais e industriais (CARDOSO, 2008). Reformadores na área surgiram, alguns mais voltados para o debate da estética e do “bom gosto”, e outros mais para questionamentos acerca do modo de produção. Entre esses últimos encontramos John Ruskin e William Morris, ainda no século XIX. Ruskin questionava a organização do trabalho, pois o modo de exploração do trabalhador

---

<sup>21</sup> “[it] was an alert the fact that monies, which were pouring into visual communications of all sorts, seemed to be going down the wrong channels. There were all sorts of things that we could have been about and we weren’t.” (ODLING-SMEE, 2007, <http://www.eyemagazine.com/feature/article/reputations-ken-garland>, acesso em 20/02/2015).

levava a deficiências projetuais e estilísticas, sendo seu foco no bem estar do próprio trabalhador (CARDOSO, 2008). Já Morris criou empreendimentos que deram nova forma às possibilidades do design na sua produção, inspirando o movimento *Arts and Crafts* (produção em escala artesanal ou semi-industrial) (CARDOSO, 2008). O modo de produção era muito questionado por esses últimos reformistas, refletindo e atuando em problemas de qualidade e quantidade, indo além de proposições estéticas.

Os projetos revelam por trás do óbvio, uma série de fatores e escolhas que implicam numa determinada visão de mundo. Crítica e reflexão sobre sua influência são essenciais quando se fala em mudança, como para um paradigma mais sustentável. Fry (FRY, 2003/04) escreve

Passando por uma vasta gama de escalas, toda decisão de design é decisiva para o futuro. Impactos a partir dos materiais que manufacturamos, nossos meios de transporte, o modo como provemos aquecimento e refrigeração, os tipos de cidade que construímos, os meios de comunicação que empregamos, e uma miríade de outras coisas, são ambiental e culturalmente direcionadoras. A natureza das coisas que criamos pelo design não só transforma ‘nosso’ mundo mas também nos transforma.<sup>22</sup> (FRY, 2003/04, p. 1- 2).

Mais do que apenas técnica e domínio para elaborar projetos e suas comunicações, é preciso entender a teoria que sustenta as ações. Existem duas forças descritas por Fry (FRY, 2003/04, p. 2): a) a política do design, que inclui como o design é empregado, por quê e para qual fim; e b) design e a política, que lida com o como o design atua como uma das forças influenciadoras na conduta humana e suas consequências materiais<sup>23</sup>. O design é um agente capaz de exercer sua influência - bem como vemos em outras carreiras e em indivíduos - na cultura. O reconhecimento desse poder e sua reflexão é algo muito importante.

As propostas de projetos que consideramos mais interessantes são aquelas que lidam e abrem a chance para as pessoas se perceberem como sujeitos ativos em uma realidade. Por isso, pensamento crítico e embasamento teórico são tão importantes para

---

<sup>22</sup> “Across a vast range of scales, every design decision is future decisive. Impacts from the materials we manufacture with; our modes of transport; the way we provide heating and cooling; the kinds of cities we build; the media of communication we employ; and myriad other things, are environmentally and culturally directive. The nature of things we create by design not only transforms ‘our’ world but also transform us” (p. 1, 2).

<sup>23</sup> “we can say that ‘the politics of design’ is how design is employed, by whom and to what ends. While ‘design and the political’ goes to how the agency of how design acts as (one of) the directional forces that shape human conduct and its material consequences” (Fry, 2003/04, p. 2).

propor soluções práticas. Eles compõem e modelam o direcionamento de um projeto, e esse, por sua vez, vai atingir os indivíduos. A compreensão dessa composição das forças, que muitas vezes parece invisível ou mesmo inexistente, é fator importante para visualizar algo que engloba qualquer atuação no design.

Dentro do design existem diversas abordagens com muitas ramificações e especializações. Exemplos disso são o design de produto e o gráfico, design de interiores, moda, serviços e interação, além de conceitos como *codesign*, *design thinking* e *participatory design*. São tantos conceitos pulverizados que fica até difícil compreender as forças e limitações do design. Podemos nos perguntar também se cada ramificação e conceito têm sua parte teórica debatida.

Donahue *et al* (2011, p. 1-2) nos fazem refletir sobre questões acerca da onda de “design social” vista nos últimos anos através de perguntas como: a) formas de atuação de um design social podem ser sustentáveis sem lidar com grandes forças sistêmicas e políticas que mantêm os hábitos culturais ou de desigualdades?; b) qual seria a influência do design numa mudança ou desenvolvimento sistêmico e político?, e c) se os usuários teriam o mesmo poder de participação que designers, pois, na realidade, estão em uma posição com menor poder (no caso de participarem de projetos colaborativos). O design social questionado aqui trata de conceitos como o *human-centred Design*<sup>24</sup> (HCD) e o design para a inovação social<sup>25</sup>, por exemplo. Questionam também se os designers utilizam o termo “social” como uma etiqueta que agrega valor a um projeto (de forma superficial) ou se é algo, realmente, mais denso no pensamento e orientação do design. Além disso, somente por dizer que um projeto tem um objetivo social ou mesmo ambiental não quer dizer que isso automaticamente o faça bom. Há de se ter pensamento crítico sobre todas as formas de atuação do design, inclusive com aqueles que podemos ter maior tendência a julgar como “melhores”.

Seguindo com as reflexões, Donahue *et al.* (2011) afirmam que uma mudança sistêmica não deve ser atingida apenas baseada em projetos, “a menos que a atividade

---

<sup>24</sup> O conceito pode ser compreendido como: “O HCD é uma abordagem criativa para a resolução de problemas (...). É um processo que começa com as pessoas que você está projetando para e termina com novas soluções que são feitas sob medida para atender às suas necessidades. Design centrado no ser humano trata da construção de uma profunda empatia com as pessoas que você está projetando para; gerando toneladas de idéias; a construção de muitos protótipos; compartilhar o que você fez com as pessoas que você está projetando para; e, eventualmente, colocar a sua solução nova e inovadora no mundo”. (IDEO.ORG, <http://www.designkit.org/>, acesso em 21/02/2013).

<sup>25</sup> Consideramos o conceito descrito por Kiem (2011): “inovação social é entendida como o desenvolvimento de novos arranjos sociais que vão de encontro às necessidades diárias. A inovação social pode incluir outras formas de inovação, mas não é necessariamente conduzido ou dependente de mudança tecnológica” (p.11).

social do design seja multiplicada exponencialmente E aqueles comprometidos se tornem muito melhor informados sobre a natureza do social e sua inevitável conexão com o político.”<sup>26</sup> (DONAHUE *et al.*, 2011, p. 3). Este é um fato que ainda não parece ocorrer em muitos projetos de design, pois seu lado das intencionalidades diante de um quadro complexo não parece ser tão discutido.

Shana Agid (2011) questiona, principalmente, as relações de poder dentro da área mais social do design discutindo a superficialidade de muitos projetos. Uma de suas críticas vai para o livro sobre inovação social “Collaborative Services” de Ezio Manzini e François Jégou, que pouco debate, por exemplo, acerca do sistema capitalista, a resistência de governos e empresários em relação às inovações e a respeito da estratificação social. Também faz críticas ao método *human-centred design* (HCD) ao lembrar que projetar dentro de um contexto das e para as pessoas não quer dizer que suas soluções sejam endereçadas a acabar com problemas como a pobreza, questões ambientais ou com a violência (AGID, 2011).

Compreendemos que a maior crítica se dá no sentido de que tais projetos muitas vezes se dizem inovadores e buscam uma mudança na sociedade, mas sem discutir os atores e o contexto político envolvido para tanto. Essa autora conta uma história que saiu no *San Francisco Chronicle*, onde um estudante de design testou um protótipo de casaco/saco de dormir para moradores de rua com a finalidade de mantê-los aquecidos nas noites em que não conseguiam abrigo. O ponto importante aqui – que não é de forma nenhuma desmerecer o projeto – é o de se pensar qual o problema que estava sendo atacado. Não era a questão das pessoas que são sem-teto, mas, sim, o problema da hipotermia. A questão é se esse tipo de abordagem, mesmo sendo uma solução efetiva, não é mais uma remediação e perpetuação do modo como as coisas são do que uma mudança mais radical do paradigma. Novamente, se trata de saber as limitações as quais os projetos estão submetidos.

Seguindo nessa mesma linha, a inovação social, ligada ao design, pode receber críticas como as de autores como Matt Kiem (2011), que discute a falta de aprofundamento crítico nessa área. Este autor propõe uma importante diferenciação: “sociabilidade sempre será algo condicionado pelo design (...) é completamente outra coisa dizer que a inovação social e o design (como prática profissional e meio de

---

<sup>26</sup> “unless the activity of social design is to multiply exponentially AND those undertaking it become much better informed about the nature of the social and its inevitable connection to the political.” (DONAHUE, S., *et al.*, 2011, p. 3).

pensamento) é atualmente capaz de lidar, ou mesmo ter sentido, em questões contemporâneas de preocupação pública.”<sup>27</sup> (KIEM, 2011, p. 2). A questão por ele colocada é que para ocorrer uma mudança de ordem radical – visando mudar para um paradigma sustentável - seriam necessários debate e crítica acerca do papel político do design, além de repensar também questões sobre poder, como Agid (2011) também propunha. Tais pontos cegos podem tirar o foco para uma mudança sistêmica mais profunda e levar a uma permanência do *status quo*.

O que nos falta é o questionamento sobre os métodos utilizados e sua profundidade teórica. Uma das coisas que nos chama a atenção é que muitas vezes as ferramentas e métodos sofrem poucos questionamentos sobre seu alcance e suas possibilidades de atuação diante de suas fraquezas. Às vezes, parece que por algo ser “social” ou “verde” torna-se quase que automaticamente um bom projeto. Saber lidar e reconhecer suas limitações são partes importantes para entender das possibilidades de alcance de nossas ações.

Em resumo, a arte tem uma conexão com o design ao pensarmos, além dos termos estéticos, em intencionalidades, função e contexto. Isso confere mais significado e responsabilidade para suas ações, uma vez que se percebe a influência na vida de terceiros e na cultura. Trata-se menos de decorar épocas e estilos artísticos, como já mencionado, mas de buscar compreender o que tais criações traziam para seus momentos históricos. Repensar as ações em design é um passo importante para se entender como se pretende criar soluções. Essas reflexões ajudam a compor o quadro de onde enxergamos as possibilidades do design.

### **1.3 Imagens**

As imagens permeiam nossa história há muito tempo, contudo “Enquanto a propagação da palavra humana começou adquirir dimensões galácticas já no século XV de Gutenberg, a galáxia imagética teria de esperar até o século XX para se devolver.”, (SANTAELLA; WINFRIED, 1997, p. 13). A imagem ainda não possui uma ciência para ela e pesquisas são feitas dentro de um campo interdisciplinar. Dentro desse contexto, é que iremos nos aprofundar nessa questão visual.

---

<sup>27</sup> “sociability will always be something that is conditioned by design (...) is quite another thing to imply that social innovation and design (as a professional practice and way of thinking) is currently capable of addressing, or even making sense of, contemporary issues of public concern.” (p. 2).

A utilização de imagens como ferramenta - seja religiosa, política, mercadológica, dentre outras possibilidades – para nos ajudar a perceber o mundo é algo que se apresenta de maneira ampla e diversificada. Cores, formas, texto, padrões, texturas, composição estão por todas as partes espalhando mensagens no entorno. O modo como alguém se veste diz sobre uma personalidade e cultura, as ilustrações de nossos livros criam uma imagem comum, assim como os filmes, as fotos de modelos e produtos que nos rodeiam. A decoração de uma casa, as cores mais usadas em uma determinada época, assim como, as inúmeras imagens que vemos difundidas diariamente em redes sociais na internet, dizem muito sobre o nosso tempo. Enfim, é grande a lista de exemplos sobre o campo da visualidade e como este pode ser usado para disseminar ideias e informações através dos projetos elaborados com determinados objetivos.

O uso de imagens para provocar algum tipo de debate não é novo e nem incomum. Mas, hoje, com o uso frequente e cada vez mais disseminado de aparelhos, como televisores, *smartphones*, computadores e *tablets*, uma quantidade enorme de imagens circula diariamente. Válido lembrar: todas com suas intencionalidades, pois vivemos a experiência de estar dentro do contexto das imagens técnicas – imagens criadas por algum aparelho, como câmeras fotográficas -, como vislumbrado por Flusser (2008). Existem aquelas imagens que promovem a venda de produtos e/ou serviços, de estilos de vida, outras são de puro entretenimento, há aquelas que visam uma reflexão e ainda a divulgação de algum acontecimento. Dependendo do tópico e de como é sua abordagem, tais imagens são amplamente compartilhadas, principalmente nas plataformas das redes sociais. Há um dinamismo imenso onde o visual se insere.

No caso de transmitir informações, concordamos com Nathan Yau (2011) que diz que as visualizações populares que vemos em aulas e *blogs*, por exemplo, têm em comum o “contar de uma interessante história”, (YAU, 2011, pos. 83 de 6036<sup>28</sup>). O como contar essa história, qual parte deseja-se enfatizar e quais ferramentas usar ficam à critério daquele que projeta. Ainda concordamos com este autor em sua seguinte passagem: “Lembre-se, dados são uma representação da vida real. Não se trata apenas de um balde de números. Existem histórias nesse balde. Existe significado, verdade e

---

<sup>28</sup> Não utilizamos “página”, mas sim “posição”, por se tratar de livro digital sem a primeira opção.

beleza”<sup>29</sup> (YAU, 2011, pos. 92 de 6036). Além dos números, acreditamos também na beleza e profundidade de dados qualitativos – que serão utilizados na segunda parte dessa tese. Partindo desse ponto de vista, temos a oportunidade de trabalhar com informações que podem ajudar a contar um outra história.

Quanto às ferramentas para se trabalhar com dados, observou-se que existem diferentes possibilidades, principalmente, utilizando-se *softwares* (pagos ou livres, como, por exemplo, Gephi<sup>30</sup> e R<sup>31</sup>) para a produção de alguns tipos de representação visual. O conhecimento em programação é algo que ajuda a ter mais liberdade para criar uma visualização, pois permite ir além dos limites de um determinado programa e explorar novas combinações. Algumas ferramentas encontram-se *online* e são gratuitas, como as que estão nas plataformas *Many Eyes*<sup>32</sup> e o *Google Spreadsheets*<sup>33</sup>. No *Many Eyes*, por exemplo, pode-se enviar dados (ou escolher algum que já esteja no site) e optar por um modo de visualização, tais como: *word tree, tag cloud, phrase net, word cloud generator, bar chart, block histogram, bubble chart, scatterplot, matrix chart, network diagram, pie chart, treemap, country map, line graph e stack graph for categories*. Observamos que existem muitas possibilidades para se mostrar dados, principalmente, se são quantitativos. Isso significa que foi necessário inovar e arriscar um outro modelo de trabalho capaz de englobar dados qualitativos para a tese, visto que apresentar dados desse tipo tem um viés subjetivo e desafiador. Existem ainda possibilidades em *templates* (modelos prontos pagos ou livres) para ajudar na criação de novas visualizações.

A página *Information is Beautiful*<sup>34</sup> reúne diferentes formas de apresentar uma informação. Interessante notar que em um concurso internacional, em 2012, promovido pela mesma, foram apresentadas seis categorias. Entre elas encontramos *data journalism, interactive visualization, data visualization, infographic/infodesign, motion infographic, tool or website e information art* – curioso que neste concurso todas as categorias tiveram vencedores, exceto esta última, onde não houve trabalho que se

---

<sup>29</sup> “Remember, data is a representation of real life. It’s not just a bucket of numbers. There are stories in that bucket. There’s meaning, truth, and beauty”. (YAU, 2011, pos. 92 de 6036).

<sup>30</sup> *Open Source software* para visualização interativa e plataforma de exploração para todos os tipos de redes e sistemas complexos, <https://gephi.org/> (GEPHI).

<sup>31</sup> Software gratuito para computação estatística e gráficos, <http://www.r-project.org/>, (R).

<sup>32</sup> <http://www-958.ibm.com/software/analytics/manyeyes/visualize/test-7947/versions/1> (acesso em 04/01/2014). Contudo, essa versão foi remodelada para a página: <http://www-969.ibm.com/software/analytics/manyeyes/#/> (MANY EYES, 2015).

<sup>33</sup> <https://docs.google.com/spreadsheets/u/0> (GOOGLE).

<sup>34</sup> <http://www.informationisbeautiful.net/> (acesso em 25/04/2013).

encaixasse nos requisitos pré-estabelecidos. Essas divisões ressaltam como temos uma gama de possibilidades para representar informações e as dificuldades em certos enquadramentos.

A visualização pode ser tanto para apresentação de *resultados finais*, quanto para ajudar no *processo* para se chegar a algum resultado. É um meio para ajudar na troca de ideias entre as pessoas em torno de um tema comum dentro de diferentes possibilidades técnicas. Um site que oferece ideias de ferramentas visuais simples para uso em projetos é o *Service Design Tools*<sup>35</sup>. Lá podem ser vistas ideias de representações como mapa mental, mapa da jornada do cliente e a matriz com *touchpoints*. Tudo depende da informação que se deseja observar com mais apuro. E, alguns tipos de visualização, como o mapa mental, podem ser feitos por meio de sites ou aplicativos que oferecem o serviço de forma especializada.

Apesar de toda a vertente digital, a produção de visualizações por meios tradicionais é algo que nos chama a atenção. Por meio tradicional, entendemos a produção de imagens feitas primariamente com alguma técnica, como desenho, pintura, gravura, onde o artista diretamente cria através de suas observações, sem intermédio de um aparelho digital. Entre as utilizações de imagens baseadas em técnicas tradicionais, temos, por exemplo, os ilustradores científicos fazendo seus desenhos altamente especializados, o uso de esboços para representar ideias, exercícios de criatividade que contam com materiais tradicionais, como tintas e papel. Existem muitas e variadas opções artísticas que se complementam com o modo digital de se fazer as coisas. As imagens nessa tese são feitas a partir de meios tradicionais - como lápis, aquarela, guache, nanquim – e finalizadas digitalmente. É um modo de informar de um jeito artístico e de levar esse lado para uma área científica e de pesquisa. Uma das inspirações para decidirmos por essa opção tradicional veio dos estudos pessoais feitos em meus diários gráficos (cadernos onde se guardam cenas e momentos graficamente), caracterizados por Mário Bismarck citado por Eduardo Salavisa (2008) como “Melhor do que outra técnica artística, tende a deixar visíveis os vestígios gráficos do pensamento, facultando a legibilidade de uma memória visualizada, da sua procura da criação de sentidos.” (BISMARCK<sup>36</sup>, 2001 *apud* SALAVISA, 2008, p.16).

---

<sup>35</sup> <http://www.servicedesigntools.org/>, (TASSI *et al.*), acesso em 26/04/2013.

<sup>36</sup> BISMARCK, M. Desenhar é o desenho, In: *Os desenhos do desenho*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2001.



Complementando as ideias aqui expostas, observamos que ciência e arte não são opostas, elas se complementam. O seguinte trecho extraído de uma citação de Richard Feynman sobre uma conversa que teve com um amigo artista é bastante esclarecedora sobre este tópico:

Eu tenho um amigo que é um artista e que, às vezes, tem uma visão que eu não concordo muito. Ele segura uma flor e diz 'olha como isso é bonito' e eu vou concordar. Então, ele diz 'eu como artista posso ver como isso é bonito, mas você, como cientista, vê isso tudo em separado e isso se torna uma coisa boba', 'E eu penso que ele está meio maluco. (...) eu posso imaginar as células lá dentro, as suas complicadas ações, que também tem uma beleza. Quero dizer, ela não é somente bonita nessa dimensão, em um centímetro; existe também beleza em dimensões menores, a estrutura interna, também os processos. O fato que as cores na flor evoluíram para atrair insetos para polinização significa que os insetos também podem ver cores.'<sup>37</sup> (FEYNMAN, 2007, p. 11)

Por mais artístico e subjetivo que algo pareça, existe uma correlação com outras formas de conhecimento, onde um não anula o outro. Há muitas formas de se enxergar a beleza e a ciência ali embutida. Não há uma separação assim tão definitiva entre artistas e cientistas.

Outra visão que se une a essa relação, por vezes, conflituosa entre o pensamento em linha e o imagético é que um escrito pode parecer, a princípio, superior às produções de imagens, quando, em realidade têm abordagem diferentes. Santaella e Winfried (1997, p. 14) defendem que "o código verbal não pode se desenvolver sem imagens. Nosso discurso verbal está permeado de imagens". E as imagens que proliferam em quantidade hoje são resultado da escrita e da tecnologia que foi desenvolvida. Então, ambas se complementam e suas diferentes abordagens conseguem captar diferentes percepções do mundo. Como Flusser defende:

---

<sup>37</sup> "I have a friend who's an artist and has sometimes taken a view which I don't agree with very well. He'll hold up a flower and say "look how beautiful it is," and I'll agree. Then he says "I as an artist can see how beautiful this is but you as a scientist take this all apart and it becomes a dull thing," and I think that he's kind of nutty. (...) I could imagine the cells in there, the complicated actions inside, which also have a beauty. I mean it's not just beauty at this dimension, at one centimeter; there's also beauty at smaller dimensions, the inner structure, also the processes. The fact that the colors in the flower evolved in order to attract insects to pollinate it is interesting; it means that insects can see the color." (FEYNMAN, 2007)

Ao traduzirmos uma imagem em conceito, decompomos a imagem e a analisamos. (...) Os fatos são representados pelo pensamento imagético de maneira mais completa, e são representados pelo pensamento conceitual de maneira mais clara. As mensagens da mídia imagética são ricas e as mensagens da mídia conceitual são mais nítidas. (FLUSSER, 2007, p. 115).

As imagens se diferenciam de textos pelo modo como comunicam informações. O texto pode ser profundo e detalhista, enquanto uma imagem pode carregar inúmeras ideias. Uma imagem é uma forma de abrir possibilidades de interpretação e de conexões de ideias. É uma forma de expressão que se soma ao modelo tradicional da escrita. Essa é uma proposta que essa pesquisa pretende seguir, visando produzir imagens baseadas em conteúdo conceitual científico. Em outras palavras, seguimos uma trilha muito próxima ao que Flusser antevia como futuro na época das imagens, quando escrevia que a:

maneira mais fácil de se imaginar o futuro da escrita — se houver continuidade da tendência atual em direção a uma cultura de tecno-imagens — é pensar aquela cultura como um gigantesco transcodificador de texto em imagem. Será um tipo de caixa-preta que tem textos como dados inseridos (input) e imagens com resultado (output). Todos os textos fluirão para essa caixa (notícias e comentários teóricos sobre acontecimentos, papers científicos, poesia, especulações filosóficas) e sairão como imagens (filmes, programas de tv, fotografias) (FLUSSER, 2007, p. 146).

Ou seja, nosso passo a passo rumo à produção de imagens segue a previsão flusseriana de fomentar tal criação com o texto como combustível. Os produtos 1 e 2 são o resultado desse caminho percorrido.

Pode-se alegar que esse não é um meio formal científico para se demonstrar as coisas e que é *soft* para tal exposição. Mas, se o mundo é complexo, isso significa que dados *soft* e *hard* se misturam para configurá-lo. Da mesma forma, ignorar o poder das artes, do desenho e das imagens na ciência e no projeto é uma forma de não aproveitar toda a complexidade que temos a nossa volta dentro do mundo acadêmico. Para tanto, deixamos claras as nossas intenções e teorias que fundamentam essa pesquisa, caminhando pelo objetivo e subjetivo, mas demonstrando nossas influências e bases que nos sustentam.

Entre as diferentes formas de se expressar através de imagens, observamos três livros<sup>38</sup> de Edward Tufte (1997) que focam, respectivamente, em dados quantitativos (números), informações baseadas em palavras (como mapas, por exemplo), e verbos (representação de mecanismos e processos). Nesse último, encontramos o conceito de aglomeração<sup>39</sup> (*confection*) que o autor utiliza para denominar tipos de imagens que combinam muitos eventos – sendo “evento” denominado como *quando algo acontece* (verbo) -, ilustrando um argumento, comparações, podendo combinar o real e o imaginário, nos contar uma outra história (TUFTE, 1997). A aglomeração é a produção de uma imagem que traz o esboço de ideias complexas, podendo advir de um texto, trazendo à tona pontos não muito claros, podendo ir além das palavras, contribuindo com *insights*. Seguimos com a definição:

Aglomerações trazem imagens para mostrar informação visual, frequentemente, exprimível em palavras e derivadas de palavras. Aglomeradores cortam, colam, constroem, e coordenam miniaturas de teatros de informação - uma arte cognitiva que serve para ilustrar um argumento, uma percepção, explicar uma tarefa, mostrar como algo funciona, listar possibilidades, narrar uma história (TUFTE, 1997, p. 138).

A qualidade de uma imagem desse tipo recai sobre a profundidade dos conceitos abordados, “como ilumina ideias e a relação entre essas ideias<sup>40</sup>” (TUFTE, 1997, p. 141). Seu limite recai sobre o uso de uma lógica consistente, do conteúdo, riqueza de anotações textuais (apesar de que nesse trabalho evitaremos a mistura de texto e imagem, preferindo manter a imagem única para ser trabalhada em debate) e um bom arranjo da estrutura. Não necessariamente a mescla de muitos eventos significa um trabalho de qualidade. Aglomerações citadas por esse autor levam em conta quadros, desenhos - incluindo aquarelas - e pôsteres. Desse modo, podemos localizar as imagens criadas na tese como aglomerações, já que provém de texto, trazendo conceitos e argumentos em sua concepção. Em outras palavras, tentamos contar uma história através das imagens criadas na segunda parte desse trabalho.

---

<sup>38</sup> The Visual Display of Quantitative Information, Envisioning Information e Visual Explanations.

<sup>39</sup> Decidimos por traduzir como “aglomeração” pelo conceito em inglês trazer a ideia de um *conjunto, um combinado* de muitos eventos visuais selecionados para dar forma a um argumento, processo.

<sup>40</sup> “Confections stand or fall on how deeply they illuminate ideas and the relations among those ideas.” (TUFTE, 1997, p. 141)

As imagens estão onipresentes em nosso dia a dia, seja porque as procuramos ou porque elas aparecem ao nosso redor – como em propagandas na rua, nas roupas das pessoas, nas cores de um prédio. A escrita fomenta e colabora com a proliferação de conteúdo visual. No meio desse turbilhão, temos esse trabalho que pretende conectar ciência e arte, refletindo e agindo sobre o design gráfico e seu papel mediador na sociedade, visando uma conscientização crítica. É um universo de imagens técnicas, onde todos (ou muitos de nós) têm a possibilidade de programar e de serem programados (FLUSSER, 2008) de influenciar e serem influenciados.

#### **1.4 Conceito de desenvolvimento**

Nesta seção, iremos discorrer sobre o conceito de desenvolvimento com o qual desejamos trabalhar. A apresentação desse tópico seguirá o processo seguido durante os estudos dessa tese, partindo da ideia de um desenvolvimento sustentável – suportado por busca com autores na área do design – e passando para um desenvolvimento voltado para a lógica da pró-atividade das pessoas. Acreditamos que essa demonstração de nossa linha de raciocínio se mostra importante para o entendimento da coerência das escolhas desse trabalho e da metodologia desenvolvida. Importante ressaltar que quando refletimos sobre esse tema, pensamos o desenvolvimento como um grande projeto.

Quando se pensa em desenvolvimento hoje, muitas vezes, se cai na questão da sustentabilidade, tema que ganhou destaque nos últimos anos, não só no meio acadêmico, mas nos âmbitos político e econômico também. Contudo, tal destaque não quer dizer que mudanças efetivas estejam ocorrendo, mas sim, um aumento da visibilidade da questão.

A sustentabilidade é um termo que consideramos interligado à questão cultural contrapondo o modelo de desenvolvimento de alto consumo adotado em muitos lugares do globo. Aquilo que vemos como os principais problemas, tais como a produção enorme de lixo, a devastação de florestas e mares, a busca contínua por fontes de energia, água e matérias-primas, por exemplo, representam *sintomas* dessa problemática cultural, que favorece o alto consumo dos recursos naturais, como visto no documentário *The 11<sup>th</sup> hour* (CONNERS, PETERSEN, 2007). Os objetivos são focados em ações que estimulam um estilo de vida – dentro de um modelo de desenvolvimento -

com valores consumistas, que tem causado danos ambientais sérios. Tal desequilíbrio tem afetado o planeta, mas também a vida humana.

Esse tema apresenta diferentes correntes podendo focar mais no quesito econômico, político ou ambiental, por exemplo. A percepção aqui adotada é uma possibilidade. Talvez, ainda mais complicado do que partilhar uma visão sobre o que é a sustentabilidade seja pensar o que seria um desenvolvimento sustentável. É muito complicado direcionar diferentes atores (governos, empresas e sociedade) rumo a um objetivo comum de longo prazo. Para agravar essa situação, essa palavra tem sido usada de forma tão indiscriminada que há uma banalização em seu uso. Contudo, pode-se fomentar o debate entre as pessoas para que algum consenso possa, um dia, acontecer.

De fato, é realmente difícil dizer o que seria um desenvolvimento nesse novo modelo, que vai apenas o crescimento pelo crescimento (o crescimento econômico eterno baseado no alto consumo), principalmente, de desejos que parecem necessidades. A sustentabilidade é um objetivo e pode ser encarada como um norte, um guia. Em outras palavras, não nos parece ser algo delimitado e com fim acabado, mas algo que direciona o caminhar. Pode funcionar como um projeto, onde enxerga-se um contexto, suas restrições, metas, dados e persegue-se um resultado denominado como “sustentável”. Pode ser que daqui a uns anos, este objetivo tenha até outro nome, mas toda visão de desenvolvimento é um tipo de projeto, um projeto coletivo que determinamos para nós mesmos através das escolhas diárias que fazemos. Logo, não só governos e empresas têm papel relevante neste processo, mas o comportamento também **das pessoas** e como se vêm dentro da cultura tem seu peso.

Concordamos que “Quanto mais lotada a agenda total e quanto mais frequente as emergências chegam, o mais provável que as decisões de médio e longo prazo sejam negligenciadas.”<sup>41</sup> (SIMON, 2011, p. 161), porém isso não nos tira o interesse numa visão de mudança mais profunda e demorada. Ao repensarmos esta proposta, vemos que “Uma paradoxal, mas talvez realista visão dos objetivos do design seja que sua função é motivar atividade que, por sua vez, gerará novos objetivos”<sup>42</sup> (SIMON, 2011, p. 162). Nossa atuação neste trabalho pode ser vista como um pequeno começo para que um objetivo maior possa ser atingido. Sendo um projeto que se foca na mudança através da problematização do contexto – em um viés educativo -, esperamos que aos poucos

---

<sup>41</sup> “The more crowded the total agenda and the more frequently emergencies arise, the more likely it is that the middle-range and long-range decisions will be neglected.” (p. 161)

<sup>42</sup> “A paradoxical, but perhaps realistic, view of design goals is that their function is to motivate activity which in turn will generate new goals.” (p. 162).

possa servir para atingir novos projetos e ações dentro de uma perspectiva do diálogo e da participação, o que nos parece uma estratégia palpável.

Ao focarmos no design, podemos encontrar diferentes correntes de estudos e pensamentos que interagem e concorrem hoje em um contexto de reflexão sobre a sustentabilidade. Prescrições do que se deveria fazer em relação a esse tema podem ser encontrados em publicações como *Cradle to Cradle*, em que McDonough e Braungart (2002) – estes autores não são especificamente do design, mas falam de projeto - se posicionam acerca do modo como as coisas são produzidas e indicam posturas dentro de um projeto, tais como diminuir a quantidade de substâncias tóxicas lançadas no ar, solo e águas todos os anos (McDONOUGH, BRAUNGART, 2002). Esses autores focam em design, produção e meio ambiente, o que tem relação com o atual momento de questionamento dos meios de produção e economia diante dos diversos danos ambientais.

Há uma grande influência da corrente europeia, como as ideias publicadas pelo acadêmico italiano Ezio Manzini (2008), sobre sustentabilidade e inovação social, por exemplo. Novos modos de organização, de pensar o bem-estar das pessoas e um design que fomente e seja feito *com* esses indivíduos são alguns dos pontos que norteiam suas ideias<sup>43</sup>. É uma vertente que possui bastante aceitação no meio acadêmico do design de hoje. Mas, como visto anteriormente, apesar de uma corrente forte, esta também sofre críticas pela sua parte teórica, que não abrange questões políticas e intencionais nos projetos, por exemplo.

Por outro lado, em outra corrente, temos ideias como as de Tony Fry, professor australiano. Ele filosofa e questiona conceitos em voga, criando outros que se adéquam ao seu entendimento. O próprio conceito de sustentabilidade por ele é criticado, sendo substituído pelo termo *Sustainment*, que “pode ser entendido como a base ética e conceitual para todas as práticas (incluindo o design) redirecionando e refazendo meios materiais e intelectuais para avançar o momento e o processo que é o *Sustainment*.” (Fry, 2002, p. 46). Este autor dá ênfase à questão ético-política dentro das nossas ações

---

<sup>43</sup> Interessante que algumas das ideias vistas hoje dentro da inovação social visando outro modelo de desenvolvimento já podiam ser vistas em anos anteriores, inclusive no Brasil. No artigo, de 1980, “Como projetar de baixo para cima uma experiência na favela” de Carlos Santos, citado por Licia Valladares (2005) fica claro uma conexão entre as ideias sobre projeção com a colaboração entre profissionais e moradores de uma localidade.

em design e tem um posicionamento diferente daquele colocado por outros colegas, principalmente, europeus<sup>44</sup>.

Continuando com a exposição de autores, Jorge Frascara, acadêmico argentino, em seu livro “Diseño Gráfico para la gente” de 1997, traz um foco sob as ações do design gráfico, comunicação de massa e mudança. Exemplos de campanhas educativas, como as de trânsito, são apontadas pelo autor como exemplo para fomentar uma visão mais “social” do design. Aponta claramente a forte influência que o design tem dentro da sociedade para reduzir problemas sociais e para a provisão de serviços necessários para as pessoas (FRASCARA, 1997). Além disso, a utilização de dados quantitativos e qualitativos visando essa função é enfatizada pelo autor.

Esses são alguns exemplos que, na verdade, parecem-nos mostrar diferentes discursos sobre como deveríamos agir e pensar o design dentro de um contexto social, ambiental, político e econômico complexo. Há muito o que se discutir sobre as possibilidades dentro da atuação do design e como podem ser postas em prática as suas soluções visando um determinado desenvolvimento.

Ideias como promover o bem-estar em um contexto sustentável ou proporcionar práticas de redirecionamento de acordo com o que achamos correto faz lembrar as ideias dos primeiros reformistas na Inglaterra que buscavam melhorar o gosto das pessoas através de princípios por eles estipulados (CARDOSO, 2008). Por mais que haja boas intenções, essas soluções buscam “o ideal”, mas não possuem como objetivo estimular o pensamento crítico e as escolhas de cada um. Exemplos atuais disso aparecem quando se fala em reciclagem ou na compra de produtos agrícolas orgânicos, tendo estes se tornado quase que automaticamente positivos e ideais, contrapondo-os com outros modelos vistos como “vilões”. Há uma polarização nas ações, porém sem muita profundidade no debate. Promover o bem sem questionar o todo e entender a rede complexa que subexiste é como partir para um outro extremo, que radicaliza o discurso do “ser bom”, sem saber, muitas vezes, os prós e contras de suas escolhas. As coisas não se tornam automaticamente boas ou ruins, elas sempre têm nuances e questionamentos,

---

<sup>44</sup> Aproveitando esse ponto sobre o pensamento europeu, é relevante lembrar que sofremos uma grande influência eurocêntrica e também americana no modelo de pensamento *mainstream* acadêmico. Podemos comprovar isso a partir da percepção dos tipos de publicações em artigos em revistas internacionais (muita vez dessas regiões) que dominam o contexto científico do design. A perspectiva costuma ser a dessas localidades acadêmicas. Como expressado no parágrafo anterior, existem autores que expõem outras ideias, como Fry (2009), porém são mais difíceis de serem encontrados por nós. Se forem visões asiáticas, africanas, sul-americanas o acesso nem sempre é fácil e a questão se torna mais complexa, muitas vezes, pelas já marcadas influências dos grandes centros e pelos processos da produtividade acadêmica, direcionada, principalmente, pelos artigos em revistas internacionais.

benefícios e efeitos colaterais. O pensamento científico está aí para ajudar a esclarecer essas questões. Por fim, trata-se de como cada um se posiciona e defende suas perspectivas dentro dessas variáveis.

Entender a raiz do problema pode nos ajudar a procurar soluções possivelmente mais efetivas. Achar, por exemplo, que tudo se reduz à produção de lixo nos levaria a pensar que logística reversa e reciclagem poderiam ser *as* soluções para a sustentabilidade, como aparece muitas vezes alardeado de forma simplista nas mídias de massa. Essas ações, claro, ajudam na questão, mas sem uma mudança cultural sobre o alto consumo e necessidades criadas, a produção de lixo continuará a crescer. Não se costuma questionar o modelo de desenvolvimento, mas torná-lo ainda mais eficiente. Em outras palavras, isso seria uma solução? Sim. É uma solução para um desenvolvimento sustentável? Alguns podem dizer que sim, pois podem argumentar que este seria um passo possível para que se alcancem melhorias hoje que podem significar uma mudança maior no futuro (tal como argumentamos quanto ao poder do design nesta tese: promover novos objetivos através de alguma primeira ação), como uma tendência para novos tempos. Mas, essas soluções são muitas vezes focadas na técnica e na tecnologia, desconectando-as de uma interação social e situada. O desmembramento entre a parte social (cultura, comportamento) e a tecnológica não favorece e não parece uma saída para questões relativas ao desenvolvimento.

Melhorar, por exemplo, o aproveitamento de combustíveis nos carros particulares pode ser bom para responder à questão da energia e diminuição do lançamento de CO<sub>2</sub>, porém o que pôde ser visto foi uma crescente na venda de automóveis, com recordes fomentados pelas próprias ações do governo federal<sup>45</sup>. Não se questiona a lógica do crescimento pelo crescimento, mas sim, há seu reforço para que a mesma perdure por mais tempo, beneficiando, principalmente, grandes empresas e o movimento da economia tradicional. As mensagens das mais variadas instituições e empresas confundem desejos, felicidade e necessidade. Há um conflito entre o que determinadas políticas causam efetivamente como resultado social, econômico e ambiental.

---

<sup>45</sup> Como podemos ver nesta reportagem de 25/10/2012, no portal G1: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2012/10/prorrogaao-do-prazo-do-ipi-reduzido-para-carros-anima-vendedores-de-se.html> (PRORROGAÇÃO, 2012)



A construção de usinas, como a de Belo Monte, no Norte do país, são capazes de suscitar debates e brigas judiciais em torno dos impactos socioambientais<sup>46</sup>. Porém, pouco se discute sobre a relação entre um estilo de vida de alto consumo - que necessita de cada vez mais energia - com a necessidade de fazer novos projetos que impactam no meio ambiente. Há uma contradição entre o discurso a favor do meio ambiente e o modelo de desenvolvimento adotado. Ação sem reflexão não é capaz de promover uma prática que, de fato, questione pontos mais profundos em nossa sociedade.

Temos também o projeto “Lixo Zero” na cidade do Rio de Janeiro, que vem sendo implementado desde agosto de 2013. Esse programa prevê a aplicação de multas para pessoas que descartem de forma irregular lixo em locais públicos (LIXO, 2015)<sup>47</sup>. Trata-se de um meio prescritivo de se dizer o que é certo e errado na vida coletiva. Muitos podem até gostar dessa atitude do governo, porém, esse exemplo de “educação” imposta não é a mais interessante para a percepção das pessoas como sujeitos ativos dentro de uma sociedade. Até a possível falta de lixeira nas ruas se torna desculpa para que as pessoas descartem seu lixo de modo irregular, o que parece ser um argumento vulnerável se, realmente, entendêssemos a importância de uma atitude coletiva positiva, em relação ao bem público. Como Paulo Freire afirma em seu livro: “O diálogo problematizador não depende do conteúdo que vai ser problematizado. Tudo pode ser problematizado.” (FREIRE, 2011b, p. 67-68). Ou seja, o papel de bala que se joga nas ruas - assim como os outros exemplos descritos - poderia ser fonte dessa problematização: de todo um modo de educar, de pensar e de como nos relacionamos em sociedade e, conseqüentemente, lidamos com nossa visão de desenvolvimento.

Parece-nos que muito daquilo feito hoje com viés sustentável possui uma visão essencialmente tecnológica e/ou prescritiva. Freire (2013b) evidencia a falsa dicotomia entre humanismo e a tecnologia. Como ele pontua não podemos nos enganar com esta falsa ideia de que ambos são conflituosos entre si:

Se meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais vou me instrumentando para melhor lutar por esta causa. Por isso também não posso reduzir o homem a um

---

<sup>46</sup><http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/01/saiba-como-andam-os-compromissos-dos-construtores-de-belo-monte.html> (SAIBA, 2014).

<sup>47</sup> Descrição no endereço: <http://www.rio.rj.gov.br/web/gmrrio/lixo-zero>.

simples objeto da técnica, a um autômato manipulável (FREIRE, 2013b, posição 249)

Se o compromisso só é válido quando está carregado de humanismo, este, por sua vez, só é consequente quando está fundado cientificamente (FREIRE, 2013b, posição 226).

Um desenvolvimento dito mais sustentável necessita não só de um conhecimento técnico sendo explorado, mas que o lado humano/dialógico também seja valorizado nesse processo. Contudo, não é fácil essa conexão entre quem projeta e oscila entre objetivos e uma dada realidade local. O seguinte trecho de Watson (2006) fala sobre as dificuldades enfrentadas dentro da questão do planejamento ao lidar com diferentes grupos que têm posições conflituosas:

Em algumas situações, nos encontramos lidando com lacunas, aparentemente, irreconciliáveis, entre diferentes ‘comunidades’ ou grupos, ou entre especialistas planejadores e aqueles para quem se planeja, onde não existe uma esperança óbvia de construção de diálogo ou de alcançar um consenso, e onde visões de mundo e o próprio significado de desenvolvimento e progresso diferem<sup>48</sup> (WATSON, 2006, p.32)

A noção de cada sítio de pertencimento relacionada à ideia de desenvolvimento é bastante complicada. No exemplo da Santa Marta, pôde-se observar com mais força assimetrias de poder, visões de mundo e objetivos diversos fomentando percepções divergentes dentro do nosso contexto urbano. A deliberação e debate nesse ambiente é algo que entendemos como muito relevante, ao menos para compreendermos os conflitos estruturais de interesse que precisam de uma atenção mais profunda (WATSON, 2006).

Chegamos a um ponto onde não desejamos tratar tanto da busca pelo “desenvolvimento sustentável” nesta tese, mas, sim, de um desenvolvimento que habilite as pessoas a fazerem escolhas mais bem informadas, tendo a possibilidade de serem (mais) proativas em seu próprio contexto. Ou seja, entendemos que não podemos delinear um projeto comum de futuro sustentável de maneira simples e que é muito difícil sequer pensar em algo comum e “bom” para as pessoas para ser posto em prática.

---

<sup>48</sup> “In some situations we find ourselves dealing with seemingly irreconcilable gaps, between differing ‘communities’ or groups, or between expert planners and those planned for, where there is no obvious hope of constructing dialogue or reaching consensus, and where world-views and the very meaning of development or progress differ” (Watson, 2006, p.32).

Dizer via projeto o que significa ser “bom” em um contexto de busca por um modelo “melhor” é uma responsabilidade imensa e que necessitaria de muito estudo fora do campo do design para ser efetivado. O que podemos fazer recai, novamente, na possibilidade que o design tem de fomentar um ambiente propício para trocas de ideias e do reconhecimento do outro e do seu contexto, possibilitando uma participação mais ativa das pessoas. E como as interações podem ocorrer.

Caminhamos em certo sentido, na lógica do desenvolvimento de Amartya Sen (2000) que conecta esse processo não somente com medições do Produto Interno Bruto (PIB) ou o aumento da renda pessoal, por exemplo, mas com a promoção das liberdades humanas (SEN, 2000). Olhar o desenvolvimento por esse lado mais amplo, onde diferentes liberdades (como acesso à educação básica e serviço de saúde) traz a importância do papel de agente dos indivíduos, que é “alguém que age e ocasiona mudança e cujas realizações podem ser julgadas de acordo com seus próprios valores e objetivos, independentemente de as avaliarmos ou não também segundo algum critério externo” (SEN, 2000, p. 33). O estudo apresentado aqui tenta fortalecer a relevância do papel pró-ativo das pessoas através do estímulo do pensamento crítico e debate via metodologia em design. Um exercício que visa estimular e reforçar o poder de cada um para tomar decisões e influenciar em soluções.

Através desse olhar do design de um ponto de vista mais dialógico propomos um modelo de desenvolvimento construído desse caldeirão de possibilidades. E que pode ser algo que nos ajude a chegar em algum ponto mais próximo do equilibrado. Com essa ação pretende-se repensar e procurar por mudanças no padrão cultural no qual nos inserimos. Illich tem uma visão interessante sobre a industrialização do homem ao descrever que “A conseqüente industrialização do homem só pode ser invertida se a função de convívio da linguagem for recuperada, mas com um novo nível de consciência.”<sup>49</sup> (ILLICH, 1973, p. 99).

Pretendemos mostrar o design dentro da perspectiva da liberdade para um outro desenvolvimento, que ajude as pessoas a serem sujeitos de sua história, o que não, necessariamente, implica numa mudança radical, pois sua vontade pode ser, simplesmente, a de se conformar com as coisas. Mas, é um caminho para se pensar diferente. A partir do momento em que vemos a liberdade como objetivo de nosso desenvolvimento, vemos que o design pode sim ajudar nessa mudança cultural, que

---

<sup>49</sup> “The consequent industrialization of man can be inverted only if convivial function of language is recuperated, but with a new level of consciousness.”, (ILLICH, 1973, p. 99)

pode nos levar a mais diversidade (de ideias, padrões) e a um modelo diferente desse que temos hoje, que muitas vezes tende à massificação diante dos processos, novas tecnologias e problemas. Quando enfatizamos a questão da liberdade seguimos a seguinte visão:

Pode ser que a consciência da temporalidade de toda a criação (...) contribuirá para uma situação futura em que as coisas vão ser concebidas de modo um pouco mais responsável, resultando em uma cultura com cada vez menos e menos espaço para objetos de uso que atuem como obstáculos e mais e mais espaço para que sirvam como veículo para o contato interpessoal. Uma cultura com um pouco mais de liberdade.<sup>50</sup> (FLUSSER, 2009, p. 61)

Ou seja, uma cultura onde os esforços do design podem conectar pessoas e gerar informação nova.

Tal percepção se relaciona com a ideia de que o homem está inserido em um determinado contexto, em um ponto situado – por isso, o “situado” em nosso título. Está dentro de um “espaço vivido”, onde vive sua multiplicidade e singularidade (ZAOUAL, 2006). Projetar focando na comunicação das pessoas está conectado ao reconhecimento de valores e costumes locais. Explícita ou implicitamente, essa localidade e suas formas de ser compõem a moldura onde se dão as relações. Percebemos o homem dentro dessa moldura que o integra e no qual ele interage, que Hassan Zaoual intitula de **sítio de pertencimento**, que pode ser entendido como:

‘uma caixa preta’ que contém mitos fundadores, valores, revelações, revoluções, sofrimentos e experiências do grupo humano em questão. É o aspecto simbólico, frequentemente oculto, das práticas locais. (...) sua ‘caixa de ferramentas’ contendo seus modos de organização, seus modelos de comportamento e de ação, seu saber-fazer, suas técnicas, etc. O senso comum que o sítio dá a seu mundo percorre o conjunto dessas ‘caixas’, nenhuma delas estando isolada do restante. (ZAOUAL, 2006, p. 33)

---

<sup>50</sup> “It may be that consciousness of the temporality of all creation (even that of the material designs) will contribute to a future situation in which things will be designed a bit more responsibly, resulting in a culture with less and less room for objects of use to act as obstacles and more and more room for them to serve as vehicles for interpersonal contact. A culture with a bit more freedom.” (FLUSSER, 2009, p. 61)

Ou seja, é ver o homem dentro de um campo de relações que leva em conta, por exemplo, sua cultura e comportamento que o fazem ter uma identidade local. Isso cria um visãõ diversa, muito além de um olhar pontual ou de uma verdade única.

A ideia de “sítio”, de um lugar “situado”, é vinculada na tese por meio do estudo da favela Santa Marta. Queremos contextualizar uma situação bastante específica da nossa cidade, desejando observar uma variedade de temas pelo olhar desse sítio. Buscamos pelo *homo situs* descrito por Zaoual como “um conceito de natureza empírica, na medida em que impõe como imperativo primeiro pensar o homem em situação, conforme toda sua diversidade e sua profundidade.” (2006, p. 50). Procuramos profundidade nas reflexões desse contexto situado. O pertencimento passa pelo modo como os indivíduos se conectam ao seu sítio e se colocam como sujeitos dentro dessa história. Há movimento e evolução contínuos, combinando o individual e o coletivo em variados aspectos.

Escolhemos projetar considerando essa visãõ ampla sobre o homem e sua relação com o mundo. Pretendemos extrair uma multiplicidade de visões que compõem essas “verdades locais” (ZAOUAL, 2006) para que o resultado final (imagens) seja um projeto que considere a diversidade e riqueza de um contexto. Trazer essa perspectiva fortalece a questão do diálogo e da liberdade, ao focarmos em uma compreensão de diferentes lógicas de estar e ser.

Vale pontuar que além da questão do papel ativo das pessoas, são necessários outros pontos para que mudanças efetivamente ocorram. O alcance desse trabalho é limitado por conta dessa questão e se torna uma proposta dentro de muitas ações que podem ocorrer. De acordo com Sen: “Existe uma acentuada complementaridade entre a condição de agente individual e as disposições sociais” (2000, p. 10). Existem questões sociais, políticas, econômicas e institucionais que permeiam essa problemática complexa e que também devem ser pensadas, mas que não nos aprofundaremos aqui.

Voltando à questão dos indivíduos, se estes quiserem que o modelo atual de desenvolvimento perdure é uma escolha a ser respeitada. Nosso ponto de vista é que designers podem trabalhar prescrevendo o certo e o errado para os outros, através de seus projetos, mas também podem projetar para que cada um tire suas conclusões e atue como acredite ser a forma mais adequada, dentro do contexto de sujeito (ativo) e não apenas objeto (passivo) (FREIRE, 2013a) de uma situação. Concordamos com Freire (2013b, posição 336): “O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode

ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém.”. A chave aqui é ajudar as pessoas a criarem e imaginarem uma vizinhança, uma cidade, um mundo. O design é ferramenta visual, para a promoção do diálogo e do pensamento crítico, metodologicamente organizado, para tanto.

## Capítulo 2: Design e Desenvolvimento: uma prática da liberdade

Pretende-se explorar nessa segunda seção, a mescla entre os principais conceitos apresentados e ideias que os conectam. Sendo que, o que une de forma mais forte os diferentes temas – design, pensamento crítico, imagens – é o diálogo. Ele é a “costura” que liga as ideias de um design como prática da liberdade.

Primeiramente, discutiremos algumas ideias sobre ética e responsabilidade, seguida por uma breve ponderação sobre diversidade nos discursos que nos rodeiam e nas instituições. Esse trecho servirá para enfatizar a importância da existência de discursos diferentes circulando, ao invés de uma homogeneidade consistente e nem sempre inovadora. Novas vozes e meios para disseminar essas possibilidades e fomentar o novo são necessários para um ambiente mais propenso à mudanças mais profundas.

A seguir, será discutida a capacidade do design atuar de forma a criar enunciados para questões. Ou seja, antes de resolver um problema, por qual(is) ângulo(s) podemos observá-lo? Como repensar certas problemáticas? Desse ponto de vista, o design pode ajudar na elaboração das perguntas (problematização) e soluções. Abaixo, Figura 4 segue com o resumo desse capítulo.

### Capítulo 2. Design e Desenvolvimento: uma prática da liberdade

---

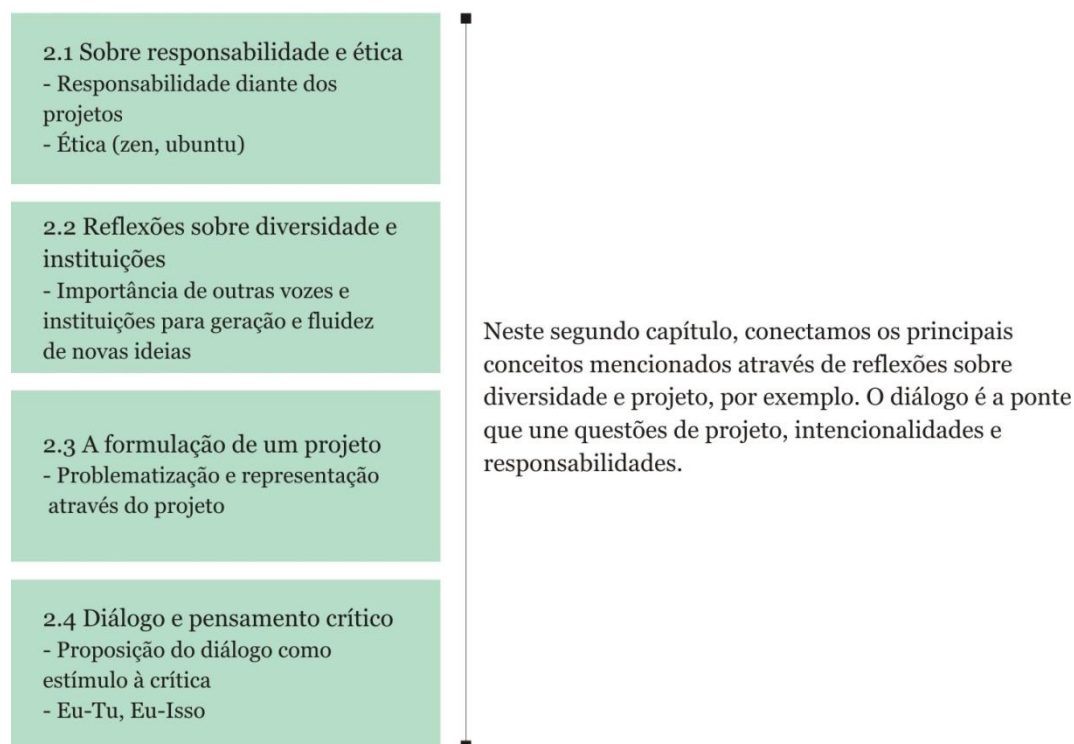


Figura 4. Resumo do capítulo 2.

## 2.1 Sobre responsabilidade e ética

Reflexões sobre responsabilidade precisam ser feitas antes da ação de criar soluções. Através disso pode-se antever muitas coisas que precisam ser feitas, com quem e para quem. Papanek (1985) deixa bem clara sua visão ampla sobre a responsabilidade do designer, pois, esta para ele, não reflete apenas o quanto determinado projeto afeta um mercado e seus atores. Ele identifica que a responsabilidade do designer começa, a partir do julgamento se um projeto irá beneficiar o lado social ou não, sendo um complemento ao que o mercado pode oferecer. Existem autores que observam de forma mais promissora o mercado, como os já mencionados autores Braungart e McDonough (2002) em *Cradle to Cradle*, que têm demasiada crença na tecnologia conectada a um viés ambiental.

A reflexão com a qual partimos é que todo projeto implica em uma resposta para um problema no qual o projetista se coloca como responsável por outros. Com isso em mente, seguimos com a seguinte questão: “como posso configurar esses projetos para que ajudem os meus sucessores a prosseguir e, ao mesmo tempo, minimizem as obstruções em seu caminho?” (FLUSSER, 2007, p. 195). Essa pergunta pode ser feita para qualquer projeto, material ou imaterial, quando pensamos sobre a responsabilidade embutida nas soluções criadas.

A saída encontrada para a pergunta acima é respondida pelo mesmo autor com outra pergunta: “posso configurar meus projetos de modo que os aspectos comunicativo, intersubjetivo e dialógico sejam mais enfatizados do que o aspecto objetivo, objetual e problemático?” (FLUSSER, 2007, p. 195). Ou seja, uma resposta projetual pode ter diferentes características, entre elas o estímulo à geração do diálogo, influenciando na liberdade dentro da cultura. Essa seria uma resposta que poderia obstruir menos o caminho dos homens e abrir mais espaço para que coisas novas possam acontecer. Precisamos, em uma visão simplificada, de uma sociedade onde haja equilíbrio entre discursos (preservação de informações) e diálogos (onde a novidade pode surgir), pois ambos se complementam na sociedade. O exagero de um ou outro reflete momentos mais ou menos autoritários / participativos, respectivamente.

A abordagem flusseriana sobre como deveríamos encarar o projeto advoga pelo oferecimento de mais liberdade entre as pessoas através da mediação daquilo que dispersamos na cultura (projeto), o que se relaciona com a forma em que nos apoiamos em Freire e sua metodologia para alfabetização (que ainda será discutida). Flusser



descreve sua percepção sobre as mediações feitas por objetos de uso na seguinte passagem: “objetos de uso, portanto, são mediações (mídia) entre eu e outras pessoas, e não apenas objetos<sup>51</sup>” (2009, p. 59). Aquilo que criamos tem a capacidade de criar relações entre os indivíduos e, a partir desse ponto, gerar algo que vá em direção a uma proposta mais libertadora.

os novos meios, da maneira como funcionam hoje, transformam as imagens em verdadeiros modelos de comportamento e fazem dos homens meros objetos. Mas os meios podem funcionar de maneira diferente, a fim de transformar as imagens em portadores e os homens em designers de significados (FLUSSER, 2007, p. 159)

Em um contexto onde nos vemos rodeados por programas e suas possibilidades boas e ruins – seja através do entretenimento televisivo, das máquinas fotográficas, dos *softwares* de todos os tipos -, Flusser (2007) questiona seus limites. A liberdade de decisão ficaria circunscrita em uma determinada gama de escolha possíveis nesses programas, que podem ter tantas possibilidades que nos fazem achar que estamos totalmente livres nas decisões. Como o autor menciona “O totalitarismo programador, se estiver algum dia consumado, nunca será identificado por aqueles que dele façam parte: será invisível para eles” (FLUSSER, 2007, p. 65). Sob esse olhar, estimular a participação e diálogo através das criações é um passo importante e uma contribuição que pode dar um olhar crítico a um indivíduo. A grande responsabilidade, dentro das intencionalidades do design, reside nesse ponto. É uma ética que parta de uma visão mais ampla conecta-se à essa percepção do projeto.

Então, se podemos escolher entre projetos prescritivos (sujeito passivo) e projetos que busquem a atividade das pessoas (sujeito ativo), preferimos trabalhar com estes últimos. Esta visão se conecta com a de Illich sobre a convivialidade, definida por ele como:

Eu escolho o termo ‘convivialidade’ para designar o oposto de produtividade industrial. Pretendo que isso signifique uma relação autônoma e criativa entre as pessoas, e a relação entre pessoas e seu ambiente (...) Eu considero

---

<sup>51</sup> “objects of use are therefore mediations (media) between myself and other people, not just objects.” (FLUSSER, 2009, p. 59)

convivialidade como liberdade individual percebida na interdependência e, por isso, um valor ético intrínseco.<sup>52</sup> (ILLICH, 1973, p. 11)

E continua:

Os critérios da convivialidade devem ser considerados como guias para o processo contínuo pelo qual os membros de uma sociedade defendem sua liberdade, e não como um conjunto de prescrições que podem ser aplicadas mecanicamente.<sup>53</sup> (ILLICH, 1973, p.26)

Potencializar o diálogo e o reconhecimento do outro e do contexto em que se vive é um produto final que o design pode almejar entregar. Trata-se de impulsionar outras possibilidades de ação. Inspirado na fala de Freire

O homem radical na sua opção não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente (FREIRE, 2011a, p. 69)

Essa visão sobre a responsabilidade e a liberdade na projeção pontua um viés desse estudo, que dialoga com a questão das intencionalidades abordadas anteriormente. Sob a discussão da possibilidade de um novo paradigma de desenvolvimento, este ponto é de extrema importância, pois entra na discussão das bases para uma mudança mais profunda. Fry afirma que o

Design - o designer e objetos projetados, imagens, sistemas e coisas - molda a forma, a operação, a aparência e as percepções do mundo material que ocupamos. (...) Ainda muitos designers falharam para reconhecer até agora ou ter responsabilidade por essa característica fundamental do design. Isso significa que eles não estão em uma posição de entender as implicações éticas e questões sobre o projetar e o projetado.<sup>54</sup> (FRY, 2009, p. 3)

---

<sup>52</sup> “I choose the term “conviviality” to designate the opposite of industrial productivity. I intended it to mean autonomous and creative intercourse among persons, and the intercourse of persons with their environment (...) I consider conviviality to be individual freedom realized in person interdependence and, as such, an intrinsic ethical value.” (ILLICH, 1973, p. 11)

<sup>53</sup> “The criteria of conviviality are to be considered as guidelines to the continuous process by which a society's members defend their liberty, and not as a set of prescriptions which can be mechanically applied.” (ILLICH, 1973, p. 26)

<sup>54</sup> “Design – the designer and designed objects, images, systems and things – shapes the form, operation, appearance and perceptions of the material world we occupy. (...) Yet most designers have so far failed to

O reconhecimento dessas características dentro de um projeto é que pode ampliar a capacidade de percepção das responsabilidades envolvidas. A complexidade aumenta e as possibilidades do modo de atuação também.

Sintetizando, responsabilidade e resposta são palavras que caminham juntas. Essa percepção nos faz ver a relevância da resposta criada para solucionar um determinado problema. Concordando com Flusser: “A responsabilidade é a decisão de responder por outros homens.” (2007, p. 196). A resposta, seja através de uma cultura material ou imaterial, vem embutida de intenções, capazes de fundir e/ou afirmar valores em uma sociedade. Logo, a responsabilidade recai na possibilidade de se agregar ou derrubar valores, no modo como o próprio processo de um projeto e seus resultados são focados. Esse entendimento fornece o ângulo sob o qual observamos o papel do designer em relação àquilo que concebe via projeto e as consequências de seu trabalho.

Ao pensarmos a questão da ética, Akama (2012) traz um posicionamento bastante interessante sobre esse tema no design. Ela faz críticas sobre a visão de que a ética pode ser algo prescritivo (visão Ocidental) e desconectado de todo um conceito global de relação de um indivíduo e seu meio. Os valores, segundo essa autora, não podem ser separados da pessoa e ditados de modo externo, pois estes dependem de objetivos e preocupações individuais (AKAMA, 2012).

No caso Oriental, se entende que o ser humano é um ser relacional, onde cada pessoa está ligada às outras, assim como corpo e mente também estão (emoção e intelecto). A ética não é algo de fora para dentro, descrito como um guia, mas que acompanha um indivíduo em seu dia a dia, transformando-o diante dessa sua relação com os outros. Desse modo, a ética acaba tendo outra interpretação, sendo incorporada à prática diária e não somente dentro de regras específicas confinadas ao período de trabalho, por exemplo. Uma visão pragmática e prescritiva não é suficiente para responder às perguntas que temos (AKAMA, 2012) e não é capaz de fazer com que as pessoas entendam, realmente, a sua conexão com tudo e todos a sua volta.

---

recognize, or take responsibility for this fundamental quality of design. This means that they have not been in a position to grasp the ethical implications and issues of designing and the designed.” (FRY, 2009, p. 3)

Verdadeiras mudanças sustentáveis de longo-prazo visando construir e criar uma prática ética não podem vir de sermos solicitados a fazer um design ou ter escolhidos os valores ‘certos’ para adotar. Nem isso vem, simplesmente, com o compromisso em projetos de base comunitária, assumir uma causa comunitária ou implantar um método participativo<sup>55</sup> (AKAMA, 2012, p. 2)

Para esta autora, essa percepção nos faz entender o todo como conectado e atuar de forma coletiva, por isso agir de forma diferenciada e ética. Em uma postura de dentro para fora onde ela conclui que “Não existe um ‘caminho’ ou um ‘mundo’ que é o certo. O caminho que fazemos é uma experiência relacional.”<sup>56</sup>, (AKAMA, 2012, p. 12), assim sendo, tem-se um outro meio de ver o mundo e de interagir com ele, com uma ética internalizada como um exercício diário.

Não é nossa intenção colocar a visão racional de uma ética prescritiva, de influência Ocidental, como vilã. Ela se presta para colocar limites, resumir questões, simplificar aquilo que pode ser feito. A ressalva aparece, pois tal simplificação não necessariamente muda uma pessoa, já que esta pode ser levada a agir diferentemente dentro de um contexto e período de tempo específicos. Um exemplo disso se dá quando não se joga lixo em lugares públicos para se evitar uma multa (punição individual) e, não, à princípio, pelo próprio bem público, pela coletividade. O resultado final pode ser o mesmo – tendo eficiência na limpeza pública -, porém, o modo como se chega até lá não implica que haja um espírito coletivo comunitário em outras ocasiões. Além disso, esse tipo de postura prevê que o governo irá ter que fiscalizar e despender recursos para isso, enquanto poderia se preocupar com outras questões. Por sua vez, um autor acadêmico pode colocar guias daquilo que acha importante de ser feito para outras pessoas seguirem, porém, isso pode não significar uma efetiva mudança na mentalidade delas.

Da mesma forma, sermos influenciados ou influenciar outros a partir desse posicionamento onde alguém determina o que é “bom” é de uma enorme responsabilidade e pode não se configurar em uma mudança de mentalidade no modo de ser dos indivíduos. Outros exemplos disso ocorrem quando encontramos mensagens

---

<sup>55</sup> “True, long-term sustainable change towards building and creating an ethical practice cannot come from being told what to design or choosing the ‘right’ values to adopt. Neither does it come from simply undertaking community-based projects, taking up a social cause or deploying a participatory method.” (AKAMA, 2012, p. 2)

<sup>56</sup> “There is no one ‘path’ or one ‘world’ that is the right one. The path we carve is a relational experience.” (AKAMA, 2013, p. 12)

como: “Consoma alimento orgânico ao invés do alimento produzido com uso de químicos”, mas sem deixar margem para a pessoa refletir sobre o que está sendo proposto, como isso afeta sua vida, qual o sistema complexo com o qual está lidando. Ou ainda, quando se coloca “sustentável”, “biodegradável”, verde” em algum produto para dar a impressão de aquilo é melhor e “bom”, porém, trata-se mais de um discurso do que de um diálogo, apenas um conceito vazio para uso mercadológico. Dessa forma, as pessoas podem se convencer de que estão tendo comportamentos melhores através do mau uso de conceitos e ideias nos projetos. Não há um aprofundamento sobre nossas atitudes, apenas uma espécie de automatização de algo que foi tido como supostamente “correto”.

Também é interessante expor aqui a filosofia africana denominada *Ubuntu*. Tal filosofia é relacionada à ética e só funciona plenamente quando em um contexto social aberto e participativo. Podemos entender as linhas gerais desse pensamento pela seguinte citação:

*uma pessoa é uma pessoa na comunidade através dos outros. Vida pessoal é incorporada em uma cultura comunalística de compartilhamento de ajuda mútua, onde todos com sérios problemas devem contar com o apoio de alguém de sua grande família.*<sup>57</sup> (BARTHOLO, 2015)

Em outras palavras, segundo M’Rithaa e Van Niekerk, tentando traduzir para uma lógica Ocidental, mas sem ocidentalizá-lo, podemos também entender o seu significado pelas frases: “‘nós somos, então, eu sou e ‘nós pensamos, então eu posso’”<sup>58</sup> (M’RITHAA; VAN NIEKERK, 2009, p. 153), o que transmite a relação entre indivíduo e comunidade. Além disso, o ubuntu não estipula uma regra única e universal que possa ser seguida em qualquer situação, mas visa solucionar questões com base no diálogo e debates. É um meio que envolve um olhar do local (sítio) onde se dá a problemática a ser analisada. Essa filosofia tem características próprias que a diferenciam de pensamentos Ocidentais ou Orientais. Esta pode ser interessante de ser absorvida dentro da perspectiva do projeto, uma vez que, tanto em seu processo de

---

<sup>57</sup> “a person is a person in the community through others. Personal life is embedded in a communalistic culture of sharing mutual help where everybody in serious trouble must rely on support from somebody of his or her extended family.” (BARTHOLO, 2015)

<sup>58</sup> “‘We are, therefore I am’, and ‘we think, therefore I can.’” (M’RITHAA; VAN NIEKERK, 2009, p. 157)

elaboração quanto em seus resultados, há uma procura pelo consenso através do incentivo à participação das pessoas em uma vivência de coletividade e localidade.

Em resumo, o trabalho dessa tese busca trilhar escolhas que não sejam prescritivas. As visões sobre a ética e responsabilidade abordadas nesse tópico servem para deixar claro o modelo com o qual baseamos essa pesquisa em sua base teórica até o caso analisado em sua segunda parte. Contamos com a valorização da visão coletiva, do contexto situado e dialógico. Valorizamos um projeto que seja menos obstrutivo e mais catalisador de novidades, de liberdade. Não podemos dizer que nos limitaremos a uma ou outra filosofia ética, mas que nos inspiramos em alguns conceitos principais para aproveitá-los dentro da prática do design adotada.

## **2.2 Reflexões sobre diversidade e instituições**

A diversidade em suas variadas formas – entre elas de ideias, padrões, culturas - é algo interessante para o desenvolvimento, no sentido de agregar mais possibilidades de escolhas e mais soluções possíveis. Consideramos isso positivo, pois abre-se um leque de estratégias, que nos fazem refletir sobre as respostas dadas. Em uma floresta rica em espécies de plantas temos projetos dos mais diversificados para o objetivo de sobreviver naquelas condições. É de uma grande riqueza podermos observar a quantidade de propostas existentes e as diversas estratégias adotadas.

No artigo 3 da Declaração Universal da Diversidade Cultural encontramos que

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória (UNESCO, 2002, p. 3)

Tal concepção conecta-se a um desenvolvimento ligado ao saber. Para tanto a necessidade do diálogo e da tolerância dentro dessa perspectiva se faz relevante – o que corrobora com a argumentação explorada até o momento e os resultados da análise qualitativa da segunda parte da tese.

Contudo, nos parece que há uma hegemonia de um tipo de discurso em nossa realidade, existindo uma sinergia entre instituições que fomentam essa visão e cultura reproduzindo e reforçando predominantemente um estilo de vida consumista.

Muhammad Yunus (2007) aponta essa assimetria de intenções e vozes ao mencionar que estamos sujeitos a ouvir mensagens que nos estimulam a comprar cada vez mais e mais<sup>59</sup>. Não quer dizer que se quer eliminar o que já existe, mas sim que novas vozes podem vir à tona para diversificar o debate e estimular pessoas a serem sujeitos (mais) participativos.

Dentro desse contexto, a ampliação de troca de ideias através da internet serve para os mais diversos fins. É diferente da televisão onde quem a assistia apenas recebia as informações passivamente, pois, agora, nesse novo padrão, os indivíduos também podem gerar conteúdo e interagir. Trata-se da sociedade descrita por Flusser (2008), onde existe a possibilidade de se programar outros (e de ser também programado) através das tecnologias existentes. Resta saber se o cenário futuro será de uma sociedade alienada diante de tamanho entretenimento ou se vai buscar ir além, através de uma contestação das possibilidades de programação (FLUSSER, 2008).

Ferramentas virtuais podem ajudar a construir um lugar mais propício para debates, pois catalisam possibilidades (não necessariamente positivas). Elas podem colaborar para uma nova configuração cultural, já que propiciam uma nova organização de ideias - ex. *Wikipedia* (enciclopédia online, colaborativa e gratuita) e o *Creative Commons* (já mencionada espécie de “selos” digitais que comunicam como se dá o uso de um material compartilhado na internet, relaciona-se com a ideia de direitos autorais em um mundo onde a informação flui livremente, podendo ter certas restrições de uso). Encontramos também o projeto *Image Atlas*<sup>60</sup> na internet que investiga semelhanças e diferenças culturais para um mesmo termo de busca de imagem em 57 países, fazendo listagem por ordem alfabética ou pelo Produto Interno Bruto (PIB). Esses são exemplos de projetos que visam lidar com o conhecimento e liberdade de informações em um mundo cada vez mais conectado, fomentando também a diversidade e criando novas formas de como e o que fazer.

Se pensarmos em diversidade nas instituições, podemos nos perguntar se as que temos são eficazes em criar um ambiente para uma mudança. Por exemplo, podemos observar que o braço de responsabilidade socioambiental de uma empresa tradicional pode não ser o suficiente para mudar a ação como um todo dela. Podemos ver exemplos desse tipo de postura ao nos defrontarmos com *greenwashes*, que são propagandas que alardeiam um tipo de política mais sustentável, mas que no fundo não passam de

---

<sup>59</sup> “Buy More! Buy More! Buy More! And Buy Now! Buy Now! Buy Now!” (YUNUS, 2007, p. 213)

<sup>60</sup> <http://www.imageatlas.org/about> (acesso em 08/05/2015)

*marketing*, para angariar uma valorização da marca e mais vendas. Servem mais para confundir as pessoas do que trazer informação que as faça entender ou perceber uma questão por vários ângulos. O fato é que nem sempre o interesse socioambiental caminha em harmonia com os da maximização dos lucros, justamente porque muitas vezes são objetivos que não são vistos em conjunto. Logo, um entendimento sobre determinada instituição já dá as pistas para entender suas escolhas e objetivos.

Podemos pensar também o quanto nossa própria instituição do design fomenta uma mudança mais profunda, mais diversa. Muitas vezes a área parece ser voltada mais para o ensino da técnica, sem perguntas críticas a respeito da responsabilidade e ética do design em suas criações. Um fator que complementa a percepção de que nos voltamos em demasia às técnicas e pouco para as teorias que as sustentam pode ser encontrado na própria formação dos designers, muito ligada à prática, mas pouco ao seu questionamento. Papanek escrevia

O problema principal com escolas de design parece ser que elas ensinam muito design e não muito sobre o meio ecológico, social, econômico e político onde acontece. É impossível ensinar qualquer coisa no vácuo, muito menos em um campo que é profundamente envolvido com as necessidades básicas do homem como temos visto o design ser.<sup>61</sup> (PAPANEK, 1985, p. 291)

Mesmo sendo essa uma reflexão de anos atrás, podemos continuar a crer que muito da formação dos designers permanece da mesma maneira, voltando-se bastante para atender as necessidades do mercado, menos para uma visão interdisciplinar. Diante disso, podemos nos perguntar o quanto designers são “livres” para fazer suas escolhas se estiverem nos moldes propostos por Papanek, por exemplo. O ensino, essencialmente com ênfase na técnica, tira parte do potencial da ação por não trazer ao debate questões relevantes em torno dos projetos. Nossa ação está sujeita a qualidade de nossas reflexões críticas e isto interfere na liberdade que temos com nossos próprios projetos e com o que levamos para os outros.

Como ilustração acerca das instituições e diversidade, trazemos agora uma reportagem especial da revista *The Economist*, de setembro de 2012. No dia 15 de

---

<sup>61</sup> “The main trouble with design schools seems to be that they teach too much design and not enough about the ecological, social, economic, and political environment in which design takes place. It is impossible to teach anything in vacuo, least of all in a field as deeply involved with man’s basic needs as we have seen design to be.” (p. 291)



agosto de 2012, a Fundação Bill & Melinda Gates anunciou os vencedores do concurso *Reinventing The Toilet Challenge* (Reinventando o desafio do banheiro), que tinha como objetivo criar banheiros seguros, baratos e “sustentáveis” para 40% da população mundial que não tem acesso ao saneamento básico. Isso poderia evitar a morte de 1,5 milhão de crianças por ano por causa da diarreia. A publicação deixa claro que este tipo de projeto visando o saneamento é pouco “sexy”. O ganhador do prêmio principal, Dr. Hoffman, disse: “É difícil conseguir uma bolsa científica para tratar fezes” (THE ECONOMIST ONLINE, 2011).

Ou seja, este breve exemplo nos mostra que um problema antigo e importante como esse nem sempre é dos mais atrativos para a política e o mercado. Precisou ser alvo de uma instituição que quis inovar nessa área, pois esta foi criada para cuidar de desafios globais que possam ser depois tratados localmente (BILL & MELINDA GATES FOUNDATION, 2010). O fomento institucional para que haja mudanças precisa ser levado em consideração. Lidar com a diversidade de instituições existentes ou criar novas podem ampliar ou limitar as possibilidades de soluções. Se a diversidade está restrita, as soluções que nos chegam também. Daí que tão importante quanto preparar mentes, é termos lugares onde possam florescer ideias novas.

Diante desse contexto onde cultura e instituições têm conflitos e sinergias, apontamos que a relação entre esses dois pontos influenciam no desenvolvimento. Precisamos de mais diversidade cultural e de vozes que nos permitam enxergar como sujeitos ativos e críticos às coisas. O modo como projetamos pode ser um meio para trazer mais diversidade para nosso contexto.

### **2.3 A formulação de um projeto**

A carência de um pensamento crítico e sua falta de união com a teoria/prática de um projeto podem resultar em ações sem aprofundamento na questão central e em suas consequências sociais, por exemplo. Todas as ações que propomos (a prática) têm uma teoria envolvida que, como já dizia Paulo Freire:

Qualquer seja, contudo, o nível em que se dá ação do homem sobre o mundo, esta ação subentende uma teoria. Sendo assim, impõe-se que tenhamos uma clara e lúcida compreensão de nossa ação, que envolve uma teoria, **quer saibamos ou não** [grifo nosso] (FREIRE, 2011a, p. 46-47)

A clareza dos fundamentos é relevante para que se entenda o porquê de certas escolhas e o que está se pretendendo responder. Isso poderia deixar mais transparente as qualidades e lacunas de um projeto. Paulo Freire (2011b) aponta ainda que devemos sair de um nível de *doxa*, que representa um modo ingênuo de observar o mundo, os fatos, os fenômenos, e partir para um nível do *logos*, onde pensamos criticamente acerca daquilo que nos rodeia. Como ele afirma “Um fato está sempre em relação com outro, claro ou oculto.” (FREIRE, 2011b, p. 31).

Esta discussão tem a ver com o que Simon descreve:

Nós temos apenas um conhecimento esboçado e incompleto das diferentes maneiras em que os problemas podem ser representados e muito menos conhecimento do significado dessas diferenças (SIMON, 2001, p. 133)<sup>62</sup>

Em outras palavras, o modo como propomos enxergar um problema influencia a sua própria resolução e para Simon a componente da elaboração do problema é uma parte essencial dentro da teoria do design (projeto). A representação de problemas pode ser feita de diversos modos; não há um modelo único capaz de abranger ao mesmo tempo todas as nossas necessidades. Existem modos de representações através da linguagem (escrita, verbal), da matemática, de modelos geométricos, de desenhos, etc. Existem muitas maneiras de trazer um problema à tona, dependendo do que se deseja observar com mais afinco, as intenções e teorias e práticas envolvidas. Simon (2001) argumenta, por exemplo, que organizações/instituições podem ser vistas como uma forma de gerar representações comuns capazes de gerar ação, pois o modo como elas se conceituam e tornam-se compreensíveis para seus membros é um ponto importante para o foco de seu trabalho.

Ainda para Simon (2001) existem questões importantes quando se projeta algo que leve em conta um lado social. Para ele, o sucesso em um planejamento desse tipo pode ter a ver com uma simplificação da situação do mundo real e o foco em objetivos modestos. Mesmo assim, segundo esse autor, podem surgir obstáculos no processo, como: a) a representação do problema quando se tem outras pessoas para compreender uma mesma questão; b) a dificuldade em encontrar o recurso mais escasso para saber a tarefa que deveria ser respondida pelo design e c) a qualidade dos dados disponíveis.

---

<sup>62</sup> We have only a sketchy and incomplete knowledge of the different ways in which problems can be represented and much less knowledge of the significance of the differences.” (SIMON, 2001, p. 133)

Diante disso, podemos entender que essa tese não deixa de ser um modo de nos fazer representar um determinado problema – no caso, o exemplo da Santa Marta em relação a variados temas -, sendo essa proposta um tipo de representação. No decorrer do trabalho, poderemos observar como as diferentes perspectivas pesquisadas, muitas vezes conflituosas, são representadas pela análise dos dados qualitativos.

Refletindo sobre simplificação de um contexto, temos o exemplo da provisão de energia elétrica<sup>63</sup> para os moradores da favela Santa Marta no contexto pós Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Trata-se de um esforço essencialmente tecnológico, apesar de alguns vieses sociais, como informar aos moradores como poupar energia e sobre direitos e deveres dentro de uma cultura de pagamento de um serviço à prestadora. Porém, há um descompasso entre os valores cobrados nas contas, muitas vezes altos e questionados pelos moradores<sup>64</sup>, e a renda dos mesmos. O caso, pelo que podemos acompanhar, sugere que a resposta para o problema de fornecimento de energia elétrica em questão está sendo sanado, porém a um alto custo para os locais.

Ou seja, talvez a simplificação do problema para um ponto de vista bastante técnico vinculado a um modelo consumista (mesmo que buscando por padrões de eficiência e economia) ajuda a formar um quadro não favorável para quem se encontra em uma situação de baixa renda. A luz, assim como outros serviços e impostos, pode acarretar uma cobrança tão pesada para essas pessoas, que elas tenham que se mudar para um lugar mais acessível à sua renda. Não que esse tipo de fenômeno seja único e isolado, pelo contrário, mas demonstra um descompasso entre objetivos de mercado e questões sociais.

Quanto à nossa simplificação, temos um escopo e objetivos delimitados, com o intuito de termos um enquadramento definido e adequado diante de nossas possibilidades (tempo, compromisso) no processo de desenvolvimento da tese. Podemos dizer que o foco da nossa simplificação se dá, principalmente, quanto ao leque de atores ouvidos na pesquisa qualitativa, restringindo-nos a alguns moradores e ao Jornal O Globo. Apesar disso, consideramos que trazemos uma perspectiva abrangente e não especialista.

Quanto à qualidade dos dados obtidos para a pesquisa, todo o processo para consegui-los e tratá-los segue descrita na parte de metodologia, onde delimitados

---

<sup>63</sup> Será apresentado com mais profundidade adiante, mas nos parece interessante colocar aqui um questionamento para reforçar nossa argumentação nessa fase do trabalho.

<sup>64</sup> Tal colocação foi feita em base em pesquisa qualitativa própria, inclusive com a participação da Associação de Moradores da Santa Marta e também por trabalhos e reportagens sobre o assunto.

critérios, recortes, bem como o modo a maneira em que os dados foram coletados e tratados. A clareza das nossas escolhas, como o foco das entrevistas e a opção pelo jornal O Globo, reforça a qualidade dos dados e das análises. Sobre o recurso mais escasso que encontramos em nossa análise do caso da Santa Marta, podemos adiantar que o que conecta grande parte das questões encontradas foi o diálogo (ou a sua carência).

Em resumo, o design ajuda a estruturar problemas e a focar nas perguntas a serem respondidas. Por isso, a importância em termos variados meios que nos possam auxiliar a ver uma dada realidade e também de compreender como isso pode ser feito. Não se trata de ter a verdade, mas de explorar outros modos de enxergarmos as coisas.

## **2.4 Diálogo e pensamento crítico**

A visão que pretendemos mostrar aqui sobre diálogo e pensamento crítico se entrelaça com o modo como percebemos as possibilidades de projeto. A partir da percepção de que, como Freire descreve, o homem “não apenas está no mundo, mas com o mundo”, sendo um ser de “relações e não só de contatos” (2011a, p. 55), temos a noção que o homem está integrado a um mundo externo, e aos outros. Ainda sob os pensamentos desse autor, podemos dizer que o homem pode integrar o seu convívio dentro de seu contexto cultural e histórico. A integração “resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la, a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade.” (FREIRE, 2011a, p. 58). Ou seja, o homem está no mundo e é capaz de interferir nele. Essa forma de estar é contrária a de apenas se adaptar e se acomodar a uma situação. Na primeira, o homem é sujeito e ativo; enquanto na segunda é passivo.

Além das características já mencionadas do *doxa* e *logos*, Freire (2011a) discorre sobre alguns níveis de consciência dentro da sociedade partindo da 1) “intransitivada”, passando para a 2) “consciência transitiva”, depois para a 3a) “transitividade crítica” ou para a 3b) “transitividade fanática”. Na *intransitividade* o homem está no mundo, mas tem dificuldades em compreendê-lo, a causalidade das coisas não é algo claro. A *consciência transitivada* é primeiramente ingênua, tendo uma forma simplificada de interpretar problemas, há uma fragilidade na argumentação. Com uma “educação dialogal e crítica” teríamos a *transitividade crítica*, que nos permitiria, entre outras

coisas, dialogar com os outros e interpretar profundamente um problema. Contudo, a massificação da sociedade pode levar diretamente para a *transitividade fanática*, onde as pessoas são influenciadas a seguir fórmulas e prescrições, não sendo sujeitos, mas sim, objetos. Este último é o mais descompromissado com a existência, afinal, “o que caracteriza o comportamento comprometido é a capacidade de opção” (FREIRE, 2011a, p. 86), sendo que esta depende do grau de criticidade que se possui. Em resumo, temos a seguinte citação:

Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático, e permeável, em regra. (...) Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos problemas e discutimos superficialmente os assuntos (FREIRE, 2011a, p. 125)

Para ser pôr em prática o estímulo à transitividade crítica é possível a utilização de diversos meios. No caso da metodologia de Freire, utilizava-se um tema comum à vida das pessoas envolvidas para através do diálogo exercitar o pensamento crítico por meio de debates gerados por imagens, áudios, textos, entre outros meios. O importante é que seja capaz de intermediar diálogos ao invés de priorizar em demasia os discursos, que apenas reproduzem ideias<sup>65</sup>. O design pode ser efetivamente uma ferramenta que mediatiza as pessoas em prol de algum debate que lhes seja interessante o suficiente para gerar discussão e novos pontos de vista, utilizando-se de um viés educacional. Essa postura ativa e que reconhece seu poder de influência corrobora a visão flusseriana (2008) sobre um mundo culturalmente povoado por imagens técnicas e programas, onde nós podemos não apenas apertar botões repetindo o que estava previsto no programa de um aparelho, mas entender aquilo que estamos teclando (reproduzindo, criando) e também aquilo que recebemos dos outros.

Observamos também o olhar de Buber (2001) apresentando dois tipos de relações humanas através do “Eu-Isso e “Eu-Tu”. Ambos são necessários para a vida humana, mas funcionam de formas distintas. O primeiro par relacional diz respeito a uma interação onde há uma pessoa e um objeto – que pode ser uma instituição, uma institucionalidade. Essa relação ajuda a sociedade a funcionar através de seus mecanismos pré-estabelecidos, não sendo algo ruim em sua essência (a não ser quando extrapolamos esse tipo de interação, submetendo-nos a ela, esquecendo da outra

---

<sup>65</sup> Os discursos são importantes para a disseminação de ideias, contudo, a nossa crítica se dá quanto a uma excessiva prioridade desse modelo.

possibilidade de encontro com o outro). “O homem precisa do *mundo do Isso* para viver, mas quem vive somente a relação Eu-Isso se desumaniza” (BARTHOLO, 2001, p. 80). Já o par “Eu-Tu” é aquele onde há relação interpessoal entre um indivíduo e um outro ente. O Eu pode decidir pelo equilíbrio e escolha nessas possibilidades relacionais agindo

em liberdade e responsabilidade, ao longo de sua vida. (...) Cabe ao Eu a decisão de ir a seu encontro [Tu], acolhendo-o em sua irreduzível e inefável alteridade, que sempre ultrapassa as possibilidades da objetivização e das descrições conceituais (BARTHOLO, 2001, p. 80)

Nessa perspectiva, entendemos como mais interessante para este trabalho a busca pelo “Eu-Tu”, onde podemos reconhecer o outro e podemos ir além daquilo que já sabemos. É o encontro que pode trazer coisas novas e que nos torna humanos.

Percebemos que diversos autores de diferentes perspectivas reforçam o poder do diálogo e da participação das pessoas como protagonistas em sua história local. Seja pela forma como enxergam a ética, as possibilidades no projetar ou no viés educacional, muitos advogam a favor da pró-atividade e participação das pessoas. Torna-se um foco que habilita novos olhares, aguça um sentido de pertencimento e coletividade para se pensar questões.

### Capítulo 3: O processo metodológico

Observaremos mais atentamente a parte prática do estudo composto pela análise de entrevistas feitas na favela Santa Marta e de publicações do jornal O Globo. Esse trabalho segue como quadro teórico a base exposta nos primeiros capítulos dessa tese, que mostrou um contexto rodeado por imagens, especialmente as técnicas (Flusser), visando um olhar sobre nosso desenvolvimento (Simon, 2001; Sen, 2000) e liberdade para pensar criticamente (Freire, 2011a, 2011b, 2013a, 2013b). Essa segunda parte da tese se ancora no exercício da escuta e da observação (pesquisa qualitativa), em uma visão buberiana (Eu-Tu) (BARTHOLO, 2001), aberta às muitas verdades existentes (RORTY, 2007).

Consideramos a contingência como um complemento a este trabalho, que bem embasado não tem medo de se perder. Simon usa das artes para exemplificar esse modelo mais flexível de design:

Fazer design complexos que são implementados durante um longo período de tempo e continuamente modificados nesse curso, tem muito a ver com a pintura em óleo. (...) O processo de pintura é um processo de interação cíclica entre o pintor e a tela, onde atuais objetivos levam para novas aplicações de pintura, enquanto que o padrão gradativamente mudado sugere novos objetivos<sup>66</sup> (SIMON, 2001, p. 163)

Antes de continuar, temos o resumo visual de mais um capítulo (Figura 5):

---

<sup>66</sup> “Making complex designs that are implemented over a long period of time and continually modified in the course of implementation has much in common with painting in oil. (...) The painting process is a process of cyclical interaction between painter and canvas in which current goals lead to new applications of paint, while the gradually changing pattern suggests new goals.” (SIMON, 2001, p. 163)

### Capítulo 3. O processo metodológico

---

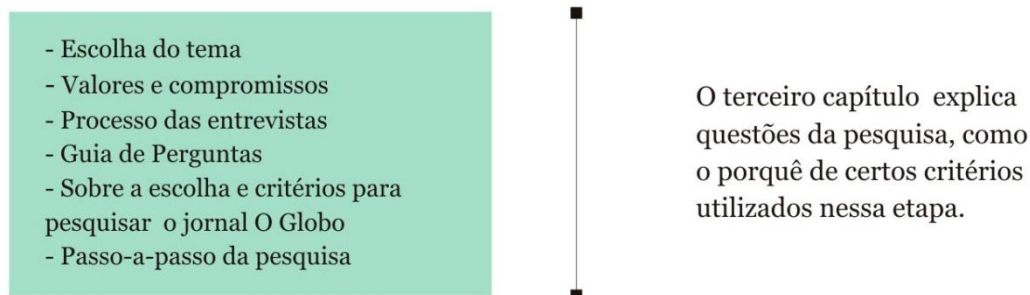


Figura 5. Resumo do capítulo 3.

A apresentação do caso da favela Santa Marta, em Botafogo, tem a intencionalidade de trazer o diálogo em seu cerne em dois momentos: ao tê-lo como fonte principal (por meio de entrevistas) e como fim, no caso da sua utilização para debates. Essa intencionalidade do diálogo nasceu sob inspiração dos trabalhos de Paulo Freire, a ética baseada em um pensamento mais coletivo e de reflexões sobre o papel das imagens, principalmente, sob o olhar de Vilém Flusser (2007; 2008). A pesquisa qualitativa dessa tese foi alinhada, principalmente, segundo Gibbs (2009) e teve caráter exploratório com o sentido de fomentar novos olhares e também estimular a proatividade das pessoas, ao não oferecer soluções prontas, mas fazer refletir sobre o que pode ser feito. A metodologia elaborada parte de uma pesquisa qualitativa, mas tem como novidade a criação de imagens inspiradas pela análise desses dados. A passagem das análises textuais para representações visuais é uma etapa muito relevante do processo metodológico, indo além de uma pesquisa qualitativa tradicional. Trata-se de um diferencial no desenvolvimento dessa tese.

É válido explicitar que preferimos utilizar a palavra “favela” para descrever este local que nos servirá de exemplo. Não entendemos esse termo de forma pejorativa, mas sim como uma palavra que expressa toda uma história. Concordando com a colocação de Gonçalves: “as favelas, analisadas no seu conjunto ou de maneira singular, não constituem de forma alguma um todo homogêneo, como a popularização do termo ‘comunidade’ para designá-las poderia deixar entender.” (GONÇALVES, 2013, p. 79). Contudo, em alguns momentos poderemos usar essa palavra comunidade, seja porque alguém citou dessa forma e estamos reproduzindo ou para evitar o uso extremamente repetitivo de “favela”. Ou seja, funciona como “sinônimo”, mas com ressalvas.



Ressaltamos que a aplicação da base teórica e metodológica não se restringe a apenas esse tipo específico de análise. Poderia se trabalhar essa possibilidade com relação a outros temas, como, por exemplo, a visão de diferentes acadêmicos e o modelo de progressão profissional por produtividade em artigos em revistas internacionais. Poderia se problematizar qualquer questão.

Além disso, explicitamos que não nos focamos no aprofundamento do papel de organizações não governamentais, que têm uma influência importante nessa e em outras favelas cariocas. Restringimos nosso recorte aos atores encontrados nas entrevistas e no jornal, por considerarmos que estes poderiam sintetizar opiniões distintas e interessantes sobre uma mesma favela. Caso abríssemos o leque para essas organizações – como o grupo Eco da Santa Marta –, ampliaríamos muito o universo e o processo de feitura das imagens e análise textual. Enfim, optamos pela observação de apenas dois “núcleos”, sem querer desmerecer a importância desses outros atores no contexto. Aqui entrou a questão da simplificação do projeto, lembrando a ideia de Simon (tópico 2.3).

Também não queremos ver a favela como “boazinha” ou “vilã”, nem tampouco o jornal como “bonzinho” ou “vilão”. Interessam todas as possibilidades que eles podem nos trazer, desde conflitos até pensamentos (in)coerentes. Trata-se de explicitar uma variedade de percepções. Esclarecer cada passo tomado, quase um *making off* do processo, é importante para que os leitores saibam de todo um contexto – muito rico – onde a pesquisa se deu. Os vieses e olhares desse estudo foram influenciados por esse jogo teórico e técnico. Isso serve para nos fazer refletir sobre aquilo que está sendo feito e delinea o modo como tratamos nosso processo e resultados.

Voltando à pesquisa qualitativa, esta começou a tomar forma pela segunda metade de 2011, quando para dar uma concretude ao projeto de doutorado e seus questionamentos, pensamos em ter um foco nas favelas cariocas, mais especificamente, a Santa Marta. A escolha por essa temática se deveu pela conexão entre desenvolvimento da cidade, a *relação* entre seus moradores e como o design poderia ser uma ferramenta para debate e crítica. Essa questão do relacionamento e percepções entre diferentes atores ressalta nossa busca por observar diálogo e conflitos vários. Tal projeto serve como combustível para repensarmos o modo como podemos interpretar e entender questões tão importantes e polêmicas quanto àquelas existentes em uma favela carioca. Em outras palavras, pretendemos ampliar nossas percepções de um tema tão recorrente, mas ao mesmo tempo, tão caricato na memória.

A escolha específica pela favela Santa Marta (Figura 6) se deu, principalmente, pela facilidade de acesso, tanto pela implementação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em dezembro de 2008, pela mobilidade urbana (metrô, ônibus, plano inclinado) quanto por contatos que poderiam ajudar a “abrir portas” no morro. Somado a isso, focar na Santa Marta reforça o sentido sobre o sítio de pertencimento simbólico, aquele lugar que carrega toda uma cultura local, muito além de pensarmos apenas do ponto de vista econômico, por exemplo. Também contou favoravelmente o fato dessa favela ter um tamanho relativamente menor – apesar da oscilação dos números de habitantes dependendo da fonte. A Associação de Moradores da Santa Marta (2012) diz que eram 7000 moradores em 1700 residências, enquanto a COMLURB (informação verbal)<sup>67</sup> diz que eram cerca de 9550 moradores em 1950 residências, a LIGHT (informação verbal)<sup>68</sup> informa 1600 casas e o IBGE (2010) 1177 domicílios particulares ocupados em um total de 3913 moradores. Não vamos entrar na discussão do porquê dessas diferenças e seus métodos, mas é válido seu registro aqui e também dizer que optamos pelo uso da instituição oficial de estatística do país, o IBGE.

---

<sup>67</sup> Comunicação feita por Virgínia Aguiar em 24-04-2012 em email da Coordenadoria de Comunicação Empresarial da COMLURB (AGUIAR, 2012)

<sup>68</sup> Comunicação feita por Fernanda Mayrink em 22-05-2012 em entrevista (MAYRINK, 2012).

### Mapa da favela Santa Marta



Figura 6 Mapa da Santa Marta em azul, vizinha ao bairro de Botafogo (imagem baseada no GoogleMaps, 09/09/2015).

O processo apresentado guarda certa semelhança com a metodologia<sup>69</sup> de ensino explicada por Paulo Freire (2013b), onde se procura um “tema gerador” - aquele capaz de suscitar novas discussões – dentro de um determinado contexto social. Através desse tema é que se promovem discussões e a educação se dá como forma de diálogo e consciência crítica. Não é algo pré-montado e generalizado, mas que sai de um estudo qualitativo em uma determinada situação: “É importante reenfatizar que o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade. Nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo.” (FREIRE, 2013b, posição 1843). A seguinte passagem resume o seu método:

---

<sup>69</sup> Quando se começou este trabalho, não se imaginava que tivesse tanta relação com o método por ele criado. Isso, porque, a metodologia foi sendo desenvolvida aos poucos. Mais tarde, junto com as novas leituras, é que observamos como a metodologia de Paulo Freire tem a ver com nossa visão sobre as possibilidades do design.

Selecionadas as palavras geradoras, criam-se situações (pintadas ou fotografadas) nas quais são colocadas as palavras geradoras em ordem crescente de dificuldades fonéticas. Essas situações funcionam como elementos desafiadores dos grupos e constituem, no seu conjunto, uma “programação compacta”, são situações-problema codificadas unidades “gestálticas” de aprendizagem, que guardam em si informações que serão decodificadas pelos grupos com a colaboração do coordenador (FREIRE, 2013b, pos. 1130)

É nessa vertente que seguimos, pensando em estimular temas que nos apareçam durante esse processo de conhecimento de uma determinada localidade e o que se fala dela. O intuito é gerar análises textuais da pesquisa qualitativa (produto 1) e, a seguir, imagens (produto 2). As imagens servem para complementar o texto nesta tese, mas também podem ser usadas em outras situações – sem o texto completo, por exemplo -, para gerar discussões dentro de um grupo. Nossa diferenciação com o método de Paulo Freire é que não fazemos isso visando à alfabetização (apesar de não negarmos essa possibilidade), mas sim, como um exercício do pensamento do crítico, através do design.

Então, a escolha do método qualitativo se justifica pelas possibilidades de conhecimento local profundo que podemos encontrar, diferentemente dos dados quantitativos. O qualitativo permite que tenhamos acesso às histórias e informações, assim como “porquês” de determinados temas que podem ser muito interessantes para uma compreensão diversa. Optamos por aplicar este método por meio de entrevistas semiestruturadas, porque dessa maneira teríamos um guia básico de perguntas (mais adiante serão expostos os blocos de perguntas com sua justificativa) que ajudariam durante a fase de análise, mas também teríamos a possibilidade de ter acesso a outros fatos importantes. Ou seja, esse tipo de coleta de dados poderia nos dar uma base para algumas dúvidas que gostaríamos de abordar sobre a dada realidade, mas também nos dar a chance de ouvir novas colocações que pudessem ser feitas. Isso seria mais difícil de conseguir se tivéssemos, por exemplo, optado pela aplicação de questionário com opções a serem assinaladas. O caráter exploratório dessa etapa da pesquisa trouxe mais riqueza para o grupo de temas encontrados e analisados.

Esclarecemos que o nosso compromisso com este trabalho é o de observar diferentes pontos de vistas entre diversos atores, preservando a identidade e a vontade

dos nossos entrevistados que nos ajudaram a construir esse trabalho. Para proteger a privacidade dos participantes foram usados letras e números para sua identificação (como veremos com mais detalhes adiante), e caso alguém desistisse poderia ter seu nome retirado da pesquisa a qualquer momento. Espera-se com essa pesquisa ajudar no contexto social local ao explorarmos a temática do design como meio para dar mais voz às pessoas. Antes das entrevistas era explicado o motivo da mesma e onde seriam usadas as informações concedidas. Foram apresentados e assinados dois documentos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), um para um possível documentário e outro para a tese, com cópias para o entrevistado e para a entrevistadora.

Com o mesmo pensamento de preservar as pessoas que deram sua opinião nas entrevistas, quando selecionamos cartas de leitores do jornal O Globo para serem utilizadas na tese, optamos por omitir seu(s) nome(s). Esses podem ser encontrados nas publicações, porém consideramos trabalhar com a anonimização quando se tratasse de algum indivíduo dando uma resposta pessoal. Tal postura não foi adotada quando o texto provinha de um profissional do jornal ou pessoa pública que teve a oportunidade de escrever para esse veículo de comunicação.

Quanto as entrevistas, essas foram feitas durante os meses de fevereiro e março de 2012 com a ajuda técnica de Marise Carpenter para a gravação das entrevistas em vídeo com câmera de alta definição, áudio gravado com microfone de lapela e também com um *iPod*. Fotos foram feitas, procurando respeitar a privacidade das pessoas.

O recorte para a seleção dos entrevistados foi:

- pessoas maiores de 18 anos;
- proativas, e
- provedoras de algum serviço dentro da favela Santa Marta.

O tema da entrevista era a história da própria pessoa e sua relação histórica com o morro, seu serviço e visão de futuro, incluindo perguntas diretas sobre a questão da sustentabilidade e sua interligação com o desenvolvimento. Como já mencionado, as entrevistas tiveram caráter exploratório com o objetivo de fornecer material para se entender mais sobre o olhar dessas pessoas a respeito da cidade, sua relação com os outros e expectativas futuras.

O acesso aos entrevistados ocorreu através de dois contatos de moradores que trabalhavam como guias de turismo na comunidade, somado a um terceiro contato que conhecemos mais tarde. Foram eles que nos apresentaram primeiramente o morro, alguns pontos turísticos e nos ajudaram como “pontes” na intermediação de novos

entrevistados. Apontamos que a seleção de nossa amostra foi cumprida com base nessa relação de confiança e na ideia de que essas “pontes” – tão familiarizadas com a história da favela e seus personagens - poderiam nos levar a conhecer moradores com influência e participação local. No decorrer do trabalho, realmente, pudemos comprovar que tivemos acesso a indivíduos influentes e participativos na localidade.

Procuramos por empreendedores de diferentes tipos de serviços e localidades do morro (divididos em três partes, basicamente: baixa, intermediária e alta). Apenas dois entrevistados não eram donos do negócio, mas forneciam algum tipo de serviço para a comunidade. Tivemos uma única exceção de um entrevistado não ser mais morador da Santa Marta. Porém, viveu por muitos anos lá – até 2005 -, morando em local muito próximo e mantendo negócio próprio até aquele momento, pelo menos. A nossa “ponte” o considerou dentro dos pré-requisitos para a pesquisa e durante a entrevista percebemos que sim. Isso nos fez mantê-lo dentro do quadro de entrevistados.

Quanto à anonimização, os entrevistados foram identificados pela letra “E” e um número correspondente à ordem das entrevistas, ex. “E1”. As entrevistas foram feitas nas seguintes datas:

- 15/02/2012, Entrevistado 1 (E1)
- 29/02/2012, Entrevistado 2 (E2)
- 07/03/2012, Entrevistado 3 (E3)
- 07/03/2012, Entrevistado 4 (E4)
- 10/03/2012, Entrevistado 5 (E5)
- 10/03/2012, Entrevistado 6 (E6)
- 13/03/2012, Entrevistado 7 (E7)
- 13/03/2012, Entrevistado 8 (E8)
- 13/03/2012, Entrevistado 9 (E9)
- 17/03/2012, Entrevistado 10 (E10)
- 17/03/2012, Entrevistado 11 (E11)

Cada entrevista foi feita em local diferente, pois íamos até onde nosso entrevistado se encontrava. Podia ser feito em seu local de trabalho, na rua, na estação do plano inclinado ou em sua casa. Excetuando-se as duas pessoas iniciais, todas as outras entrevistas foram feitas sem nenhum contato prévio meu com os possíveis

entrevistados. O fator surpresa foi pensado de forma a fazer o entrevistado contar coisas que lhe viessem em sua mente, apenas com o contexto geral da pesquisa e da entrevista previamente definido. Essa técnica adaptada à pesquisa de campo foi inspirada na obra do documentarista Eduardo Coutinho<sup>70</sup>. Não que este seja o melhor método ou o mais “correto”, mas, para nossa pesquisa se revelou muito fecundo por colocar o entrevistado e entrevistador numa relação dialógica de forte improviso, onde cada encontro é único.

Uma entrevista não é um meio 100% imparcial, mas é instrumento muito útil para que dentro de determinadas condições conseguíssemos informações, além de boas conversas. Por outro lado, pode ser algo muito direcionado, pois mesmo sendo aberta a novas colocações, existe sempre a possibilidade de se influenciar a fala do entrevistado. Exemplo disso é que o modo como se enunciam as perguntas pode influenciar o tipo de resposta que se terá. Para haver um equilíbrio buscou-se, então, fazer as perguntas de modo claro e objetivo da mesma forma para todos os entrevistados. De toda a maneira, esperou-se criar um clima informal e olho no olho para que as pessoas se sentissem a vontade para falar suas histórias e desenvolvessem seus pensamentos e ideias.

É importante afirmar que esta pesquisa não busca proporcionar a criação da verdade em torno das falas de nossos entrevistados – ou mesmo através da busca em outros autores e fonte jornalística -, se observamos por uma ótica rortyana (2007). São personagens que ganham vida nesse contato com a pesquisadora, a câmera e as imagens. Até mesmo o jornal irá aparecer aqui quase como um outro personagem - personagem institucional - que nos envia mensagens diariamente acerca de diversos temas. Este também é um ator importante, que nos conta a história de acordo com seu olhar.

Como disse Eduardo Coutinho em livro onde ele é o entrevistado: “Você só chega à verdade pelo imaginário, e nem é um problema de se chegar à verdade, são versões da verdade.” (MACEDO, 2008, p. 76). Além disso, para desmitificar a ideia de que existe uma verdade em um filme, Coutinho continua:

---

<sup>70</sup> Eduardo Coutinho foi considerado um dos maiores documentaristas brasileiros, tendo muitos de seus filmes focados na fala de pessoas comuns. Nascido em 1933 em São Paulo, SP, fez diversos documentários, entre eles "Cabra marcado para morrer" (1985), "Santa Marta - Duas semanas no morro" (1987), "Edifício Master" (2002) e "Jogo de Cena" (2007). O modo como escutava e valorizava o diálogo em seus projetos, e as histórias que dali saíam faziam parte do trabalho de Coutinho (WIKIPEDIA, 2015). Em fevereiro de 2014, o cineasta foi morto pelo próprio filho, que sofre de doença mental. Em 2015, houve o lançamento póstumo de seu último documentário "Últimas conversas", finalizado por João Moreira Salles (UOL, 2015).

isso também eu já disse várias vezes – nem fui eu quem disse – e é perfeito, nenhum filme filma a verdade. Se você fizer um filme etnográfico, a câmera ficar parada três horas no quintal e depois quatro horas em uma mulher socando pilão, é uma ilusão que o cineasta está conhecendo o real. Ele tá documentando o encontro entre o cineasta e o mundo, *sempre*. Eu não filmo senão esse *encontro*, filmo uma relação (PENNA, *et. al.*, 2008, p. 110)

Por certo, nós caminhamos nesse mesmo sentido. De buscar um conhecimento do outro, da novidade do outro. Não interessa questionar o tipo de pessoa que ela quis mostrar para a câmera e, por conseguinte, para o trabalho de tese, mas receber a riqueza da sua fala e o que essa pessoa quis dizer naquele momento. Sua forma de contar uma história, as palavras escolhidas e seus gestos é que trazem a profundidade daquele encontro. A imagem criada entra como complemento e em sinergia a toda à riqueza das entrevistas.

Importante lembrar, que a pesquisadora/entrevistadora não é especialista em favelas. Existem profissionais especializados, capazes de nos oferecer visões e *insights* da história das favelas de maneira muito mais profunda que esse trabalho. Aqui, apresenta-se um outro ponto de vista, onde estar “verde” para determinados assuntos nos facilitou a liberdade de perguntar, ouvir e questionar de um modo diferente do que provavelmente faria um especialista da área. Claro, no decorrer do processo, com a absorção de conhecimentos, seja de livros, seja através dos entrevistados, uma concepção foi se moldando. É importante deixar claro que se trata de um trabalho interpretativo, onde se faz presente sempre um “resquício” da posição do pesquisador e de sua própria história pessoal para o entendimento e análise. Parece-nos muito importante enfatizar que nossa pesquisa de campo se alinhou com a fala de Eduardo Coutinho:

Eu não quero fazer uma sociologia da favela; por isso é importante que, no momento da filmagem, eu não saiba o que esse cara vai dizer. Nessa hora, minha tensão é maior que a dele. De repente, o cara dispara e é maravilhoso (MACEDO, 2008, p. 68)

Nosso modelo de perguntas foi feito para que pudesse ser coletado um amplo leque de dados, perpassando variados pontos de interesse para a tese, como a questão da sustentabilidade, já mencionada, novas tecnologias e o papel de diferentes atores. De sua análise esperávamos encontrar material que pudesse ser confrontado com outros



dados – principalmente, do jornal O Globo – e, assim, fomentar a pesquisa desta tese. Como podemos observar na Figura 7 houve um total de 19 perguntas separadas em quatro blocos:

- a) Preenchimento de critérios,
- b) contexto histórico da pessoa,
- c) seu relacionamento com o ambiente externo, e
- d) a interface entre a parte interna e externa (objetivos que intermediam essa relação).

Os dois últimos blocos (c, d) foram inspirados nos conceitos de Herbert Simon (2001). Observando que as coisas podem ser vistas como projetos, então, fizemos perguntas relacionando a pessoa ao seu ambiente externo (c) e com relação ao direcionamento de seus objetivos (d). Isso serviu para encaixar as falas em um padrão de projeto, que se vincula com um olhar sobre o futuro.

#### Perguntas para entrevista semi-estruturada

<p>a) <i>Preenchimento de critérios (começo de um entendimento sobre o contexto histórico da pessoa)</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Nome</li> <li>2) Idade</li> <li>3) Em que parte do morro mora?</li> <li>4) Nível de escolaridade</li> <li>5) Ocupação (É empreendedor? Trabalha na favela para a favela?)</li> </ol>	Requisitos
<p>b) <i>Contexto histórico da pessoa</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>6) Nasceu no Morro? Se não, veio para cá por que?(esta pergunta busca entender como a pessoa chegou até o morro, por escolha própria, facilidades...)</li> <li>7) Qual é o seu negócio?</li> <li>8) Gosta do que faz?</li> <li>9) Como começou seu negócio? Por quê?</li> <li>10) Como vê o momento atual de seu negócio? É bom?</li> <li>11) O que pensa sobre sustentabilidade?</li> </ol>	História
<p>c) <i>Seu relacionamento com o ambiente externo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>12) Faz uso de novas tecnologias, como celular, internet? Como?</li> <li>13) Como é a estrutura para manter um negócio dentro da favela?</li> <li>14) Quem são seus clientes?</li> <li>15) O governo ajuda de alguma forma? A UPP ajuda?</li> <li>16) Quem são seus parceiros?</li> </ol>	Influenciado por H. Simon
<p>d) <i>A interface entre a parte interna e externa (objetivos que intermediam essa relação)</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>17) O que pretende para o futuro?</li> <li>18) O que você acha que falta aqui?</li> <li>19) Deseja falar sobre algo que lhe seja interessante?</li> </ol>	Influenciado por H. Simon

Figura 7. Guia de perguntas para a entrevista qualitativa com quatro divisões.

Sobre o jornal O Globo, é interessante perceber o motivo dessa fonte jornalística ter sido escolhida. Seguimos com uma citação de Freire:

A falta de permeabilidade parece vir sendo dos mais sérios descompassos dos regimes democráticos atuais, pela ausência, dela decorrente, de correspondência entre o sentido da mudança, característico não só da democracia, mas da civilização tecnológica, e uma certa rigidez mental do homem que, massificando-se, deixa de assumir postura conscientemente crítica diante da vida. Excluído da órbita das decisões, cada vez mais adstritas a pequenas minorias, é comandado pelos meios de publicidade, a tal ponto que em nada confia ou acredita se não ouviu na rádio, na televisão, ou se não leu nos jornais<sup>59</sup> (FREIRE, 2011a, p. 119- 120)

Dentro desse contexto é relevante perceber a importância das reportagens do jornal O Globo, uma das nossas principais fontes de informação para a cidade. Trata-se de demonstrar algumas intenções dessa grande instituição da comunicação através de suas publicações, mas não de julgar definitivamente se há um certo ou errado. Suas opiniões não andam no vazio, são o reflexo de seu próprio público, as classes A e B da cidade do Rio de Janeiro (INFOGLOBO, 2014). Por isso, nos dedicamos a explorar percepções de um veículo de massa, capaz de nos mostrar tendências e causar influência na sociedade diariamente.

Através do serviço denominado de Arquivo Premium<sup>71</sup>, pôde-se pesquisar as notícias que saíram no jornal O Globo no período de janeiro de 2004 a dezembro de 2012 para avaliar o que se publicou sobre a favela Santa Marta antes e depois da implementação da UPP – mais precisamente, 4 anos antes e 4 anos depois. Utilizando a palavra-chave “Santa Marta” os temas relacionados apareceram. Este serviço foi desativado ainda em 2013, sendo então, mais complicado prosseguir com a pesquisa. Dependíamos, então, de pesquisa paga na própria Globo ou procura na Biblioteca Nacional – ambos não foram efetivos para a pesquisa. Alguns meses depois, foi inaugurado outro serviço de acesso às pessoas ao acervo do jornal. Então, as buscas sobre a Santa Marta puderam continuar, mas nessa nova plataforma.

Quanto aos critérios adotados para filtrar os dados das publicações do jornal O Globo, esses foram os seguintes:

---

<sup>71</sup> [http://arquivoglobo.globo.com/ns\\_index.htm](http://arquivoglobo.globo.com/ns_index.htm) (hoje consta como serviço desativado, página fora do ar) (acesso em 30/04/2015).

- Publicações idênticas não entraram na contagem final dos artigos válidos. Isso se refere à reportagens/chamadas idênticas dentro de um mesmo ano, não em anos diferentes.
- Foram aceitas publicações que mencionassem a Santa Marta, seja de forma direta ou indireta vinculada à reportagem principal (como no caso de utilizar a Santa Marta como um exemplo de favela pacificada, dentro de reportagem sobre outra favela).
- A editoria (o “caderno”) do jornal foi analisada, mas não foi considerada como fator principal na análise final e codificação. Visto que foi uma análise mais de conteúdo do que dos cadernos do jornal.
- Reportagens ou chamadas com o termo “Santa Marta”, mas sem conexão com a favela de Botafogo foram eliminadas da contagem.
- Imagens (fotografias, tipografias especiais) também influenciaram o modo como entendemos as reportagens e a mensagem que o jornal gostaria de transmitir. Elas foram úteis e, assim como o texto, também serviram de base para a nossa pesquisa.
- O termo “Dona Marta” foi utilizado de forma complementar ao termo principal “Santa Marta” nas buscas.

Com a quantidade de artigos lançados buscamos entender mais qual seria a caracterização dessa favela e quais atributos lhe eram ressaltados diante do restante da cidade. Isso serviu para criar uma visão diferente daquela construída pelos entrevistados, o que nos ajudou a perceber mais criticamente as informações, mesmo as, aparentemente, mais banais.

Em resumo, o caminho percorrido nessa pesquisa seguiu o seguinte processo:

1. Estudo sobre o exemplo em questão (favela carioca, favela Santa Marta, diversas fontes de pesquisa);
2. Entrevistas semiestruturadas com moradores;
  - a. Transcrição;

- b. Análise do que foi dito nas entrevistas (material contextualizado, profundo, com atenção às metáforas e palavras utilizadas), e
  - c. Montagem de tabela com códigos interpretativos.
3. Pesquisa no acervo do jornal O Globo (2004-2012);
    - a. Procura pelo termo “Santa Marta” e, em uma segunda rodada, “Dona Marta”;
    - b. Validação das publicações encontradas;
    - c. Análise dos dados do jornal O Globo (divisão por temas);
  4. Encontrar os códigos interpretativos e citações nas entrevistas e no jornal passíveis de gerarem debate, e
  5. Produção de análise escrita (produto 1) e de imagens (produto 2).

O produto 1 mesclou, principalmente, as análises das entrevistas e do jornal em grandes temas, como “Conflitos: moradores e o crescimento da favela”. Ali as principais citações acerca de temas e códigos interpretativos puderam ser descritas e organizadas e, caso houvesse, alguma outra que fosse considerada interessante de ser acrescentada nessa análise (proveniente, do passo número 1 “Estudo sobre o exemplo em questão”), nós optamos, em alguns casos, por mencioná-la de alguma forma no texto. Após essa fase, foi feito o produto 2, a partir de algumas citações que poderiam fomentar um debate, selecionadas pelo seu teor crítico e possibilidade de criar uma peça visual.

## Capítulo 4: Análise e realização: visualizando

Neste capítulo, teremos a apresentação dos resultados obtidos. Serão apresentados tópicos que começam por observações feitas na favela Santa Marta, impressões da pesquisa de campo, passando pela análise escrita e a criação das imagens. Evidenciamos por meio dos resultados obtidos nessa fase do trabalho, a construção de um imaginário urbano, situado nessa favela, influenciado por diferentes formas de conflitos. Abaixo (Figura 8), segue o resumo visual desse quarto capítulo:

### Capítulo 4. Análise e realização: visualização

---

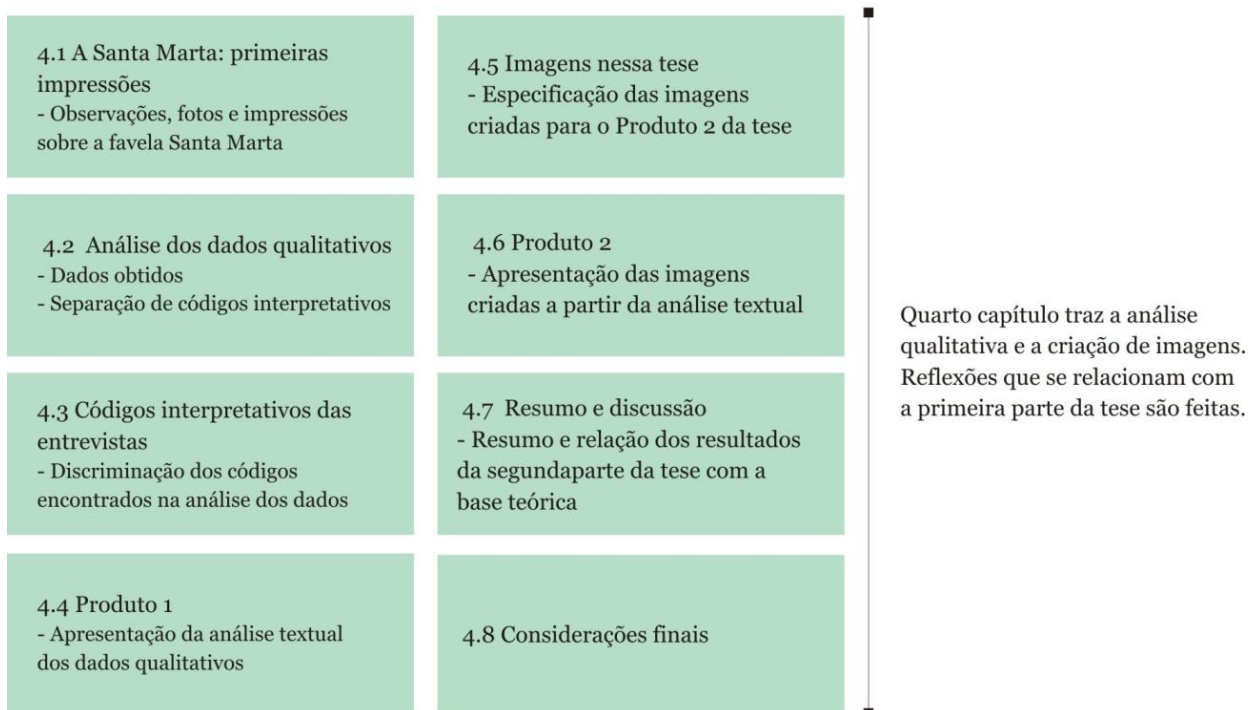


Figura 8. Resumo do quarto capítulo.

#### 4.1 A Santa Marta: primeiras impressões

Essa favela “nasceu” por volta dos anos 1930-40 e existe uma certa confusão quanto ao seu nome Santa Marta ou Dona Marta. No decreto de 2007, do então prefeito César Maia, podemos entender melhor a história por trás disso:

DECRETO N.º 28674 DE 12 DE NOVEMBRO DE 2007. Nominção do morro na rua São Clemente, em Botafogo. O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso das atribuições legais e, considerando que a confusão a respeito dos nomes surgiu em função do Mirante Dona Marta, ponto turístico no cume do morro; considerando que o Morro Dona Marta foi assim chamado, em homenagem a Dona Marta Figueira de Mattos, mãe do Vigário Geral Dom Clemente José de Mattos, proprietário no século XVII, da Quinta São Clemente em Botafogo, cujas terras se estendiam até a Lagoa Rodrigo de Freitas. Nelas Dom Clemente abriu um caminho que dava acesso a Capela de São Clemente, por ele erguida, esse caminho deu origem a atual Rua São Clemente; e, considerando que a favela se chama Santa Marta por causa de uma imagem da Santa homônima situada dentro de uma capela na parte alta da comunidade. Essa imagem foi levada lá por uma antiga moradora no início do século XX. Com a chegada do Padre Veloso na década de 1930, foi construída essa pequena capela para abrigar a imagem de Santa Marta, consolidando assim o nome do local;

DECRETA

Art. 1.º Respeitando a tradição e a história, com base nas considerações deste Decreto, a nominção do morro localizado na Rua São Clemente é MORRO DONA MARTA e a comunidade local é FAVELA SANTA MARTA.

Art. 2.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 2007 443º ano de Fundação da Cidade.

CESAR MAIA (RIO PREFEITURA, 2007)

Em poucas palavras, Santa Marta designa a favela e Dona Marta o morro. Contudo, vemos que as duas formas podem nomear a favela em uma maneira informal de chamar o local, por isso a ocorrência da confusão entre os nomes.

Na favela Santa Marta existem, segundo o IBGE Aglomerados Subnormais 2010, 1177 domicílios particulares ocupados, num total de 3913 pessoas (1883 homens e 2030 mulheres), com média de 3,3 moradores em cada residência. Um aglomerado subnormal é um conceito onde as favelas se encaixam nos estudos estatísticos do IBGE:

Um aglomerado subnormal pode ser qualificado, entre outras características, por seu tamanho, localização, tipo do sítio urbano, acessibilidade, densidade

de ocupação e características dos domicílios, incluindo os serviços disponíveis, como abastecimento de água, esgotamento sanitário, destino do lixo e disponibilidade de energia elétrica. Estes quatro serviços, essenciais para a qualidade de vida da população, foram levantados pelo Censo Demográfico 2010 e fornecem informações fundamentais quanto à diferenciação e caracterização dos aglomerados subnormais. Assim, para cada um dos serviços optou-se por selecionar aqueles considerados como adequados e criar uma proporção de adequação. Deve ser ressaltado que a adequação leva em conta apenas a existência do serviço e não a sua qualidade (IBGE, 2010, p. 46)

Nossa primeira visita a favela Santa Marta foi um encontro com uma realidade com a qual não estávamos acostumados. Nossa percepção era ativada por novos sons, cheiros e cores. Uma cultura local muito forte, uma vizinhança que se conhece pelo nome e que tem suas histórias para contar. Em poucas palavras: um forte sentido de pertencimento local.

Com as mudanças que vêm ocorrendo na região, encontramos a formalização e provisão de muitos serviços (privados ou públicos) na favela, tais como: formalização do fornecimento de energia, coleta de lixo, provisão de internet sem fio, assinatura de canais via satélite, entre outros. No entanto, mesmo com a entrada ou reestruturação dessas possibilidades, ter uma casa com um banheiro que funcione e/ou rede de esgoto implementada (Figura 9), bem como acesso a uma boa educação de base e saúde não são realidades para todos. A qualidade dos serviços públicos fornecidos na Santa Marta nem sempre é satisfatória, o que inclui reclamações de altos valores de contas de energia elétrica, por exemplo, que os moradores diziam ser cobradas por médias de consumo e não contas para cada casa.

Nas caminhadas feitas na favela, pudemos também encontrar muita sujeira, detritos de animais, esgoto correndo a céu aberto, insetos e ratos. E parte do lixo concentrado nas ruas se dava não só pela falta do poder público (ou sua ineficiência), mas pelo próprio comportamento de moradores, como no caso de entulho de obras realizadas no local. Mas também fomos informados sobre iniciativas locais<sup>72</sup>, como a do grupo de moradores e parceiros do Coletivo Santa Marta, criado em 2014, cuja primeira

---

<sup>72</sup> Vídeo sobre o tema do lixo na Santa Marta: <https://www.youtube.com/watch?v=UrAsrH1fHCc> (NORMAN, S., GRONLUND, E., *et al.*, 2008).

campanha foi “Eu quero um Santa Marta limpo”<sup>73</sup>, com o propósito de mudar a relação dos moradores com o lixo.



Figura 9. Foto do esgoto correndo à céu aberto e cheio de lixo no meio das casas (foto tirada em 19/11/11, autoria própria).

Nossa relação com os entrevistados confirmou que pensamento crítico independe de nível de escolaridade, pois encontramos muitos moradores com um olhar bastante afiado sobre sua realidade. A percepção mais marcante foi como nosso modelo de desenvolvimento – o projeto da cidade - é um desperdiçador ou um “abafador” de talentos em massa.

Mesmo com quase todos (94%) os jovens até 14 anos matriculados em escolas do bairro (IETS, CNSEG, 2011), preocupa a questão que:

---

<sup>73</sup> Na página <https://www.facebook.com/coletivosantamarta?fref=ts> (COLETIVO SANTA MARTA) há mais informações.



Uma análise superficial das escolas municipais do entorno do Santa Marta evidencia a baixa qualidade do ensino oferecido. Das quatro unidades escolares nas imediações da favela, apenas uma, o Ciep Presidente Agostinho Neto, no Humaitá, alcançou 57 pontos no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), segundo dados de 2009, o que pode ser considerado uma boa marca. Nas demais, o desempenho é bem inferior a 5 (...). De pouco terá adiantado matricular quase todas as crianças da comunidade se não for para receberem um ensino de qualidade (IETS, CNSEG, 2011, p. 61)

Ou seja, não era novidade, mas encontramos carência de oportunidades e baixa qualidade nos serviços prestados.

Durante todo o tempo de pesquisa, observamos a ação de movimentos sociais locais, de ONGs, da associação de moradores, o papel do Estado (e, mais especificamente, da polícia) e a influência da mídia. Também demos atenção à circulação de diferentes pessoas, sejam moradores do entorno, turistas, pesquisadores, artistas. Há uma grande efervescência neste morro da zona sul, o que talvez contribua para uma forte presença de moradores bastante politizados e críticos, sendo que muitos desses têm influência local (e também além morro). O poder político se faz presente, principalmente, através do governo do Estado do Rio de Janeiro, responsável por muitas das intervenções realizadas no local.

A entrada da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em dezembro de 2008 (Figura 10), foi um momento de grande mudança para a localidade. Essa favela serviu e serve ainda como exemplo deste “novo modelo de segurança pública”. Além disso, vivemos sob um projeto para a cidade do Rio de Janeiro, onde interesses da classe empresarial aparecem com força, seguido pela identificação deste município como sede de megaeventos de grande repercussão mundial.



Figura 10. Parte do prédio onde fica a base da Unidade de Polícia Pacificadora na Santa Marta (foto tirada em 19/11/11, autoria própria).

Também em 2008, foi inaugurado o plano inclinado (GOVERNO DO RIO DE JANEIRO, 2013), meio de transporte gratuito que visou promover a integração, a economia e mobilidade local (Figura 11). Com cerca de 200 metros acima do nível do mar<sup>74</sup> (Figura 12) e cinco estações, é capaz de carregar pessoas e também cargas, como compras e lixo (Figura 13). Essa é uma conquista dessa favela que lutava por essa obra desde 1985 (IETS, CNSEG, 2011). Apesar de seus problemas – mais detalhes na apresentação do produto 1 -, o elevador ajudou bastante, principalmente, os moradores que vivem nas partes mais altas do morro.

---

<sup>74</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=-jBQDdFjWDQ&feature=player\\_embedded#!](https://www.youtube.com/watch?v=-jBQDdFjWDQ&feature=player_embedded#!) (SANTOS, 2009), vídeo sobre o plano inclinado da Santa Marta, de julho de 2009.



Figura 11. Estação do plano inclinado (foto tirada em 19/11/11, autoria própria).

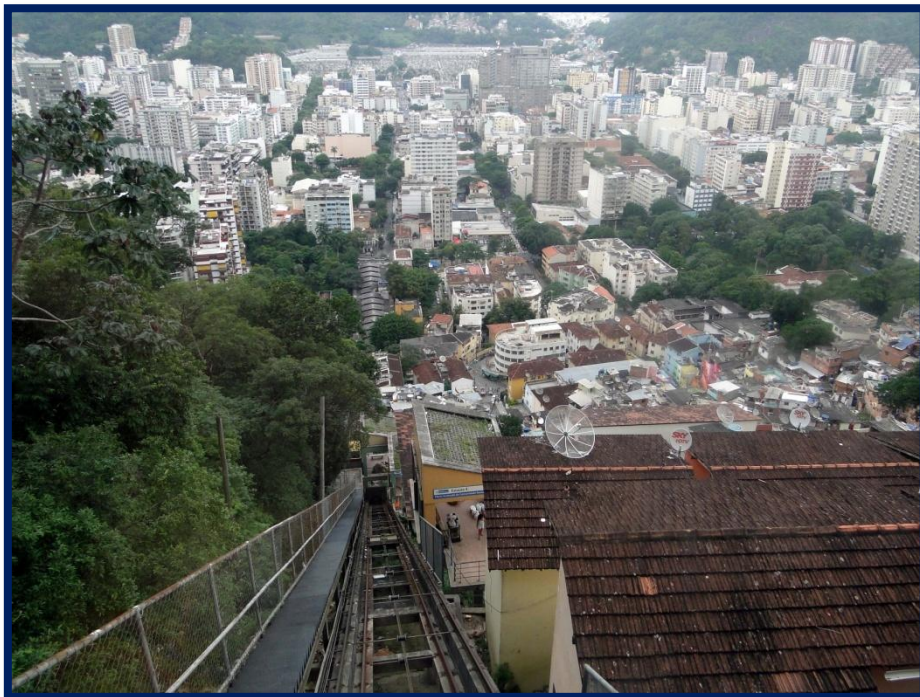


Figura 12. Vista do bairro de Botafogo através do plano inclinado na favela Santa Marta. Na quinta estação, aproximadamente 200 metros acima do nível do mar (foto tirada em 19/11/11, autoria própria).



Figura 13. O “bondinho” (plano inclinado) antes de subir. Compartimento de carga aberto para a saída do lixo coletado (foto tirada em 19/11/11, autoria própria).

Mesmo antes do processo da “pacificação” via UPP e da construção do plano inclinado, o turismo na favela já existia (de acordo com relatos das entrevistas). Mas, com os novos projetos – incluindo o fomento do Governo do Estado para tanto (Figura 14), como o Rio Top Tour, que especializava moradores na área do turismo - e mais visibilidade da Santa Marta, localizada em um ponto privilegiado da zona sul carioca, esta tornou-se um atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro. Empresas de turismo externas à favela e moradores locais disputam a região para ser mostrada para turistas nacionais e internacionais. A bela vista local e a estátua do cantor Michael Jackson (Figura 15) – que filmou parte do clipe musical “They don’t care about us” na Santa Marta em 1996 – são alguns dos pontos principais na visitação pela favela.

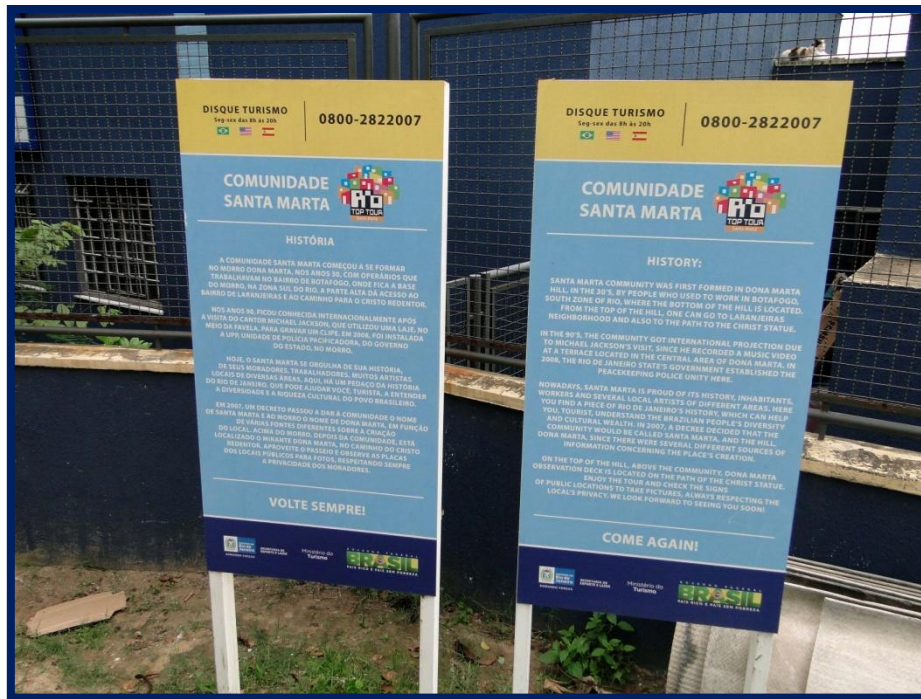


Figura 14. Placas turísticas na Santa Marta disponibilizadas pelo governo do estado, fomentando o turismo local através do projeto Rio Top Tour (foto de 19/11/11, autoria própria).

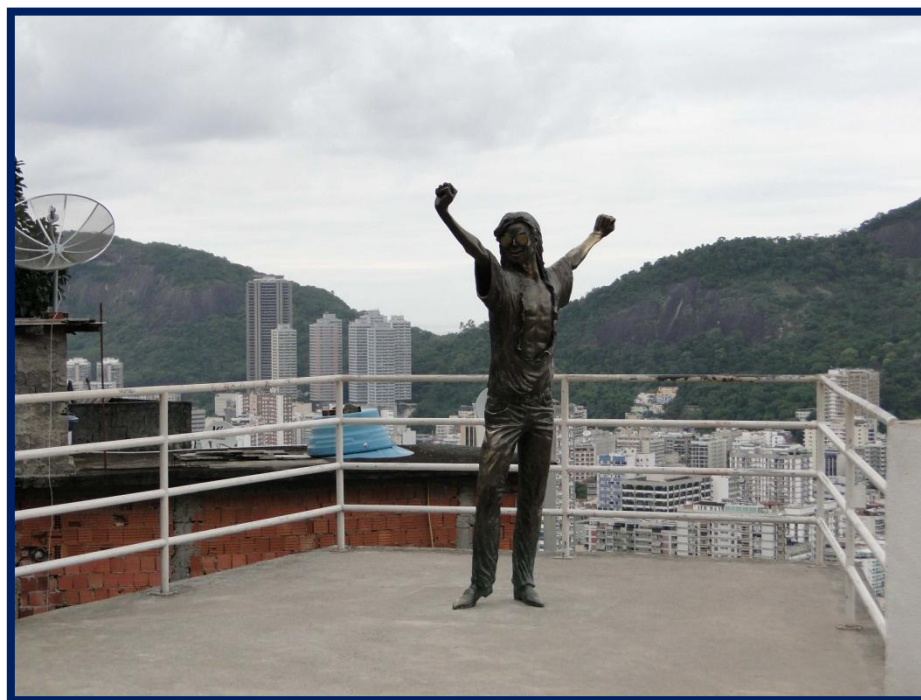


Figura 15. Estátua do artista internacional Michael Jackson, um dos pontos turísticos da favela Santa Marta (foto de 19/11/11, autoria própria).

Em meio às muitas mudanças encontradas no período observado, uma parte da favela se sentia ameaçada pela remoção e sua realocação em prédios construídos pelo governo na mesma localidade, porém em um ponto mais baixo. Tal área declarada “de risco” se chama Pico e não se encontrava dentro das melhorias promovidas no contexto pós-UPP – não havendo, por exemplo, pavimentação nas ruas feita pelo governo. A seguir, uma foto (Figura 16) dessa parte da favela em um momento onde mostravam sua contrariedade quanto à política de remoção do Estado. Nessa área, os moradores não estavam autorizados a fazer qualquer melhoria em suas casas, o que pode motivar com o tempo, a sua saída, devido à deterioração das residências.



Figura 16. Casas na parte mais alta do morro, denominada de Pico. Podemos ver um dos cartazes afixados para expressar a contrariedade da população local quanto à política de remoção do governo para essa localidade (foto de 15/08/2012, autoria própria).

Esses foram alguns dados e impressões que tivemos acesso durante o período de estudo na Santa Marta. A maior parte das fotos se deu no ano de 2011, sendo um recorte de um momento de transição e muitas mudanças locais. Entendemos que uma visita a essa mesma favela hoje implica em vermos muitas outras mudanças acontecendo. Todos esses fatores servem para que tenhamos uma visão inicial, de certa forma ampla, para retomarmos os resultados das análises que serão apresentadas mais adiante.

É importante abrir espaço para lembrar que seria equivocado identificar as favelas como lugar exclusivo da pobreza urbana.

A importância atribuída à identificação entre as favelas e a questão da pobreza urbana acabaram por se transformar em uma faca de dois gumes relativa à defesa dos menos favorecidos. De fato, a representação das favelas como espaço dos pobres por excelência se é que traz para elas algum benefício, deixa na sombra os outros setores da cidade, bastante numerosos e talvez ainda mais carentes, com grande necessidade de investimentos públicos, como os loteamentos irregulares, subúrbios pobres ou certas partes degradadas das zonas centrais (VALLADARES, 2005, p. 160)

Como disse Besserman no O Globo “(...) 2/3 da população carioca que vivem abaixo da linha da pobreza não estão nas favelas.”. Ou seja, não é nossa intenção criar uma representação final – mesmo que abordemos diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema - da favela conectada à pobreza e que esta seja uma generalização. Nossa análise demonstra um lado de muitas questões complexas e não uma forma única de ver e entender uma realidade. Existem múltiplos lugares onde problemas surgem e cada um possui suas próprias demandas e soluções.

Segundo o índice de desenvolvimento humano municipal (IDH-M) – divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), em parceria com o Ipea e Fundação João Pinheiro, com base em dados de escolaridade, saúde e renda do IBGE -, a Santa Marta saiu de 0,563 em 2000 para 0,684 em 2010 (nível considerado médio) (MAGALHÃES; ALVES, 2014). A ideia de um local extremamente pobre não corresponde a sua realidade. O que parece ser característico do sítio diz respeito a sua dimensão cultural – desde a arquitetura, aos modos de relacionamentos interpessoais na favela, linguagens, artes e produções culturais.

#### **4.2 Análise dos dados qualitativos**

Como primeira parte dos dados qualitativos – provenientes das entrevistas - a ser analisada, temos as informações referentes ao preenchimento de critérios. Quanto ao gênero, entre os entrevistados tivemos sete homens e quatro mulheres. Dentro desse quadro de 11 moradores, três moram na parte baixa do morro, dois na intermediária e

cinco na parte alta, sendo que três destes no Pico (Figura 17). A escolha por 11 entrevistados se deveu, principalmente, pela questão prática do tempo para conseguir acesso a essas pessoas, para entrevistá-las, transcrever suas falas, analisá-las e criar as imagens. O tamanho da amostra reflete as possibilidades dentro da própria pesquisa em lidar com prazos e qualidade na entrega do trabalho, sendo uma forma de saturação que delimitou a quantidade de pessoas entrevistadas. O tamanho reduzido da amostra não é um problema, pois esta não busca uma representatividade estatística, mas sim expressar “certas dimensões do contexto, algumas delas em contínua construção histórica” (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008, p. 20).

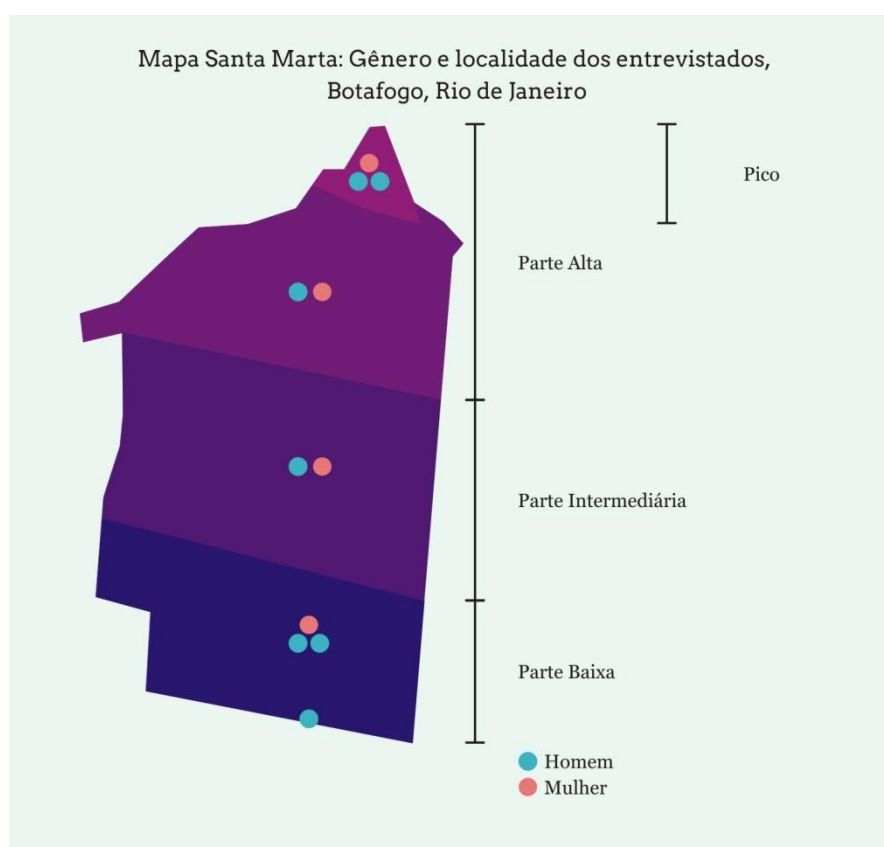


Figura 17. Mapa da Santa Marta com distribuição geográfica e por gênero dos entrevistados.

Cada uma das partes da favela está situada em específica área do morro, com problemáticas e contextos que lhes são próprios. No caso do Pico, ganha destaque a questão da remoção, como já mencionado. Em geral, os moradores da parte baixa representam uma fatia mais rica da população local. O entrevistado mais novo tinha 23 anos na época e o mais velho 51, a média de idade foi de 36 anos de idade. Quanto ao nível de escolaridade (Figura 18), foram nove pessoas com o Ensino Médio completo,



sendo uma dessas cursando a faculdade e as outras oito tendo feito algum curso técnico. Apenas duas possuíam Ensino Médio incompleto.

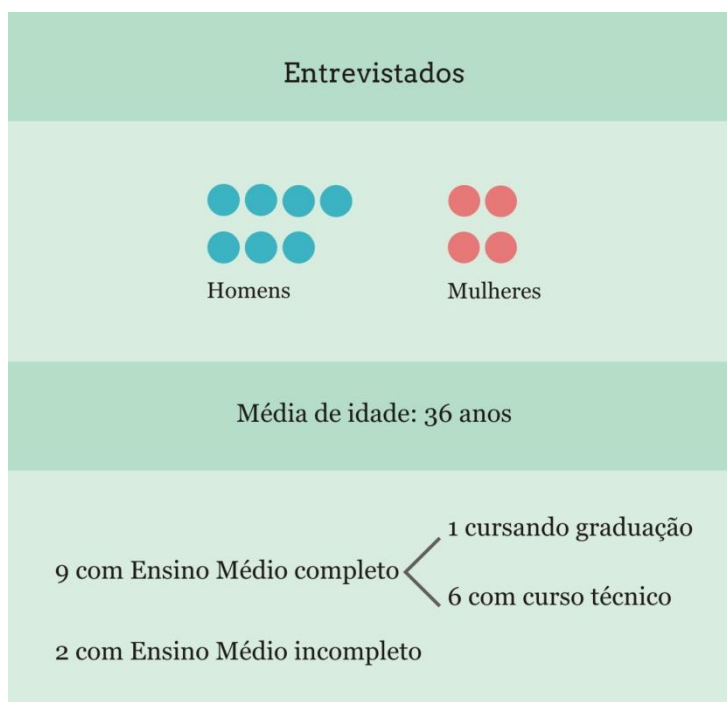


Figura 18. Gênero, média de idade e nível de escolaridade dos entrevistados.

Da revisão e análise de todas as entrevistas foram extraídos 23 códigos interpretativos, que seguem em listagem abaixo em ordem decrescente do número de citações. Códigos referentes ao “governo” foram absorvidos pelo mais generalista “oportunidades”, pois, se reiterava as oportunidades oferecidas pelo primeiro.

Tabela 1. Códigos interpretativos encontrados na análise da pesquisa qualitativa.

Códigos Interpretativos	Número de citações
Oportunidades	19
Transição UPP	18
Celular, internet	16
Diálogo	16
Sustentabilidade	16
Capital	15
Carências	14
Parcerias	14
Perspectivas	13
Divisões	12
Filhos	12
Conflito	10
Educação	7
Influência familiar	7
Remoção	7
Preconceitos	6
Pró-atividade	6
Transporte	6
Deus	6
"nascido e criado"	6
Direitos	5
Redes sociais	5
Passado	3

Queremos deixar claro que o procedimento adotado não implica nenhuma hierarquia de valores de nossa parte. Não pretendemos afirmar de modo algum que termos menos citados tenham por isso menor importância que os mais citados.

Já no jornal O Globo no período de janeiro de 2004 a dezembro de 2012, tivemos um total de 323 menções válidas à favela Santa Marta (por válida entendem-se reportagens e publicações diversas, incluindo cartas dos leitores). O pico das publicações encontradas se deu no ano de 2009, com 70, logo após a implementação da UPP em dezembro de 2008 na favela (Gráfico 1). Privilegiamos na busca o termo “Santa Marta” por esse se referir ao nome da favela e não do morro. Contudo, percebemos que o jornal faz referência à favela também como “Dona Marta”.

Ao avaliarmos o total de publicações feitas entre 2004 e 2012 usando “Dona Marta” como parâmetro, observamos uma quantidade mais homogênea de publicações do que com o uso de “Santa Marta”. Mas, o pico continuou a ser no ano de 2009 com uma ligeira queda nos anos seguintes. Ou seja, não há discrepância nos dados ano a ano

(ver anexo com os detalhes da busca pela palavra-chave). Enfatizamos que a nossa principal base de informação vem do estudo do primeiro termo, sendo que o segundo serviu para uma complementação.

### “Santa Marta”: publicações válidas

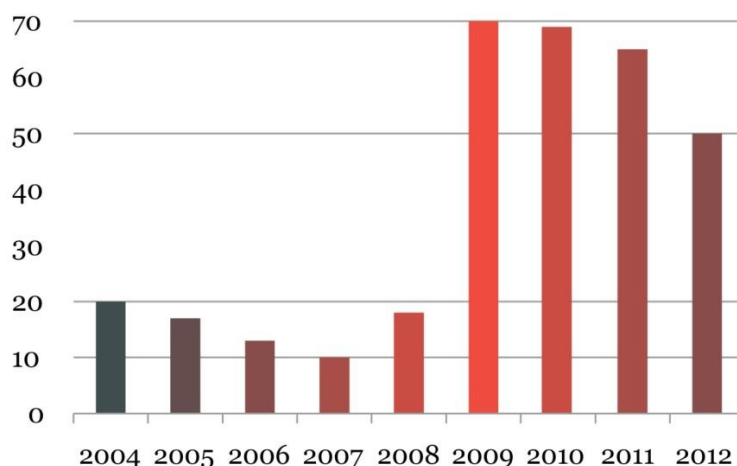


Gráfico 1. Publicações validadas por ano para a pesquisa qualitativa.

Como forma de nos guiar, relacionamos as publicações do jornal O Globo por temas. Mostramos abaixo a Tabela 2, com os 10 mais falados entre 2004-2012 em ordem decrescente. Da mesma forma que na tabela dos códigos interpretativos, a ordenação dos termos não prevê que um seja mais importante que o outro. Além disso, essa divisão das publicações serviu mais para ajudar a pesquisadora a encontrar temas próximos para serem debatidos no Produto 1 e não como uma forma mais restrita de análise.

Tabela 2. Os temas recorrentes encontrados nas publicações do jornal O Globo.

Dez temas mais recorrentes na pesquisa no jornal O Globo (2004-2012)	Total
Cultura	112
UPP	57
Segurança	48
Turismo	17
Projeto Social	15
Expansão da favela	9
Internet	8
LIGHT	8
Morro x asfalto	8
Obras	8

Podemos observar que o tema mais encontrado nessa pesquisa foi “cultura”. Publicações relacionadas com samba e carnaval não eram raridades. Logo em seguida, temos os termos “UPP” e “segurança”. Em certos momentos, os dois podem ser vistos até como sinônimos, pois muitas vezes a UPP se referia a questões sobre segurança pública, porém, em outros, era uma discussão muito mais abrangente (quando se discutia, por exemplo, a valorização imobiliária). Por isso, preferimos manter esses temas separados, apesar de algumas vezes terem alguma interligação. O turismo apareceu logo a seguir, demonstrando o potencial dessa região, principalmente, no contexto pós-UPP. Os outros temas estão relacionados com o desenvolvimento da favela, a implementação de serviços no local e os conflitos morro x asfalto.

### 4.3 Códigos interpretativos das entrevistas

Os códigos interpretativos aqui referidos são fruto da interpretação das falas das entrevistas. Eles somam um total de 23, descritos abaixo em ordem alfabética.

1. Capital: referente a trechos em que os entrevistados falaram sobre dinheiro, seja a dificuldade para consegui-lo, para manter um negócio, empréstimos, entre outros. Inclui também críticas ao sistema capitalista.

2. Carências: referente a coisas que faltam aos moradores da região.
3. Conflito: referente aos inúmeros exemplos de conflitos entre os atores locais e externos.
4. Conhecimento: referente a conhecimentos adquiridos, desejo de adquirir novos conhecimentos, falas sobre educação.
5. Deus: referente à fé em Deus ou a como a Igreja influenciou caminhos e escolhas na vida.
6. Diálogo: referente a momentos em que a presença ou ausência dessa prática foi determinante para caminhos e escolhas na vida.
7. Direitos: referente aos direitos que os moradores querem reivindicar ou afirmar.
8. Divisões: referente a diferenças e separações dentro e fora da favela.
9. Filhos: referente à importância atribuída aos descendentes.
10. Influência familiar: referente aos relatos sobre como a família chegou na Santa Marta, como ali se faz presente e influencia caminhos e escolhas na vida.
11. “nascido e criado”: referente a um enraizamento cultural específico no sítio.
12. Celular, internet: referente aos relatos sobre a influência do uso de novas tecnologias no modo de vida.
13. Oportunidades: referente a caminhos e escolhas na vida, possibilidades no sítio.
14. Parcerias: referente a parceiros que os ajudam em suas iniciativas e negócios.
15. Passado: referente a elementos das histórias de vida dos entrevistados.
16. Perspectivas: referente àquilo que desejam para seu futuro.
17. Preconceitos: referente a passagens que falam sobre estigmas sofridos, seja dentro ou fora da favela.
18. Pró-atividade: referente a passagens que mostram a necessidade de tomar iniciativa, de “correr atrás” das coisas e fazer acontecer o que se deseja.
19. Redes sociais: referente à participação das pessoas em redes sociais digitais e seus usos no dia a dia.
20. Remoção: referente a passagens sobre a remoção dos moradores do Pico da favela.
21. Sustentabilidade: referente a passagens em que os entrevistados discorrem sobre suas visões de sustentabilidade e como isso influencia seus comportamentos.
22. Transição UPP: referente a passagens sobre o momento de transição pós-implantação da UPP na Santa Marta.

23. Transporte: referente a passagens que falam sobre o transporte no morro, principalmente, o “bondinho” (plano inclinado).

#### **4.4 Produto 1**

As reportagens do jornal O Globo, entre 2004 e 2012, sobre a favela Santa Marta contam casos de violência, falam do medo do crescimento da favela, apresentam obras de urbanização e fazem referência à sua posição cultural/turística na cidade. Textos escritos por convidados na seção Opinião, colocações feitas por leitores na seção Cartas, fotos e chamadas também contribuem para criar uma representação da favela. Dividimos em grandes temas esse material e neles, inserimos as falas de nossos entrevistados (dentro dos códigos interpretativos). Em alguns momentos, a separação dos blocos temáticos tornou-se complicada, em razão da interligação entre as problemáticas, que nem sempre guardam limites muito bem definidos entre si.

Optamos por uma postura que tende à neutralidade<sup>75</sup> na exposição dessa análise. Como dissemos anteriormente, não se trata de colocar moradores da favela ou o jornal O Globo como “mocinhos” ou “vilões”, porém focamos muito mais em apresentar diversas verdades. Além disso, como esse material foi feito para uso pedagógico crítico, expor de antemão o nosso posicionamento em relação a algumas passagens poderia enviesar possíveis debates. A meu ver, é mais interessante deixar as pessoas terem a oportunidade de refletir e construir seus próprios *insights*.

Além disso, refizemos de modo simples com ferramenta digital algumas fotografias publicadas no jornal O Globo, ilustrando algumas de suas reportagens. Utilizaremos nesta tese, essas versões das imagens que o jornal publicou, principalmente, para podermos mostrar seu determinado ponto de vista.

##### **4.4.1 Conflitos: moradores e o crescimento da favela**

No dia 22 de abril de 2004, saiu uma reportagem sobre as obras de reurbanização da Santa Marta, projeto retomado por Luiz Paulo Conde (vice-governador do estado) após quatro anos engavetadas. Já estavam incluídas ali, segundo

---

<sup>75</sup> Dificilmente haverá uma imparcialidade total, pois as análises dependem de interpretação, que é influenciada por valores e experiências vividas por aquela que pesquisa. Contudo, oferecemos ao leitor as bases conceituais que fundamentam essa pesquisa, as “lentes” pelas quais enxergamos esse trabalho.

a publicação, entre outras obras, a construção do plano inclinado, melhoria nas habitações e em três quadras da comunidade, contenção de encostas e saneamento.

os moradores do Dona Marta vão finalmente ter o plano inclinado de 160 metros de desnível (equivalente a 55 andares) e com cinco estações que tanto reivindicaram, para melhor se locomover e poder recolher o lixo das partes mais altas da comunidade. (AUTRAN, 2004, p.17)

A obra do plano inclinado demorou alguns anos e foi, finalmente, inaugurada já na gestão do governador Sérgio Cabral, no dia 29 de maio de 2008. Quanto às melhorias na favela, algumas das promessas foram: “Numa delas [quadra] haverá uma espécie de vila olímpica, com pista de atletismo, campo de futebol, pista de skate, quadra polivalente e vestiários. Também estão previstos quiosques nas estações finais do plano inclinado” (AUTRAN, 2004, p.17). Poucas obras saíram do papel, e muitas outras não, como a construção dos quiosques e a pista de atletismo, por exemplo.

Em 2004, também já aparece a ideia de remoção de casas do Pico da favela (cerca de 50 casas) para que a área pudesse ser reflorestada: “Todas as cerca de 50 casas construídas no topo da favela serão demolidas para que a área seja reflorestada”, (AUTRAN, 2004, p.17). Em seguida, as pessoas removidas realocadas em prédios baixos espalhados pela favela. Havia até a ideia de continuar a rua Oswaldo Seabra (que chega até próximo à quinta estação do plano inclinado hoje em dia) para dentro da Santa Marta, possibilitando o trânsito de automóveis e o acesso à serviços públicos, algo que também não foi feito.

Isso tem a ver com o que o entrevistado E2 disse sobre algumas das carências e falta de oportunidades – apesar de este ser um local que ainda recebe vários investimentos de projetos sociais, culturais e educativos de diferentes instituições - para as pessoas do morro:

E atividades culturais de várias dimensões, atividades esportivas outras, não somente futebol que é muito que a gente vê aí sendo promovido. Mas tem outras atividades, por que o jovem da favela em si não pode fazer um surfe, não pode ter aqui em cima uma rampa de skate e outras modalidades? Um voleibol, uma natação, basquetebol, acho que tem que ter mais oportunidade nesse sentido e a diversidade também trabalhista. Outras formações acadêmicas, por exemplo, um repórter aqui dentro, um fotógrafo, jornalista e por aí vai, entendeu? Acho que a coisa... um médico... acho que vai

funcionando e vai mudando totalmente né, aquele aquele processo de curral, que na favela o cara ou joga bola ou toca samba ou é empregado doméstico ou é gari. Não, hoje gari até tem que ter um grau de escolaridade bem mais elevado. Até pra gari hoje tá brabo (E2, código Carências)

Ao pensarmos sobre as obras inacabadas percebe-se que a falta de um leque de opções para essas pessoas pode ser um obstáculo para que talentos possam ser estimulados dentro daquele contexto. Contudo, vale ressaltar que alguns moradores conseguem estudar e avançar em suas possibilidades, mesmo com as dificuldades:

E como é o lance da faculdade onde eu estudo, eu vejo novos amigos, garotas daqui, rapazes também, tão tudo lá, ingressando numa carreira, procurando se profissionalizar, então eu acho que é bacana, bastante interessante. Gosto de estar no direito, sempre gostei. Só não sabia que gostava tanto. Sabe eu sempre fui apaixonado pelos estudos, mas devido à trabalho, filhos e tal, não tinha essa coisa. E hoje eu me dedico mais, hoje tenho mais possibilidade de estudar. (E9, código Educação)

Esse mesmo entrevistado diz mais sobre sua visão da relação das pessoas da favela com o Estado; sobre a independência que sente para conseguirem oportunidades. Há um resquício, talvez de um rancor, em sua fala sobre como as pessoas tinham e têm de “se virar” para conseguir as coisas sem ajuda governamental, o que nos mostra uma ideia bastante interessante sobre o quão delicado é esse relacionamento e como isso pode implicar em muitas dificuldades, como na implementação de projetos.

mesmo antes do Estado, nós não dependíamos do Estado para ter pessoas formadas dentro da comunidade, ter pessoas que corriam atrás de seus sonhos, que se dedicavam à vida pública, sempre tivemos. Nossa pequena comunidade sempre teve isso, mas... o Estado acha que ele que fez tudo que tá aqui pra fazer tudo, mas não é. Não desprezamos a sua ajuda, mas sempre caminhamos sozinhos. (E9, código Pró-atividade)

Já o entrevistado E5 diz que sua vida mudou desde que ingressou em um projeto do governo do Estado (a partir do contexto da Unidade de Polícia Pacificadora), onde voltou a estudar:



Ahn na minha vida acho que assim melhorou, porque eu voltei a estudar, né. Coloquei o meu marido também pra estudar, o meu cunhado, né, a namorada dele... Arrastei um bonde assim comigo, né, pra ir fazer o curso técnico. (E5, código Educação)

O entrevistado E1 também participava do mesmo projeto do governo, que aproveitou com muito empenho, apesar de deixar claro que, inicialmente, havia uma falta de conhecimento até da existência dessa possibilidade profissional que lhe apareceu.

E que pena que eu demorei tanto tempo pra descobrir essa profissão, que se eu soubesse que era tão bom assim já teria ido pra lá... falta de informação fez com que a gente não fosse há muito mais tempo. (E1, código Oportunidades)

Este participante também deixou bem claro que apesar de tudo o que se fala mal do governo (neste caso estadual), ele aproveitou bem as oportunidades surgidas. Reflete de modo muito interessante sua possível situação positiva, mas que ao mesmo tempo, pode ser frágil:

Então o governo tá por trás disso, se não fosse o governo não aconteceria. Ah as pessoas falam mal, eh, eh eh... criticam, mas em nenhum momento veem o lado bom.”, “Então eu me formei guia de turismo através do governo, então, eu posso ser um no meio de um milhão, posso ser uma anta no meio dos leões, mas eu sou e to lá sobrevivendo. Porque eu falo e pra todo mundo, falo pra você, falo pro governo, falo pra quem não quer escutar, falo pra quem é oposição, se talvez se não fosse essa oportunidade do governo hoje em dia, provavelmente, não estaria aqui conversando com você.”, “Só que eu tirei proveito das coisas boas que o governo incentivou, então eu to do lado deles. (E1, código Oportunidades)

Outros dois entrevistados apresentam também uma visão positiva do momento no morro:

O governo me ajudou sim, isso a partir do momento, eu tenho muito que agradecer o... como é, meu Deus do céu, o nome dele.. o.... Cabralzinho. Muito obrigada por tudo. A partir do momento que ele botou esse bondinho<sup>76</sup> foi uma grande ajuda, a gente só tem que agradecer mesmo e eu não tenho nada que reclamar. Tá bom mesmo, entendeu? (E11, código Transição UPP)

---

<sup>76</sup> Falaremos mais sobre o plano inclinado, informalmente conhecido por bondinho, mais adiante.

E4: - Agora, pro morro e pra mim tá bom.

Pesquisadora: - Tá bom?

E4 - Tá, tá do jeito que tá. (E4, código Carências)

No ano de 2005, saíram manchetes sobre a briga entre moradores de Laranjeiras e os da Santa Marta, estes apoiados pelo governo do Estado, na figura, principalmente, do responsável pelo projeto, Luiz Paulo Conde, por conta da construção de uma creche no topo do Morro Dona Marta. Moradores do bairro vizinho temiam o incentivo ao crescimento da favela em direção à sua área, como fica claro na seguinte passagem:

No sábado, porém, a Comissão de Moradores da General Glicério e Adjacências havia proposto que a creche, que está com as fundações prontas, fosse derrubada e reconstruída em outra área do morro, virada para a encosta de Botafogo. (WAMBLER, VASCONCELLOS, 2005, p. 15)

Havia o argumento que a construção não tinha licença e que haveria dano ambiental no local. A tensão aumentou com a afirmação de moradores de Laranjeiras dizendo que foram ameaçados por traficantes do morro por se oporem à obra. Por outro lado, nessa época, não havia plano inclinado e a locomoção das crianças, especialmente as do alto do morro, não era fácil. A foto que saiu na capa do jornal com essa reportagem reforça a ideia de dano ambiental, ao salientar a construção em torno de uma região de mata com vista para o Pão de Açúcar (Figura 19).

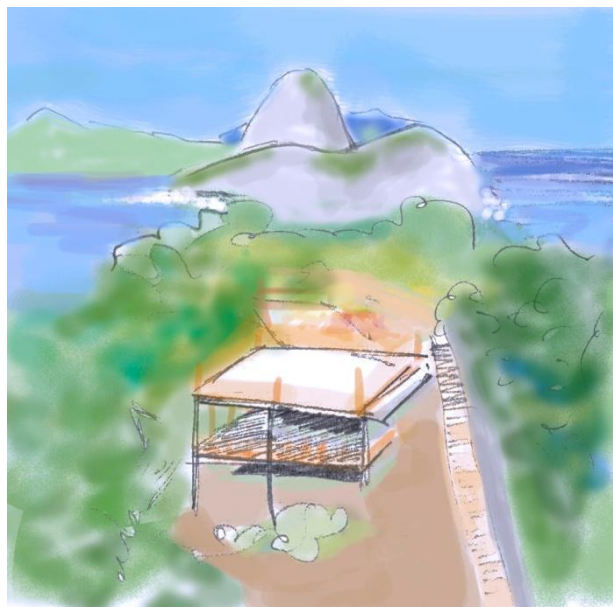


Figura 19. Vista aérea do morro Dona Marta, no local onde a creche estava sendo construída. Reforço na ideia do dano ambiental (autoria própria).

Conflitos entre moradores são coisas que pouco a pouco ficam em evidência pelas reportagens e exposições pessoais publicadas no jornal. Vemos o então, vice-governador e secretário de obras, Luiz Paulo Conde, defender seu ponto de vista para as obras continuarem.

- É um problema de elitismo. As pessoas sonham que vão ter a capacidade de remover a favela. A creche tem todas as licenças necessárias e é um projeto que integra a favela à comunidade. (WAMBLER, VASCONCELLOS, 2005, p. 15)

Reforçando essa visão conflituosa entre obras, crescimento da favela e moradores, no dia 31 de março de 2005, saiu uma reportagem no caderno Zona Sul, com a seguinte chamada “Urbanização ou ocupação?” (MIRANDA, 2005, p. 8). Novamente, bate-se na tecla do medo do crescimento da favela por parte dos moradores de Laranjeiras em direção ao seu bairro. Além disso, não concordam com o asfaltamento da rua Oswaldo Seabra que dá no topo do morro. “A creche está sendo erguida fora dos limites da favela, dentro da mata. Não somos contra a sua construção, mas o crescimento da favela preocupa. – explica Paulo Marraio, presidente da Associação de Moradores e Amigos de Laranjeiras (Amal).” (MIRANDA, 2005, p. 8). Aparentemente, de acordo com os moradores de Laranjeiras, poderia se construir a

creche em outro ponto do morro, mas não em um que fosse mais próximo aos limites desse bairro.

Em 27 de dezembro de 2006, finalmente, a creche foi inaugurada pela, então, governadora do Rio de Janeiro, Rosinha Garotinho. Contudo, como estava em final de mandato, o governo do estado não quis fazer contratações e nem abriram inscrições para 120 crianças, deixando essa tarefa para a seguinte administração (ROSINHA, 2006, p. 11). Enquanto isso, as obras do plano inclinado estavam atrasadas com três das cinco estações prontas. Em resumo, depois de muita confusão entre moradores sobre a construção da creche – com argumentos de dano ambiental, temor do crescimento da favela para Laranjeiras -, ela foi inaugurada, porém nunca funcionou. Hoje, esse prédio abriga o comando da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no morro. Não foram encontradas reportagens falando sobre essa questão do não uso do prédio<sup>77</sup> como creche e sua posterior utilização como centro da polícia comunitária que, aparentemente, não causou alarde.

Caso parecido e que achamos interessante de expor aqui foi o do prédio desativado do supermercado Carrefour, na Tijuca, que poderia receber moradores da favela Indiana. Contudo, muitos moradores, segundo o jornal, no dia 27 de agosto de 2009, repudiaram<sup>78</sup> a ideia, variando de sugestões alternativas até críticas exaltadas. Segundo o jornal, os moradores prefeririam que o local se torna-se um centro cultural. Um deles disse:

moradores da Indiana têm direito a lugar digno. (...) Mas não sei se transferi-los para o Carrefour é a melhor solução. Com a falta de políticas públicas, o espaço pode virar outro ponto de degradação, na principal rua da Tijuca. Seria como levar moradores do Santa Marta para a Voluntários da Pátria, em

---

<sup>77</sup> Encontramos uma notícia que saiu na Folha EMOP, no site do governo do Estado do Rio de Janeiro, em 29/05/2008: “O governador [Sérgio Cabral Filho] prometeu ativar a creche, construída no alto do morro, próxima à quinta estação, e que jamais foi usada, embora esteja aparelhada e mobiliada. A unidade com capacidade para 100 crianças foi repassada à prefeitura no início do ano passado.

– Vou mandar ainda hoje um ofício ao prefeito César Maia para saber se ele deseja mesmo a creche. Se não quiser ou tiver algum problema para colocá-la em funcionamento, vamos assumi-la. Deixar uma creche dessa fechada é uma covardia – afirmou.”

No final das contas, a creche não foi mesmo ativada e virou a base para a UPP no morro.

Notícia em [http://www.emop.proderj.rj.gov.br/noticia\\_dinamica1.asp?id\\_noticia=91](http://www.emop.proderj.rj.gov.br/noticia_dinamica1.asp?id_noticia=91), acesso 18/05/2014.

<sup>78</sup> De modo similar, tivemos em 2013 o caso entre moradores da Rocinha e de São Conrado. No dia 10 de setembro, moradores da favela e do bairro vizinho tiveram um encontro para debater a construção de apartamentos do PAC (Plano de Aceleração do Crescimento) em São Conrado. O projeto foi cancelado e o moradores da Rocinha alegaram elitismo por parte de seus vizinhos de classe mais alta. Em anexo, trazemos uma notícia que saiu no Jornal do Brasil, no dia 11 de setembro de 2013. Sabemos que não se trata especificamente da Santa Marta, nosso caso, mas é um ponto interessante para enfatizarmos como as questões de conflito e preconceito estão espalhadas pela cidade.

Botafogo, ou os do Vidigal para a Visconde de Pirajá, em Ipanema.  
(MASCARENHAS, MOTTA, 2009)

Diante desses conflitos, encontramos cartas de leitores com opiniões fortes, tais como:

O programa favela-bairro foi um tiro no pé. (...) houve uma explosão imobiliária dentro das comunidades e uma viabilização da ocupação das partes altas dos morros. (...) As favelas se tornaram antros de pessoas que têm condições de morar em casas regulares no subúrbio, mas que preferem morar nas favelas pois lá não existem leis, conta de luz e de água para pagar, podem fazer puxadinhos e construir novos barracos para alugar. (FAVELA-bairro<sup>79</sup>, 2005, p. 6)

Na seção Opinião, que apresenta o posicionamento claro do jornal, do dia 30 de setembro de 2005, o Globo enfatiza a visão da cidade partida, tendo em vista que parte dos cidadãos vivem sob um tipo de regra, enquanto os favelados sob outro, mais flexível. E enfatiza: “A favela, em vez de ser vista como é, uma anomalia, foi convertida em curral de eleitores” (CIDADE Partida, 2005, p.6). Reforça-se a ideia de que a remoção é algo necessário e não se trata de termo pejorativo – “O importante agora, é recolocar a questão na agenda da sociedade – e dessa vez sem interditar o termo ‘remoção’, descontaminando-o de seu sentido pejorativo que ele não deve ter”, (CIDADE Partida, 2005, p.6). As justificativas que fomentam isso são a segurança pública, saneamento e qualidade de vida.

Diante desse quadro, na seção de cartas desse mesmo dia (30/09/05), muitos leitores enviaram mensagens repudiando as irregularidades nas favelas e a postura do, então, prefeito César Maia. A sensação de divisão na cidade e de que parte de seus moradores são beneficiados pela informalidade surge como revolta em alguns discursos. Somente uma carta neste dia concordou com a verticalização das favelas, já que aceitava que não dá para acabar com as mesmas. As falas, em geral, podem ser resumidas pela seguinte citação:

foi confessado pelo prefeito César Maia: está decretada a favelização da cidade. Os favelados tudo podem. Quanto ao cidadão, que arque com a conta que se transformou num achaque, vindo em seguida uma desordem urbana

---

<sup>79</sup> Preservamos a identidade daqueles que foram entrevistados e também dos leitores que do jornal O Globo que escreveram cartas, por isso, utilizamos seus títulos ao invés de nomes.

sem precedentes na cidade, em troca de votos (CESAR e a Rocinha, 2005, p. 6)

Apesar de todo esse alarde e medo em torno da desordem urbana, crescimento da favela e que os favelados não pagam o devido para o Estado, temos aqui algumas opiniões de nossos entrevistados:

nós temos que ser vistos como pessoas que colaboram também, que colaboram com o pagamento de um policial, pagamento de um senador, até a grana mesmo que vai para o bolso do presidente, tá? E que deveríamos ser tratados com o mesmo respeito (E9, código Pró-atividade)

Não é o dinheiro, é o contato, é você conhecer as pessoas [estava falando em relação ao seu trabalho]. Conhecer as pessoas novas, as pessoas te conhecerem, te respeitando por aquilo que você é. Te vê não como um pobre favelado, mas um cara que mora na favela que tem dignidade, que exige respeito, que dá respeito, quer ser respeitado.”, “Não somos pobres coitados, não somos tadinhos” (E1, código Preconceitos)

Em 2006, Luiz Paulo Conde volta a fazer um ensaio para o jornal, novamente expondo suas opiniões mais integradoras entre o morro e o asfalto. Ressalta o prazer do estado em fazer as obras urbanísticas na Santa Marta e que “a vida e a cultura de cada comunidade pobre faz parte da realidade deste país e que tentar tirá-las do mapa não é a solução para seus problemas” (CONDE, 2006, p. 7). Pouco a pouco, vemos que existem alguns discursos no jornal de pessoas que buscam uma integração maior entre favela e cidade formal e aqueles que desejam a sua remoção para lugares distantes. Atravessando esses discursos temos a ênfase em um contexto e imagens de insegurança, irregularidade e dano ambiental, que muitas vezes servem de justificativa para o discurso da remoção.

No dia 17 de agosto de 2006, uma reportagem com fotos aéreas e a seguinte chamada “Crescimento sem limites” (AMATO, 2006, p.21), alerta os leitores para o crescimento das favelas e comenta que nem mesmo a proteção divina do Cristo conseguiu conter a expansão, mesmo que pequena, da Santa Marta. A justificativa para impedir tal crescimento é de fundo ambiental, pelo avanço em áreas do Parque Nacional da Tijuca. Não há debate em torno do porquê de tal avanço em diferentes favelas do Rio de Janeiro e/ou discussão sobre a questão da habitação.

Em 16 de setembro de 2007, saiu mais uma reportagem de destaque a respeito do crescimento das favelas, onde estudo da Firjan que comparou imagens de satélite de 2002 e 2007 aponta um aumento horizontal de 29,2% nas favelas cadastradas oficialmente pela prefeitura (SCHMIDT, 2007). O tamanho desse aumento é medido em morros “Santa Marta”, mais especificamente, 4,5 morros. Interessante notar que essa medida foi usada, provavelmente, por esta favela ser facilmente reconhecida entre os leitores do jornal. Apesar de um tom, à princípio, mais alarmista, o artigo traz a visão de estudiosos que também discutem o problema e possíveis soluções.

Já no dia 18 de setembro de 2007, novamente, O Globo solta reportagem sobre o crescimento das favelas e cita o mesmo estudo Firjan (ANTUNES, SCHMIDT, 2007). Dá espaço para o governo se defender sobre os resultados do aumento, mas expressa veementemente que a opinião do jornal é de que não há outros modos de enxergar o que está acontecendo: “Ação sem tergiversar” é o título em destaque que afirma que há o crescimento horizontal e também o vertical e que são necessárias “políticas claras de desestímulo à informalidade habitacional” (Ação, 2007, p. 16). Para ilustrar, mais uma vez o mapa da Santa Marta é colocado como exemplo do que tem acontecido, mesmo não sendo a favela que teve a maior expansão no período. A Santa Marta, realmente, parece ser uma favela que serve de parâmetro para um entendimento comum sobre o tema.

Com medo da expansão da favela, surgiram denúncias sobre a construção de barracos próximo ao acesso da Santa Marta pela Rua Oswaldo Seabra. Na verdade, aquilo era apenas uma construção cenográfica de barracos para uma série de TV da Globo. O subtítulo da reportagem chama a atenção para a sensação dos moradores dos bairros vizinhos: “Alívio: barraco em alto do morro em Botafogo é apenas montagem cenográfica” (COSTA, 2009, p. 12). Mesmo sendo um alarme falso, o medo da favelização, principalmente, por parte de vizinhos à essa região é enfatizado pela publicação.

No dia 23 de setembro de 2009, o presidente da EMOP, Ícaro Moreno anunciou projeto de retirada de casas do Pico do morro para prédios na parte baixa da favela (MENOS, 2009, p. 14). A justificativa é que se trata de área de alto risco, de acordo com técnicos da Geo-Rio, e que será reflorestada em seguida. Lembramos que essa ideia da remoção das casas – cerca de 50 - do topo do morro visando realocar as famílias na própria favela já apareceu no projeto de obras exposto no jornal no ano de 2004, visando o reflorestamento da área. Cinco anos após essa publicação vemos que

este projeto ganha força e o processo se arrasta até o momento atual. Não sabemos exatamente se as motivações sobre o risco do lugar são as únicas para a efetivação deste projeto, mas ao fazermos uma pesquisa sobre esta questão, pudemos encontrar uma dissertação que divide a Santa Marta em áreas de baixo, médio e alto risco de deslizamento. O Pico se encontra, de acordo com essa publicação, numa das áreas de alto risco (SABINO, 2010).

Do ponto de vista de alguns dos moradores afetados por essa política, temos a desconfiança das pessoas em relação à justificativa da remoção – desconfiança do governo -, que resultou na união de moradores para lutar pela permanência no local:

foi uma das formas que nós encontramos [falando sobre o evento sócio cultural que promovem na quadra próximo ao Pico da Santa Marta] , né, de arrecadar fundos para nossa campanha, né, “Diga não à remoção: SOS do Pico, onde o povo pede socorro”. A questão, né, que a gente colocando, colocamos aqui em relação à especulação imobiliária, eh... e hoje como falei o Santa Marta é uma favela bem localizada e é alvo de cobiça de mega empresários aí, geral, para colocar vários empreendimentos aqui dentro. O local onde que eu moro, é um local de interesse pra esses mega empresários (E2, código Remoção)

dizem que é uma área de risco, na verdade, a GEORIO e tudo o mais. Mas só que todos sabem que aqui é daonde que você tem uma vista panorâmica de 180 graus praticamente da parte da zona sul, né, o Corcovado até o Dedo de Deus. É uma trilha pra um ponto turístico, chamado Mirante Dona Marta. Então, tem um fluxo diário ali de turistas subindo e descendo. Como que é uma área de risco se, né, colocaram no roteiro de turismo como uma trilha ecológica? E o turista sobe ali direto, né? Não é área de risco pro turista, mas pro morador é? Então, são coisas aí a questionar (E2, código Conflito)

Além disso, ressalta o valor sentimental de viver naquela localidade, que é dita como a mais antiga e de onde começou a ocupação da favela Santa Marta.

É realmente apagar, né, remover essas habitações é apagar toda uma história, toda uma vivência, toda uma coisa de anos (E2, código Remoção)

Ou seja, em sua fala, percebemos uma desconfiança muito grande quanto às motivações governamentais para a remoção desses moradores e descrença também na



instituição do governo que avalia a situação de risco desse local. Em contrapartida, os próprios moradores dizem ter chamado um engenheiro para fazer uma avaliação alternativa obtendo a resposta de que com as devidas proteções e obras de contenção poderiam ficar ali. De ambos os lados pudemos ver falta de confiança e pouco diálogo por parte do poder público.

Outros moradores também comentaram sobre este caso, como neste exemplo:

Porque agora tá tendo uma questão aqui no Santa Marta que tão querendo tirar o Pico, as pessoas que morou... mas porque vieram ver só agora? Tanto tempo, tanto tempo que está aí, agora que vieram se preocupar? Que preocupação é essa? Você tá me entendendo? (E10, código Remoção)

Inclusive por meio de boatos, as pessoas têm alguma ideia do que está se passando com os moradores do Pico da Santa Marta.

E11: - Outras casas vão fazer, parece. O rapaz tava falando comigo que vai ter 15 apartamentos, uma coisa assim.

Pesquisadora: - Pro pessoal lá do Pico?

E11: - Pessoal lá do Pico, assim ele falou comigo. Eu mesma num fui nem lá ver ainda. (E11, código Remoção)

Na capa do jornal, em 15 de novembro de 2009, O Globo enfatiza a quantidade de dinheiro alocada na Santa Marta desde o ano de 1983. Segundo o jornal, foram investidos R\$ 123 milhões em obras ou programas sociais, dinheiro que daria para que cada família pudesse comprar um apartamento pequeno na Tijuca (VASCONCELLOS, 2009b, p. 15). A questão era a discussão do quanto se valeria a pena investir em uma comunidade ou pagar indenizações para os moradores saírem dali. Mostra um ponto de vista bastante a favor de repensar o modelo que temos nessa área de planejamento urbano, mostrando a Santa Marta como exemplo de uma favela de tamanho menor que recebeu investimentos do governo, mas demonstrando que essa política não é totalmente eficiente. É uma publicação a favor de novas ações sobre essa questão, com certa tendência à remoção. Tal reportagem repercutiu entre leitores, como podemos ver na seguinte carta enviada para o jornal:

Se fizer uma enquete entre os moradores da Santa Marta ou qualquer outra favela da Zona Sul para saber se eles preferem ficar onde estão ou morarem

num apartamento de R\$ 84 mil na Tijuca, aposto que a maioria vai preferir ficar onde está. Em um prédio normal há despesas com IPTU, energia elétrica, água, condomínio, taxa de incêndio... isso ninguém quer pagar. (GASTOS, 2009, p. 6)

A construção da ideia de que há tratamentos distintos dentro da cidade (de um ponto de vista bastante negativo muitas vezes, como se os mais pobres tivessem regalias que as classes mais ricas não possuem) é algo recorrente na mídia pesquisada. Há uma concepção de que pessoas mais pobres não precisam pagar por serviços, muitos deles essenciais, e os recebem mesmo assim.

Enquanto isso, ao irmos à favela vimos que as pessoas não se recusavam a pagar pelos serviços em seu discurso, diferentemente daquilo esboçado por alguns dos leitores do jornal. Como podemos ver com nosso entrevistado falando sobre a conta de luz da Light.

Hoje o pessoal paga o que consome, né. Embora nós tenhamos uma luta enorme com a Light, com a Aneel porque o morador aqui ele não tem medidor próprio, né, aquele analógico que você acompanha o que você gasta. A gente tá encontrando morador que não tem, morador é obrigado a acreditar no que vem, no que a Light manda no extrato e paga. Hoje, a nossa briga é por um relógio analógico pra que o morador tenha condições de acompanhar seu gasto e até pra que ele possa economizar. (E7, código Conflito)

Não é que seja mais alta, é que a conta é uma estimativa. Eu não posso pagar a mesma coisa que você, do que ela e que ela ao mesmo tempo. Isso é impossível. Todo mundo gastou tudo igual no mesmo mês?”, “Todo mundo quer pagar, mas quer pagar o que é justo. (E7, código Conflito)

Realmente, durante conversas e caminhadas pela Santa Marta, pudemos notar que a questão da energia elétrica era um problema para todos os moradores com quem falamos. Ninguém discordou sobre o pagamento que deveria ser feito, mas sim dos valores que eram muito semelhantes uns aos outros, sem levar em conta, aparentemente, o número de aparelhos dentro da casa de cada um. Muitos deles, independente da localização na favela (diferentes “classes sociais”) e com diferentes modelos de

cômodos equipados relataram-nos o pagamento de contas entre 80 a 110 reais por mês<sup>80</sup>.

De fato, a Light, empresa como é, enxerga as pessoas ali como seus clientes e negou qualquer tipo de erro em suas contas na época. Segundo uma das coordenadoras para as comunidades, Fernanda Mayrink, em entrevista concedida em 22 de maio de 2012, antes da pacificação havia 1600 residências, onde apenas 80 tinham energia formalizada. Destes 24 pagavam a conta de luz, o que dava R\$ 650,00 mensais para a empresa. Após a pacificação, em 2012, a Light ganhava cerca de R\$80.000,00/mês (o que comprova que as pessoas pagam as contas). E não é que os moradores estão livres das dívidas antigas, mas cada conta paga hoje abate uma anterior.

Podemos compreender que há uma discrepância<sup>81</sup> entre o que se vive na favela, o que a Light deseja para os consumidores e como pode cobrá-los, aquilo que sai no jornal para os moradores da cidade e é construído como representação da favela. Isso serve para alimentar uma cadeia de mal entendidos e preconceitos permeando nosso desenvolvimento econômico, social e ambiental.

#### **4.4.2 Morro x Asfalto: a cidade continua partida**

No dia 30 de agosto de 2005, um tiroteio no morro Dona Marta ganhou destaque no jornal. A chamada principal foi “Medo em Botafogo, tiroteio no Dona Marta fere cinco pessoas e balas atingem a Rua São Clemente” (ENGELBRECHT, 2005, p.13). Em uma chamada menor havia “Terror no asfalto e na favela, violência explode em áreas dominadas pelo tráfico”. Essas manchetes reforçam a sensação de insegurança na cidade, onde os tiros que atingiram a rua São Clemente são contabilizados e ajudam a criar um ambiente de guerra urbana. Passa-se a ideia de uma violência que atropela a cidade informal e formal, reforçando o medo nesta última diante desses acontecimentos. Não há críticas quanto à ação violenta da polícia e ainda aparece uma foto em destaque mostrando três policiais apontando suas armas em um dos acessos ao morro (Figura 20).

---

<sup>80</sup> Em janeiro, 2014, uma moradora nos contou que, finalmente, a Light tinha admitido erro na cobrança de sua conta de luz.

<sup>81</sup> Por isso, acreditamos que seja de grande importância o reconhecimento da interdisciplinaridade nesses casos, pois o fato de entregar um serviço, como a energia nas casas, não quer dizer que, simplesmente, os problemas estejam resolvidos. É necessário pensar *como* essa energia é entregue e para isso é preciso mais do que engenharia, também é necessária o conhecimento do contexto.



Figura 20. Troca de tiros na Santa Marta entre policiais e bandidos durante operação policial (autoria própria).

Em outra reportagem no caderno para a Zona Sul do Rio, em 22 de setembro de 2005, há a seguinte chamada “Paisagem tomada por barracos em Copacabana” (PAISAGEM, 2005, p. 30-31). Esta discutia a desvalorização de imóveis próximos a favelas. A imagem triste de uma pessoa olhando pela janela de seu apartamento para uma favela próxima, demonstra bem o tom da reportagem. Numa pequena coluna ao lado das fotos está escrito “Uma triste rotina”, que continua “As favelas da Zona Sul são palcos de tiroteios constantes que, com frequência cada vez maior, chegam ao asfalto.” (PAISAGEM, 2005, p. 30-31). Fala-se dos confrontos, incluindo na Santa Marta, e como estes têm interferido nos bairros próximos. Há uma tendência para se demonstrar como isso é ruim para os moradores da cidade.

Diante desse quadro, vemos a opinião de uma leitora do Globo:

é necessário gastar esta verba [referindo-se aos 25 milhões<sup>82</sup> para pintar as casas da Santa Marta], e outras, removendo estes barris de pólvora, infestados de bandidos, para lugares distantes, para que os moradores decentes e a população como um todo tenham direito de viver em paz. Só o Exército pode dar fim a isto. (RIO, 2005, p.6)

---

<sup>82</sup> Em relação a esse gasto com a pintura e reforma da fachada das casas da Santa Marta, em reportagem no dia 18 de agosto de 2005, estimava-se o custo em 4,4 milhões de reais para mais de 900 domicílios até o fim de 2006. Contudo, este projeto não foi para frente, pois quando subimos no morro em 2011/2012 ainda não havia todas as casas pintadas. Na verdade, a empresa Coral Tintas é que havia se proposto a fazer a pintura dentro de um projeto social seu e este projeto está saindo do papel.

No ensaio, “Favelafobia, um veneno social”, o jornalista Elio Gaspari expõe nossas contradições acerca do tema e que enquanto não tivermos diálogo entre as partes para descobrir uma forma de convivência “sem a premissa da eliminação do outro.” (GASPARI, 2005, p.7) não haverá solução. Citamos alguns trechos de seu texto:

Se bobear, o Rio de Janeiro pega de novo a favelafobia, doença da qual padeceu nos anos 60. A ideia é simples: removendo-se a choldra imunda para o diabo que a carregue, a cidade voltará a ser a maravilha que foi no final do século XIX

Atribui-se ao embaixador Otávio Dias Carneiro a seguinte observação: “Favela não é problema, favela é solução. Problema é a falta de moradia.” “A favelafobia é um veneno social. Poucas cidades tiveram tantas favelas removidas quanto o Rio de Janeiro e nenhuma cidade tem tantas favelas quanto o Rio de Janeiro (GASPARI, 2005, p. 7).

No dia 27 de julho de 2006, saiu no Globo chamada na primeira página sobre um primeiro censo feito na Santa Marta, o título era o seguinte: “Uma favela em números” (COSTA, 2006, p. 15). A imagem em destaque na capa do jornal mostra uma senhora negra com o olhar perdido em sua janela em um casebre de madeira. A legenda diz “barraco sem banheiro e sobre um valão”. A ênfase na pobreza se coloca nesta primeira chamada e na reportagem, que tem como título “A voz do morro: Pesquisa no Dona Marta afirma que 85% têm ‘gato’ de luz” (p. 15). Os números reforçados são aqueles que mostram os dados de um ponto de vista negativo, como a porcentagem de gatos (85%) e que muitos não pagam a conta da CEDAE (98,8%) apesar das últimas obras de reurbanização. Mesmo números baixos constam com alguma ênfase no texto, como residências sem banheiro (3,4%) e o número de casas de madeira (10,6%), este com grande destaque. Não queremos dizer que tudo é uma maravilha na favela, mas nenhum dado ser apresentado de um ponto de vista mais promissor ou mostrando o porquê das coisas serem assim ajuda a criar uma representação ainda mais negativa da situação. Há um reforço na ideia de que lá não há pagamentos e custos, além da pobreza que choca.

Complementando essa visão, há ainda um pequeno texto comentando a ocupação do morro desde a década de 40. Todo ele é pautado pela violência através do uso de palavras como: “violentas guerras”, “tráfico de drogas”, “uma guerra de 14 dias”,

“quadrilha”, “policiais e bandidos”, “tiroteio” e “bala de fuzil”. A ideia de guerra e insegurança para moradores da vizinhança é claramente exposta.

Ainda sobre a questão da segurança, em 4 de outubro de 2007, uma reportagem intitulada “Rombo no arsenal do tráfico” ganhou destaque. A polícia estourou um paiol na Santa Marta, além de apreender drogas. O jornal elogia o sucesso da política de combate ao tráfico, baseado em ações de inteligência - mesmo havendo intensa troca de tiros, medo nos colégios do entorno e dos moradores do morro. Dentro do texto há uma chamada intitulada de “Policiais atiram de dentro de helicóptero”, como algo *normal*. A reportagem informa: “Logo no início, houve tiroteio. Policiais de um helicóptero que dava apoio à operação atiraram em sete bandidos, que estavam com um fuzil numa localidade conhecida como Mina.” (COSTA, 2007, p.13). Podemos refletir se esse tipo de conduta em um bairro nobre no Rio de Janeiro seria aceito da mesma forma, sem nenhuma crítica.

Nosso entrevistado E2 questiona o tipo de tratamento recebido pelos moradores do morro pela polícia, em comparação a um morador de uma zona mais nobre da cidade (lembrando que ele fala já em um momento onde havia polícia pacificadora, que busca um novo relacionamento com os moradores):

“Não é tão bem assim também que funciona, acho que tem um pouco, né, a forma de tratamento não é totalmente [igual] como o morador de uma Atlântica, da Barra da Tijuca, do Recreio, né, principalmente, aqui no bairro de Botafogo é tratado. Acho que tem um diferencial sim.” (E2, código Divisões)

E ao falar de helicóptero, na seção de cartas do dia 13 de outubro de 2007, alguns leitores reclamam do barulho dos que sobrevoam a região em torno do Corcovado (HELICÓPTEROS, 2007, p.6). Os bairros citados por esses leitores são Botafogo, Humaitá, Laranjeiras, Jardim Botânico, Cosme Velho, Lagoa. Não há menção às favelas. Não encontramos menção negativa sobre a atividade de helicópteros da polícia atirando no morro. Mas, em 2012, moradores da Santa Marta relataram-nos sua insatisfação com os helicópteros turísticos e o seu barulho<sup>83</sup>.

---

<sup>83</sup> Inclusive presenciamos algumas dessas aparições de helicópteros. Em uma delas, o piloto, simplesmente, resolveu dar um rasante no morro, descendo-o rapidamente e em baixíssima altura. Em outra, tivemos que interromper até a gravação da entrevista por conta do barulho ser muito alto.

O secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, em 24 de outubro de 2007, fez uma declaração polêmica em seminário promovido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV):

Buscá-los (os traficantes) na Zona Sul, no Dona Marta, no Pavão-Pavãozinho, eu (polícia) estou muito próximo da população. É difícil a polícia ali entrar. Porque tiro em Copacabana é uma coisa. Um tiro na Coréia, no Alemão, é outra (VASCONCELLOS, 2007, p. 19)

O secretário se explicou dizendo que essa forma de atuação diferenciada se dá do ponto de vista geográfico, a diferente atuação em uma favela plana e outra inclinada. De toda a forma, essa declaração do governo foi criticada pela Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ, em nota:

O secretário assumiu publicamente que, para o governo, o morador de classe média da Zona Sul recebe tratamento diferente e tem direitos de cidadania que o trabalhador que mora na favela não tem [...] Será que a polícia atiraria em quem corresse (na Zona Sul)? Será que as pessoas que hoje criticam a defesa dos direitos humanos para qualquer cidadão apoiariam essas operações de guerra (na Zona Sul)? (VASCONCELLOS, 2007, p. 19)

De todo modo, as marcas da violência e dos tiros ainda permanecem na favela. Em um muro no topo do morro existem marcas de balas e nos relatos dos moradores também apareceram questões sobre esse discurso da (in)segurança.

mas, na verdade só nós sabemos qual é... a dificuldade de sobreviver de chegar a uma idade como eu cheguei né. Com 30 anos, homem, negro dentro de uma favela... pobre, dentro de uma favela. Na verdade é exceção de você chegar (E2, código Preconceitos)

Apesar disso, entre nossos entrevistados encontramos aqueles que relataram não ter problemas sobre esse ponto de vista da segurança, considerando que a violência não os afetava tanto quanto era alardeado pela mídia.

Segurança, bom aqui eu nunca tive problema... com ninguém. Sempre... Nunca teve briga aqui, aqui pessoal é bem comportado, pelo menos aqui nesse recinto [seu local de trabalho]. (E5, código Oportunidades)

Então a UPP eh... trouxe um pouco dessa 'segurança', né, pras pessoas que achavam que não tinha. Mas pra mim bato no pé... bato no peito e falo 'é diferente, completamente diferente', mas aqui era um local que você circulava que você ia e vinha, né? Tudo bem, se tivesse sozinho, eu ia te perguntar 'Cê tá indo pra onde? Fazendo o que? Por quê? Com quem?', uma pergunta normal. Mesma coisa que eu entrar no seu prédio, porteiro vai me perguntar pra onde que to indo, que que eu vou fazer. (E1, código Transição UPP)

Na coluna "Ilegal. E daí?", o jornal traz em destaque "Favela agora é caso de polícia", reportagem que trazia o debate acerca das construções irregulares e, conseqüentemente, um certo medo pela expansão da favela e a questão da habitação popular (MAGALHÃES, 2007). Apesar de se colocar que construções irregulares podem ser tanto do "asfalto" quanto da favela, o artigo cita apenas estas últimas como maus exemplos. Novamente, o argumento de que se trata de preservação ambiental é o mais utilizado. Nesse fogo cruzado, o jornal continua atacando o então prefeito César Maia. A temática continua no dia 29 de agosto de 2007, onde o Globo cita novas expansões irregulares de favelas e continua a atacar o prefeito, o que ocorria sobre este assunto desde 2005, como vimos numa pequena seção Opinião (IMPLICÂNCIA, 2007), que expressa a opinião do jornal. Os ataques continuam em dezembro de 2008, com muitos argumentos e especialistas opinando sobre o tema. Entre os argumentos contrários está o número de remoções, que caiu em relação ao seu mandato anterior (DE FERROZ, 2008).

Em janeiro de 2008, vemos várias cartas de leitores falando mal do prefeito César Maia. Tal representação das favelas e seu crescimento, a questão da ilegalidade e o suposto apoio do governo para tanto levou, para nossa percepção, à maior separação e preconceito entre as duas partes da cidade:

Atenção, desordeiros, malfeitores. Venham para o Rio enquanto o alcaide ainda é um omissor e incosequente. Montem barracos onde bem entenderem, criem comunidades, desmatem, destruam, roubem, instalem-se nas ruas, vendam o que quiserem a que preço desejarem, arrasem o comércio que paga impostos, riam na nossa cara, sujem tudo, emporcalhem a cidade, sempre com a cumplicidade eleitoreira deste político interessado na ilegalidade. E daí? (LIMPAR, 2008, p. 6)



E nesse mesmo dia, ainda na seção de cartas, podemos ver outro leitor fazendo comentários ofensivos sobre uma possível ampliação da favela Santa Marta:

Moro no Humaitá (...) e acompanho, de minha casa, um incêndio na encosta à direita da Favela Santa Marta. Claro que daqui a alguns dias veremos luzes no meio da mata, naquele terreno onde agora se dá o incêndio, com o previsível alastramento daquela comunidade 'ordeira' – durante dois meses aqui, somente ouvi três tiroteios de 20, 30 minutos de duração – onde, certamente, vai proliferar outro condomínio. (LIMPAR, 2008, p. 6)

Em 8 de maio de 2008, a manchete “Cabral quer combater crescimento de favelas” (AMORA, 2008, p. 23) ganha destaque. O uso de muros como eco-limites e monitoramento via satélite são mencionados. Novamente, o jornal cita o estudo da Firjan sobre o crescimento das favelas entre os anos de 2002 e 2007, mencionando algumas favelas, como a Santa Marta. Nesse mesmo dia, no caderno Zona Sul, saiu mais uma reportagem sobre o crescimento das favelas. Uma das imagens que o jornal traz é a da chegada de material de construção no topo da favela Santa Marta, pela rua Oswaldo Seabra (Figura 21). Segundo a presidente da Associação de Moradores de Botafogo, Regina Chiaradia “- É um crescimento fomentado pelo próprio governo do estado, que ergueu essa creche, que ainda não funciona, num lugar inapropriado.” (GALDO, 2008). Ou seja, continua a alegação de que esta obra e o melhoramento do acesso por carro incentivou o crescimento da favela.

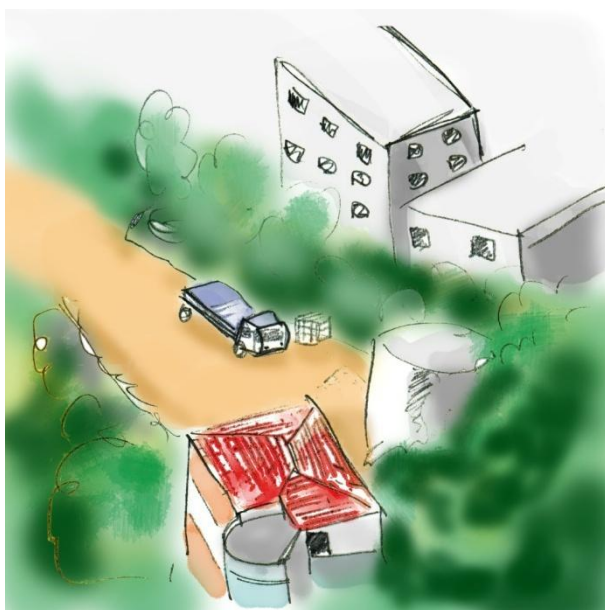


Figura 21. Chegada de material de construção no topo do morro Dona Marta (autoria própria).

Voltando no tempo, rapidamente, ainda em 2004, podemos ver um trecho extraído de um ensaio do então vice-governador do estado do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde, que falava sobre a questão da favela e da habitação, ligada à falta de política habitacional e urbana. Menciona também que muros altos que cercam uma favela não são causadores e também não combatem à violência. Sua justificativa para que sejam construídos limites claros é que estes servem para manter a qualidade dos investimentos feitos em infraestrutura em áreas de favela. Esse descolamento entre favela e violência pode ser visto mais claramente na seguinte passagem:

As favelas são o lugar que a família pobre dispõe para permitir sua inserção na sociedade e no trabalho. As favelas cariocas não fabricam armamentos, tampouco plantam ou refinam cocaína. (CONDE, MAGALHÃES, 2004, p. 7)

Em 28 de março de 2009, o estado se antecipou ao município e começou as obras para a construção de um muro de concreto de 3 metros de altura nos limites da Santa Marta (BERTA, 2009). Líderes comunitários de favelas se mostraram contrários a tais muros, tentando apresentar alternativas, no dia 17 de abril de 2009 (COSTA, 2009). O tom que eram pessoas de esquerda é dado pela ênfase de que pôsteres de Chávez, Bolívar e Fidel estavam pelas paredes do local da reunião, de acordo com a publicação - inclusive reforçam isso com o uso de foto em destaque e com legendas (Figura 22). O uso de tais detalhes parece querer nos fazer perder a credibilidade acerca da fala dessas pessoas.

A reunião foi marcada por discursos políticos inflamados. Na parede da sala, a existência de dois pôsteres do presidente da Venezuela, Hugo Chávez; do revolucionário venezuelano Simón Bolívar e do ditador cubano Fidel Castro parecia ajudar a aumentar o calor das discussões. (COSTA, 2009, p. 12)



Figura 22. Reunião de líderes comunitários a respeito da construção de muros na favela Santa Marta (autoria própria).

O jornal complementa dizendo que em pesquisa feita pelo Datafolha, os próprios moradores das favelas apoiam a construção desses muros. Contudo, observando os números apresentados pelo jornal vemos que os moradores que aprovam são 47% e os contrários representam 46%, o que não é uma diferença significativa – não se fala em margem de erro - para ser apresentado como “apoio” da maioria. Mesmo em áreas próximas às favelas, 50% apoiam, enquanto 40% são contra. Para quem mora longe das favelas, os números foram 44% a favor e 46% contra. Apesar de ter dado espaço para que se expressasse a visão dos líderes comunitários, o jornal não pareceu muito favorável para suas intervenções.

Ainda nessa mesma página, complementou-se a questão do muro com o anúncio de que a prefeitura iria testar na Santa Marta reforçar a construção de concreto com uma árvore chamada Sansão. Por ter galhos muito duros e espinhos ela se torna uma barreira que só pode ser retirada com o uso de uma motosserra. Já em reportagem no dia 21 de abril de 2009, o jornal busca defender a ideia do muro ao se contrapor ao escritor José Saramago, que havia comparado tal construção ao muro de Berlim. A resposta é a seguinte: “Ela [questão do muro de Berlim] foge da questão central, uma vez que, nas favelas do Rio, o muro não fechará acessos, não dividirá comunidades nem impedirá a entrada e saída de moradores.” (ALVES, 2009b, p. 11). Contudo, temos muros invisíveis, que segregam e que, muito provavelmente, por sua sutileza são mais

perigosos do que aqueles construídos de fato. O jornal brasileiro se defende e acusa o espanhol El País também de cometer erros em sua reportagem sobre os muros cariocas.

Depois do escritor José Saramago comparar erroneamente os ecolimites ao muro de Berlim, ontem foi a vez do jornal espanhol El País, em sua edição online, publicar reportagem sobre o projeto com pelo menos cinco erros. O principal deles é dizer que a proteção da mata se limita às favelas localizadas em bairros nobres da cidade (ALVES, 2009b, p. 11)

Nitidamente, nessa reportagem, o Globo queria defender a construção de tais muros e confirmar que eles não tinham nada de segregadores ou elitistas. Inclusive quis defender o lado “estético” dos muros, que foram ditos na publicação espanhola que tinham aspecto penitenciário. “Os ecolimites, feitos de concreto não contam com rolos de arame farpado, cerca elétrica, guaritas ou outros itens de segurança típicos de presídios.” (ALVES, 2009b, p. 11). Seja pelo motivo da construção, material utilizado, localização e segregação, o jornal defendeu veemente a construção desses limites. De acordo com reportagem do dia 21 de outubro de 2009, o valor da construção do muro foi aumentado em R\$ 212,6 mil, somando-se ao valor inicial de R\$ 981 mil. O aumento se deu por mudanças na trajetória do muro, devido ao terreno. O valor total chegou a cerca de 1,2 milhão de reais em apenas uma favela. O total aproximado da extensão do muro é de 650 metros.

Em 4 de outubro de 2008, mais uma reportagem falando mal da atuação do prefeito César Maia e a expansão horizontal das favelas, citando novamente o estudo feito pela Firjan. O título desta vez é “Favelas ocupam áreas verdes: só a prefeitura não vê” (MELO, 2008, p. 10) e a Santa Marta consta novamente dentro da listagem apresentada de favelas próximas ou dentro de áreas ambientais. O discurso pró-áreas verdes e de defesa do meio ambiente enfatiza o lado negativo da favelização e seu crescimento. Não há menção sobre construções de classes mais ricas nas áreas de preservação ambiental da cidade.

No dia 26 de novembro de 2009, o jornal resolve mencionar novamente o estudo da Firjan feito entre 2002 e 2007 sobre o crescimento das favelas (dessa vez, com o título da pesquisa: “Análise do crescimento horizontal das favelas do município do Rio”). Diz que Botafogo foi o bairro com o maior crescimento de favelas em área, sendo que a Santa Marta é tida como a segunda favela que mais cresceu (ESTUDO, 2009). Inclusive a imagem que ilustra essa reportagem é a da Santa Marta em Botafogo.

Impressiona como o jornal insiste em publicar inúmeras reportagens com a mesma temática e fonte de argumentação.

Sob o título “Impunidade”, um ensaio na seção Opinião foi publicado no dia 30 de março de 2009, de autoria de Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira (presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro). Novamente, discute-se a expansão das favelas e vemos o estudo da Firjan ser citado. Argumentos contrários são colocados, como a sempre citada questão ambiental e a falta de infraestrutura nessas construções. Pede-se a punição dos abusos, contudo pouco se fala nas irregularidades feitas na “cidade formal” ou em construções de classes mais ricas. Conecta-se a ideia de construção irregular é coisa de favela.

Só que no dia a dia que encontramos na Santa Marta (em janeiro de 2012), construir não é algo assim tão “largado” pelo governo. Existe um órgão instalado que regula e fiscaliza as reformas nas moradias da favela, através do aval de um engenheiro ou arquiteto. Casas do Pico, onde há um processo para remoção<sup>84</sup>, não podem sofrer melhorias<sup>85</sup> por parte dos moradores.

Pesquisadora: - Mas se você fizer alguma reforma aqui acontece alguma coisa?

E6: - Acontece, não tenho autorização. Tem o Pouso, que é um órgão que fica lá embaixo, o que eu fiz aqui, normalmente, tem que se pedir autorização, se não pedir... se eles vir que to fazendo obra na minha casa vão vir aqui e vão interditar, dizendo que não tenho autorização pra fazer. Tem acontecido, por isso com muita gente aqui em cima não faz obra. Algumas tão fazendo aí pra baixo, que estão metendo a cara e fazendo, uns lugares que até que se pode fazer, tem gente fazendo obra à beça, graças a Deus aí pra baixo, mas aqui em cima se a gente começar a fazer, já começam... (E6, código Conflito)

---

<sup>84</sup> Em entrevista para o site do canal iBase, Itamar Silva pontua: “- O Pico está vivendo o fantasma da remoção de uma maneira cruel. Como o governo do estado anunciou a construção de uma trilha lá em cima, houve uma determinação da prefeitura de proibir qualquer mudança nas casas. Assim, as famílias não podem fazer melhorias habitacionais. Não por acaso, é o lugar no qual o Pouso (Posto de Orientação Urbanística do município) tem sua ação mais efetiva no Santa Marta em termos de fiscalização. O local também não recebe os benefícios da reurbanização. Não há iluminação pública numa área com crianças e adolescentes com intensa vida escolar. É como se fosse outra favela.” Disponível em: <http://www.canalibase.org.br/dossie-remocoes-no-rio-uma-triste-historia-da-cidade/>, (DAFLON, 2013). Consideramos válido colocar essa citação para mostrar mais um ponto de vista em relação a essa questão delicada e conflituosa dentro do morro.

<sup>85</sup> Isso nos faz recordar da política do governo antiga que proibia cortiços de serem melhorados: “O artigo 29 do Decreto nº 391, de 10 de fevereiro de 1903, por exemplo, proibiu novas construções, a reforma e a manutenção de cortiços, tolerando apenas obras de caiação.”, (GONÇALVES, 2013, p. 40) visando uma erradicação no decorrer do tempo.

Logo, a visão de que não há nenhum tipo de controle é errôneo. Às vezes, dá a impressão de que uma política mais permissiva é uma escolha acatada em determinados momentos e demandas da cidade. Em outras palavras, pareceu-nos que o controle é algo que ora o estado exerce com mais firmeza e ora com menos. Por mais que alguns moradores decidam não fazer mudanças em suas casas, outros “peitam” e tentam praticar sua obra. Em uma visita em final de 2013, pudemos observar boa quantidade de material de construção entrando na favela através da Rua Oswaldo Seabra. Não foi pesquisado para saber se essas obras eram todas legais. Do ponto de vista social, vemos que as famílias crescem e necessitam de espaço, assim, a favelização acontece e o nó na cidade continua.

No discurso de nossos entrevistados, pudemos notar que querem o respeito por parte do restante da sociedade, mas a ideia do preconceito ainda permanece, como observado nos seguintes trechos:

E2: - Pra gente sempre da favela, dos morros, né, negro, oriundo, preconceito que rola diariamente, é sempre mais difícil pra nós ingressarmos na faculdade, num curso, no que seja, nada pra gente é assim com facilidade.

Pesquisadora: - E você sente preconceito das outras pessoas?

E2: - Bom a gente ainda às vezes sente aqui, principalmente, no Santa Marta. Cara, às vezes, tem preconceito com nordestino.

P: - Dentro do próprio morro tem preconceito?

E2: - Tem preconceito. O nordestino tem preconceito com carioca, e assim vai, entendeu? E aqui também por ser uma favela dentro da zona sul é... ao atravessar a rua que limita aí, né, a São Clemente ali tem uns carros de luxo e tudo mais. Você sente o preconceito, vai fechando os vidros quando [você] tá se aproximando. (E2, código Preconceitos)

Outro entrevistado deixa claro como se sente a respeito das diferenças de tratamento dadas aos habitantes da cidade conforme a renda que possuem.

Porque eu acho que a sociedade tem um certo preconceito... tem sim, que tipo assim, comunidade x zona sul. A comunidade Santa Marta ela se localiza na zona sul, mas entre a comunidade e aí o asfalto há um abismo. Tá me entendendo? As pessoas têm um certo preconceito com as pessoas. Mas eu acho tão natural, tão normal do mundo... são seres humanos, todo mundo morre, todo mundo adocece, acho que todo mundo é igual no fundo no fundo.

Eu acho que tem essa diferença, eu acho que esse pensamento... que tem algumas pessoas, são pessoas burras, que não têm esclarecimento do que é a vida, que que é o ser humano, tá entendendo? Aqui tem pessoas trabalhadoras, pessoas bem informadas, pessoas que são advogadas... conheço várias pessoas aqui que tem vários tipos profissões, que moram aqui, que gostam de morar. Eu acho que tem mais liberdade, não sei... de cada um, tá entendendo? Eu não acho diferença nenhuma em morar em um bom apartamento ou morar aqui numa casa, ué? É o gosto de cada pessoa, diferente, entendeu? (E10, código Preconceitos)

passa aqui na rua da Matriz ali tem um colégio público e um colégio particular. Gente, eu fico assim, eu analiso, gente que é aquilo? É humilhante você ver aquilo. (...) Por que é humilhante? Você vê umas criancinhas pobres ali na frente, a maior desorganização do colégio, a infraestrutura péssima, você vê do outro lado o colégio de pessoas que têm dinheiro, o nível... Você tá entendendo? Aquilo machuca. Aquilo fere. Aquilo agride, tá entendendo? Outro dia... às vezes tem umas promoções que pessoal faz de empresas... botar revistinha... e tinha lá a garotada do colégio público de um lado e pessoal lá da frente do colégio [particular] dando bebidinha. Você vê a diferença? Isso me mata. Isso me comove (E10, código Divisões)

Quando se fala de preconceito e divisões da cidade (ou mesmo dentro da própria Santa Marta), percebemos que, às vezes, esse discurso sai sem mesmo termos a ideia daquilo na hora, de um modo muito sutil. É como algo que nos soa natural até. Abaixo vemos uma citação de nosso entrevistado E3 sobre a oportunidade surgida “na rua”, no que se refere não à favela, mas à cidade formal. Essa expressão que poderia remeter a um “estar desempregado”, nesse contexto dessas pessoas significa a formalidade, ter acesso a cidade formal.

daí abriu essa oportunidade pra mim ir pra rua. Fiquei 4 anos e meio na rua, trabalhando, trabalhando num salão, né. Lá eu me especializei, tive que fazer cursos, (...), principalmente, cabeleireiro, né (E3, código Divisões).

Ao continuar a falar sobre o lugar onde mora e negócios, especifica que há uma diferença no oferecimento de serviços na parte de cima e de baixo do morro (onde as pessoas estão mais concentradas).

Tá abrindo mais [negócios], mas aqui em cima tem esse problema, é precário, com relação à barbearia, à uma lanchonete, né, lá pra baixo você encontra, mas aqui pra cima você quase não encontra isso”, “aqui em cima nós sofremos um pouquinho, né, com relação a muita coisa vir pra cá, né. Nós sofremos aqui um pouquinho, você pode ver que lá pra baixo o pessoal, ele tem... não vou dizer que tem mais vantagens, né, mas é muito mais vantajoso você abrir uma barbearia lá embaixo, né. Perto, aqui como você vê, é necessário que seja próximo a um caminho principal (E3, código Divisões).

Neste ponto, vemos como é uma satisfação poder oferecer um serviço de qualidade na parte de cima do morro, do mesmo modo que existe na parte de baixo. É um sinal de reconhecimento de um trabalho bem feito.

E quando eu consigo e não só eu, como outras pessoas, que conseguiram se estabelecer, colocar um estabelecimento e oferecer um mesmo trabalho que oferecem lá embaixo, mas agora específico pro pessoal aqui de cima, quando você vê até pessoas vindo de lá pra cá, pô, você fica muito alegre. É sinal que seu trabalho tá sendo reconhecido, né (E3, código Diálogo)

Enquanto isso, temos outro exemplo de provedor de serviço que nos conta como chegou a trabalhar em um salão na parte baixa da Santa Marta. Mesmo com propostas de salões renomados “na rua”, nosso entrevistado resolveu também atender na comunidade.

A dona do salão abriu e não tinha ninguém pra trabalhar com ela. Aí ela me procurou, aí “cara, eu não sei, porque eu tenho várias propostas de vários salões renomados aí na rua”, “e eu falei “cara”, mas eu fiquei tão comovido com a dona A e eu vou lhe ajudar (E10, código Divisões)

Um de seus objetivos era mostrar que assim como “na rua”, na favela também era possível ter um serviço muito bom. Lembra-nos o discurso de nosso entrevistado E3 sobre seu negócio na parte de cima do morro. Há uma busca por um reconhecimento externo<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> Que se conecta com a visão de nossos outros entrevistados que não querem ser vistos como “coitadinhos”, mas que querem respeito, que os outros os reconheçam como também contribuintes nos impostos, desejosos de uma segurança/educação melhor. Há nas entrelinhas um discurso pedindo para que, além dos preconceitos percebidos, haja uma emancipação sobre o olhar que se tem dessas pessoas.



Aí eu to aqui, mas eu quero trabalhar... mas eu quero mostrar para as pessoas que aqui na comunidade temos também estúdio de beleza, que também oferece o mesmo serviço que oferece na rua.”, “E com a mesma qualidade, tá entendendo? Profissional qualificado, entendeu, com bons conhecimentos naquilo que faz e faz bem feito. (E10, código Divisões)

O sonho de um de nossos entrevistados era o de conseguir colocar uma loja “na rua”.

Bom, terminar os estudos e continuar aqui, né, porque meu sonho sempre foi ser vendedora. Quem sabe o dia de realizar o sonho de ter uma lojinha na rua. Eu tenho um sonho. É difícil, mas... não é impossível. (E4, código Perspectivas)

Quando perguntados sobre quem eram seus clientes, pudemos notar outra forma de se referir as pessoas que não eram moradoras do morro, como “do asfalto”.

Pesquisadora: -E seus clientes são pessoas daqui do morro e mais quem?

E8: -Ah, vem gente de fora também, daí do asfalto. (E8, código Divisões)

Meus clientes é tanto pessoal da comunidade quanto pessoal do asfalto. É bastante variado. (E9, código Divisões)

Um de nossos entrevistados conseguiu casa própria fora da favela, já na cidade dita formal, mas em uma rua muito próxima da Santa Marta. Com família e trabalho na comunidade, optamos por deixá-lo permanecer entre os pesquisados.

Pesquisadora: - Em que parte do morro que você mora?

E8: - Ah, eu já morei, né.

P: - Ah, você não mora mais aqui?

E8: - Agora eu moro aqui embaixo.

P: -Aqui embaixo que é morro também? Ou não?

E8: -Eh, a gente fala que..., aqui na Marechal. (E8, código Divisões)

Essa localização tem uma peculiaridade, como pudemos notar na titubeação de E8, pois, aparentemente, não é exatamente favela e nem cidade. É um espaço geográfico

entre os dois lados, como se apresenta no jornal O Globo do dia 24 de agosto de 2000<sup>87</sup> que começa com o título “Duas ruas entre a favela e o asfalto” (LIMA, 2000), uma dessas ruas é a Marechal Francisco de Moura. Parece-nos que há uma indefinição acerca desse limite entre favela e cidade formal que pode resultar num incômodo para os moradores locais, pois parece um território indefinido, sem uma identidade delimitada.

Uma colocação interessante acerca da falta de escolas públicas dentro da favela, mas sua presença no entorno fazem-nos acordar para essa (falta) de integração:

É no entorno da comunidade [tem 5 escolas], a gente até acha ser bom no entorno, porque tem uma integração: informalidade com formalidade. (E7, código Diálogo)

#### 4.4.3 Favela, esporte e cultura

Se temos uma visão ruim do ponto de vista da segurança, meio ambiente e informalidade na construção do discurso sobre a favela, temos uma visão mais positiva quando se trata de cultura. Em 19 de janeiro de 2006, houve um anúncio de uma exposição de fotografias feita por jovens de favelas, incluindo a Santa Marta. Interessante como o título da exposição e da agência promotora “Olhares do Morro” (O MORRO, 2006), se associa à ideia de favela – no caso, três favelas situadas em morros<sup>88</sup>: Rocinha, Santa Marta e Vidigal.

Em março de 2007, uma reportagem de primeira página no Segundo Caderno falava em “Desconstruindo o Exótico” (VELASCO, 2007). Trata-se de um vídeo de arte contemporânea que retrata o exótico. Não é um trabalho que falava sobre violência, *funk* ou problemas sociais do Brasil, mas um jeito apenas de tratar do tema central estipulado. A favela Santa Marta foi utilizada para essa filmagem servindo de palco e se firmando como cenário de favela “típica” para cariocas e estrangeiros<sup>89</sup>.

Apesar de todo o contexto negativo que aparece muitas vezes no jornal, constatamos que os moradores que entrevistamos gostam, em sua maioria, de viver na Santa Marta. Apenas um de nossos entrevistados disse que não gostava muito de lá por

---

<sup>87</sup> Esta reportagem saiu do eixo 2004-2012, mas consideramos interessante colocar aqui para reforçar o exposto por E8.

<sup>88</sup> Lembramos, contudo, que nem toda a favela está situada em morros.

<sup>89</sup> Ela é famosa pela quantidade de gravações feitas lá. É até um de seus chamarizes para nos passeios turísticos.

ser uma comunidade muito “calma”. Aqueles nascidos no morro, disseram com orgulho muitas vezes: “sou nascido e criado” na Santa Marta.

Nosso entrevistado E9 disse:

Aqui é ótimo! Aqui a comunidade que... todas têm problemas, não vai ser só aqui, mas você por ser nascido e criado aqui, percebe que a diferença hoje é enorme. (E9, código Nascido e criado)

E o E2 complementa essa visão positiva acerca de morar na Santa:

Pesquisadora: - Entendi, você gosta de morar aqui no Santa Marta?”

E2: - Gos... amo morar aqui no Santa Marta. (E2, código Nascido e criado)

Observamos nessas conversas que muitos têm vários laços familiares no morro, com mãe, pai, tios, primos. Há relatos de moradores onde um parente chegou primeiro e se instalou e, depois, outros vieram se instalar. Conversamos com pessoas que chegaram de cidades do estado do Rio de Janeiro e outras do Nordeste. Em geral, pudemos notar uma motivação familiar impulsionando essas migrações e permanências na favela<sup>90</sup>.

Dentro de uma percepção cultural, moradores lá promovem festas e eventos para outros moradores e pessoas de fora da favela. Esses eventos são interessantes meios de divulgar o local e podem ter objetivos diferentes – seja para o entretenimento e difusão cultural ou para causas sociopolíticas.

o legal desse evento é que é gratuito para a população. Vai mais de 300 pessoas na rua, nos últimos eventos, e a gente não cobra entrada”, “as pessoas não tem costume de vir curtir roda de samba. Ouvir Cartola, Pixinguinha, Zé Ketí dentro de uma favela, a quase 200 metros de altura. Não tem esse costume. (E2, código Oportunidades)

eu conto com o apoio dessas duas amigas, uma faz o baião de dois e a outra no churrasco [sobre dois eventos que esse entrevistado promove] (E5, código Parcerias)

---

<sup>90</sup> Aliado a esse fato mais sentimental, notamos ao caminharmos pelas ruas da favela, uma proximidade maior entre as pessoas – uma relação maior entre elas -, diferente um pouco daquela “frieza” dentro de nossos condomínios de classe média. Talvez, seja apenas a percepção de alguém de fora, porque, ouvimos relatos em nossas entrevistas que falta união dentro da Santa Marta para que problemas fossem resolvidos, da importância da voz política do morro.

E1: - (...) através de uma intervenção cultural, um evento onde a gente arrecada fundos, se une pra fazer e arcar com os custos financeiros.

Pesquisadora: - Mas as pessoas pagam ingresso pra tá aqui?

E1: - Não, não pagam ingresso pra tá aqui, simplesmente, é a venda de bebidas, comidas que, né, é revertido o lucro pra essa campanha [SOS do Pico]. Pra entrar no evento é gratuito para todos.

P: - Mas aí a campanha se reverte como? Com algum tipo de movimento?

E1: - Isso ae, movimento da gente tem que ter... bancar com xerox, fazer livretos, faixas e outras coisas. (E1, código Remoção)

Já em 2008, uma campanha – “Favela: eu sou daqui!” - promovida pela ONG Promundo e o Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) tentava “influenciar positivamente a visão que as classes média e alta têm sobre os jovens que vivem em favelas.” (BELMONT, 2008, p. 18). No decorrer da pesquisa, notamos que existiram e existem diversos projetos que visam dar voz aos moradores de favelas, como a Santa Marta. Exemplos disso, encontramos através do uso que podem fazer da internet, incluindo sites e o *facebook*, – para espalhar ideias -, rádio comunitária, projetos de ONG’s, entre outras propostas. Há redes e articulações para que ideias circulem pela(s) favela(s) e na cidade.

O Desafio do Morro chegou na Santa Marta em 28 de setembro de 2009. Competidores munidos de *bikes* tinham que descer o mais possível as escadarias e rampas da favela<sup>91</sup> (BERTOLDO, 2009). A interação positiva entre moradores e atletas, num contexto com a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), faz com que seja um artigo de tom mais leve e ameno. Falam-se de galinhas andando pelas ruas e também na experiência de provar uma feijoada. Quando se fala em cultura - principalmente, música, esporte e lazer -, há uma tolerância muito maior e até uma exaltação sobre o que se é produzido lá.

Em 14 de janeiro de 2011 (RIOSHOW, 2011), em reportagem de capa da revista Rio Show do jornal O Globo, vemos em destaque bares da Santa Marta. Em uma das fotos vemos um prato fotografado em meio à vista que se tem morro de cima do morro, numa visão bucólica da favela (Figura 23). Parece até que a favela violenta e perigosa é uma, enquanto a favela rica culturalmente é outra.

---

<sup>91</sup> Como curiosidade, vale dizer que o vencedor foi o eslovaco Filip Polc com o tempo de 1:39:91. Em menos de dois minutos, ele desceu o morro de bicicleta no dia 27/09/09. Foi a primeira vez que uma competição esportiva internacional foi feita em uma favela do Rio de Janeiro. [http://www.redbull.com.br/cs/Satellite/pt\\_BR/Article/O-eslovaco-Filip-Polc-%C3%A9-o-mais-r%C3%A1pido-no-Red-Bull-Desafio-no-Morro-021242782334706](http://www.redbull.com.br/cs/Satellite/pt_BR/Article/O-eslovaco-Filip-Polc-%C3%A9-o-mais-r%C3%A1pido-no-Red-Bull-Desafio-no-Morro-021242782334706) (acesso em 09/03/14)



Figura 23. Vista de um bar na Santa Marta em direção a Botafogo (autoria própria).

#### 4.4.4 Segurança e Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)

Sem muito alarde, no dia 20 de novembro de 2008 noticiou-se que a polícia entrou e ocupou o morro Santa Marta depois de intensa troca de tiros. Traficantes encontravam-se escondidos na creche desativada e atiravam contra os policiais. Na reportagem já se falava que a ordem do comando da polícia era a de permanecer no morro por tempo indeterminado e que isso possibilitaria a entrada de equipes de serviços como água, energia e limpeza urbana. Ali já se apontava o começo da política de segurança, que hoje conhecemos como Unidade de Polícia Pacificadora, a UPP.

O dia 3 de dezembro de 2008 traz na primeira página do jornal a manchete “Uma favela sem tráfico. Até quando?” (VITÓRIA, 2008), onde podemos ver que a ação policial trouxe benefícios, como uma queda no número de roubos e furtos em Botafogo, apesar de uma desconfiança do jornal sobre essa nova abordagem. É o começo de uma experiência onde a polícia veio para ficar e serviços e projetos entram em seguida. Dois dias depois, uma reportagem anuncia que a Santa Marta começou a receber serviços, como energia, água, telefone e TV a cabo. Segundo uma moradora, o novo serviço de TV a cabo não era tão barato quanto o “gatonet” que custava R\$ 35<sup>92</sup>,

---

<sup>92</sup> Logo, notamos que os serviços não são assim sem custo para os moradores locais.

mas o serviço regular custava R\$ 109 para duas casas e havia um responsável para reclamar (COSTA, 2008). Projetos sociais e cursos técnicos para moradores também começam a fazer parte da estratégia.

Em 10 de dezembro de 2008, Cabral aparece chutando uma bola no campinho no topo da Santa Marta (AUTRAN, 2008). Novamente, fala-se que serviços vão chegar com a ajuda do estado e do município até a favela. O dia foi marcado pela visita do governador e do então futuro prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, à primeira favela ocupada por policiais e com muitas promessas de mudanças e intervenções.

Com apenas *um mês* de ocupação no morro, o Globo anuncia em reportagem de destaque “Ação no Dona Marta aquece mercado imobiliário”, a procura por imóveis em Botafogo havia crescido 30%, segundo corretores (ARAÚJO, 2008). Um apartamento de 300 mil reais na rua da Matriz tinha aumentado para 420 mil em pouco tempo. Isso aconteceu mesmo com as dúvidas sobre a operação do governo alardeadas pelo jornal cerca de duas semanas antes. Nesse mesmo tempo, a favela ganha destaque também como novo roteiro turístico da cidade. Em 22 de dezembro de 2008, noticia-se a ida de um casal de estrangeiros na favela sob o Posto de Policiamento Comunitário (PCC) em novo roteiro de ‘favela tour’ (TABAK, 2008).

Como pode-se notar, até então, não se falava em Polícia Pacificadora, mas sim, em Posto de Policiamento Comunitário (PCC). O da Santa Marta havia sido inaugurado no dia 19 de dezembro e uma reportagem no dia 28 desse mesmo mês explicava que era uma nova tentativa desse modelo de policiamento (WERNECK, 2008b). A última havia sido no ano de 2000, e não obteve sucesso. A diferença era que agora tratava-se de uma política de governo e não algo feito de modo mais isolado, como ocorreu anteriormente. A desconfiança no futuro do projeto, principalmente, por parte dos moradores do morro era presente. O custo estimado mensal do patrulhamento na Santa Marta era de R\$280 mil (WERNECK, 2008c).

Já no dia 31 de dezembro de 2008, o jornal compara a atuação do governo em duas favelas ocupadas. Uma era a Santa Marta, morro “ocupado pela Polícia Militar *sem o disparo de um tiro sequer*” [grifo nosso] e a outra era a Providência que foi ocupada por homens do Exército (NOS MORROS, 2008, p. 13). Nas imagens temos o contraste entre o polícia que dá presente para as crianças na Santa Marta (Figura 24) e o Exército sendo hostilizado por moradores em protesto na Providência. Notamos que foram publicadas imagens em que policiais da UPP e crianças aparecem juntos, numa nova

representação do relacionamento da polícia com a população. O ponto estranho é que no dia da ocupação policial na Santa Marta, o Globo noticiou (como já mencionado):

Centro e trinta policiais militares ocuparam ontem o Morro Dona Marta, em Botafogo, para combater o tráfico e estabelecer a ordem na favela. Houve intensa troca de tiros quando os PMs chegaram ao morro, por volta das 5h30m. (COSTA, 2008, p. 17)



Figura 24. Retratando entrega de brinquedos por parte da polícia para crianças da favela Santa Marta (autoria própria).

No dia 21 de abril de 2009, ao rebater notícias sobre a ocupação do morro que saíram no jornal espanhol *El País*, que afirmava que a tomada tinha sido sangrenta, o Globo esclarecia “Na realidade, houve troca de tiros quando os 130 PMs chegaram, mas o único sangue de que se teve notícia foi o do sargento Eduardo Creazola, que escorregou e deu um tiro de fuzil na própria perna direita.” (Alves, 2009, p. 11). Mesmo que sutil, as pequenas mudanças no discurso do que aconteceu interferem na representação que temos sobre como se deu a ocupação policial na Santa Marta. Podemos nos perguntar: o que de fato ocorreu?

Em 25 de maio de 2009, temos uma reportagem do jornal que se refere ao policiamento comunitário já como Unidade de Polícia Pacificadora, a famosa UPP<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> “A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) é uma pequena força da Polícia Militar com atuação exclusiva em uma ou mais comunidades, numa região urbana que tem sua área definida por lei.(...) As UPPs trabalham com os princípios da polícia de proximidade, um conceito que vai além da polícia comunitária e que tem sua estratégia fundamentada na parceria entre a população e as instituições da área de segurança pública. A atuação

(SCHMIDT, *et al.*, 2009). No dia 28 de junho desse mesmo ano, duas pequenas reportagens chamam a atenção sobre essa nova política de segurança. Uma falava sobre sua aprovação por parte dos moradores da Santa Marta e Cidade de Deus, apesar de críticas sobre o relacionamento com os policiais e o aumento dos furtos na primeira favela. Logo depois, se chama a atenção para a proibição feita pela Polícia Militar de uma roda de *funk* na Santa Marta. Isso ocorreu devido a não permissão de música durante manifestação, segundo a reportagem de Ludmilla de Lima (2009). Além disso, havia uma decisão judicial favorável aos moradores do bairro que impediam bailes na região e o tenente-coronel Gileade Albuquerque afirmava que não sabia do encontro e que isso poderia levar insegurança à Santa Marta. O “repper” Fiell<sup>94</sup>, morador da favela e artista que usa da comunicação, especialmente, a música para disseminar ideias, disse que “o evento tinha um foco pedagógico e pretendia divulgar o lado social do *funk* e do *hip hop*.” (LIMA, 2009, p. 21).

Em 22 de agosto de 2009, anuncia-se que a Santa Marta vai ganhar um sistema de monitoramento por câmeras de segurança. O novo aparato, segundo a reportagem, não agradou a todos os moradores que se sentiram invadidos em sua privacidade, como em um *Big Brother*. Trata-se de projeto pioneiro e experimental para “potencializar o policiamento” (MORRO, 2009, p. 19).

Com o sucesso da estratégia de segurança, o governo planejou ampliar sua ocupação para 47 favelas até o fim de 2010, visando a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. A meta era chegar até a 2016 com 100 favelas atendidas<sup>95</sup>. O título da reportagem é “Paz nas favelas para os Jogos” (RAMALHO, 2009) e o foco dessa política de segurança é bastante enfatizado para os mega eventos, não necessariamente “a paz”. Há uma nota dentro dessa reportagem que diz “Violência repercute no

---

da polícia pacificadora, pautada pelo diálogo e pelo respeito à cultura e às características de cada comunidade, aumenta a interlocução e favorece o surgimento de lideranças comunitárias. O programa das UPPs engloba parcerias entre os governos – municipal, estadual e federal – e diferentes atores da sociedade civil. Projetos educacionais, culturais, esportivos, de inserção social e profissional, além de outros voltados à melhoria da infraestrutura, estão sendo realizados nas comunidades por meio de convênios e parcerias firmados entre segmentos do poder público, da iniciativa privada e do terceiro setor.” [http://www.upprj.com/index.php/o\\_que\\_e\\_upp](http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp) (acesso em 09/03/14)

<sup>94</sup> Ele se intitula *rapper*, mas com a grafia “repper”, pois, de acordo com explicação dada em seu livro “Da favela para as favelas, história e experiência do repper Fiell”, acredita que tem mais parentesco com o repente nordestino, “cultura do improviso, do rimar” (p. 7).

<sup>95</sup> “O Estado do Rio de Janeiro já recebeu 38 UPPs e até o fim deste ano a previsão é de que sejam mais de 40. A polícia pacificadora conta com um efetivo atual de 9.543 policiais. Esse quantitativo deve chegar a 12,5 mil. As UPPs em operação abrangem aproximadamente 264 territórios.”, em [http://www.upprj.com/index.php/o\\_que\\_e\\_upp](http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp) (acesso em 12/05/15).



exterior”, onde visualizamos uma preocupação quanto à imagem internacional do Rio de Janeiro.

Os moradores não sabiam ao certo o que esperar desse momento. Muitos de nossos entrevistados não relataram grandes mudanças em suas vidas em relação ao seu trabalho com a implementação da UPP:

Pesquisadora: - E você acha que o governo te ajuda de alguma forma? A UPP ajudou você de alguma forma? Nada?

E3: - Bom, nesse sentido não.

P: - No teu trabalho não.

E3: - Aqui... aqui não (E3, código Transição UPP).

Pesquisadora: -A UPP te ajudou de alguma forma você aqui?

E9: - Não.

P: - Não fez diferença?

E9: - Não (E9, código Transição UPP).

Outros disseram que sentiram uma mudança positiva acerca do trabalho e da segurança:

Porque... porque se não tivesse esses grupos eu não iria vender tanto, né. O morro melhorou por causa disso, né, porque vem muito turista pra poder visitar (E4, código Transição UPP).

Pesquisadora: - A UPP pra você fez alguma diferença ou não?

E11: - É e segurança, né! Isso (E11, código Transição UPP)

Por fim, ouvimos também comentários críticos a respeito da implementação da Polícia Pacificadora.

Sempre teve pessoas visitando o Santa Marta, querendo saber como é que funcionava, bem antes mesmo desse processo aí de militarização das favelas, né, no Rio de Janeiro.(...) Já existia aqui no Santa Marta sempre foi possível as pessoas vim... eh... conhecer, né.”, “Isso, é tudo mais, mas na verdade nunca ocorreu nada com pessoas que vieram visitar aqui dentro.

A questão da polícia é segurança pública, cara, e isso é função do Estado, né? Acho que não é ajudar de forma alguma, eles têm que cumprir somente o papel de segurança pública... É. Acho que não é ajudar nada, isso é um dever, um direito como cidadão a todos, que respeite primeiramente também os

moradores e trate com igualdade a quem mora lá embaixo (E2, código Transição UPP)

É o governo tá fazendo o que ele tinha que ter feito há 70 anos atrás, né, porque se fosse feito há 70 anos atrás o que tá sendo feito nesse momento, automaticamente hoje a gente não estaria precisando de UPP. Se os direitos fossem respeitados, hoje não seria preciso UPP. Então, hoje é recuperar décadas perdidas.

Bom, importante falar que a UPP ela não muda, né, ela não é uma panaceia que vai cicatrizar todas as feridas, que vai levar todas as melhorias pras favelas. A UPP ela simplesmente é um tentáculo do Estado que nunca trabalhou da forma que tá trabalhando, né, permitindo com que os outros tentáculos do Estado venham atuar dentro da comunidade (E7, código Direitos e Transição UPP, respectivamente).

Nossa, cara, falar em UPP é complicado. Amiga, olha só, sinceramente, eu vou falar uma coisa pra você. Eu sou um cara muito radical nessa questão de... [...] Ai não, não sei... ‘UPP mudou...’. Eu acredito que as pessoas falaram uma mudança, mas que mudança, gente? (E10, código Transição UPP).

Eu fico satisfeito, como eu digo, em relação à UPP, eu nem gosto de comentar muito sobre esse assunto, mas a UPP, ela veio pra tirar o risco do confronto, né. E eu, como a maioria da comunidade, vivíamos, né, convivíamos com o tráfico ou coisa parecida. E hoje não. É até bacana você ver que seu filho pode ser criado sem um exemplo, um espelho de que o maneiro é o cara que tá fumando um baseado, que tá cheirando pó... aquele cara que é o cara. Isso não é bacana você passar isso pro seus filhos. Também não acho bacana mostrar pro meu filho que a repressão é a melhor forma de educação. E fica meio uma faca de dois gumes, mas tá bom, tá bom, tá legal. Não tenho nada contra a UPP, tenho até bastante amigos, né, devido a isso também dentro da companhia, mas poderia ser de outra forma, mas está bom do jeito que está (E9, código Transição UPP).

A aproximação da polícia com a população aparece em fotos e reportagens, como a do dia 10 de outubro de 2010, “Brinquedos para as crianças na UPP do Dona Marta” (BORGES, 2009). Tratava-se de comemoração pelo Dias das Crianças, com distribuição de brinquedos e lanche. Essa estratégia de aproximação pôde ser vista não

somente nesta UPP, mas em outras também. Assim, como em outros exemplos do passado.

Em novembro de 2009, o jornal anuncia “Moradores agridem PM de UPP no Dona Marta” (MACHADO, 2009). Ao lermos a reportagem vemos que os policiais tentaram abordar um morador que estaria com drogas e outros moradores se juntaram e começaram a bater em um policial. Quando um morador fez o movimento que ia tirar uma arma da cintura, o policial deu um tiro para o alto. Nisso, chamaram reforço policial e alguns moradores foram indiciados por desobediência, resistência e desacato; o suspeito fugiu. Os moradores, por sua vez, disseram que havia moradores brigando e o policial deu um tiro para o alto para dispersar o tumulto. As pessoas ficaram revoltadas e partiram para cima do policial. Podemos observar que este é apenas um exemplo da relação entre policiais e moradores, que nem sempre é das mais fluidas e que existem tensões e versões diferentes nesses conflitos<sup>96</sup>.

Madonna resolveu visitar a Santa Marta, onde conheceu projetos de ONGs e entrou na casa de uma moradora. A cantora norte-americana tinha vindo ao Brasil para arrecadar dinheiro para a ONG SFK (*Success for Kids*), a qual apoia. De Eike Batista conseguiu um cheque no valor de R\$ 7 milhões<sup>97</sup> e o prefeito Eduardo Paes “se comprometeu a aplicar a metodologia da SFK nas escolas municipais do Rio.” (ALVES, 2009). De certa forma, a Santa Marta ganhou força e virou chamariz já que serviu de palco para uma aparição pública da estrela do pop internacional.

No Natal de 2009, a reportagem de Rafael Galdo e Cláudia Costa, intitulada de “Tranquilidade, um presente de Natal”, traz a foto de duas crianças negras, moradoras da Santa Marta, vestidas de anjo e olhando por uma janela (Figura 25). A mensagem de paz e tranquilidade num contexto pós-UPP é bastante clara. O texto reforça todo esse clima ao mencionar “Assim como ela [moradora da Santa Marta], cerca de 180 mil moradores das cinco comunidades em que já foram implantadas UPPs (...) terão um feriado de paz.” (GALDO, COSTA, 2009, p. 10).

---

<sup>96</sup> O que não é caso raro e único, infelizmente.

<sup>97</sup> Segundo reportagem de Mônica Bergamo para o jornal de São Paulo diz “destino dos US\$ 10 mi obtidos pela *popstar* é enigmático até para “parceiros” de seus projetos; ONGs “apoiadas” reclamam de muitos flashes e pouco resultado” (21 de fevereiro de 2010). Ainda diz “Em termos mais específicos, o trabalho é levar lições da cabala (vertente mística do judaísmo) a garotos pobres.”. Em outra reportagem, da revista *Veja* (de 21/04/10), na organização não há nada de religioso no curso oferecido às crianças carentes.

O que vimos é que este tema é um pouco controverso e não temos pleno acesso aos dados (bem com disponibilidade de tempo) para formar uma opinião conclusiva neste momento. Mas é certo que a Santa Marta serviu como pano de fundo para um desenrolar político.



Figura 25. Crianças vestidas de anjos na época do Natal, observando a zona sul a partir da Santa Marta (autoria própria).

A reportagem deixa claro que antes não havia essa sensação de tranquilidade por conta dos traficantes. No dia 31 de dezembro desse mesmo ano, outra reportagem reforça a ideia de que a paz voltou, chamada de “A redenção das favelas” (ROCHA, ALVES, 2009). A imagem de um policial ajudando crianças com sua pipa na favela é bastante emblemática dessa nova visão da situação da segurança na cidade. Interessante notar que essa imagem já havia sido usada em agosto desse mesmo ano na série de reportagens “Democracia nas Favelas”, com esse mesmo intuito de mostrar a interação dos policiais com crianças. O reforço desse tipo de imagem é bastante interessante.

No dia 20 de novembro de 2009, ao completar um ano de ocupação na Santa Marta, reportagem anuncia “1 ano de paz e 1 dia de protestos” (AMORA, DAMASCENO, 2009). Cerca de 50 moradores participaram dos protestos, principalmente, contra problemas de infraestrutura e a proibição de eventos em áreas públicas da favela. Uma das reclamações foi sobre as muitas valas negras que continuavam<sup>98</sup> presentes no morro. A UPP foi um começo, mas ainda são necessárias muitas outras ações para efetiva mudança no desenvolvimento do Rio de Janeiro.

---

<sup>98</sup> Na última visita feita à favela em 25 de março de 2015, talvez por conta da chuva forte que caiu alguns dias antes, as vias pareciam ainda mais sujas. Esgoto ainda correndo à céu aberto em algumas partes, lixo espalhado, fezes de animais nas ruas, entulho e ratos escondidos nos cantos escuros, como bueiros.

#### 4.4.5 Série especial sobre favelas

Com o sucesso dessa política de segurança, em agosto de 2009, O Globo traz uma série intitulada de “Democracia nas Favelas”. Abrangendo diversos aspectos da ocupação policial, O Globo analisa a nova política pública. Em nove de agosto de 2009, a manchete “Cidadania lenta e gradual” traz à tona as mudanças trazidas pela UPP com o fim da ditadura dos bandidos. Palavras como “exílio”, “tortura” são utilizadas para enfatizar essa analogia com a ditadura (militar). O Globo afirma que as mudanças ocorridas “não garantem a plena democracia. Há o risco de o estado paralelo ser substituído pelo estado policial.”, somando-se a isso o medo da volta do antigo modelo de dominação do espaço (ROCHA *et al.*, 2009a).

Em “A liberdade no fio da navalha” (ROCHA *et al.*, 2009b) o limite entre direitos e deveres dos cidadãos foi ponto para debate<sup>99</sup>, nesse momento delicado de relação entre polícia e moradores. A questão da proibição do funk – situação de desrespeito a livre expressão - também foi abordada nessa série (ROCHA *et al.*, 2009c), incluindo o caso do repper Fiell, que contou um conflito em que ele e moradores da Santa Marta tiveram com policiais. Um contexto onde limites, direitos e deveres são colocados e precisam de tempo para ajustes nesse relacionamento entre estado e cidadãos.

Um outro tópico abordado pela série é a integração da cidade com “Colando os cacos da cidade partida<sup>100</sup>” (ROCHA *et al.*, 2009d). A reportagem diz que moradores do entorno de favelas pacificadas e turistas estão visitando essas áreas. Além da segurança para subir o morro, a Santa Marta possui uma bela vista. Nas imagens, podemos ver turistas estrangeiros subindo e visitando-a através do plano inclinado e desenhos de crianças mostrando um ambiente muito mais alegre e em paz que o de antes da ocupação policial. Ressalta-se, na publicação, que a violência acabou na Santa Marta

---

<sup>99</sup> Inclusive, foi lançada a “Cartilha Popular do Santa Marta: abordagem policial”, onde as pessoas têm acesso à informações sobre seus direitos em caso de serem abordadas por policiais. A cartilha nasceu após denúncias de abusos cometidos depois da ocupação do morro pela UPP. Esta cartilha encontra-se online em pdf para download.

<sup>100</sup> No seminário “Favela é Cidade”, ocorrido entre os dias 26 e 27 de novembro de 2012 na UNAPE-Anchieta, na Santa Marta, a professora da FGV, Sonia Fleury faz um apontamento interessante: “Se por um lado a cidadania diz respeito às liberdade, a autonomia, ela não pode ser vista somente como consumismo e individualismo. A tal classe C que está aí, está consumindo. Então, isso seria cidadania, não é. A cidadania tem esse lado das liberdades (...) a possibilidade das pessoas transitarem pela... da cidade visitarem a favela é aumento de liberdade na cidade. Mas será que as pessoas da favela estão podendo transitar do mesmo jeito no Leblon? No shopping?”. Ela pontua que é necessária uma dupla via nessa integração. Mais no vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=uKYULpmrRaI> (PROGRAMA DE ESTUDOS DA ESFERA PÚBLICA, 2013).

após a entrada da UPP e tudo isso fez com que os imóveis próximos a essas favelas se valorizassem bastante. A sensação de segurança fez com que a procura aumentasse, como diz a reportagem “O efeito borboleta” (12 de agosto de 2009). Na chamada dessa reportagem na capa do jornal, temos o seguinte título “A hora da boa vizinhança”. Ou seja, antes da ocupação, provavelmente, era uma má vizinhança a presença das favelas perigosas tão próximas aos bairros formais.

A quantidade de pessoas visitando o morro aumentou, porém, como alguns entrevistados nos disseram, a visita de indivíduos de fora não é algo novo.

Bom nosso trabalho de turismo aqui em si, como eu falei para você, desde pequeno nós fazemos essa atividade. Geralmente, tinha pessoas, turistas, gringos, realmente, perdidos, que vinham subir por curiosidade a favela e chegavam aqui perdidos e aqui eles encontravam crianças, como vocês encontram, e eu na época era um deles também. Uma criança pequena e comecei a pegar o hábito de pegar pessoas por dentro da favela pra mostrar e tudo o mais e tal.”, “Bom, nós fazíamos, mas não tinha com esse número tão elevado, digamos aí no fim de semana sempre tinha pessoas querendo subir ou então agendava através de algum conhecido, fazia esse intercâmbio. Nós fazíamos aí roteiro com eles dentro da favela. Bem antes da pacificação (E2, código Passado)

O que é novo é o “safári tour”, a entrada de empresas maiores de turismo na favela, como o Jeep Tour. Tais passeios não foram bem comentados pelos nossos entrevistados:

Não, antes não ocorria esse, esse safári tour, né. Essa exploração de turismo hoje na favela, (E2, código Conflito)

É na verdade como vocês acabaram de presenciar aí, né, tem empresas, hoje, agências, claro, partindo desse processo de pacificação, né, hoje invadem a favela, não que seja proibido deles virem, mas só que tem que ser de uma forma, né, controlada e tentar interagir o máximo, né, com os moradores e tentar ééé... respeitar de uma certa forma através do turismo e expor realmente a realidade pro turista que compra esse pacote do outro lado do mundo, né. E vem e chega aqui o guia de uma agência conta um monte de mentira pro cara... mostra, vende, é vendido um tour social que esse social não fica aqui dentro, fica dentro dos escritórios dessas empresas e, realmente,

essa verba não é revertida aqui em benefício em prol da comunidade algum. Então, realmente, é uma coisa que não é legal (E2, código Conflito)

Aqui mais um exemplo do tipo de aproveitamento que alguns entrevistados se referem:

E10: - ONGs, tem ONGs, tem grupos, tá? Que vem aqui crescem e partem. Que pegam meia dúzia de pessoas da comunidade oferecem grana... essas pessoas, não sei se por maldade ou não, se atrelam ao grupo e começam a fazer um trabalho que já existia e deixam esse trabalho ser assinado por outras pessoas, pessoas de fora, coisas que eram nossas. Tá, acho que não sei, deveria ter uma conscientização a mais, explicar mais à galerinha que nós temos capacidade e temos caminhos para divulgar nosso próprio trabalho. Não precisamos de ninguém vir com nomezinho pra crescer nas nossas costas. E hoje acontece muito isso aqui. Tem bandas aí que saem em rádio, grupos que saem na televisão tão fazendo show que nasceram aqui. Utilizando o nome como se tivessem trabalhando para a comunidade e, no entanto, não vi nenhuma melhoria da nossa comunidade para eles.

Pesquisadora: - Entendi.

E10: - Ok?

P: - Tem um pouco a ver assim com a história do Jeep Tour, que vem aqui...

E10: - É, são todos esses grupos. Não deixa nada e se aproveita...

(...)

E10: - Não faz nada, não deixa nada, se aproveita da comunidade, conta a história deles e acabou. Entendeu? Não querem se aprofundar com a história de dona Maria, do seu Francisco, de como sobrevivem, qual a história daquela árvore centenária e tal. Não, contam a história deles 'Aqui vivia o traficante tal, vivia o bandido tal, aqui era troca de tiro, aqui era boca de fumo' é isso que se interessam para contar para os turistas. Para mim, não há crescimento nenhum, né, as pessoas continuam tendo a ideia errada e deturpada da comunidade (E10, código Conflito e Diálogo, respectivamente)

O turismo feito por pessoas da comunidade pode ser visto como um meio que ajudou algumas pessoas da Santa Marta a ganhar conhecimento e novos contatos, mas também para contar “a verdade” da sua história. É um canal direto de comunicação com indivíduos de diferentes lugares a fim de contar um ponto de vista diferente e receber informações também.

Que é muito legal, você conhece pessoas novas todos os dias, você conhece locais que você nunca ouviu falar, você começa a olhar os pontos e

monumentos turísticos, principalmente, do Rio de Janeiro com outros olhos, as Igrejas que tem que são centenárias, com outros olhos. Tem tudo uma história do Rio de Janeiro, a fundação do Rio de Janeiro é uma história muito bonita, então isso me encanta cada vez mais, (E1, código Educação).

É muito legal você conhecer outras culturas, saber o que eles fazem. É impressionante, eles falaram “nossa, eh... agora meu país tá -10 graus”. Cara, uma coisa assim que eu acho que é muito mais absurda pra mim, que eu sou apaixonado pelo sol. Eu gosto do calor, odeio chuva, (E1, código Diálogo).

A gente faz um tour autêntico e original. Pessoa vem pra contatar a gente, a gente recebe, dá as boas vindas, fala, sobe, fala a verdade contando a história do Santa Marta, como foi surgida (E1, código Conflito)

eu gosto de fazer esse trabalho, de contar um pouco da nossa história, da nossa vivência, né... Mostrar um pouco a nossa comunidade, qual é a maneira que os moradores aí enfrentam seu cotidiano, sua vida. Realmente, é uma coisa muito legal e interessante que outras pessoas não têm. (...) É... porque muitas pessoas, como eu falei, né, não tem conhecimento não tem informações como que é que funciona uma favela realmente. Só compra a ideia que é colocada na mídia comercial e tudo mais. Não sabe, realmente, a realidade de perto como é que funciona. (...) É, realmente a gente aprende, é uma troca de informações. A gente quer saber também como é que funciona em outros países também, é muito pela televisão e a gente também sabe que não é somente através da televisão o que ocorre. Tem outras fontes também que né, muitas coisas também são escondidas (E2, código Diálogo)

Com a ocupação, moradores da Santa Marta passam a exercer direitos e a cumprir deveres em um novo contexto. Menciona-se a questão da cobrança de luz, dos conflitos entre moradores e policiais e que todas essas novas convivências e padrões demoram para se integrar a um cotidiano onde havia outra cultura. O título dessa reportagem é “Cidadã Marta”, do dia 13 de agosto de 2009 (ROCHA, VASCONCELLOS, 2009). Há ainda um ressaltar da pobreza, ao expor a foto da casa de madeira de uma moradora que ganhou instalações novas de energia, geladeira<sup>101</sup> e chuveiro – com água quente.

---

<sup>101</sup> Lembramos que o programa da Light que promove troca de geladeiras e lâmpadas por outras mais eficientes, além de ações educativas visando a economia de energia, faz parte da contrapartida que a empresa tem com o governo: a aplicação de um percentual mínimo anualmente em Programas de



Na entrevista de E10, há um desabafo sobre a reivindicação de direitos:

reivindicar nossos direitos, gente, para com isso gente, pessoal muito passivo. Para com isso, não pode ser assim, ainda tamos sendo escravos, gente. Uma escravidão assim ó, escrachada, humilhante e isso não pode.” “Pelo amor de Deus, gente... absurdo. Eu acredito que... eu sou um muito revolucionário. Eu acho que o brasileiro não sabe fazer ainda a cobrança que tem que fazer, às vezes vão fazer manifestação e sai quebrando tudo. Não. Você pode se manifestar sem fazer nada disso, entendeu? No silêncio. (...) Com certeza, tem que ser inteligente. Tem que ir contra o sistema. Tem que ir, mas saber ir contra o sistema (E10, código Direitos)

No dia 16 de agosto de 2009, uma imagem de quase meia página com a vista dos morros do Rio, Lagoa Rodrigo de Freitas e praia, contrasta com uma favela no meio da mata. O título anuncia “Uma virada que cabe no bolso”<sup>102</sup> (ROCHA *et al.*, 2009e). O valor estimado para se ter UPPs em todas as favelas seria de um milésimo do PIB da cidade (variando entre R\$90 a 340 milhões por ano). Além disso, a cidade ganharia muito com a formalização dessas áreas, o que seria algo em torno de R\$25,4 a 38,1 bilhões. A reportagem vende a ideia de que é uma proposta possível e rentável para o município<sup>103</sup>. Ressalta que ainda existem muitos desafios a vencer, como a questão da titularidade e o medo de uma corrupção policial por parte dos policiais das UPPs, porém o sentimento é de esperança nessa nova perspectiva. De modo geral, a reportagem traz muitos números para servir de argumento pró política de segurança, porém fala pouco a respeito de educação e serviços básicos. Ou sobre as pessoas diretamente afetadas, como elas são afetadas e o modo de operação da polícia nesses locais. Já no dia 18 de agosto, o Globo reedita essa mesma ideia da reportagem em nova publicação. Novamente, fortalecendo a ideia de que o custo não é tão alto assim para a sociedade e que as compensações são maiores.

---

Eficiência Energética (PEE). Cerca de 30 milhões de reais por ano são investidos nessa área, sendo que a maioria se destina a consumidores beneficiados pela Tarifa Social de Energia Elétrica (LIGHT, 2014).

<sup>102</sup> Interessante como esta reportagem contrastada com a do dia 15 de novembro de 2009 (já comentada) sobre o dinheiro gasto na Santa Marta desde 1983 fala sobre os investimentos do governo na localidade. De certa forma, a reportagem sobre os gastos acumulados nos faz pensar que dinheiro demais foi investido em obras ou projetos sociais lá (mas a informação é incompleta, pois não sabemos quanto se gastou em outros locais da cidade para termos base de comparação), porém o custo da UPP é sempre tido como baixo ou como um investimento, como aparece nesta última reportagem. Existem variadas nuances na forma de passar a notícia e vender o projeto da UPP para a cidade como algo viável e positivo.

#### 4.4.6 A primeira, a favela modelo, o exemplo

Nos dias pós-ocupação da favela Santa Marta, o secretário de segurança José Mariano Beltrame declarou que esta serviria de modelo para o estado: “- É um laboratório, um modelo de política de segurança pública” (WERNECK, 2008a). Na coluna Gente Boa do dia 11 de dezembro de 2008, saíram duas pequenas notas sobre a Santa Marta: 1) primeira favela a receber o programa “Saúde da Família” no governo do prefeito Eduardo Paes e 2) a primeira também a ter *wifi* gratuito (DOS SANTOS, 2008a). Vemos que pouco tempo depois da ocupação policial, projetos governamentais começaram a chegar. Nessa mesma coluna, no dia 23 de dezembro de 2008, outra pequena nota sobre a favela intitulada de “Muralha do Bem”<sup>104</sup> (já mencionamos a construção do muro, que levantou muita polêmica), que fala da construção de um muro de 634m que servirá de ecolimite (DOS SANTOS, 2008b).

A rede wi-fi foi inaugurada no dia 20 de fevereiro de 2009, com a manchete “Dona Marta, a 1ª favela com wi-fi do continente” (BOTTARI, 2009). O projeto nasceu da parceria da Secretaria estadual de Ciência e Tecnologia com cooperação da PUC-RJ e financiamento da FAPERJ. Deixa-se claro que o projeto não é apenas vitrine do governo, mas que funciona para os moradores. Ainda segundo a publicação, meta era levar internet gratuita para todas as comunidades da cidade até o final de 2010.

Um de nossos entrevistados ressalta como era seu negócio de *lanhouse*, como pensou em implantá-lo e reflete a chegada do *wifi* gratuito:

eu falei pra você que eu fiz administração, técnica em administração, aí o professor falando sobre [Henry] Ford. Aí eu peguei a ideia de Ford aí... porque primeiro quando você vai abrir um negócio você tem que estudar a área, né, que que tá precisando naquela área, né. Qual a necessidade que tá pedindo. Aí eu olhei aqui, né, porque aqui uns anos atrás já teve um negócio de internet, (E8, código Oportunidades)

com a tecnologia, com acesso à tecnologia fácil, acesso de internet caiu muito. Ainda mais que eu não tenho jogos. Criança gosta mais de jogos, né. Acesso à internet caiu demais, mesmo porque o preço do computador ficou muito acessível a todo mundo. Tem internet no computador, tem *wifi* de graça aqui do governo federal, governo do Estado. Aí caiu um pouquinho, aí

---

<sup>104</sup> “Do bem” já é algo tão positivo que não se discute os efeitos desse muro ou mesmo a necessidade de sua feitura e reflexos nos cidadãos da cidade.

eu ganho mais em serviço, né. Impressão, currículo, fazer currículo, trabalho de escola, pesquisa (E8, código Celular, internet)

Quanto à internet, vimos que este é um importante e difundido meio de comunicação e pesquisa entre nossos entrevistados. A maioria disse fazer uso com a finalidade de estudar ou como ferramenta de trabalho. Facebook e email foram muito mencionados dentro desse contexto de divulgar suas ideias visando contatos comerciais.

É, tenho Facebook, né. Só tinha Orkut, agora todo mundo foi pra moda do Face, né, ninguém se comunica mais pelo Orkut mais... mais Facebook. Nem MSN mais ninguém usa (E8, código Redes sociais)

Às vezes eu trago notebook pra cá e fico aqui, né, fico aqui divulgando [o trabalho, né, o pessoal... 'Olha aí cara, tem desenho novo', esse negócio, eu já mando esse desenho através do MSN, né, através de... a gente usava muito o tal do Orkut. Agora é tudo Facebook, Twitter aí... essas coisas difícil de falar (risos), mas por fim a gente... eu divulgo também assim dessa maneira, né? (E3, código Celular, internet)

então todo dia eu vou lá e abro meu email pra ver se tem alguma proposta de trabalho, se tem alguém querendo subir pra conhecer a comunidade e tal. Todos os dias eu abro meu email, de manhã, de noite... Antes eu ficava um tempo sem abrir, agora não. A tecnologia tá junto, faz parte. (...)Facebook também todos os dias, agora mesmo eu entrei, fui lá pra... lembrezinho pros colegas, né, não esquecerem de vir comer o baião e tal (E5, código Celular, internet)

Pesquisadora: - E você tem computador em casa... internet?

E5: -Tenho, tenho. Assim que melhorar eu quero comprar é um celular, né, pra tá vendo isso no próprio celular. Meu ainda é meio antiquinho e tal (E5, código Celular, internet)

Faço e muito [uso de novas tecnologias]. E muito. Eu to com celular antigo aqui que eu to desesperado porque o meu novo eu quebrei a tela digital dele, a *touchscreen*, e tá me sendo terrível. Eu não acesso nada, eu não vejo nada, eu não sei o que tá acontecendo, é horrível. (...) Outro dia eu me revoltei com a menina [da faculdade] quando tirou o telefone do meu lado, nós procurando o artigo tal e eu me matando, revirando folha e ela só foi tocando a tela do telefone e eu olhei e falei 'fecha isso, isso é má criação, isso é humilhação (risos)!', brincando até com ela, porque realmente a tecnologia é tudo, né.

Tem que tirar proveito sim, entendeu? Tem que tirar (E9, código Celular, internet)

Não tenho Twitter ainda porque não tenho paciência de toda hora tá tuitando. Já me falaram que tem que tá lá toda hora tuitando, eu não tenho paciência. Então, eu tenho Facebook... eu to assim amando Facebook. Eu passei agora de mais de 1000 contatos em menos de um ano, então to super feliz (E1, código Redes sociais)

E também para fazer novas pesquisas e também outro dia a gente estava fazendo umas filmagens aqui que estamos abrindo um site do salão, do estúdio, no face, né? Agora a onda é face, né? Eu não gosto, eu gosto... eu uso mais pra trabalho internet, eu acho que uso mais pra trabalho do que pra bobagem, entendeu? E estamos montando, fazendo os vídeos aqui e depositando na internet (E10, código Celular, internet)

A comunidade, é uma comunidade avançada, é uma comunidade politizada, né, que nós temos secretaria de Ciência e Tecnologia que implantou o serviço wireless na comunidade, né. Serviço wifi aí que todo mundo pode utilizar. E celulares, a comunidade já tem o uso enorme de celulares aqui dentro. Então eu acho que a comunidade tá acompanhando essa evolução tecnológica (E7, código Celular, internet)

Ahn, de vez em quando que eu entro pra poder dar uma olhada e poder botar alguma coisa daqui da loja. (...) É pra poder dizer que chegou coisas novas... (...) Aí eu chamo algumas meninas pra poder se arrumar com as roupas [tira fotos com as roupas que quer vender] (E4, código Celular, internet)

Mesmo assim, encontramos moradores que ainda não mexem tanto assim com as novas tecnologias.

Pesquisadora: - E você faz uso de novas tecnologias como celular e internet?

E11: - Assim, às vezes passo mensagem, entendeu?

P: - Passa mensagem. Você usa internet?

E11: - Para minha irmã, para minha... do celular mesmo, entendeu?

P: - E internet, você usa?

E11:- Não, não (E11, código Celular, internet)

Pudemos notar uma conexão entre internet e ferramentas tecnológicas com educação e trabalho. Falaremos sobre o tópico “educação” mais adiante.

Na seção de carta dos leitores do dia 21 de fevereiro de 2009 (FAVELA, 2009), dois leitores expõem suas opiniões acerca das obras e melhoramentos na favela Santa Marta. Um deles diz:

Será muito mais econômico vender minha casa, onde pago luz, gás, telefone, água e banda larga para poder viver tranquilamente quite com os impostos e com um pouco de conforto, porque assim determina a lei. Vou morar no morro Santa Marta, onde tudo é de graça, até o supérfluo e a segurança. Não sou e não me acho superior ou diferente de quem mora no morro, mas o governador está fazendo discriminação e preconceito entre os CEPs (FAVELA, 2009)

Além disso, podemos ver outro leitor escrever o seguinte:

Preocupo-me se as muitas obras, instalação de *wifi* ‘grátis’, plano inclinado, favela bairro, etc., feitas com o dinheiro dos contribuintes, já tiveram o problema fundiário resolvido, pois as terras onde tais melhorias se localizam talvez sejam propriedade particular.” (FAVELA, 2009)

Podemos observar uma desconfiança por parte dessas opiniões acerca do que acontece na favela e sua regularização fundiária, que é uma questão muito complexa e tem suas particularidades<sup>105</sup>.

Em janeiro de 2009, novamente a Santa Marta é a escolhida para ser a primeira a receber um novo eco limite por parte do governo municipal<sup>106</sup>. E também para receber o primeiro Pouso (Postos de Orientação Urbanística e Social) Padrão, “que visa a controlar de dentro da favela, as expansões”, contando com “arquiteto, um engenheiro, agentes administrativos para orientar moradores e coibir invasões” (BASTOS, SCHMIDT, 2009). Em seguida, mencionam que a Santa Marta **teve uma ligeira encolhida** (-434,35 m<sup>2</sup>) em seu tamanho nos últimos dez anos, de acordo com o Instituto Pereira Passos (IPP), (BASTOS, SCHMIDT, 2009). Essa informação é diferente daquela alardeada tanto através das reportagens sobre o estudo do crescimento

---

<sup>105</sup> Não vamos entrar em detalhes aqui, pois este é, realmente, um tema muito complicado. Porém, consideramos válido apontar essa problemática como ponto a ser pensado dentro da questão da cidade.

<sup>106</sup> Como já mencionado, o governo estadual se antecipou à prefeitura e começou a construção do muro primeiro (28/03/2009).

horizontal das favelas no Rio, feita pela Firjan, onde a Santa Marta **era a segunda favela com maior crescimento na chamada primeira região** (Centro, Zona Sul e Zona Norte) no período entre 2002 e 2007 (+4843,7 m<sup>2</sup>). A diferença<sup>107</sup> é que nesta reportagem estava se falando do Pouso e do controle do governo e nas outras reportagens queria se falar contra o crescimento das favelas.

Juntamente com a favela do Borel, na Tijuca, a Santa Marta também foi uma das primeiras vistoriadas pelas equipes das secretarias municipais de Conservação, Ordem Pública, Urbanismo e Habitação. A intenção é de que até 2020 todas as favelas da cidade sejam urbanizadas e contem com serviços públicos, projeto que faz parte do legado social dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro (MOTTA, MAGALHÃES, 2010).

Em fevereiro de 2009, temos uma reportagem de muito destaque com a foto do então presidente Lula, do governador Sérgio Cabral e do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. O título é “Exemplo carioca para o Brasil, Lula diz que Dona Marta mudará a cara da cidade e é referência para o país” (VASCONCELLOS, 2009a, p. 12). Consta que essa política de segurança será ampliada para outras favelas da cidade e exalta-se essa parceria de sucesso entre os poderes públicos.

Com a proposta de obras do governo para remoção de casas do Pico do morro para prédios (23/09/09) o presidente da EMOP, “prevê que, no ano que vem, a comunidade virará modelo. – Ano que vem, o Dona Marta será a comunidade padrão. Nela, não haverá mais casas de madeira e de pau a pique, e todas as residências terão esgoto e água encanada – afirmou Ícaro, confirmando também que, em 2010, todas as casas estarão pintadas no Dona Marta.” (MENOS, 2009, p. 14). Contudo, nos anos seguintes pudemos observar casas de madeira e em péssimo estado, esgoto correndo à céu aberto e a pintura das casas à cargo da empresa Coral Tintas, com seu braço social atuando no morro (como falaremos mais adiante).

Com o sucesso da UPP, uma reportagem do dia 16 de outubro de 2009, traz “UPP pode ser exportada para o Afeganistão”. Tratava-se de interesse de um cônsul americano em saber da política de segurança da cidade. É passada a ideia de que o projeto é possível e que pode ser exemplo para outros países. Na reportagem, o secretário Beltrame afirma “O importante da visita [do cônsul] é mostrar para o mundo

---

<sup>107</sup> Não questionamos aqui a validade das pesquisas, pois elas podem ter metodologias diversas. Contudo, questionamos o modo como o jornal se utiliza de uma ou outra fonte para elaborar e fomentar seus argumentos de forma sutilmente parcial.

que as UPPs são viáveis. Já dei entrevistas para jornais franceses, ingleses e até a um do Japão.” (ARAÚJO, 2009b, p. 19). A visita foi marcada para a Santa Marta, segundo a reportagem a “principal vitrine do projeto”.

A construção de um segundo plano inclinado foi anunciado no jornal no dia 21 de outubro de 2009. A imagem do futuro plano na favela foi mostrada na reportagem e o subsecretário de obras da época, Hudson Braga disse “O morro Dona Marta é hoje uma referência mundial por ter sido a primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). E paralelo a isso está se transformando num modelo de urbanização” (DAFLON, 2009, p. 20). Além disso, foi anunciado que até o fim de 2010, todas as casas seriam pintadas e que a favela teria mais de 25 milhões de reais em investimentos<sup>108</sup> do Programa de Aceleração do Crescimento 2 (PAC 2) do governo federal. Contudo, observamos que o segundo plano inclinado ainda não saiu do papel e as casas ainda estão sendo pintadas, em um projeto conjunto do governo, através da EMOP e da empresa Coral Tintas – com seu projeto socioambiental “Tudo de Cor para o Rio de Janeiro”. Até o começo de 2014 pintaram cerca de 30% das casas e até o meio daquele ano esperava-se chegar aos 50%<sup>109</sup>.

No dia 17 de novembro de 2009, Paulo Magalhães (sociólogo) escreveu na coluna Opinião do jornal O Globo um texto com o título “Libertem a favela!”. De acordo com ele a Santa Marta foi “tomada pelas instâncias governamentais como um modelo para experimentação de ações públicas para as favelas” (MAGALHÃES, 2009, p. 7). Ele dá alguns motivos que imagina que serviram de base para sua escolha: exposição, localização, dimensão reduzida e por ter limites bem delimitados. Com as melhorias e obras, a favela se tornou, então, ponto de atração de turistas e autoridades, como uma vitrine da política de governo. E questiona – coisa pouco vista em reportagens que apenas falam dos pontos e números positivos – se a comunidade foi consultada e se as ações são benéficas para a favela. Magalhães afirma que se não

---

<sup>108</sup> Em 2013, fiz algumas tentativas de ter acesso via portal da transparência do governo federal (<http://www.portaltransparencia.gov.br/>) sobre as obras e investimentos na Santa Marta. A burocracia para pedir informações foi tão grande que me fez deixar esse intento de lado. Tentei também procurar pelo projeto das obras na Santa Marta na EMOP (Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro), depois de certo custo e de falar com vários funcionários me passaram o nome de uma pessoa que poderia me fornecer as informações. Tudo era tão informal que acabei também não indo a fundo buscar pelas informações, que não são as mais necessárias para esta tese. Mas, fica como relato da experiência em procurar saber sobre dinheiro e obras públicas.

<sup>109</sup> Informações retiradas do site do governo: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1922459> (acesso em 14/03/2014).

vemos protestos dos moradores significa que pode ser um caso de falta de canais para expor suas opiniões e a ideia de que é melhor isso que nada. E afirma:

Mas, o mais surpreendente dessa política é que reedita, com ‘ares de modernidade’, a velha política da ‘bica d’água’. Como todos sabem, esta política caracterizou-se pela ação clientelista e populista de troca de ‘direitos por favores’ e pela ação pontual e fragmentada que supre algumas necessidades, mas não transforma a vida da população (MAGALHÃES, 2009, p. 7)

O autor conclui que as ações não criam uma efetiva mudança, mas são pontuais e acalmam a classe média, assustada com a violência. Termina escrevendo que é preciso participação e democracia para o projeto de cidade que desejamos. É instigante e louvável como o jornal permite a publicação dessa opinião tão diversa a sua, ainda mais se recordarmos alguns dos posicionamentos do jornal durante este período pesquisado.

#### **4.4.7 Educação**

Quando falamos sobre internet, percebemos que muitos de nossos entrevistados falaram sobre educação. E ela voltou a aparecer como tema em outros momentos. A seguir, uma seleção sobre algumas passagens acerca dessa importante questão.

Eu acho que a educação faz essa diferença. Conforme nós sabemos desde criança, nós da comunidade sabemos desde criança, e o pobre sabe que educação é perigosa demais para quem tá lá em cima, né, porque a gente começa a ter educação e descobrir sobre nossos direitos, a gente vai começar a reivindicar mais, mas esse é o único caminho para a sociedade, na minha opinião. Reivindicar sem brigar, reivindicar com educação, porque não tem não tem como eles discutirem que você tá errado se você sabe do que você tá fazendo. Educação é tudo pra mim. O que falta mais é educação. Cursinhos, opiniões, entendeu, que façam as crianças terem mais consciência do que vem pela frente. Do que eles podem fazer pela sua própria vida e pelo todo, (E9, código Educação)

Adoro, o ser humano tem que... eu acho que a coisa que ninguém tira de você é o conhecimento, entendeu, e isso é educação. Falando em educação, por isso que nosso país precisa melhorar muito nessa questão de educação porque



eu acho o seguinte, quando você dá uma boa educação, fica difícil de você escravizar o povo. Tá entendendo? Quando você oferece uma má educação, fica fácil de você escravizar, porque você quer ver uma diferença... Ai eu posso falar, gente? Eu adoro falar de política também, tá? Eu sou um cara muito político (E10, código Educação)

Pelas nossas entrevistas, percebemos que muitos não tiveram a oportunidade de estudar mais pela necessidade e responsabilidade de pagar contas e sustentar uma família.

E8: - É, comerciante eu já to... eu vou fazer uns... eu já tive antes uma birosca também lá em cima. Uns dez anos lá em cima mais um sete aqui. Mas meu sonho não, meu sonho era ter uma faculdade.

Pesquisadora: - Ah, é? De quê?

E8: - Eu tava entre psicologia, né (E8, código Filhos)

O próximo comentário sintetiza bem o que se quer dizer muitas vezes sobre o futuro e a educação, além da questão política.

graças a Deus, a juventude tá um pouco mais interessada nos estudos, menos no serviço braçal. (...) é uma coisa que eu não quero nem pro meu filho assim. Uma profissão digna, bacana, eu gosto do que faço, mas é cansativo demais. É melhor ser cérebro de obra, com certeza, do que mão-de-obra, né (E9, código Educação)

#### **4.4.8 Deus e filhos**

Outros tópicos que apareciam constantemente nas entrevistas foram os relatos sobre filhos e Deus. Todos os nossos entrevistados já tinham ou estavam prestes a ter filho(s) quando nos encontramos.

Foi coisa [trabalho] que me salvou quando meu filho... minha esposa tava de barriga, mãe dos meu filhos, (E9, código Filhos)

Tenho seis. Pretendo dar... pretendo ter condições financeiras de dar assistência melhor pra todos eles, igualmente pra todos eles, (E1, código Filhos)

E3: - Uma menina no meio de 4 rapaz. São cinco. A turma é... não sei se eu chego lá, mas o futsal tá garantido... pro futsal, pro vôlei, né, to vendo se a gente consegue o basquete.

Pesquisadora: - Aham.

E3: - To brincando, mas são 5 (E3, código Filhos)

Vou casar (...) e to grávida, vai fazer 5 meses (E4, código Filhos)

Olha dar um bom... como é que eu vou falar... um modo de vida melhor pros meus filhos... pra mim e pros meus filhos, né (E6, código Filhos)

Queria fazer psicologia, não sei se vai dar que eu to esperando, também... eu tenho duas filhinhas, elas ficarem mais independentes, que tão muito dependentes né (E8, código Filhos)

Falar de Deus foi uma constante também. Seja em expressões como “graças a Deus” ou “Deus sabe”, ficou claro que apesar das adversidades e da dureza das condições sempre há esperança.

Até quando... Aí, até quando só Deus sabe, né. Até quando só Deus sabe, mas hoje o que tenho em mente é continuar. O que tenho em mente... espero que permaneça na mente 1, 2, 3 anos e até que Deus permita que a gente fique aqui (E3, código Perspectivas)

Pra comunidade acho que ainda falta alguma coisa, né, o governo tá aí, tá investindo né, tá fazendo obras, eh... bom, pra mim tá indo bem graças a Deus (E5, código Carências)

Deus sabe... amanhã, a UPP sai e as crianças venham a ser influenciadas novamente a servir um cara que não tem o segundo grau, não tem o ensino médio, não tem uma quinta série, que as crianças tenham a possibilidade de um futuro enorme pela frente (E9, código Transição UPP)

É [sou premiado no trabalho], graças a Deus (E10, código Deus).

Isso, aí a gente se conheceu, (...) nos conhecemos, aí ele resolveu comprar... isso aqui era um barraquinho de madeira Tinha nada, nada, nada. A gente que consegui fazer até assim, do jeito que tá, entendeu? E a gente pretende melhorar, se Deus quiser.

Eu quero aumentar, arrumar um espaço maior, o Senhor vai mostrar o jeito e eu vou batalhar pra isso. A gente tem fé em Deus que vai dar tudo certo (E11, código Deus)

To tentando, uma hora eu sei que Deus vai me ajudar (E1, código Deus)

Um de nossos entrevistados venceu na vida e ele nos disse – e foi muito importante esse momento na entrevista – que acredita em milagre:

Ah, esqueci de falar, acredito no milagre de Deus. O que eu acredito também, né, daqui pra frente, no milagre de Deus, né, acredito muito nisso. (...) Minha vida foi um milagre, né. Minha casa, eu tinha uma casa de, quando eu morava lá com minha mãe lá em cima, era uma casa de madeira quase fechando, hoje em dia, em vista de onde eu to, só o milagre de Deus mesmo. Eu sou casado, tenho duas filhas, um apartamento próprio (E8, código, Deus)

#### **4.4.9 Energia e o plano inclinado:**

A Light entrou na Santa Marta e retirou os “gatos” para implementar ligações formais. As cobranças foram feitas de acordo com um momento de transição de 18 meses: “Nos seis primeiros meses a cobrança será como se o consumo fosse no máximo 80 kWh (R\$ 15,72 em valores atuais). Depois, a cada dois meses, serão acrescidos 20 kWh até o valor real.” (CÁSSIA, 2009, p. 15). É enfatizado o trabalho educativo da concessionária para ensinar os moradores práticas de consumo eficiente.

No dia 22 de agosto de 2009, mostra que a Light entregou novas geladeiras, mais eficientes para moradores do morro. Saiu na reportagem novamente o modelo de cobrança da Light para os moradores, acrescida da informação de que após o período de seis meses, as famílias iriam pagar a taxa de energia com isenção de impostos. A reportagem traz a foto de uma família que ganhou geladeira, contrastando com o velho fogão a lenha (Figura 26). A ênfase na pobreza é nítida com frases como “É uma beleza [a geladeira]. Pena que ainda esteja meio vazia.”, “Meu coração está quase saindo pela boca. A minha geladeira era de segunda mão e estava caindo aos pedaços.” (MORRO, 2009, p. 19).



Figura 26. Geladeira nova no programa de eficiência energética da Light, contrastando com fogão a lenha (autoria própria).

Em 25 de setembro de 2009, a favela Santa Marta aparece integrando o roteiro turístico internacional. O preço em média, de acordo com a reportagem, era de US\$50 por pessoa e foi feito pela agência Jeep Tour. O jornal anuncia a falta ainda de uma estrutura para receber esses turistas: “A comparação com o tour na Rocinha é inevitável. Bem-estruturada, a favela de São Conrado é mais sofisticada e conta até com shopping e banco” e “Pegos de surpresa, os moradores do Dona Marta não tinham nem um *souvenir* para oferecer” (ARAÚJO, 2009a, p. 20).

Uma leitora do jornal escreveu acerca das visitas nas favelas, no dia 17 de novembro de 2009:

Só estrangeiro acha a favela linda. Todos que se hospedam no Rio têm que subir uma favela. Por quê? Me diz uma coisa: por que a Madonna foi visitar uma favela e não os desabrigados da Baixada Fluminense? Ou uma das quatro unidades do Inca? Ou um orfanato, sei lá? Ah, isso não apareceria na mídia internacional. Se dessem menos foco às favelas, talvez elas não crescessem tanto e tão desordenadamente (GASTOS, 2009, p. 6)

Há uma revolta quanto a um possível *glamour* da favela, como um aproveitamento dessa imagem por políticos, artistas e autoridades<sup>110</sup>.

Quanto ao plano inclinado, mencionado anteriormente como uma obra que demorou muito para sair do papel, este, realmente, ajudou a vida dos moradores. Composto por duas etapas – a primeira vai da 1ª estação até a 3ª e, em seguida, troca-se de “bondinho” para ir da 4ª até a 5ª estação. Este serviço gratuito ajuda os moradores a subir no morro muito íngreme, o que se mostra bastante útil no caso de idosos e crianças, principalmente. Compras podem ser levadas mais facilmente, assim como o lixo e outras cargas podem descer em um compartimento a parte. Das estações até o destino final, o restante é feito com a força braçal. Donos de bares e restaurantes, bem como promotores de eventos têm de estar preparados para a maratona.

A gente carrega um pedaço no bonde e depois do bonde até o local, nas costas (E1, código Transporte)

Pesquisadora: - Mas aqui é mais [fácil] de chegar as coisas do que lá em cima?

E5: - É, aqui... ele já vem e entregam aqui direto aqui na...

P: - Aqui embaixo.

E5: - É... aqui embaixo, lá pra cima é um pouco mais difícil mas agora tem o bonde, né, já facilitou bem mais (E5, código Transporte)

Percebemos que apesar de contribuir bastante com a vida das pessoas, o plano inclinado não supre todas as necessidades. Moradores do lado esquerdo da favela nem sempre são tão beneficiados, como nosso entrevistado abaixo comenta.

só que o que incomoda muito é o meio de transporte que é pouco, poderia ter mais, entendeu? Mas um meio de transporte... por exemplo, outro bondinho, porque só lembraram de botar o lado da Santa Marta [lado direito do morro], o outro lado ficou esquecido. Agora mesmo tá acontecendo uma obra aqui na Santa Marta, eu mesmo fico pensando “Meu Deus, vai demorar uns 10 anos”, “Esse bondinho.... Dá, claro, foi uma coisa muito boa, mas não dá. É tipo assim um ovo pra botar mil pintos dentro. Meu Deus, não cabe! (risos) Não

---

<sup>110</sup> Não é a primeira vez que escuto nessa trajetória de pesquisa ressentimento acerca de porquê estudar tal favela em detrimento de outra região igualmente ou pior em pobreza. Parece haver uma oposição entre as regiões, existindo aquelas “esquecidas” e as que estão na “moda”.

cabe, falta coisa, falta coisa, falta transporte na Santa Marta, entendeu? (E11, código Transporte)

O plano inclinado não supre todas as necessidades. Em nossa experiência no local<sup>111</sup>, pudemos ver que muitas vezes teve que ficar parado para manutenção<sup>112</sup>, que há fila, principalmente na hora do *rush*, para subir e que sua operação é lenta. Mas, claro que o serviço é de um benefício enorme em comparação com as alternativas de subir todos os 800 degraus de escadaria a pé ou ter que pagar por um frete para chegar no alto pela rua Oswaldo Seabra.

O plano inclinado ajudou muito aos moradores e visitantes da favela. Turistas sobem por ele e fazem o passeio descendo pelas escadarias do morro. Esse transporte colabora como forma de levar pessoas para dentro da favela e, conseqüentemente, a troca de ideias e contato são feitos. Impulsiona-se a interação entre as pessoas através dessa tecnologia e também a provisão de novos serviços nas partes mais altas do morro – como já mencionado em outros tópicos – o que movimenta a economia e cultura local.

#### **4.5 As imagens nessa tese**

Expusemos, anteriormente, nosso entendimento teórico sobre imagens (capítulo 1, tópico 1.3). Apresentamos agora os dois tipos de imagens criadas para essa etapa da tese dentro do conceito de imagens aglomeradas.

*Imagens aglomeradas:*

- i) De autoria própria, criadas, principalmente, a partir de metáforas nas falas de nossos entrevistados ou textos publicados no jornal O Globo.
- ii) De autoria própria, criadas a partir de fotografias (também próprias) do local e ainda de outras fontes de observação.

Tais imagens foram feitas a partir de lápis e tintas, finalizadas digitalmente. Exploram processos, impressões e/ou argumentos relativos à segurança, atuação do

---

<sup>111</sup> Durante, principalmente, as gravações no verão de 2012, sentimos na pele o subir e o descer das escadarias da Santa Marta. Ainda mais com peso dos equipamentos em mãos e a adrenalina das entrevistas a serem realizadas.

<sup>112</sup> Há manutenção durante alguns dias da semana. Mais em reportagem do RJTV: <http://globotv.globo.com/rede-globo/rjtv-1a-edicao/v/moradores-reclamam-de-problemas-tecnicos-no-plano-inclinado-do-santa-marta/3335048/> (SCHMIDT, 2014).

governo e mobilidade, por exemplo. Esperamos que este seja um começo em relação ao que pode ser criado e compartilhado para os fins abordados na tese.

## 4.6 Produto 2

A seguir, apresentaremos nove imagens criadas exclusivamente para este trabalho, baseadas na análise da pesquisa qualitativa. Alguns temas se sobrepõem uns aos outros, pois problemáticas se interligam. Nosso objetivo nessa parte é mostrar alguns dos principais tópicos abordados no Produto 1 e descrever também nosso processo nesta etapa. Algumas citações vistas na seção sobre o Produto 1 podem ser revistas aqui, porém consideramos que isto faz parte do desenvolvimento e modo como trabalhamos essa etapa da tese.

As imagens foram produzidas no período de 2013 até começo de 2014. Este processo representou um grande desafio pessoal, uma vez que estava retornando a esse meio artístico exatamente nesse momento, depois de alguns anos sem praticar o desenho (estava empenhada em outras técnicas, como o *quilling*). Além disso, ilustrar a partir de estudo sobre um contexto situado requer muita sensibilidade e determinação nas escolhas dos temas, composição, cores. Existem muitos elementos para interagir e formar um todo que é a representação visual. As opções por materiais e tipos de abordagens para cada imagem foram feitas diante do aprendizado<sup>113</sup> ocorrido nesses meses e estava sempre em evolução. As imagens são um resultado desse processo de reaproximação das artes, principalmente, aos materiais tradicionais como pincéis, aquarela e lápis, como já mencionados.

Iniciamos com duas imagens feitas a partir de citações, das observações e caminhadas na favela Santa Marta. A primeira (Figura 27) mostra uma parte da arquitetura e pintura das casas na Praça Cantão, logo na parte baixa do morro. Tal pintura característica fez parte de um projeto chamado *Favela Painting* e foi feita no ano de 2010, fruto da iniciativa de dois artistas holandeses. A segunda imagem (Figura 28) também busca uma ambientação do local com o desenho de um restaurante localizado na favela. Essas duas cenas foram escolhidas para compor através da

---

<sup>113</sup> Estudei por conta própria, especialmente, com meus diários gráficos (cadernos que guardam imagens de locais, ideias, momentos), leitura de livros sobre técnicas artísticas e um minicurso de ilustração científica feito no Encontro Nacional de Ilustradores Científicos, em novembro de 2013.

arquitetura local um pouco do seu contexto e possibilidades para começar a se discutir essa favela.

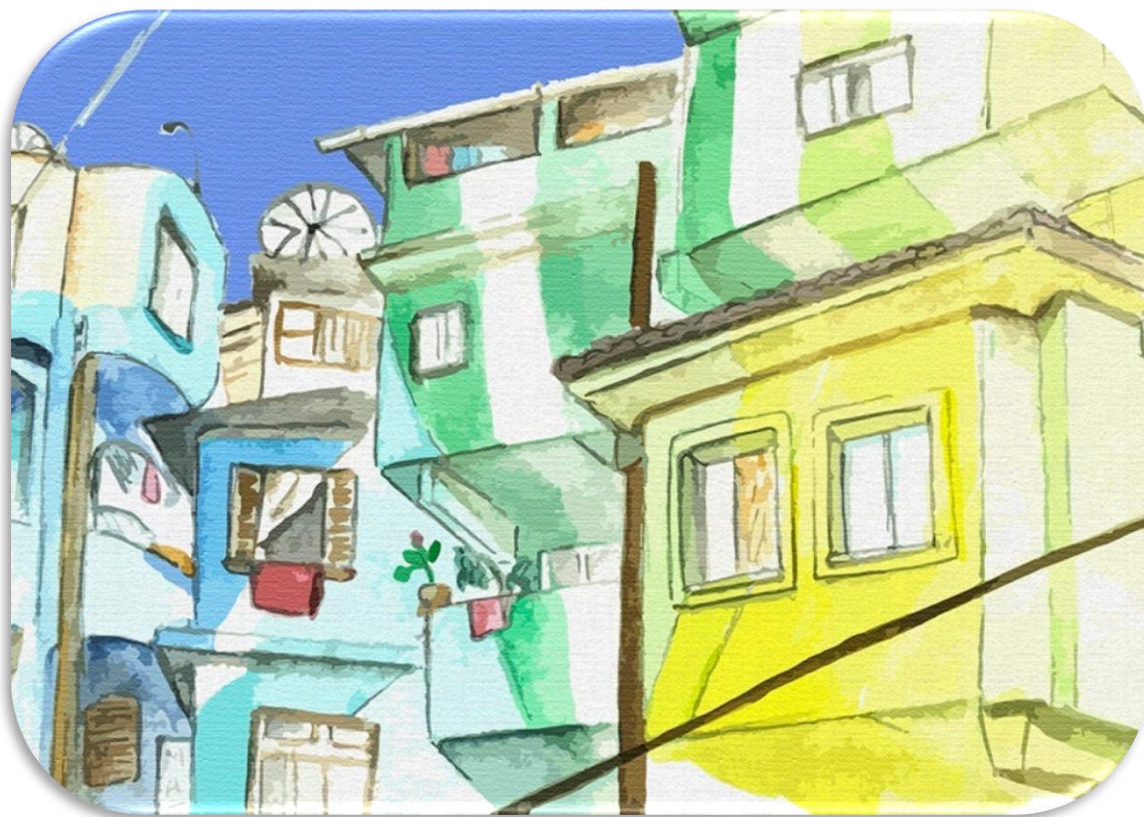


Figura 27. Praça Cantão (autoria própria).





Figura 28. Restaurante local (autoria própria).

A arquitetura local, as construções assimétricas, os improvisos e as cores são chamarizes nessas criações. Essa imagem tem detalhes de uma cultura local composta por formas irregulares, um “ritmo” diferente do de um desenho de prédios simétricos e idênticos, por exemplo. A citação que suscitou a Figura 27 se refere à uma crítica sobre preconceito em relação à favela, de autoria do então vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde, que falava sobre a questão da favela e da habitação, ligada à ideia da localidade com insegurança.

As favelas são o lugar que a família pobre dispõe para permitir sua inserção na sociedade e no trabalho. **As favelas cariocas não fabricam armamentos, tampouco plantam ou refinam cocaína** (CONDE, MAGALHÃES, 2004, p. 7, grifo nosso)

Ou seja, com essa figura baseada nessa fala, pensamos no debate acerca do lugar (sítio), que sofre com variadas ideias pré-concebidas, sendo que muitas delas conectam favela e violência. Muitas vezes, se ignora a lógica da cidade e questões profundas sobre a habitação popular.

A fim de tornar o conceito que compõe essa primeira imagem clara, foi feita uma **ficha-cartão** (Figura 29), que traz a imagem e dados sintetizados importantes, como a citação que inspirou sua criação, temas correlatos, além de seu tema geral. Na possibilidade de ter esse projeto implementado, essa ficha pode servir como guia para iniciar o debate, sendo utilizada pelo mediador, contendo os principais temas que podem ser abordados – seguindo de forma livre o modelo de ficha-roteiro do método de Paulo Freire (2011a). A ficha-cartão é um apoio às criações das imagens, trazendo para o campo do design gráfico esse tipo de representação pedagógica. É uma síntese de temas que podem ser utilizados, mas, não se trata de um esquema rígido.

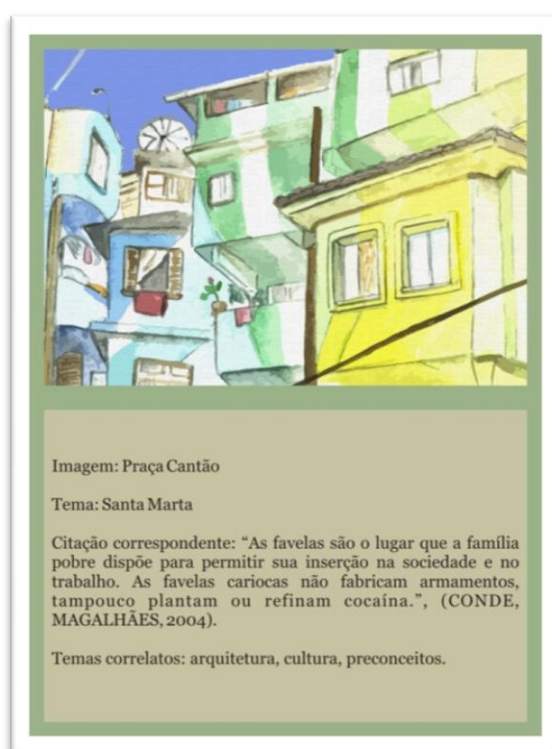


Figura 29. Ficha-cartão “Praça Cantão” (autoria própria).

Outras citações que podem complementar essa questão da visão da favela violenta são as seguintes cartas dos leitores do jornal O Globo:

é necessário gastar esta verba (...), **removendo estes barris de pólvora, infestados de bandidos, para lugares distantes**, para que os moradores decentes e a população como um todo tenham direito de viver em paz. Só o Exército pode dar fim a isto (RIO, 2005, p. 6, grifo nosso)

Atenção, desordeiros, malfeitores. Venham para o Rio enquanto o alcaide ainda é um omissor e inconsequente. **Montem barracos onde bem entenderem, criem comunidades**, desmatem, destruam, roubem, instalem-se nas ruas (LIMPAR, 2008, p. 6, grifo nosso)

acompanho, de minha casa, um incêndio na encosta à direita da Favela Santa Marta. Claro que daqui a alguns dias veremos luzes no meio da mata, **naquele terreno onde agora se dá o incêndio, com o previsível alastramento daquela comunidade ‘ordeira’** (LIMPAR, 2008, p. 6, grifo nosso)

Em um contraponto, podemos lembrar do ensaio “Favelafobia, um veneno social”, do jornalista Elio Gaspari, que expõe contradições acerca do tema e que enquanto não tivermos diálogo entre as partes para descobrir uma forma de convivência “sem a premissa da eliminação do outro.” (GASPARI, 2005, p. 7), não conseguiremos lidar bem com essa questão.

Já a inspiração da Figura 28 foi a seguinte citação:

Pesquisadora: - E você gosta do que você faz?

E11: - Cara, eu amo. **Eu amo trabalhar pra mim mesmo e o prazer que dá é a invenção** (...) Digamos assim, melhor... o salário tá melhor do que trabalhar pros outros (E11, Código Pró-atividade, grifo nosso)

Com isso, apontamos para uma postura, onde moradores do sítio são proativos, apesar das adversidades, buscando criar seus próprios serviços e produtos, estudar e melhorar sua qualidade de vida. A imagem mostra um serviço local dentro de seu contexto arquitetônico, que espera nos trazer uma primeira reflexão sobre a representação que cada um pode ter sobre um negócio próprio e seus significados na vida de uma pessoa. Na ficha-cartão (Figura 30) correspondente, podemos observar as possibilidades de discussão e temas correlatos, como preconceitos, cultura e serviços locais.



Figura 30. Ficha-cartão “Restaurante local” (autoria própria).

Outras citações de moradores podem ser acrescentadas a essa discussão, tais como:

**nós temos que ser vistos como pessoas que colaboram também, que colaboram com o pagamento de um policial, pagamento de um senador, até a grana mesmo que vai para o bolso do presidente, tá? E que deveríamos ser tratados com o mesmo respeito (E9, código Pró-atividade, grifo nosso)**

A discussão sobre as possibilidades de representações identitárias dos moradores e seus papéis no contexto socioeconômico abre o leque para também serem discutidos estereótipos. Aquilo que se imagina de modo generalizante sobre como as pessoas dessas (e até de outras favelas) se comportam pode ser problematizado e refletido.

A próxima imagem (Figura 31) se refere a uma metáfora feita por um de nossos entrevistados a respeito da sua visão positiva quanto às oportunidades e iniciativas e ações do governo.

**eu posso ser um no meio de um milhão, posso ser uma anta no meio dos leões, mas eu sou e to lá sobrevivendo. (...)** se talvez se não fosse essa

oportunidade do governo hoje em dia, provavelmente, não estaria aqui conversando com você (E1, código Oportunidades, grifo nosso)

O entrevistado deixa bem claro seu posicionamento diante das oportunidades oferecidas pelo governo através da metáfora dos leões e da anta, deixando transparecer um certo tom de dúvida nesse relacionamento. A imagem feita a partir dessa colocação busca trazer a metáfora por ele exposta, colocando em questão problemas como: oportunidade, política e desconfiança (Figura 32).



Figura 31. Anta no meio dos leões (autoria própria).



Figura 32. Ficha-cartão “Anta no meio dos leões” (autoria própria).

Essa imagem expressa o paradoxo de uma situação positiva, mas ao mesmo tempo frágil. Durante a pesquisa, se observou que a atuação do governo em relação ao morro tem ao longo de diversos momentos na história a marca da ambiguidade, uma relação de altos e baixos, capaz de expressar confiança e desconfiança. Podemos destacar aqui outro trecho complementar:

**A partir do momento que ele botou esse bondinho<sup>114</sup> [governador] foi uma grande ajuda, a gente só tem que agradecer mesmo e eu não tenho nada que reclamar** (E11, código Transição UPP, grifo nosso)

Com o intuito de promover discussão, podemos lembrar do entrevistado E2, que nomeou algumas das carências e falta de oportunidades, apesar de este ser um sítio que ainda recebe vários investimentos de projetos sociais, culturais e educativos:

**acho que vai funcionando e vai mudando totalmente né, aquele aquele processo de curral, que na favela o cara ou joga bola ou toca samba ou é empregado doméstico ou é gari. Não, hoje gari até tem que ter um grau de**

<sup>114</sup> Falaremos mais sobre o plano inclinado, informalmente conhecido por bondinho, mais adiante.

escolaridade bem mais elevado. Até pra gari hoje tá brabo” (E2, código Carências, grifo nosso)

Abaixo, mais uma vez a relação conflituosa entre a visão do morador e o Estado. A ideia de que com governo ou sem ele sempre fizeram as coisas acontecerem aparece nítida na seguinte passagem.

**Não desprezamos a sua ajuda** [governo], **mas sempre caminhamos sozinhos.**” (E9, código Pró-atividade, grifo nosso)

Há uma tênue linha divisória entre harmonia e conflito nas relações entre a favela e o governo. Entre oportunidades e carências.

A quarta imagem (Figura 33) se refere à outra metáfora, presente em uma das entrevistas, dessa vez, relacionada ao tema da educação e trabalho:

**É melhor ser cérebro de obra, com certeza, do que mão-de-obra, né** (E9, código Educação, grifo nosso)

O contraponto entre “cérebro de obra” e “mão-de-obra” expressa uma visão crítica da sociedade e suas oportunidades. Interessante o modo como o entrevistado expressou sua ideia e também preocupação sobre a juventude do morro. Na ficha-cartão (Figura 34) podem ser vistos alguns tópicos para debate, como trabalho, oportunidade e qualidade de vida.



Figura 33. Cérebro-de-obra (autoria própria).





Figura 34. Ficha-cartão "Cérebro-de-obra" (autoria própria).

Muitos dos entrevistados não tiveram a oportunidade de estudar mais por uma imposição de necessidade, a responsabilidade por pagar contas e sustentar uma família:

eu já tive antes uma birosca também lá em cima. (...) **Mas meu sonho não, meu sonho era ter uma faculdade** (E8, código Filhos, grifo nosso)

A realidade do morro tem mudado e as possibilidades de estudo têm aumentado ("4,1. Santa Marta"), vários entrevistados reconhecem, a educação como algo importante e pensam em retomar (ou já retomaram) seus estudos:

**Arrastei um bonde assim comigo, né, pra ir fazer o curso técnico** (E5, código Educação, grifo nosso)

Quanto à questão da remoção, como já mencionado, o tema é bastante controverso em meio aos moradores. Na imagem abaixo (Figura 35), apresentamos um desenho do local com algumas faixas que cobriam parte das fachadas, como parte de uma campanha contrária à remoção feita pelos moradores atingidos.

e hoje como falei o Santa Marta é uma favela bem localizada e é alvo de cobiça de mega empresários aí, geral, para colocar vários empreendimentos aqui dentro. **O local onde que eu moro, é um local de interesse pra esses mega empresários** (E2, código Remoção, grifo nosso)

Pode-se ressaltar também o valor sentimental de se viver naquela localidade, que é dita a mais antiga, onde começou a ocupação da favela Santa Marta.

apagar, né, remover essas habitações é **apagar toda uma história, toda uma vivência, toda uma coisa de anos** (E2, código Remoção, grifo nosso)



Figura 35. Pico da favela Santa Marta (autoria própria).

A remoção do Pico é certamente um tema polêmico que se arrasta pelos anos. Outra citação que pode trazer a discussão é a seguinte:

Porque agora tá tendo uma questão aqui no Santa Marta que tão querendo tirar o Pico, as pessoas que morou... mas porque vieram ver só agora? **Tanto tempo, tanto tempo que está aí, agora que vieram se preocupar?** Que preocupação é essa? (E10, código Remoção, grifo nosso)

As falas dos entrevistados deixam perceber uma desconfiança muito grande quanto às motivações governamentais para a remoção desses moradores e uma forte descrença na avaliação governamental da situação de risco desse local. Para a ficha-cartão dessa imagem (Figura 36), selecionamos alguns temas pertinentes que podem ser debatidos, além da questão da remoção, como o discurso de proteção ambiental para desocupação de certas áreas da cidade.

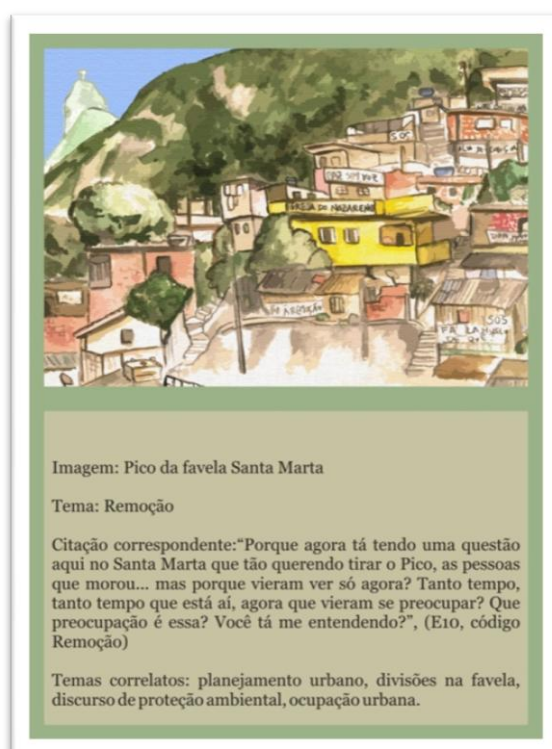


Figura 36. Ficha-cartão “Pico da favela Santa Marta” (autoria própria).

A discussão do tema “remoção” pode ser também estimulada pelo ensaio publicado pelo O Globo na seção Opinião no dia 30 de março de 2009, de autoria de Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira (presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, FIRJAN), onde é feita a referência a um estudo da FIRJAN que critica a expansão das favelas cariocas com ênfase na questão ambiental e na falta de infraestrutura. Lembramos que são fortemente criticados os “abusos e irregularidades” ditos presentes nas construções feitas nas favelas. Mas nada se fala com relação às irregularidades nas construções da “cidade formal”.

Também lembramos a reportagem de capa do O Globo de 15 de novembro de 2009, que destaca a quantidade de dinheiro alocada na Santa Marta desde o ano de 1983 e a carta do leitor com sua opinião crítica sobre essa questão:

**aposto que a maioria vai preferir ficar onde está.** Em um prédio normal há despesas com IPTU, energia elétrica, água, condomínio, taxa de incêndio... isso ninguém quer pagar (GASTOS, 2009, p. 6, grifo nosso)

Continuando com a apresentação das imagens que produzimos, seguimos para a Figura 37, que traz uma das vistas do morro Santa Marta, a partir do Pico. Em uma pequena praça, na época, havia um sofá e a visão do bairro de Botafogo até a praia de Copacabana, numa perspectiva incomum para o olhar da cidade formal.

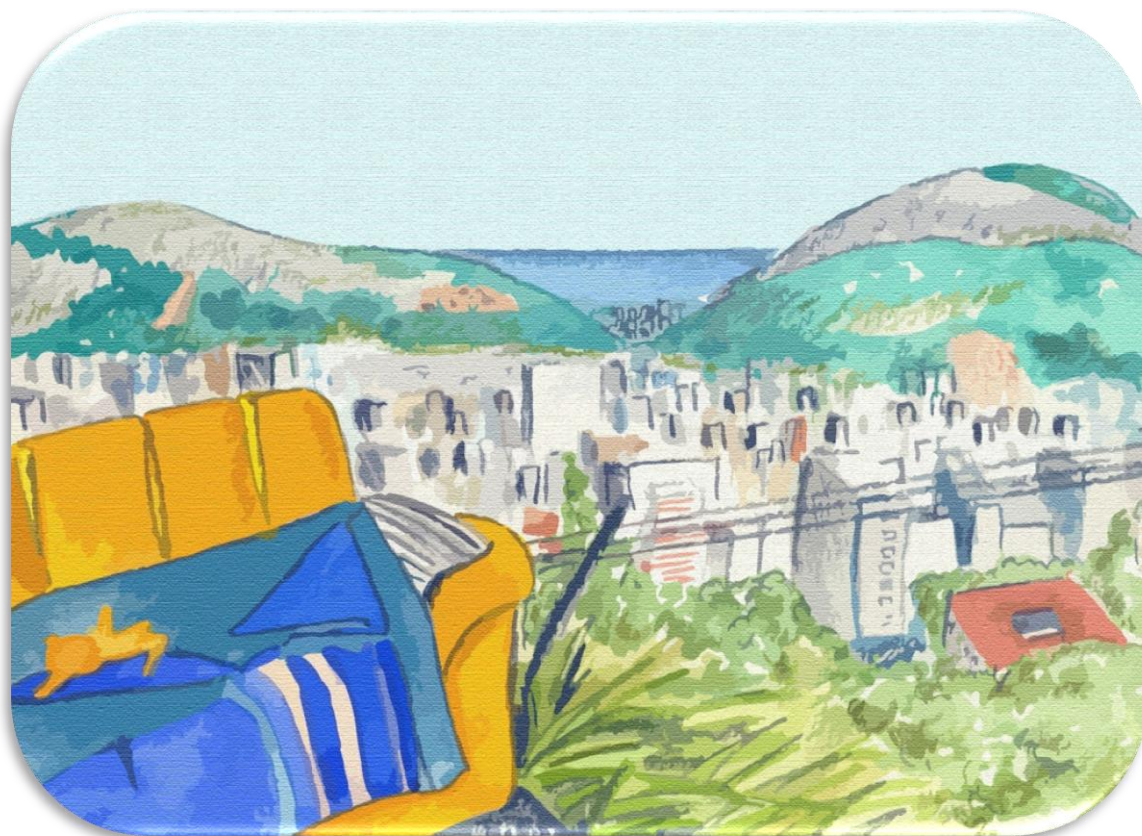


Figura 37. Vista do Pico da Santa Marta (autoria própria).

Essa imagem foi concebida a partir de um dos códigos interpretativos que mais nos chamou a atenção: preconceitos. Em muitos momentos, os entrevistados comentavam de alguma sensação de preconceito ou, simplesmente, de alguma divisão entre a favela e o seu entorno. Pequenos detalhes como “na rua” e “asfalto” faziam

menção a essa divisão, mesmo que de forma sutil. Um de nossos entrevistados mencionou que seu sonho era “abrir uma loja na rua” (E4, Perspectivas), enquanto outro dizia: “Meus clientes é tanto pessoal da comunidade quanto pessoal do asfalto. É bastante variado.”, (E9, código Divisões). A citação do entrevistado E3 sobre a oportunidade surgida “na rua” subverte o discurso padrão da cidade formal com o sentido de “estar desempregado”. O que ele quer afirmar é o acesso à cidade formal e as suas institucionalidades.

daí abriu essa oportunidade pra mim ir pra rua. **Fiquei 4 anos e meio na rua, trabalhando, trabalhando num salão**, né. Lá eu me especializei, tive que fazer cursos (...), principalmente, cabeleireiro, né (E3, código Divisões, grifo nosso)

Colocamos aqui a titubeação de morar na rua que separa a favela do bairro de Botafogo, ficando perdida entre esses dois polos, demonstrando que existe de fato algum tipo de divisão entre esses segmentos:

Pesquisadora: -Aqui embaixo é morro também? Ou não?

E8: - **É, a gente fala que..., aqui na Marechal**<sup>115</sup> (E8, código Divisões, grifo nosso)

A fala que incentivou a criação da imagem (Figura 37) foi:

**A comunidade Santa Marta ela se localiza na zona sul, mas entre a comunidade e aí o asfalto há um abismo.** (...) As pessoas têm um certo preconceito com as pessoas (E10, código Preconceitos, grifo nosso)

Ao dizer que existe um “abismo” entre as partes, o entrevistado E10 reforça uma percepção de divisões e desigualdades. Isso é enfatizado em sua referência a dois colégios localizados no entorno da favela.

Você vê umas criancinhas pobres ali na frente, a maior desorganização do colégio, a infraestrutura péssima, você vê do outro lado o colégio de pessoas que têm dinheiro, o nível... **Você tá entendendo? Aquilo machuca** (E10, código Divisões, grifo nosso)

---

<sup>115</sup> Se refere a Rua Marechal Francisco de Moura.

Mas é importante dizer que os depoimentos não restringem a presença de preconceitos apenas no âmbito exterior da favela.

Pesquisadora: - Dentro do próprio morro tem preconceito?

E2: - Tem preconceito. **O nordestino tem preconceito com carioca, e assim vai, entendeu?** E aqui também por ser uma favela dentro da zona sul é... ao atravessar a rua que limita aí, né, a São Clemente ali tem uns carros de luxo e tudo mais. Você sente o preconceito, vai fechando os vidros quando [você] tá se aproximando (E2, código Preconceitos, grifo nosso)

A ficha-cartão (Figura 38) visa procurar a discussão dos temas correlatos a preconceitos e conflitos.

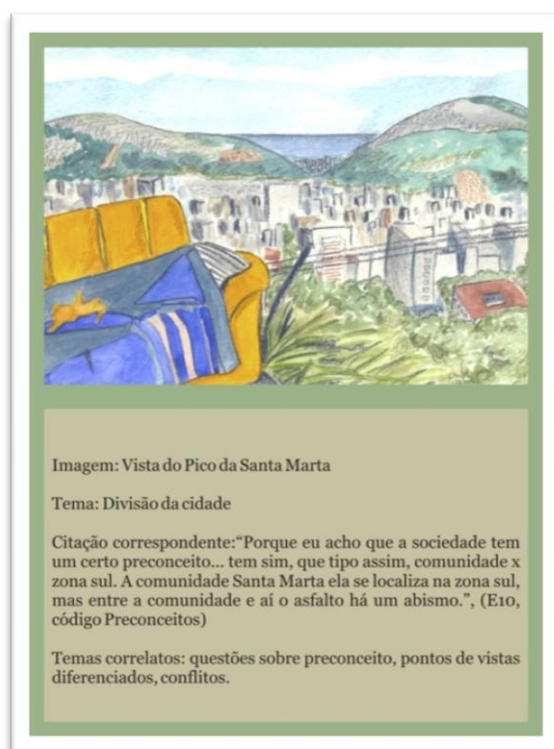


Figura 38. Ficha-cartão “Vista do Pico da Santa Marta” (autoria própria).

O próximo tema das imagens é a mobilidade na favela, com foco no plano inclinado. A imagem (Figura 39) se originou a partir da seguinte citação do entrevistado E11:

Esse bondinho.... **Dá, claro, foi uma coisa muito boa, mas não dá. É tipo assim um ovo pra botar mil pintos dentro.** Meu Deus, não cabe! (risos)  
(E11, Transporte, grifo nosso)



Figura 39. Mil pintos em um ovo (autoria própria).

O plano inclinado tem toda uma influência na vida dos moradores, seja por facilitar a mobilidade, como ajudar no trânsito de materiais e turistas. Abaixo, outras citações que podem complementar a discussão promovida por essa imagem:

**A gente carrega um pedaço no bonde e depois do bonde até o local, nas costas** (E1, código Transporte, grifo nosso)

Pesquisadora: - Mas aqui é mais [fácil] de chegar as coisas do que lá em cima?

E5: - É, aqui... ele já vem e entregam aqui direto aqui na...

P: - Aqui embaixo.

E5: - É... aqui embaixo, **lá pra cima é um pouco mais difícil mas agora tem o bonde, né, já facilitou bem mais** (E5, código Transporte, grifo nosso)

É comum que turistas subam pelo plano inclinado e terminem o passeio descendo pelas escadarias do morro. É perceptível como esse transporte impulsionou uma maior interação entre as pessoas e a provisão de novos serviços nas partes mais altas do morro, movimentando a economia e cultura do sítio. Dentro dessa temática foi elaborada a ficha-cartão (Figura 40) com temas correlatos, como: mobilidade urbana, economia e acessibilidade.



Figura 40. Ficha-cartão “Mil pintos em um ovo” (autoria própria).

Para a imagem relativa ao turismo na favela Santa Marta, optamos por um desenho simples de um varal de roupas coloridas (Figura 41), como expressão para a vida vivida cotidiana dos moradores, que é uma das coisas que podemos encontrar ao passear por suas ruas e becos. De fato, encontramos varais de roupas, portas abertas, lajes e animais domésticos, além da bela vista e pontos turísticos, como a já mencionada Laje do Michael Jackson. O turismo é algo que está presente na Santa Marta, apoiado pelo governo através do fomento de cursos e de iniciativas de “turistificação” como indicam, por exemplo, as placas turísticas encontradas no sítio.



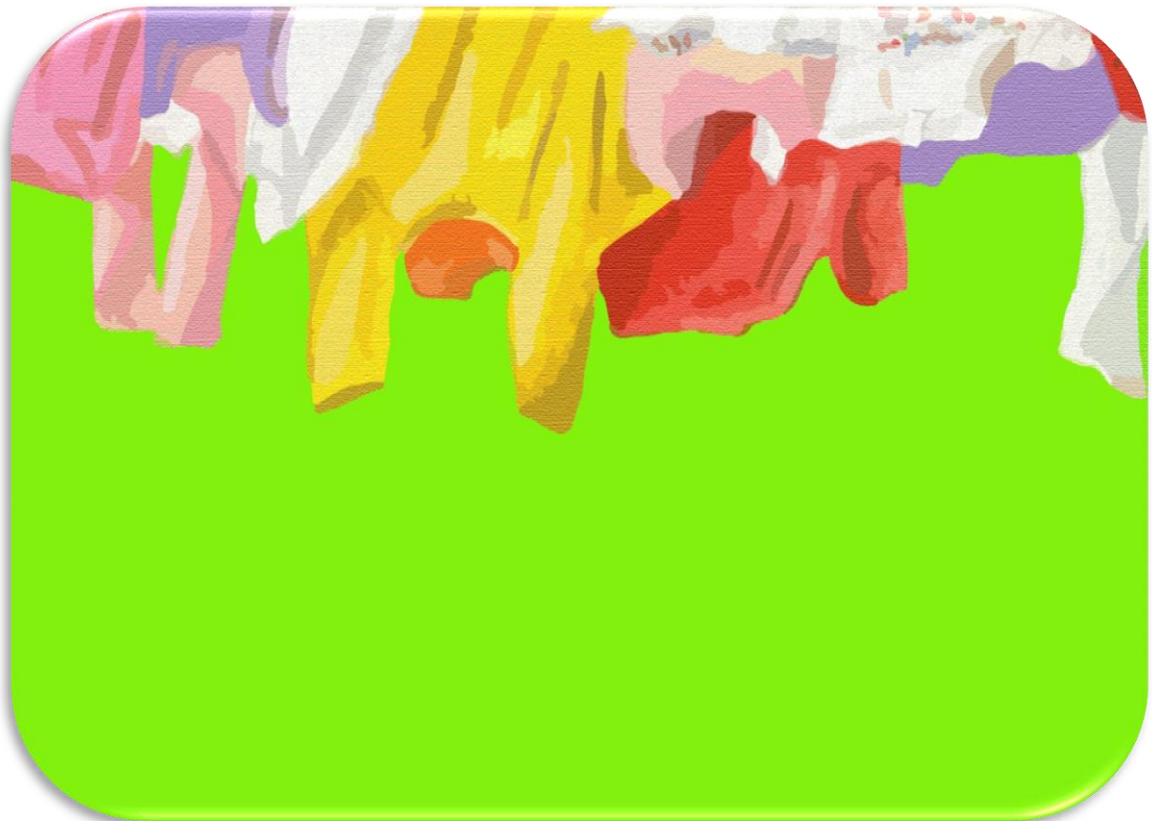


Figura 41. Roupas no varal (autoria própria).

A inspiração para essa imagem, além das próprias observações do local sobre o que pode ser entendido como turismo, partiu da citação abaixo em que se relata a visita de pessoas curiosas para conhecer a favela, muito antes do processo de “pacificação”. Mesmo de modo informal, a entrada de curiosos poderia acontecer e uma história já era contada.

**Geralmente, tinha pessoas, turistas, gringos, realmente, perdidos, que vinham subir por curiosidade a favela (...).** Uma criança pequena e comecei a pegar o hábito de pegar pessoas por dentro da favela pra mostrar e tudo o mais e tal (E2, código Passado, grifo nosso)

#### Outras citações na mesma temática

tem empresas, hoje, agências (...) invadem a favela, não que seja proibido deles virem, mas só que tem que ser de uma forma, né, controlada e tentar interagir o máximo, né, com os moradores e tentar ééé... **respeitar de uma certa forma através do turismo e expor realmente a realidade pro turista**

**que compra esse pacote do outro lado do mundo**, né. (E2, código Conflito, grifo nosso)

Apesar dessa visão, existem pontos positivos quanto às possibilidades do turismo na favela. Observamos, no entanto, que mesmo com eventuais conflitos de interesse, predomina uma visão positiva sobre o tema entre nossos entrevistados.

**elas [guias] tão me ajudando a vender minhas coisas** (E11, Parcerias, grifo nosso)

**É muito legal você conhecer outras culturas, saber o que eles [turistas] fazem** (E1, Diálogos, grifo nosso)

A ficha-cartão referente à imagem (Figura 42) traz como temas correlatos para debate a questão do exótico (como objeto de consumo turístico), da exploração mercantil da cultura local e da integração da favela com a cidade.



Figura 42. Ficha-cartão "Roupas no varal" (autoria própria).

A última imagem (Figura 43) que apresentamos no produto 2, expressa a ambiguidade e conflito na relação entre a favela e a cidade. A imagem é composta pela visão da favela com dois helicópteros, sendo um mais camuflado com o fundo. A vida do sítio parece assim apreendida entre dois polos: a turistificação e a segurança.



Figura 43. Duas visões da Santa Marta (autoria própria).

A inspiração para essa imagem veio do seguinte trecho do jornal O Globo:

**Policiais de um helicóptero que dava apoio à operação atiraram em sete bandidos**, que estavam com um fuzil numa localidade conhecida como Mina (COSTA, 2007, p. 13, grifo nosso)

Este foi o caso em que a polícia estourou um paiol na Santa Marta em 4 de outubro de 2007. Houve elogio para essa ação policial, mesmo com a possibilidade de se acertar um tiro em um inocente. Novamente, podemos refletir se esse tipo de conduta em um bairro nobre no Rio de Janeiro seria aceito da mesma forma.

Como complemento, selecionamos a citação do entrevistado E2 que questiona o tipo de tratamento recebido pelos moradores do morro pela polícia, mesmo após a implantação da UPP.

**a forma de tratamento não é totalmente [igual] como o morador de uma Atlântica, da Barra da Tijuca, do Recreio** (E2, código Divisões, grifo nosso)

Instigante como os helicópteros podem ter usos tão diferentes para uma mesma localidade e em um espaço de tempo curto, se pensarmos na data da citação da operação policial (2007) e o contexto de turismo pós-UPP (2008/2009). Em ambos os casos, parece-nos que a opinião do morador da favela não foi/é prioritária sobre essas possibilidades de ação. A ficha-cartão correspondente (Figura 44) indica questões a serem trabalhadas como turismo e abordagem policial.

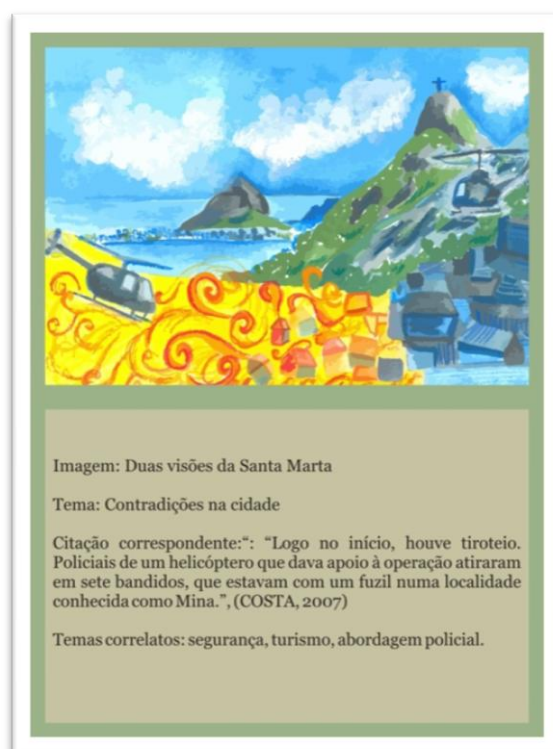


Figura 44. Ficha-cartão de “Duas visões da Santa Marta” (autoria própria).

Essas foram as imagens aglomeradas criadas a partir da análise da pesquisa qualitativa e que podem servir como estopim para debates. Obviamente, nem todos os tópicos puderam ser trabalhados como imagens, uma vez que a riqueza de fontes e temas é muito maior que o espaço que temos para análise e criação no período da tese.

São representações de um estar coletivo e individual situado. Algumas nasceram de metáforas, enquanto outras de cenas vistas no sítio de pertencimento. As cores

utilizadas, sempre quentes e alegres, buscaram trazer um pouco do ambiente local, do contexto do sol, do calor, da efervescência de muitas opiniões. As imperfeições dos traços e das tintas ajudam a trazer a ideia de algo mais artesanal, menos formal. Cenas contendo algum ícone ao imaginário carioca, como o Cristo Redentor, a visão da natureza e do cenário urbano, estão presentes nessas representações.

#### **4.7 Resumo e discussão**

A metodologia utilizada nasceu e foi construída sobre as bases teóricas lançadas na primeira parte da tese, sendo os resultados alcançados intimamente ligados às questões e valores explorados naqueles dois primeiros capítulos. Ao criarmos imagens a partir do texto, dialogamos com as reflexões de Vilém Flusser (2007) e sua percepção sobre a relação entre o pensamento em linha e o imagético. Muitas das imagens com as quais lidamos atualmente são composições que surgem da interação com o texto. Dialogamos também com o conceito de imagens aglomeradas de Edward Tufte (1997) e a reunião de diferentes ideias em uma representação visual. Imagem e texto são complementares em suas possibilidades, possuindo formas diversas de expor conceitos. Portanto, por meio do protagonismo das imagens exploramos diferentes formas de comunicar/dialogar ideias.

O modo como projetamos nos faz voltar àquela pergunta lançada por Vilém Flusser (2007) sobre como podemos configurar projetos que ajudem nossos sucessores, minimizando as obstruções em seu caminho. Relembramos também que esse autor afirmava que a resposta para isso seria a criação de projetos que resultassem em “mais veículos de comunicação entre os homens” (FLUSSER, 2007, p. 198). De um modo semelhante, Freire apontava: “Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos” (2011b, p. 86). Tanto nossas imagens aglomeradas quanto as fichas-cartão (um auxílio para a leitura/dinâmica das imagens na aplicação do método) criadas são uma forma do design se posicionar como um *mediador de relações*, integrando essas visões de Flusser e Freire. Um mediador que tem como foco a pró-atividade e a capacidade de diálogo entre as pessoas.

Quanto ao sítio de pertencimento descrito por Zaoual (2006), podemos afirmar que os valores, costumes, modos de ação encontrados por meio de nossos entrevistados serviram para entendermos mais profundamente este contexto. As diversas perspectivas

nos fizeram perceber o leque rico de interpretações e estratégias adotadas naquela realidade. Não se trata de um ambiente homogêneo e passivo, muito pelo contrário.

Aproveitamos para esclarecer que o modo como apresentamos as diferentes perspectivas e certa ênfase na dualidade “cidade formal” e “favela Santa Marta”, não significa que estas sejam isoladas uma da outra, como dois sistemas distintos. É um sítio de pertencimento que tem sua riqueza e que interage o tempo todo com o restante da cidade da qual faz parte. E vice-versa.

Um dos momentos mais interessantes sobre pertencimento foram os apontamentos e reflexões feitas por um entrevistado ao comentar sobre o processo de remoção que estavam sofrendo no Pico. Apesar de toda a dureza em viver numa das partes mais pobres do morro, o sentido de pertencer a aquele sítio era bastante enfatizado. As gerações familiares que viveram ali, a cultura local ao qual pertencem, a vista panorâmica, entre outros fatores, eram motivos para se apegar a aquele local, a aquele contexto. Os conflitos com o governo e a falta de confiança em suas ações ressaltaram um tipo de lógica local em relação às ações do estado. Isso foi um dos relatos que nos fez enxergar toda uma situação sob uma ótica do *homo situs* (ZAOUAL, 2006).

A pesquisa no acervo do Jornal O Globo pôde nos mostrar notícias boas, ruins, esperanças e medos nos anos estudados. Havia também histórias “repetidas” em nossa trajetória carioca: representações sendo criadas e recriadas através dos anos. Ficaram claras as parcialidades do jornal – muito enfático e até mesmo elitista em vários momentos – e suas próprias contradições. Observamos o uso de certos estudos para certificar seus pontos de vista, sutis ou não tão sutis exposições de ideias e uso de imagens para fortalecer a sua mensagem. Percebemos também uma sinergia entre as opiniões do jornal e o reflexo das opiniões das suas principais classes de leitores (A, B). A permissão para que algumas pessoas pudessem expor opiniões contrárias ao próprio jornal (ou polêmicas para ele) é algo que vale a pena ser ressaltado como ponto positivo. O jornal O Globo representou uma visão externa à favela que enriqueceu as percepções obtidas pelas entrevistas semiestruturadas.

Durante o período desse estudo foi observada a carência de oportunidades e da possibilidade de receber (bons) serviços, como saúde, saneamento, educação e segurança, dependendo da sua classe social. Vivemos em uma cidade com imensos vãos sociais, culturais e econômicos, onde pudemos analisar que o preconceito e a falta de diálogo podem contribuir para manter tais diferenças. Em poucos momentos percebeu-

se uma integração e confiança entre os diferentes atores estudados, geralmente, mais notadas quando os temas tinham relação com arte e cultura (ex. carnaval e samba). De fato, nos parece muito delicada a relação com uma favela que pode ser um lugar exótico e de encanto pela sua produção cultural e, até mesmo, como ponto turístico, mas também lugar do perigo e da má vizinhança. O paradoxo na representação de um mesmo sítio mostra-nos como é difícil a convivência na cidade.

Ao pensarmos em termos do recurso mais escasso, como apontado por Simon (2001), podemos dizer que neste caso, encontramos a questão do diálogo como ponto crítico. O cerne de muitas problemáticas pode estar em uma reflexão sobre o diálogo e um olhar sobre as relações interpessoais (Eu-Tu) de convivialidade (BARTHOLO, 2001; BUBER, 2001). Possivelmente, muitas respostas podem estar na observação e resolução dessa carência e seus desdobramentos. Para se pensar em um desenvolvimento que seja “sustentável”, deveria ser preciso antes buscar (por algum) consenso e participação. Diante desse quadro, reforçamos a possibilidade do design trabalhar na geração de diálogos e informação nova para as pessoas (FLUSSER, 2007), ao invés de soluções prontas somente (como um discurso).

As histórias contadas compuseram uma tela de representações de um imaginário onde podiam se ver e sentir diferentes posicionamentos. Muito do que encontramos estava rodeado por temas clichês da favela, tais como: a violência, o gato (furto) e pontos turísticos. A construção de ideias e conceitos que cada um pôde acrescentar à pesquisa compôs uma imaginação daquele todo. Novamente, não é a única imaginação, a única verdade, mas uma possibilidade. Um retrato dialógico de muitas vivências e intencionalidades, capturadas em forma de entrevistas e texto, transformadas em análise escrita e, por fim, em imagens aglomeradas.

## 5 Considerações Finais

“Se não for outro mundo, você não entende porque o caboclo despreza o índio... *é* outro mundo, outra cultura! (...) Se não existisse essa estranheza, não existiria problema no mundo, entendeu?” (PENNA *et al.*, 2008, p. 111)

No processo de concepção dessa tese, estivemos em contato com diferentes áreas do conhecimento: História, Design, Artes, Engenharia de Produção. Todo esse caminho percorrido serviu para se repensar sobre o ofício e as possibilidades do design. Esse trabalho mostrou que o design pode ser um importante instrumento de prática da liberdade, conforme as ideias de Paulo Freire (2011a). Enfatizamos também a possibilidade do design fomentar o papel de agente das pessoas (pró-atividade) em um contexto complexo.

Vilém Flusser (2007) nos fundamentou em relação às questões sobre responsabilidade e projeto, e também no seu entendimento sobre imagens. O que fazemos, por que e para quem, são reflexões muito relevantes quando se responde por outros por meio de projetos. As imagens representam uma forma muito atual de nos comunicarmos e que possuem imenso potencial para promover uma interação/comunicação entre as pessoas.

Trouxemos reflexões sobre o sentido de sítio de pertencimento de Hassan Zaoual (2006), inspirando nossa visão ampla e múltipla ao olharmos a favela Santa Marta e alguns de seus moradores. A partir dessa pesquisa – em conjunto com a feita no acervo do jornal O Globo – pudemos compor um retrato do imaginário urbano em questão. Tal imaginário demonstrou ser de fato conflituoso e paradoxal nas representações sobre a favela.

Por meio da pesquisa qualitativa, pudemos aprender muito sobre as diferentes percepções individuais que movimentam um contexto coletivo e vice-versa. Muitas das questões levantadas poderiam servir como estopim para debates, como o turismo local, a remoção, o transporte e a energia elétrica. As opiniões expostas pelo jornal O Globo ajudaram ainda mais nessa percepção, nos fazendo compreender a situação em profundidade.

O diálogo conseguiu unir nossos principais conceitos ao fornecer a ideia da importância das relações interpessoais (BUBER, 2001) para buscar entender outros olhares e também para promover o pensamento crítico. O design serve como mediador



de objetos do mundo, relacionando e promovendo a comunicação entre indivíduos. Nessa interação pode estar a possibilidade de criação do novo.

Acrescentamos que essa favela necessita de diretrizes políticas e sociais que a faça ser um local onde os direitos e deveres dos cidadãos sejam respeitados. Necessita de mais qualidade nas habitações, na educação, saneamento básico, limpeza urbana, por exemplo. São muitas as questões que se interligam e que necessitam não só do governo, mas também das pessoas. Nessa interação do pensar e do agir, é que depositamos nossa contribuição via imagens em um olhar para uma Santa Marta.

O futuro do conhecimento pode estar em combinações inesperadas do saber e de uma visão integrada de diferentes realidades. Significa ter uma noção mais ampla sobre o coletivo e respeito por outras áreas do conhecimento. Essa conformação pode ser mais adequada aos problemas complexos que enfrentamos, sendo uma alternativa complementar às visões especializadas. Nas interseções, mesmo que polêmicas, tentar inovar é uma forma interessante de perceber os problemas e oportunidades para pensar diferente. É um exercício da criatividade. Do ponto de vista acadêmico, é necessário se pensar nos protocolos de pesquisa para trabalhos interdisciplinares visando facilitar a integração e relevância de abordagens diversas do conhecimento.

Concluimos que dentro da visão geral de uma abordagem do design como prática da liberdade foi cumprido o objetivo de criar uma metodologia que trouxesse imagens como resultado final. O desenvolvimento desse trabalho utilizou-se das bases teóricas lançadas na primeira parte da tese, como as reflexões sobre responsabilidade, ética, e cultura. Levamos em conta trabalhar o design como um meio para o pensar, sendo ele um mediador de relações, interdisciplinar e crítico. Em um momento onde repensar o modelo de desenvolvimento e a sustentabilidade são temas muito estudados, expomos, por meio desse trabalho e com o protagonismo das imagens, um modo de agir que foca no empoderamento das pessoas, na articulação pelo debate e relações interpessoais. Não buscamos a verdade única, mas sim, compreender com mais tolerância as muitas verdades que compõem um sítio de pertencimento.

Quanto às possibilidades futuras, entendemos que os produtos dessa tese podem ser aplicados em sala de aula, como em escolas e faculdades (em forma complementar ao que já é ensinado em disciplinas tradicionais, por exemplo). A aplicação como um projeto de extensão da universidade também é possível. Pode-se aplicar em turmas de alfabetização de jovens e adultos, onde, em complemento as atividades textuais, poderiam ajudá-las na caminhada tanto para a alfabetização quanto para pensar

criticamente, seguindo as ideias de Freire. A averiguação da eficiência desse método também poderia ser alvo de um novo estudo. Novos projetos acerca das possibilidades de se pensar design dessa forma, utilizando-se de outros temas para trabalhar também podem ser foco de pesquisa. Esse processo pode levar a um aprimoramento do modo como tentamos explorar o design e propor meios alternativos para o ensino, além de criar novas reflexões acerca do posicionamento adotado.

Somado a isso, as imagens, especialmente, as fichas-cartão podem ser empregadas em um jogo. Seria uma forma de transformar de maneira lúdica esse material, ampliando o público e a participação nos debates. O potencial da conexão entre os resultados aqui obtidos e a ideia do jogo podem abrir portas para a aplicação dessa metodologia.

Novas imagens podem ser feitas por mim a partir de outras falas, somando-se as já produzidas até então. Materiais diferentes podem ser testados, bem como programas de computador e efeitos diferenciados. Pessoas podem criar novas imagens a partir das já existentes (sob a licença do selo *Creative Commons* presente no site da tese) ou novas a partir das análises textuais.

O site da tese intitulado de “PhD Studio” ([www.myphdstudio.wordpress.com](http://www.myphdstudio.wordpress.com)) entrará no ar com a finalização da mesma. Espera-se que seja o pontapé inicial para levar o conhecimento dessa pesquisa para outros públicos, sendo conectado à página da biblioteca da UFRJ para baixar o arquivo completo. Esperamos também que, futuramente, outros pesquisadores possam se unir a esse tipo de iniciativa para criarmos uma plataforma de trabalhos mais acessível ao público leigo.

Na Figura 45, temos um resumo das considerações finais e possibilidades para ações futuras.

## Considerações finais

---

Observações	Possibilidades futuras
<ul style="list-style-type: none"><li>- Fomento à interdisciplinaridade</li><li>- Ciência e Arte</li><li>- Criatividade</li><li>- Imagem e texto</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolvimento de metodologia para aplicação em aula</li><li>- Escolas</li><li>- Faculdades</li><li>- Projeto de Extensão</li></ul>
	<b>Aplicação</b>
	<ul style="list-style-type: none"><li>- Avaliação do método</li><li>- Desenvolvimento de outras temáticas</li><li>- Criação de um jogo</li><li>- Criação de mais imagens</li><li>- Lançamento do site da tese</li></ul>
	<b>Outros desdobramentos</b>

Figura 45. Resumo das considerações finais e das aplicações futuras dessa tese.

Enfim, depois de uma longa trajetória, resultamos em uma pesquisa que, em poucas palavras, buscou refletir sobre uma possibilidade de design e criar um método para que pudéssemos exercitar uma (auto) crítica. Esperamos que este seja um começo para pensar essa e, quem sabe, outras áreas, como pontes integradoras de temas complexos do nosso dia a dia. Uma abordagem dialógica e situada, mas, ao mesmo tempo, ampla do conhecimento.

## Anexo I:

Comparação entre busca por palavra-chave “Santa Marta” e “Dona Marta” na base de dados do jornal O Globo (década de 2000). Comparação feita em 02 de outubro de 2013 (Figura 46). Ferramenta de busca disponível em <http://acervo.oglobo.globo.com/>.



Figura 46. Busca por palavra-chave “Santa Marta” e “Dona Marta” na plataforma do jornal O Globo.

## **Anexo II:**

### **Um pouco sobre policiamento comunitário**

Interessante notar que a história do policiamento comunitário não começa com as Unidades de Polícia Pacificadora, mas temos relatos no jornal de décadas atrás. Alguns nos chamaram a atenção e colocamos aqui no anexo como forma de estimular a curiosidade e conhecimento sobre nossa própria história.

No dia 2 de junho de 1983, temos uma reportagem no O Globo sobre o projeto CIPOC (Centro Integrado de Policiamento Comunitário) implementado pela Polícia Militar, na Cidade de Deus. O texto começa com

Implantando há um mês da Cidade de Deus (...) já começou a render frutos, conforme acreditam os policiais. Segundo levantamentos extra-oficiais da PM, o índice de ocorrências na Cidade de Deus diminuiu sensivelmente no mês de maio.

Segundo o sargento Bulhões (...), até a semana passada não havia sido registrado nenhum homicídio na Cidade de Deus, enquanto, em abril, houve cinco casos desta natureza.

(...)

- O projeto foi implantado há um mês, somente – pondera o Secretário [da Polícia Militar, coronel Carlos Magno Cerqueira]. – Por isso, ainda é muito cedo para fazer uma avaliação mais concreta sobre o seus resultados (PROJETO, 1983)<sup>116</sup>

Em reportagem do dia 13 de maio de 1983 (sem página), O Globo traz uma foto ocupando mais que a metade da página mostrando um policial alimentando uma criança, como podemos ver no seguinte esboço (Figura 47) (O POLICIAL, 1983)<sup>117</sup>. O título era “o policial e a criança abandonada: novo estilo”. Com isso queria se demonstrar uma nova relação entre os policiais e a população. Fala-se em humanização do contato com os policiais.

---

<sup>116</sup> PROJETO CIPOC, na Cidade de Deus: a violência diminui. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1986.

<sup>117</sup> O POLICIAL e a criança abandonada: Novo estilo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1983.



Figura 47. Imagem baseada em foto de policial cuidando de uma criança, em 1983 (autoria própria).

Já no dia 31 de dezembro de 2008, temos na manchete “Nos morros, duas faces da ocupação”<sup>118</sup>, o seguinte trecho:

Já nos primeiros dias, os efeitos da ocupação em Botafogo chegaram ao asfalto: o número de roubos e furtos nas ruas do bairro junto ao acesso do Dona Marta despencou (NOS MORROS, 2008, p. 13)

Junto a essa notícia, temos a foto de um policial oferecendo bala para as crianças do morro, numa atitude de integração com a comunidade.

Na reportagem do jornal do dia 28 de dezembro de 2008, temos a surpresa dos moradores com a ocupação do morro e desconfiança sobre o futuro desse processo. O Globo estampa “morador paga para ver” em referência à essa dúvida das pessoas da Santa Marta.

No dia 18 de agosto de 2009, o presidente da Associação de oficiais da PM, coronel Dilson Ferreira de Anaíde fala com prudência: “Há resultados iniciais positivos na Santa Marta. Mas é preciso esperar um pouco. Se for caso, fazem-se ajustes.” (SCHMIDT, ARAÚJO, 2009, p. 17)<sup>119</sup>.

---

<sup>118</sup> NOS MORROS, as duas faces da ocupação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 2008. Rio, p. 13.

<sup>119</sup> SCHMIDT, Selma; ARAÚJO, Vera. Treinar tropa é maior desafio para ocupar favelas: Secretário alerta que tempo é curto para formar PMs e diz que até o ano que vem mais 3500 irão para as UPPs. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2009. Rio, p. 17.

Esta parte da pesquisa não cabia nas análises anteriores, mas consideramos relevante estar presente neste anexo por ser uma forma de vermos como o estilo do jornal se repete – a forma de contar a história, as imagens utilizadas, os mesmos questionamentos e esperanças – apesar de três décadas de diferença. Hoje, pouco se fala das experiências anteriores, que foram inúmeras e diversas, sobre policiamento comunitário na cidade, seja em bairros ou em lugares mais carentes. Essa “falta de memória” também demonstra bem uma falta de criticidade em relação a como as coisas acontecem na cidade.

## Referências Bibliográficas

AÇÃO sem tergiversar. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2007. Rio, Opinião, p. 16.

AGID, S. "How can we design something to transition people from a system that doesn't want to let them go?" **Design Philosophy Papers**, n. 3, 2011.

AGUIAR, V. Pesquisa Acadêmica. [mensagem email da Coordenadoria de Comunicação Empresarial, COMLURB]. Mensagem recebida por <biabeatriz@gmail.com>. em 24 abr. 2012.

AKAMA, Y. "A 'way of being' in design: Zen & the art of being a human-centred practitioner". **Design Philosophy Papers**, n. 1, 2012.

ALVES, M. E. Madonna visita o Dona Marta: Cantora conhece projetos de ONG e conhece casa de moradora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2009. Rio, p. 20.

\_\_\_\_\_. Uma polêmica em versão espanhola: Jornal El País erra ao dizer que muros serão construídos apenas na Zona Sul. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 de abril de 2009. Rio, p. 11.

AMATO, G. Crescimento sem limites: Favelas no Laboriaux e no Dona Marta avançam, sem controle, em direção ao Parque Nacional da Tijuca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2006. Zona Sul, p. 21.

AMORA, D. Cabral quer combater crescimento de favelas: Governo estadual pretende instalar até muros como eco-limites e monitorar expansão das comunidades via satélite. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 2008. Rio, p. 23.

AMORA, D., DAMASCENO, N. Dona Marta: 1 ano de paz e 1 dia de protestos: Livres do tráfico desde o ano passado, moradores do morro de Botafogo comemoram, mas reclamam da falta de infraestrutura. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2009. Rio, p. 18.

ANTUNES, L.; SCHMIDT, S. Expansão das favelas preocupa técnicos: para urbanistas, o crescimento dessas áreas mostra ausência de políticas de habitação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2007. Rio, p. 16.

ARAÚJO, V. Ação no Dona Marta aquece mercado imobiliário: Segundo corretores, com o fim do tráfico de drogas na favela, procura por imóveis em Botafogo cresceu 30%. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2008. Rio, p. 17.



\_\_\_\_\_. Dona Marta entra no roteiro turístico internacional: com novo policiamento comunitário, morro recebe 18 turistas israelenses que se impressionam com a vida na favela. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2009a. Rio, p. 20.

\_\_\_\_\_. UPP pode ser exportada para Afeganistão: Cônsul-geral dos Estados Unidos pede para conhecer projeto e subirá hoje no Morro Dona Marta, em Botafogo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 2009b. Rio, p. 19.

AUTRAN, P. Começa a ocupação social do Dona Marta: Governador e prefeito eleito sobem o morro para avaliar os serviços que o estado e o município levarão até lá. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 2008. Rio, p. 18.

\_\_\_\_\_. Reurbanização do Dona Marta sai do papel: Obras do projeto, anunciado em 2000, começam em maio e levarão benefícios como um plano inclinado à comunidade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 de abril de 2004. Rio, página 17.

BARTHOLLO, R. **Você e Eu: Martin Buber, presença palavra**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

\_\_\_\_\_. "Skokiaan or not? On African culture and its philosophy". Trabalho inédito.

BASTOS, I.; SCHMIDT, S. Concreto e metal para frear favelas: Prefeitura anuncia medidas para endurecer combate à expansão nas encostas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2009. Rio, p. 10.

BELMONT, M. Uma reflexão sobre o preconceito. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 2008. *Jornais de Bairro, Barra*, p. 18.

BERTA, R. Paredão para proteger encostas: Estado levanta muro no Dona Marta; na Zona Sul serão 11 mil metros de concreto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de março de 2009. Rio, p. 16.

BERTOLDO, S. Sobre duas rodas, eslovaco é o mais rápido no Dona Marta: Catarinense Markolf Berchtold fica em segundo no Desafio do Morro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2009. *Esportes*, p. 5.

BORGES, W. Brinquedos para as crianças na UPP do Dona Marta: chuva adia festa no Batam. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2009. Rio, p. 14.

BOTTARI, E. Dona Marta, a 1ª favela wi-fi do continente: Projeto de inclusão digital do governo do estado vai ser inaugurado na comunidade logo depois do carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2009. Rio, p. 16.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

BURSZTYN, M. "A interdisciplinaridade necessária: desafios à universidade brasileira." In: BARTHOLLO, R.; CIPOLLA, C. *Inovação Social e sustentabilidade*:

*desenvolvimento local, empreendedorismo e design*, capítulo 4, Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

CARDOSO, R. **Uma introdução à história do design**. 3ª edição. ed. São Paulo: Blucher, 2008.

CÁSSIA, C. Energia eficiente sobe o Morro Santa Marta: Após anos na informalidade, favela carioca recebe serviços da Light. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 de maio de 2009. Razão Social, p. 15.

CESAR e a Rocinha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2005. Carta dos Leitores, p. 6.

CIDADE Partida. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2005. Opinião, p.6.

COLETIVO SANTA MARTA. Eu quero um Santa Marta limpo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/coletivosantamarta?fref=ts>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

CONDE, L. P. O carioca dá a volta por cima. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 de junho de 2006. Opinião, p. 7.

CONDE, P.; MAGALHÃES, S. A saída é cerca a favela. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 2004. Opinião, p. 7.

COSTA, A. C. Rombo no arsenal do tráfico: Polícia estoura paiol no Morro Dona Marta; tiroteio assusta moradores e afeta escolas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 de outubro de 2007. Rio, p. 13.

\_\_\_\_\_. Polícia Ocupa o Morro Dona Marta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2008. Rio, p. 17.

COSTA, C. Contenção sim, mas sem muros. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 de abril de 2009. Rio, p. 12.

COSTA, J. A voz do morro: Pesquisa no Dona Marta afirma que 85% têm ‘gato’ de luz. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 2006. Rio, p. 15.

\_\_\_\_\_. Ficção e realidade nas encostas: Alívio: barraco em Botafogo é apenas montagem cenográfica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 de abril de 2009. Rio, p. 12.

CONNERS, N., PETERSEN, L. C., 2007, A última hora (documentário, título original The 11th hour).

CREATIVE COMMONS. (CC BY-NC-SA 4.0). Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>. Acesso em: 11 de maio de 2015.

DAFLON, R. Dona Marta terá outro plano inclinado: Comunidades do Chapéu Mangueira e da Babilônia, no Leme, receberão projetos semelhantes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2009. Rio, p. 20.

\_\_\_\_\_. Remoções no Rio: uma triste história da cidade. *Canal Ibase*, Rio de Janeiro, 15 maio 2013. Disponível em: < <http://www.canalibase.org.br/dossie-remoco-es-no-rio-uma-triste-historia-da-cidade/> >. Acesso em 8 mar. 2014.

DAVIS, D. "Intergenerational digital storytelling: a sustainable community initiative with inner-city residents". **Visual Communication**, v.10, n. 4, 2011. DOI: 10.1177/1470357211415781

DE FERROZ defensor da ordem ao prefeito do 'Ilegal. E daí?'. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2008. P. 2.

DONAHUE, S.; GHEERAWO, R.; WILLIS, A.-M. "Beyond Progressive Design - part 1" (editorial: Design Philosophy Papers). **Design Philosophy Papers**, n. 3, 2011.

DOS SANTOS, J. F.. Gente Boa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2008a. Segundo caderno, p. 3.

\_\_\_\_\_. Gente Boa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 2008b. Segundo caderno, p. 3.

ENGELBRECHT, D. Medo em Botafogo: Tiroteio no Dona Marta fere cinco pessoas e balas atingem a Rua São Clemente. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2005. Rio, p. 13.

ESTUDO da Firjan apresenta dados preocupantes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 2009. Zona Sul.

FAVELA wi-fi. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2009. Carta dos Leitores, p. 6.

FAVELA-bairro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 2005. Cartas dos leitores, p.6.

FEYNMAN, R. **What do You care what other people think?: further adventures of a curious character**. Londres: Penguin Books, 2007.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Universo das Imagens Técnicas: Elogio da Superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. **The shape of things: a philosophy of design**. Londres: Reaktion Books, 2009.

FOLHA EMOP. Estado inaugura plano inclinado no Dona Marta. EMOP-RJ. 29 maio 2008. Disponível em:

< [http://www.emop.proderj.rj.gov.br/noticia\\_dinamica1.asp?id\\_noticia=91](http://www.emop.proderj.rj.gov.br/noticia_dinamica1.asp?id_noticia=91) >.

Acesso em 14 mar. 2014.

FONTANELLA, B. J. D. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. "Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas". **Caderno de Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FONTOURA, A. M., 2002, *EdaDe: educação de crianças e jovens através do design*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

FRASCARA, J. **Diseño gráfico para la gente: comunicaciones de masa y cambio social**. Buenos Aires: Infinito, 1997.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 1<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

FRY, T. "Hot debate: design and the political". **Design Philosophy Papers**, n. 6, 2003/04.

\_\_\_\_\_. **Design Futuring: sustainability, ethics and new practice**. Oxford: Berg, 2009.

GALDO, R. Favelas continuam crescendo: Além da expansão vertical, comunidades da região avançam horizontalmente com novas construções. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 2008. Zona Sul.

GALDO, R.; COSTA, A. C. Tranquilidade um presente de Natal: Moradores de comunidades com Unidades de Polícia Pacificadora agora fazer ceia e convidam sem medo parentes de outras áreas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2009. Rio, p. 10.

GARLAND, K. **Design is History**. Disponível em: <<http://www.designishistory.com/1960/first-things-first/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

GASPARI, E. Favelafobia, um veneno social. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2007. Opinião, p. 7.

GASTOS com favela. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2009. Cartas dos Leitores, p. 6.

GEPHI: makes graphs handy. Disponível em: <<https://gephi.org/>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

GIBBS, G. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMBRICH, E. **A História da Arte**. 16<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1999.

GONÇALVES, R. S. **Favelas do Rio de Janeiro: História e direito**. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2013.

GOOGLE. **Google sheets**. Disponível em: <<https://docs.google.com/spreadsheets/u/0/>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. EMOP. Disponível em: <<http://www.emop.rj.gov.br/governador-inaugura-plano-inclinado-no-dona-marta/>>. Acesso em: 20 abril 2015.

GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. UPP RJ. Disponível em: <<http://www.upprj.com/index.php/acontece/acontece-selecionado/santa-marta-comemora-conquistas-da-pacificacao/Santa%20Marta>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[http://www.upprj.com/index.php/o\\_que\\_e\\_upp](http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp)>. Acesso em: 9 mar. 2014.

HELICÓPTEROS. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 2007. Cartas dos Leitores, p. 6.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: Aglomerados Subnormais, primeiros resultados**. Rio de Janeiro. 2010.

ICO-D. ico-D, International Council of Design: leading creatively. Disponível em: <<http://www.ico-d.org/about/index>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ICSID. Disponível em: <<http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **ICSID: International Council of Societies of Industrial Design. Design for a better world**. Disponível em: <<http://www.icsid.org/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

IDEO.ORG. **Design Kit**. Disponível em: <<http://www.designkit.org/human-centered-design>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

IETS, CNSEG. **Santa Marta: o morro e sua gente**. Rio de Janeiro, 2011.

ILLICH, I. **Tools for Conviviality**. Nova Iorque: Harper Colophon, 1973.

IMPLICÂNCIA. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2007. Rio, Opinião, p. 18.

INFOGLOBO. **Infoglobo**, 2014. Disponível em: <<https://infoglobo.com.br/Anuncie/institucional.aspx>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

KIEM, M. "Designing the social, and the politics of social innovation". **Design Philosophy Papers**, n. 3, 2011.

LARAIA, R. D. B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

LIGHT. **Portal Light | grupo Light**. Disponível em: <[http://www.light.com.br/grupo-light/Sustentabilidade/desenvolvimento-da-area-de-concessao\\_light-recicla.aspx](http://www.light.com.br/grupo-light/Sustentabilidade/desenvolvimento-da-area-de-concessao_light-recicla.aspx)>.

Acesso em: 03 mar. 2015.

LIMA, L. Polícia Militar proíbe roda de funk em favela e provoca polêmica: Organizadores dizem que a música faz parte de manifestação cultural. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de junho de 2009, p. 21.

LIMA, P. Duas ruas entre a favela e o asfalto: Moradores que vivem entre o Dona Marta e a São Clemente pedem melhorias para a região. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2000. Zona Sul, p. 3.

LIMPAR a área. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 2008. Cartas dos Leitores, p. 6.

LIXO zero. *Prefeitura do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 04 de set. 2014. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/gmrio/lixo-zero>>. Acesso 30 jan. 2015.

LOPES, A. M. “Design as politics”. *Design Philosophy Papers*, n. 6, 2003/04.

MACHADO, R. Moradores agridem PM de UPP no Dona Marta: Policial sofreu arranhões e teve a farda rasgada após disparar para o alto durante confusão; 10 pessoas foram detidas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 2009. Rio, p. 11.

MAGALHÃES, L. E.; ALVES, M. E. **A ascensão das favelas**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2014. 14 p.

MAGALHÃES, L. E.. Favela agora é caso de polícia: Delegacia abre inquérito e estado anuncia ofensiva que inclui demolição de imóveis irregulares. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 2007. Rio, p. 18.

MAGALHÃES, P. Libertem a favela! *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2009. Opinião, p. 7.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.

MANY EYES. Disponível em: <<http://www-969.ibm.com/software/analytics/manyeyes/#/>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www-958.ibm.com/software/analytics/manyeyes/visualize/test-7947/versions/1>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

MASCARENHAS, G.; MOTTA, J. Apelos por um centro cultural: tijucanos temem que área seja abandonada após receber moradores transferidos de favela. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 2009.

MAYRINK, F. Gerente de Atendimento às Comunidades da Light. Entrevista em 22 de maio de 2012.

MCCANDLESS, D. **Information is Beautiful**. Disponível em: <<http://www.informationisbeautiful.net/>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

MCDONOUGH, W.; BRAUNGART, M. **Cradle to cradle: remaking the way we make things**. 1ª. ed. New York: North Point Press, 2002.

MEGGS, P. B.; PURVIS, A. W. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naif, 2009.

MELO, L. Favelas ocupam áreas verdes: só a prefeitura não vê: Estudo da Firjan constata crescimento horizontal e MP acusa Cesar de improbidade administrativa ambiental. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 de outubro de 2008. O País, p. 10.

MENOS casas e mais prédios no Dona Marta: Ruas da favela serão reformadas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2009. Rio, p. 14.

MACEDO, V. O silêncio depois de uma fala é a coisa mais linda que há. In: BRAGANÇA, F. *Encontros: Eduardo Coutinho*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008. 222p. p. 66-79.

MIRANDA, A. Urbanização ou ocupação? Obra na Santa Marta preocupa moradores de Laranjeiras pelo crescimento da favela. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de março de 2005. Zona Sul, p. 8.

MORRO Dona Marta terá câmeras de segurança; equipamento também será instalado no Batan e na Cidade de Deus, onde existem Unidades de Polícia Pacificadora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2009. Rio, p. 19.

MOTTA, C.; MAGALHÃES, L. E. Plano bilionário para as favelas; prefeitura pretende licitar, até o fim do ano, R\$ 1 bi em obras de urbanização. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de julho de 2010. Rio.

M'RITHAA, M.; VAN NIEKERK, J., 2009, "The ethical dilemma of a rapidly receding waterign hole: implications for design education". In: *DEFSA National Conference 2009: opening gates, between and beyond design disciplines*. África do Sul: [s.n.].

NORMAN, S., GRONLUND, E., LUIS, M. Campanha De Lixo Santa Marta - E Você Com Isso? (Filme curta metragem). 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UrAsrH1fHCc> >. Acesso em 19 mar. 2015.

NOS MORROS, as duas faces da ocupação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 2008. Rio, p. 13.

ODLING-SMEE, A. **Eye**. Disponível em:

<<http://www.eyemagazine.com/feature/article/reputations-ken-garland>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

O MORRO fotografa a si próprio: exposição retrata Rocinha, Vidigal e Santa Marta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 de jan 2006. Segundo Caderno, p. 5.

PAISAGEM tomada por barracos em Copacabana. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2005. Zona Sul, p. 30-31.

PAPANEK, V. **Design for the real world: Human Ecology and Social Change**. 2<sup>a</sup> ed., Academy Chicago Publishers, 1984.

PROGRAMA DE ESTUDOS DA ESFERA PÚBLICA. Seminário Favela é Cidade. disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=uKYULpmrRaI>>. Acesso em 13 de dezembro de 2013.

PENNA, L.; BOSCHI, S.; CONDÉ, W. A pessoa se completa no que diz. In: BRAGANÇA, F. *Encontros: Eduardo Coutinho*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008. 222p. p. 104-125.

PORTUGAL, C.; MOURA, M. Design e Inovação no contexto de ensino-aprendizagem. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, 22, 2014. 44-62.

R. Disponível em: <<http://www.r-project.org/>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

PRORROGAÇÃO do prazo do IPI reduzido para carros anima vendedores de SE. *G1*, Sergipe, 25 out. 2012. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2012/10/prorrogacao-do-prazo-do-ipi-reduzido-para-carros-anima-vendedores-de-se.html>>. Acesso em: 15 maio 2014

RAMALHO, S. Paz nas favelas para os Jogos: Estado planeja ampliar 47, até fim de 2010, o número de comunidades com UPPs. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 2009. Rio, p. 12.

REPPER FIEL. **Da favela para as favelas**. Rio de Janeiro: Malungo, 2011.

RIO violento. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 2005. Cartas dos Leitores, p. 6.

RIO PREFEITURA. Diário Oficial Eletrônico do Município do Rio de Janeiro. Disponível em:

<[http://doweb.rio.rj.gov.br/visualizar\\_pdf.php?reload=ok&edi\\_id=00001531&page=4&search=decreto%2028674](http://doweb.rio.rj.gov.br/visualizar_pdf.php?reload=ok&edi_id=00001531&page=4&search=decreto%2028674)>. Acesso em 30 abr. 2015.



RIOSHOW. Reportagem de capa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 2011. Rioshow, p. 6.

ROCHA, C.; ALVES, M. E. A redenção das favelas: com UPPs, Estado resgatou seu papel em áreas já décadas dominadas pelo tráfico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 2009. Especial, p. 3.

ROCHA, C., VASCONCELLOS, F., SCHMIDT, S. *et al.* A liberdade no fio da navalha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 2009b. Rio, p. 17.

\_\_\_\_\_. Abaixa o som que isso aí é funk: Apesar da proibição de bailes, outros direitos passaram a ser respeitados. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2009c. Rio, p. 8.

\_\_\_\_\_. Cidadania lenta e gradual: com 24 anos de atraso, moradores de favelas têm agora a chance de se ver livres da ditadura de grupos armados. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 2009a. Rio, p. 16.

\_\_\_\_\_. Colando os cacos da cidade partida: Áreas pacificadas são procuradas agora por turistas e profissionais liberais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 2009d. Rio, p. 12.

\_\_\_\_\_. Uma virada que cabe no bolso: UPPs em todas as favelas custariam de R\$ 90 milhões a R\$ 340 milhões: valor médio é um milésimo do PIB carioca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2009e. Rio, p. 16.

ROCHA, C.; VASCONCELLOS, F. Cidadã Marta: Moradores começam a exercer seus direitos e também a cumprir deveres. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2009f. Rio, p. 12.

RORTY, R. **Contingência, ironia e solidariedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROSINHA inaugura creche que não tem funcionários: Governadora diz que contratações ficarão para próximo governo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 2006. Rio, página 11.

SABINO, E., 2010, *Inventário de risco de deslizamento na comunidade Santa Marta, Botafogo*, Dissertação de mestrado, UFRRJ, Seropédica, RJ, Brasil.

SAIBA como andam os compromissos dos construtores de Belo Monte. *GI*, 17 de jan. 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/01/saiba-como-andam-os-compromissos-dos-construtores-de-belo-monte.html>> Acesso em 06 fev. 2014.

SALAVISA, E. **Diários de Viagem: desenhos do cotidiano**. Quimera, 2008.

SANTAELLA, L.; WINFRIED, N. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SANTOS, A.P. *Plano Inclinado do Santa Marta precisa de melhorias*. 2009.  
Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=jBQDdFjWDQ&feature=player\\_embedded#!](https://www.youtube.com/watch?v=jBQDdFjWDQ&feature=player_embedded#!) >. Acesso em:

SCHMIDT, L. *Moradores reclamam de problemas técnicos no plano inclinado da Santa Marta*. 9 maio 2014. Disponível em: < <http://globo.com/rede-globo/rjtv-1a-edicao/v/moradores-reclamam-de-problemas-tecnicos-no-plano-inclinado-do-santa-marta/3335048/> >. Acesso em: 02 fev 2015.

SCHMIDT, S. Rio ganha 4,5 morros Santa Marta de áreas favelas em cinco anos: estudo da Firjan compara imagens de satélites feitas em 2002 e 2007, e constata crescimento horizontal de 250 mil metros quadrados, em 88 das 219 comunidades avaliadas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 2007. Rio, p. 20.

SCHMIDT, S.; GRANDELE, R.; DAFLON, R. A Guarda contra o crime: Agentes da prefeitura começam a combater pequenos delitos usando armas não letais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 2009. Rio, p. 8.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIMON, H. A. **The Sciences of the Artificial**. 3ª. ed. Cambridge Massachusetts: The MIT Press, 2001.

TABAK, F. Um novo roteiro de ‘favela tour’: Sem a presença do tráfico, Morro Dona Marta vira atração turística para casal de portugueses. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 2008. Rio, p. 8.

TASSI, R. et al. **Service design tools: communication methods supporting design processes**. Disponível em: <<http://www.servicedesigntools.org/>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

THE ECONOMIST ONLINE. “Reinventing the Toilet Challenge”, **The Economist**, Agosto 2011. Disponível em:  
<<http://www.economist.com/blogs/babbage/2012/08/sanitation>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

TUFTE, E. **Visual Explanations: images and quantities, evidence and narrative**. Cheshire, Connecticut: Graphic Press LLC, 1997.

UNESCO, 2002, *Declaração Universal da Diversidade Cultural*.

UOL. “Eduardo Coutinho conversa com jovens em seu último filme; veja o trailer”, **UOL Entretenimento Cinema**, Abril, 2015. Disponível em:  
<<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/08/eduardo-coutinho-conversa-com-jovens-no-trailer-de-ultimas-conversas.htm>>. Acesso em: 2015 abr. 27.

VALLADARES, L. D. P. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VASCONCELLOS, F. Beltrame diferencia ações nas zonas Norte e Sul: ‘Um tiro em Copacabana é uma coisa. Um tiro na Coréia, no Alemão, é outra’, diz secretário, sendo criticado pela OAB. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2007. Rio, p. 19.

\_\_\_\_\_. Exemplo carioca para o Brasil: Lula diz que Dona Marta mudará a cara da cidade e é referência para o país. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 2009a. Rio, p. 12.

\_\_\_\_\_. Um apartamento no asfalto: dinheiro investido no Dona Marta é suficiente para adquirir um imóvel por família. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 2009b. Rio, p. 15.

VELASCO, S. Desconstruindo o exótico: Maurício Dias & Walter Riedweg levam à 12ª Documenta de Kassel vídeos que exploram os limites entre ficção e realidade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 mar. 2007. Segundo Caderno, p.1.

VIEIRA, E. E. Impunidade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 de março de 2009. Opinião, página 7.

VITÓRIA da cidade, Uma favela sem tráfico. Até quando? Dona Marta está há 13 dias sem bandidos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 de dezembro, p. 1.

VOLLMER, L. **ABC da ADG**. São Paulo: Blucher, 2012.

WAMBLER, A.; VASCONCELLOS, F. MP recorre à Justiça Ra embargar construção de creche no Dona Marta: para promotores e moradores de Laranjeiras, obra aumentará limites da favela. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 de março de 2005. Rio, página 15.

WERNECK, A. Secretário anuncia ‘tsunami de ações sociais’ como nova política: Segundo ele, ocupação inclui serviços como postos de saúde e escolas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 2008a. Rio, p. 13.

\_\_\_\_\_. Aprendendo com os erros: Em nova versão no Dona Marta, policiamento comunitário é posto à prova. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 2008b. Rio, p. 15.

\_\_\_\_\_. Dona Marta custa mais de R\$ 280 mil por mês: Cálculo inclui a manutenção e os soldos de 125 PMs da unidade instalada no morro de Botafogo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 2008c. Rio, p. 12.

WATSON, V (2006) “Deep difference: diversity, planning and ethics”. **Planning Theory**, n. 5, p. 31-50, 2006. DOI: 10.1177/1473095206061020

WIKIPEDIA, 2015. Disponível em:

<[http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Eduardo\\_Coutinho](http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Coutinho)>. Acesso em: 27 abr. 2015.

YAU, N. **Visualize this: the FlowingData guide to design, visualization and statistics**. 1ª. ed., Wiley, 2011.

YUNUS, M. **Creating a world without poverty: social business and the future of capitalism**, Public Affairs, 2007.

ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.